UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

EDENILSON DUTRA DE MOURA

DO OIAPOQUE AO... VISLUMBRAR DA DINÂMICA TERRITORIAL URBANA NA FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA

FORTALEZA
2021

EDENILSON DUTRA DE MOURA

DO OIAPOQUE AO...VISLUMBRAR DA DINÂMICA TERRITORIAL URBANA NA FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Doutor em Geografia. Área de concentração: Dinâmica Territorial e Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M885o Moura, Edenilson Dutra de.
Do Oiapoque ao... vislumbrar da dinâmica territorial urbana na fronteira franco-brasileira / Edenilson Dutra de Moura. – 2021.
304 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia , Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva.

1. Urbano-fronteiriço. 2. Fronteira. 3. Território-rede. 4. Oiapoque–Amapá. I. Título.

CDD 910

EDENILSON DUTRA DE MOURA

DO OIAPOQUE AO... VISLUMBRAR DA DINÂMICA TERRITORIAL URBANA NA FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Doutor em Geografia. Área de concentração: Dinâmica Territorial e Ambiental.

Aprovada em: 23/07/2021

BANCA EXAMINADORA

_____
Professor Dr. José Borzacchiello da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

_____
Professor Dr. Eustógio Wanderley Correia Dantas
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Examinador Interno

_____
Professor Dr. Adriano Michel Helfenstein
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)
Examinador Externo

_____
Professor Dr. Ricardo José Batista Nogueira
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
Examinador Externo

_____
Professora Dra. Sônia Regina Romancini
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
Examinadora Externa

Ao povo brasileiro, massacrado por uma política genocida, que ceifou, e permanece ceifando milhares de **VIDAS.**

Mais de meio milhão de pessoas que perderam a batalha contra a pandemia da Covid-19.

Ao povo amazônida.

À gente de Oiapoque.

AGRADECIMENTOS

A rica caminhada que permitiu o desenvolvimento desta tese foi marcada por um sentimento nobre: ***gratidão.*** Mais que um elemento pré-textual, os agradecimentos nesta tese, é indispensável, como forma de demonstrar minha gratidão para todos e todas que me incentivam a seguir em frente, através de uma Geografia que oportuniza mudanças, em diferentes níveis de reflexões e práticas.

Com isso, agradeço a: **Deus,** pelo dom da vida, que me permite proteção e forças constantes no meu caminhar. Ao Deus de amor pleno e fraterno. Aquele que ama todas as pessoas, sem distinções criadas pelo homem.

A pesquisa

Em tempos onde se vê a desvalorização da Universidade pública brasileira e consequentemente, a desconsideração com a pesquisa no país, principalmente nas ciências humanas e sociais, registro meus agradecimentos a todos que estiveram comprometidos com políticas públicas que possibilitou uma série de oportunidades para trabalhadores e pessoas menos abastadas, espelhadas pelos rincões do território brasileiro, através da comida na mesa, casa própria, oportunidades em projetos sociais e ao acesso ao ensino superior, conquistas estas tão negligenciadas ao longo de muitos anos e que hoje estão ameaçadas.

Minha gratidão pela ciência produzida no Brasil, em nome das Universidades Públicas brasileiras. Bem como, aos diferentes Institutos de Pesquisas da área de saúde e a todas as pessoas que se dedicam arduamente pelo controle da pandemia e cura da COVID-19 no Brasil e no mundo.

Minha família, meus amores

Em nome do meu Pai João Dutra de Moura e minha mãe Jorgina Fernandes de Souza, devo todos ensinamentos sobre a humanidade. Meu Rei e minha Rainha, a conquista de um doutorado, significa muito para nós, corresponde a uma vitória e conquista coletiva. Este casal mineiro batalhador, que acordam cedo e dormem tarde, labutam o dia inteiro, que tanto amo e tento retribuir com minha dedicação e cuidado, toda bagagem de vida que me proporcionam. Sinto que agora sou eu que tenho a responsabilidade do cuidado. Pai, mãe: tive em casa, minhas maiores inspirações de honestidade, humildade e valores diversos. Estes não aprendi nos livros, mas sim, com o senhor e com a senhora.

Ao Higor Augusto, parceiro, amigo e companheiro presente em todos os momentos.

Sua energia, companheirismo e carinho me acalma nos instantes de tensão. Obrigado por ser calmaria nas minhas tempestades. Como canta Iza: *Você me traz sorte, é o meu talismã!*

A minha irmã Vanusia Dutra, por ser uma incentivadora dos meus sonhos, acreditar no meu potencial e também por ter sido a minha primeira professora informal, e ter me alfabetizado, nas brincadeiras de escolinha. Ao meu sobrinho Gabriel Valentim, que desde meu trabalho de conclusão de curso da graduação, que comecei a escrever em 2011, me permitiu entender na prática, um trecho da icônica canção interpretada magistralmente por Gonzaguinha: *Eu fico com a pureza da resposta das crianças, é a vida, é bonita e é bonita!* Obrigado por entender a ausência do tio, e por carinhosamente chamar esta tese, de "prima, a filha do tio" o que mostra o seu entendimento sobre a importância deste trabalho.

Ao meu irmão Edelson e a minha cunhada Marieli, que mesmo distantes geograficamente não deixam de me apoiar e incentivar, com votos e energias positivas. Bem como, agradeço a minha prima Idalci, pelo constante apoio na minha vida pessoal e profissional.

Meus Professores ao longo da minha jornada estudantil

Me lembro da minha primeira Professora no Jardim da Infância, na Escola Municipal Jescelino José Reiners, no Bairro Jardim Novo Horizonte em Cuiabá. Uma senhora já de idade, certamente com mais de trinta anos de sala de aula, que ainda colocava seus alunos de castigo, no canto da sala para "cheirar parede". Mas ainda assim, muito doce e comprometida em uma missão nobre: alfabetizar crianças da periferia da cidade. Professora Max (*in memoriam),* em seu nome, demonstro minha gratidão aos Professores da Educação Básica, que permitiram meu processo formativo e de tantas outras pessoas, da pré-escola a pós-graduação. Sabemos da desvalorização profissional, no entanto, reconhecemos a importância do Professor na formação de cidadãos para uma sociedade melhor e mais justa. Afinal, como canta Leci Brandão:

Na sala de aula
É que se forma um cidadão
Na sala de aula
É que se muda uma nação
Na sala de aula
Não há idade, nem cor
Por isso aceite e respeite
O meu professor [...]

Anjos da guarda / Leci Brandão / 1995.

Ao meu estimado orientador, Professor José Borzacchiello da Silva, por acreditar e incentivar a presente pesquisa. Sou grato pela dedicação e contribuições expressas em sugestões de leituras, conversas informais, e-mails, mensagens de *WhatsApp,* web-conferências e reuniões presenciais. Ter sua inigualável experiência, bondade e humildade é um autêntico presente que a vida me reservou. Sempre terá minha gratidão por ensinar a ser um Geógrafo melhor, mas, sobretudo para ser um cidadão mais humano.

Aos Professores e a Coordenação do exímio Programa de Pós-Graduação em Geografia. Em especial aos Coordenadores Christian Dennys, Adryane Gorayeb e ao prestativo secretário Erandi Araujo, e a sempre querida e atenciosa Francisca Edilene Silva, por suas solicitudes a mim sempre proporcionadas durante meu doutoramento no Ceará.

Ao Professor Alexandre Queiroz Pereira, pelas riquíssimas contribuições realizadas no exame de qualificação, que certamente, aprimoraram meu olhar e consequentemente esta tese.

Ao Professor Eustógio Wanderley Correia Dantas, que fez-me encantar sobre o processo de maritimidade e a importância deste, para entendermos o nordeste brasileiro. Uma das disciplinas que mais me marcou positivamente durante o cumprimento dos créditos, foi: Geografia do Litoral, justamente por abrir horizontes da minha limitada "Geografia Continental". Foi uma honra contar com sua participação nas bancas de qualificação e também na defesa desta tese.

À Professora Sônia Regina Romancini¸ que a mais de uma década me inspira a olhar a cidade com olhar crítico e sensível. Sua inteligibilidade e direcionamentos me fizeram inquietar-se para extrapolar fronteiras. Tive a valiosa oportunidade de ser orientado por esta admirável profissional, na Graduação e no Mestrado na Universidade Federal de Mato Grosso, muito do Geógrafo que me tornei, devo a esta Professora, sua participação no exame de qualificação foi essencial, para pensar a presente tese. Contar também com sua leitura na defesa final foi um privilégio.

Ao Professor Adriano Michel Helfenstein, que partilha comigo a missão de ensinar Geografia na fronteira franco-brasileira. Foi uma honra ter tido sua participação na banca de avaliação desta tese, com sua experiência sobre a dimensão territorial de Oiapoque.

Ao Professor Ricardo José Batista Nogueira, que nos brindou com seu aceite em participar da banca de avaliação desta tese, através de sua grande e valorosa bagagem e produção intelectual sobre a fronteira e a Amazônia.

Aos meus amigos e amigas espalhados por todo o Brasil, por entenderem a importância desta etapa na minha vida, o que muitas vezes culminou no meu isolamento e

distanciamento, mas, a verdadeira amizade supera todas as fronteiras: Valdirene Felipe, Antônio Latorraca, Jonata Lucas, Lucilerne Silveira, Fernando Giordani, João Roberto, Rosinaldo Silva, Fábio Benitez, Marlene Renck, Bernadeth Lima, Denise Valéria, Flávio Ataíde, Camila Louzada, Ana Flávia.

Ao bravo povo amapaense, em especial aos cidadãos oiapoquenses da fronteira, por me acolherem com respeito e carinho nos últimos cinco anos da minha jornada profissional.

Aos alunos do Curso de Licenciatura em Geografia do Campus Binacional de Oiapoque da Universidade Federal do Amapá, por me ensinarem em sala de aula, sobre a fronteira aqui investigada e por compartilharem suas histórias de vida de um povo que merece mais atenção dos poderes públicos. Aos meus orientandos de graduação e/ou integrantes do GEURBAS, estudantes que tive a oportunidade de aprender e ensinar a partir de suas diferentes pesquisas: Audalice Feitosa, Gabrielly Sena, Márcila Vinhote, Maria Antônia, Rarison Sousa, Vanilson Oliveira e Wesley Mulato e ao Leonardo Lopes, pelos registros fotográficos solicitados. Ao Abson Santos, aluno egresso da UNIFAP, que gentilmente auxiliou na tradução do resumo para a língua francesa.

Agradecimentos Institucionais:

À Universidade Federal do Ceará, sem dúvidas uma instituição de ensino e pesquisa que prima pela qualidade de sua atuação. É uma honra receber o título de Doutor em Geografia, por esta Universidade nordestina e brasileira.

À Universidade Federal do Amapá, pelo afastamento a mim concedido, a partir do primeiro semestre de 2019, este foi essencial para a consolidação desta pesquisa. Espero retornar este estudo enquanto uma contribuição para o entendimento espacial do Amapá e de sua fronteira internacional. Aos servidores amigos da Universidade Federal do Amapá, nos mais diferentes cursos, campis e departamentos

Aos colegas professores, do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional de Oiapoque, pelas partilhas e trocas no nosso trabalho, que visam promover a consolidação de uma ciência geográfica, importante para o desenvolvimento oiapoquense.

A Delegacia da Policia Federal de Oiapoque, pela disponibilidade dos dados solicitados.

As direções institucionais do Campus Binacional Oiapoque da UNIFAP e do Campus Avançado do IFAP, em nome dos respectivos diretores e professores Otávio Landim e Eliel Nery, por participarem desta pesquisa.

Imprescindível não agradecer ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esta instituição tão utilizada neste trabalho e de suma importância para o Brasil, e que infelizmente, na contemporaneidade não recebe o apoio pleno da esfera Federal, para continuar desvelando o Brasil através de seus dados.

Aos "irmãos de orientação do Professor José": Ângelo, Marlon, Sandra, Eciane, Eider, Marluce e Jeferson, estes que principalmente nos colóquios de orientação, ponderaram e contribuíram comigo sob a luz do nosso orientador, questões importantes de aprimoramentos da investigação. Aos colegas e amigos da minha turma de doutorado, pelos cafés na cantina do Diniz, sempre acompanhados com bom humor e incentivos mútuos para continuarmos firmes nas nossas pesquisas

Às instituições públicas e privadas que me atenderam, disponibilizando tempo e informações, que foram cruciais para a elaboração desta tese.

A todos os que disponibilizaram de seus preciosos tempos para me concederem entrevistas, conversas informais e partilharem suas vivências na/da fronteira franco-brasileira, como catraieiros, pirateiros, taxistas, moto-taxistas, funcionários da prefeitura municipal de Oiapoque, além de outras pessoas importantes em diversas nuances, para a fronteira estudada.

Meu agradecimento aos saudosos:

Seu Maia (Edson Lopes Maia) e Luciano da Santanense (Albino Luciano de Oliveira) - (In Memorian) lamentavelmente, vítimas da Covid-19, pessoas mais que especiais que me permitiram intensas conversas, dados e narrativas de vida sobre o Oiapoque. Pessoas estas que fazem muita falta para a cidade e para a fronteira.

Gratidão!

Do Oiapoque ao Chuí, sou mais Brasil

Viajando conheci
A cultura brasileira
Que essa terra tem riqueza
Folclore que é uma beleza
A vaquejada eu assisti
Maracatu como dancei
No realejo tirei a sorte
Na dança da roça e no frevo me acabei
É garantido e caprichoso de Parintins a tradição
Quanta riqueza, luxo e beleza
É canarinho a nossa Seleção
Acarajé, Vatapá e Mungunzá
Churrasco Gaúcho pra saborear
A feijoada que maravilha
Com o garfo brasileiro eu vou brincar
Terra boa, tudo que se planta dá
Somos o pulmão do mundo
Nós temos Ayrton Sena estrela (na memória)
Que não deixa de brilhar
É o exemplo para as crianças
Que em nosso carnaval é a esperança
Sem guerras tufões
Vendavais e vulcões
O meu clima é tropical
E a beleza é natural
Olho meu céu azul de anil
do Oiapoque ao Chuí, sou mais Brasil

(JESUS, 2003).

RESUMO

A presente tese tem a proposta de contribuir com o entendimento espacial urbano-fronteiriço de Oiapoque, que está localizado no extremo norte do estado do Amapá e apresenta uma realidade urbana em meio à vida amazônica, em suas múltiplas nuances analíticas. Considera-se que a localização fronteiriça do município e da cidade de Oiapoque – AP, provoca, na produção do espaço, reflexos perceptíveis na espacialidade urbana, em diferentes dimensões, como: sociais, econômicas e culturais, e que, desta forma, diferentes fluxos e redes são estabelecidos na e pela cidade. Estas articulações territoriais-reticulares, dão importância para o processo urbano de Oiapoque, que mesmo não possuindo alguns atributos físico-estruturais, como uma infraestrutura de equipamentos públicos, uma população pequena se comparada a outras realidades urbanas brasileiras, apresenta, assim, uma relevância no que diz respeito ao papel que a cidade desempenha no contexto fronteiriço franco-brasileiro. Desta forma, o objetivo geral da pesquisa é compreender o papel que a fronteira desempenha na cidade de Oiapoque, destacando sua importância no contexto regional amapaense e fronteiriço franco-brasileiro. Afirmando, por sua vez, a centralidade da fronteira nas relações socioespaciais estabelecidas territorialmente em Oiapoque, principalmente na produção do espaço urbano. Enquanto recursos metodológicos adotados, destaca-se a realização de um referencial teórico pautado nas discussões sobre fronteira, cidades-gêmeas, questão urbana na Amazônia, território-rede, além da temática fronteiriça franco-brasileira, juntamente elucidados com a realização de observações *in loco*, através de pesquisas em campo, com a realização de entrevistas e consultas, para obtenção de dados, com diferentes atores sociais, entre eles representantes do poder público municipal, instituições de ensino superior e técnico da cidade, e também com a sociedade civil organizada, além de registros e documentação fotográfica da área em estudo. Espera-se, com esta pesquisa, proporcionar reflexões sobre a espacialidade urbana-fronteiriça de Oiapoque e sua articulação territorial-reticular em diferentes escalas: local e regional, demonstrando a ausência de investimentos para esta importante parte do território brasileiro, uma vez que representa uma fronteira que demonstra rica vivacidade e diversidade no urbano amazônico brasileiro.

Palavras-chave: urbano-fronteiriço; fronteira; território-rede; Oiapoque–Amapá.

ABSTRACT

The present thesis has the proposal of contributing to the urban-border spatial understanding of Oiapoque, which is located in the extreme north of the state of Amapá, which presents an urban reality in the midst of Amazonian life, in its multiple analytical nuances. It is considered that the border location of the municipality and the city of Oiapoque - AP, causes, in the production of space, perceptible reflections in the urban spatiality, in different dimensions, such as: social, economic and cultural, and that, in this way, different flows and networks are established in and by the city. These territorial-reticular articulations, give importance to the urban process of Oiapoque, which even without having some physical-structural attributes, such as an infrastructure of public facilities, a small population if compared to the Brazilian urban realities, presents, thus, some relevance regarding the role that the city plays in the Franco-Brazilian border context. Thus, the overall goal of the research is to understand the role that the border plays in the city of Oiapoque, highlighting its importance in the Amapaense and Franco-Brazilian border context and affirming, in turn, the centrality of the frontier in the socio-spatial relations territorially established in Oiapoque, mainly in the production of urban space. As methodological resources, we highlight the realization of a theoretical reference based on the discussions about the twin-cities border, the urban question in the Amazon, the territory-network, besides the French-Brazilian border theme, elucidated with the realization of observations *in loco*, through field research, with interviews and consultations, to obtain data, with different social actors, among them representatives of the municipal government, higher and technical education institutions of the city, and also with the organized civil society, besides records and photographic documentation of the area under study. It is hoped that this research provides reflections on the urban-border spatiality of Oiapoque and its territorial-reticular articulation in different scales: local and regional, demonstrating the absence of investments for this important part of the Brazilian territory, since it represents a border that indicates rich vivacity and diversity in the Brazilian Amazonian urban.

Keywords: urban-border; frontier; territory-network; Oiapoque-Amapá.

RÉSUMÉ

Cette thèse a la proposition de contribuer à la compréhension spatiale urbaine-frontalière d'Oiapoque, qui est situé à l'extrême nord de l'état de l'Amapá, qui présente une réalité urbaine au milieu de la vie amazone, dans ses multiples nuances analytiques. On considère que la situation frontalière de la commune et de la ville d'Oiapoque - AP provoque, dans la production de l'espace, des répercussions perceptibles sur la spatialité urbaine, dans différentes dimensions, telles que : sociales, économiques et culturelles, que, de cette façon, différents flux et réseaux sont établis dans et par la ville. Ces articulations territoriales-réticulaires, donnent de l'importance au processus urbain d'Oiapoque, qui même ne possède pas certains attributs physico-structurels, comme une infrastructure d'équipements publics, une petite population par rapport à d'autres réalités urbaines brésiliennes, présente ainsi une importance en ce qui concerne le rôle joué par la ville dans le contexte frontalier franco-brésilien. Ainsi, l'objectif général de la recherche est de comprendre le rôle que la frontière joue dans la ville d'Oiapoque, en soulignant son importance dans le contexte régional amazonien et frontalier franco-brésilien. Affirmant à son tour la centralité de la frontière dans les relations sociospatiales établies territorialement à Oiapoque, principalement dans la production de l'espace urbain. En tant que ressources méthodologiques, il convient de souligner la réalisation d'un référentiel théorique guidé dans les discussions sur les frontières villes jumelles, question urbaine en Amazonie, territoire réseau, au-delà de la thématique frontalière franco-au Brésil, en même temps que la réalisation d'observations sur le terrain, par des recherches sur le terrain, par des entretiens et des consultations, pour obtenir des données, avec différents acteurs sociaux, parmi lesquels des représentants de la puissance publique municipale, établissements d'enseignement supérieur et technique de la ville, ainsi qu'avec la société civile organisée, en plus des archives et de la documentation photographique de la zone étudiée. Avec cette recherche, nous espérons donner des réflexions sur la spatialité urbaine-frontalière d'Oiapoque et son articulation territoriale-réticulaire à différentes échelles : locale et régionale, démontrant l'absence d'investissements pour cette importante partie du territoire brésilien, puisqu'il représente une frontière qui montre une vivacité et la diversité riche dans l'urbain amazonien brésilien.

Mots-clés: urbain-frontalier; fronteire; territoire-réseau; Oiapoque-Amapá.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Zona de Fronteira..... 98

Figura 2 - Diversidade dos usos e funções sociais do rio Oiapoque..... 129

Figura 3 - Paisagem em Clevelândia do Norte..... 133

Figura 4 - Registro antigo do monumento “À Pátria”..... 134

Figura 5 - Registro antigo da Avenida Barão do Rio Branco 134

Figura 6 - Monumento Laudo Suíço..... 135

Figura 7 - Restaurante na BR-156, na comunidade Primeiro do Cassiporé..... 136

Figura 8 - Mosaico de fotografias: representações da fronteira no urbano em Oiapoque 141

Figura 9 - Placa de empreendimento hoteleiro de Oiapoque. 143

Figura 10 - Mosaico de fotografias representando a diversidade dos alimentos regionais..... 152

Figura 11 - Beira de Oiapoque em 2018..... 160

Figura 12 - Família franco-guianense negociando com pirata, viagem à Macapá, na Beira de Oiapoque..... 161

Figura 13 - Mosaico de Fotografias – Concentração comercial e institucional do Centro de Oiapoque..... 164

Figura 14 - Loja da Mistura: conhecido estabelecimento comercial de Oiapoque..... 169

Figura 15 - Interior de um estabelecimento comercial que atende a demanda garimpeira..... 169

Figuras 16A e 16B - Joalherias localizadas em Oiapoque: comércios e serviços do ouro..... 170

Figura 17 - Apresentação cultural indígena no Campus Binacional Oiapoque..... 174

Figura 18 - Apresentação cultural indígena no Campus Binacional Oiapoque..... 174

Figura 19 - Fachada do Campus antes das Obras de melhoria da Infraestrutura..... 175

Figura 20 - Fachada do Campus após as Obras de melhoria da Infraestrutura..... 175

Figura 21 - Obras de finalização do Bloco B do Campus Binacional Oiapoque..... 176

Figura 22 - Campus Avançado do IFAP Oiapoque em fase de finalização da obra..... 181

Figura 23 - Fachada do Campus Avançado do IFAP Oiapoque. 181

Figura 24 - Residenciais de locação de apartamentos/quitinetes..... 187

Figura 25 - Residenciais de locação de apartamentos/quitinetes..... 187

Figura 26 - Mosaico que ilustra casas em áreas de ressaca em Oiapoque..... 190
Figura 27 - Mosaico bairro Universidade..... 192
Figura 28 - Mosaico luta pela moradia bairro Infraero..... 193
Figura 29 - Posto de Gasolina nas margens do rio Oiapoque..... 196
Figura 30 - Filial da loja “Amazonas Importados” em Oiapoque..... 197
Figura 31 - Filial 1 da loja “Carajás Importados” em Oiapoque..... 197
Figura 32 - Filial 2 da loja “Carajás Eletro” em Oiapoque. 198
Figura 33 - Filial da loja “Center Kenedy” em Oiapoque..... 198
Figura 34 - Franquia da loja “O Boticário”, em Oiapoque..... 199
Figura 35 - Comércio ambulante, no Centro de Oiapoque..... 200
Figura 36 - Agência do Banco do Brasil de Oiapoque..... 201
Figura 37 - Centro empresarial localizado no Centro de Oiapoque, sede da Agência da Caixa Econômica Federal, Agência do SEBRAE a da Associação Comercial de Oiapoque (ACOI)..... 201
Figura 38 - Agência do Banco Bradesco de Oiapoque..... 201
Figura 39 - Casa Lotérica de Oiapoque..... 202
Figura 40 - Agência dos Correios de Oiapoque..... 202
Figura 41 - Carta imagem que mostra as espacialidades de *Saint George* (GF) e Vila Vitória (BR) 209
Figura 42 - Inicio da estrada que dá acesso ao bairro de Vila Vitória, com placa indicando o distanciamento de 5 km..... 209
Figura 43 - Porto de Vila Vitória, local onde atracam as catraias na Vila Vitória..... 211
Figura 44 - Via não pavimentada no bairro de Vila Vitória..... 212
Figura 45 - Catraia lotada por crianças brasileiras moradoras da Vila Vitória retornando da escola em *Saint Georges*..... 213
Figura 46 - Escola Municipal Alciane Barbosa da Silva..... 214
Figura 47 - Unidade Básica de Saúde (UBS) localizada na Vila Vitória..... 215
Figura 48 - Instalações internas da UBS – Vila Vitória..... 215
Figura 49 - Instalações da sala odontológica da UBS - Vila Vitória..... 216
Figura 50 - Farmácia da UBS – Vila Vitória..... 216
Figura 51 - Perspectiva da paisagem de *Saint George*, ao chegar de catraia em seu píer..... 227
Figura 52 - Estilo arquitetônico colonial presente nas formas urbanas da Guiana 228

Francesa.....
Figura 53 - Sede da Prefeitura de *Saint Georges*..... 228
Figura 54 - Delegacia da Polícia Federal no Centro de Oiapoque..... 232
Figura 55 - Catraia atracada no Rio Oiapoque..... 241
Figura 56 - Navetes em *Saint Georges*. 251
Figura 57 - Navete estacionada em território brasileiro, na cidade de Oiapoque..... 252
Figura 58 - Pirata pronto para viagem, rumo a Macapá..... 258
Figura 59 - Ponto de atoleiro da BR- 156 no ano de 2016 (Fotografia lado direito)..... 261
Figura 60 - Terminal Rodoviário de Oiapoque em dezembro de 2019..... 261
Figura 61 - Telhado deteriorado do terminal rodoviário de Oiapoque em dezembro de 2019..... 262
Figura 62 - Embarque de passageiros que ocorria de maneira improvisada na rodoviária de Oiapoque, sob uma tenda..... 262
Figura 63 - Mosaico de fotografias do Terminal Rodoviário de Oiapoque após reforma no ano de 2020..... 263
Figura 64 - Passageiros na fila do embarque na rodoviária de Oiapoque, com viagem destinada a Macapá..... 264
Figura 65 - Fila de embarque de passageiros no Terminal Rodoviário de Macapá, com destinado a Oiapoque..... 265
Figura 66 - Embarque de passageiros na rodoviária de Macapá, com viagem destinada ao Oiapoque..... 265
Figura 67 - Manifestação popular durante Apagão do Amapá, em Macapá..... 274
Figura 68 - Manifestantes em meio à escuridão em Macapá..... 275
Figura 69 - Ponte Binacional Franco-brasileira sob o rio Oiapoque..... 277
Figura 70 - Perspectiva panorâmica da estrutura na ponte Binacional, no lado Brasileiro..... 280

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Limite Político, Amapá – 2021 30

Mapa 2 - População, Amapá – 2020 33

Mapa 3 - Região de influência da Metrópole Belém sobre o estado do Amapá 35

Mapa 4 - Municípios Amapaenses inseridos na Faixa de Fronteira 38

Mapa 5 - Oiapoque e a Localização: Distritos de Oiapoque, *Saint Georges de l'Oyapock*, Vila Brasil, Vila Velha, Clevelândia do Norte, 2021 40

Mapa 6 - Divisão política e populacional da Guiana Francesa 41

Mapa 7 - Faixa de fronteira, Brasil – 2021 89

Mapa 8 - Arcos e suas sub-regiões 92

Mapa 9 - Localização das Cidades gêmeas, Brasil – 2021 100

Mapa 10 - População, cidades gêmeas, região Sul, Brasil – 2021 105

Mapa 11 - População, cidades gêmeas, região Centro-Oeste, Brasil – 2021 110

Mapa 12 - População, cidades gêmeas, região Norte, Brasil – 2021 116

Mapa 13 - Oiapoque: Distritos, localidades e especificidades territoriais 138

Mapa 14 - Mapa de abairramento de Oiapoque – Amapá 155

Mapa 15 - Abairramento – Oiapoque, AP – 2021 157

Mapa 16 - Localização da "Beira" de Oiapoque 160

Mapa 17 - Concentração comercial e institucional a partir da "Beira" e do Centro de Oiapoque 166

Mapa 18 - Projeto: Criação das ruas da Vila Vitória 210

Mapa 19 - Movimentos internacionais e atendimentos da Polícia Federal – Oiapoque 2018 a 2020 239

Mapa 20 - Divisão política da Guiana Francesa e estrada Rout N 1 e Rout N 2 – 2021 253

Mapa 21 - Mapa Rodoviário – Br 156: essencialidades e desafios 257

Mapa 22 - Localização do terminal rodoviário de Oiapoque. 261

Mapa 23 - Deslocamento e fluidez territorial na fronteira franco-brasileira em diferentes escalas 271

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - População do Amapá (2010 – 2020) 32
Gráfico 2 - População de Oiapoque (2010-2020) 39
Gráfico 3 - Cidades gêmeas da Região Sul (BR) População (2010-2020) 108
Gráfico 4 - Cidades gêmeas da Região Centro-Oeste (BR) População (2010 – 2020).. 114
Gráfico 5 - Cidades gêmeas da Região Norte (BR) 118
Gráfico 6 - Quantidade de empresas cadastrados na ACOI em faixas bienais..... 203
Gráfico 7 - Quantidade de MEIs formalizados em Oiapoque nos anos de 2010 a 2013; 2018 e 2019..... 206

LISTA DE FLUXOGRAMAS

Fluxograma 1 - Etapas da sistematização operacional da pesquisa..... 53
Fluxograma 2 - Grupos de interesses para entrevistas que compõem o Eixo 1..... 58
Fluxograma 3 - Grupos de interesses para entrevistas que compõem o Eixo 2..... 58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Temas e autores – recorte temático da pesquisa. 52
Quadro 2 – O fazer teórico-metodológico da tese 61
Quadro 3 - Municípios inseridos nas sub-regiões do Arco Norte 93
Quadro 4 - Tipologias da Interação Fronteiriça 97
Quadro 5 - Abairramento de Oiapoque – Amapá. 154
Quadro 6 - Total de docentes e discentes efetivos do Campus UNIFAP Binacional Oiapoque..... 176
Quadro 7 - Cursos técnicos ofertados pelo IFAP Oiapoque 183

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estimativa populacional dos municípios amapaenses (2020) 31

Tabela 2 - Municípios amapaenses localizados na faixa de fronteira 37

Tabela 3 - Distribuição da população da Guiana Francesa 42

Tabela 4 - Arcos região Norte, Centro Oeste e Sul 91

Tabela 5 - Cidades gêmeas brasileiras e seus respectivos dados demográficos dos anos de 2010 e 2020..... 101

Tabela 6 - Cidades gêmeas brasileiras e suas respectivas cidades vizinhas internacionais..... 103

Tabela 7 - Dados quantitativos de docentes e discentes por curso..... 177

Tabela 8 - Empresas associadas na ACOI até o mês de março de 2019 204

Tabela 9 - Arrecadação e despesas municipais de Oiapoque nos anos de 2013, 2015 e 2016..... 206

Tabela 10 - Principais destinos das catraias de Vila Vitória 212

Tabela 11 - Dados de entrada de turistas estrangeiros em Oiapoque entre os anos de 2010 e 2017..... 230

Tabela 12 - Quantitativo de estrangeiros que entraram e saíram no Brasil no ano de 2018 231

Tabela 13 - Movimento do porto fluvial de Oiapoque no ano de 2018 233

Tabela 14 - Movimento do ponto de migração terrestre em Oiapoque – 2018 233

Tabela 15 - Relação de entradas no atendimento no porto fluvial de Oiapoque 233

Tabela 16 - Entradas no ponto de migração terrestre de Oiapoque em 2019 233

Tabela 17 - Saídas registradas no porto fluvial de oiapoque em 2019 234

Tabela 18 - Saídas registradas no ponto de migração terrestre de Oiapoque em 2019 234

Tabela 19 - Entrada e saída registradas no porto fluvial de Oiapoque em 2020 234

Tabela 20 - Entradas e saídas registradas no ponto de migração terrestre de Oiapoque em 2020 234

Tabela 21 - Atendimentos feitos pela Polícia Federal distribuídos por nacionalidades em 2018 235

Tabela 22 - Nacionalidades dos atendimentos no porto fluvial de Oiapoque em 2019 235

Tabela 23 - Nacionalidades dos atendimentos no Ponto de migração terrestre em Oiapoque em 2019 236
Tabela 24 - Nacionalidades dos atendimentos no porto fluvial de Oiapoque em 2020 236
Tabela 25 - Nacionalidades dos atendimentos no ponto de migração terrestre em Oiapoque em 2020 237
Tabela 26 - Cooperativas e associações de catraieiros e suas respectivas quantidade de associados/cooperados 250
Tabela 27 - Empresas das Navetes, que atuam no trajeto *Saint George* – Caiena e Caiena – *Saint George* 252
Tabela 28. Associações/Cooperativas dos transportes intraurbanos de Oiapoque 267

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACOI	Associação Comercial de Oiapoque
AMTOI	Associação de Moto Taxistas de Oiapoque
AMVV	Associação dos Moradores de Vila Vitória
APFVV	Associação dos Pilotos Fluviais de Vila Vitória
APSG	Association des Piroguiers de Saint George
ATPSD	Associação de Taxistas do Ponto Santos Dumont
BR	Brasil
CAY	Caiena
CLT	Consolidação das Leis de Trabalho
CNAE	Classificação Nacional de Atividades Econômicas
COMFCOI	Cooperativa de Transporte Fluvial e Terrestre de Oiapoque
COMTAXI	Cooperativa Moto Taxistas de Oiapoque
COMTOI	Cooperativa Mista dos Taxistas de Oiapoque
CONTRANSPOI	Cooperativa de Transportes Alternativos de Oiapoque
COOPTUR	Cooperativa de Transportes e Turismo de Oiapoque
DETRAN	Departamento Estadual de Trânsito
DNAEE	Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica
EMEBABS	Escola Municipal Alciane Barbosa da Silva
EMEBLA	Escola Municipal de Educação Básica Leopoldina Amaral
GF	Guiana Francesa
IBEU	Índice de Bem-Estar Urbano dos Municípios Brasileiros
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFAP	Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Amapá
INSS	Instituto Nacional de Seguro Social
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada
MCP	Macapá
MEI	Microempreendedor Individual
MIN	Ministério da Integração Nacional
MDR	Ministério do Desenvolvimento Regional
OPQ	Oiapoque
PAF	Polícia Francesa

PCH	Pequena Central Hidrelétrica
PDFF	Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira
PDIFF	Plano de Desenvolvimento e Integração da Faixa de Fronteira
PF	Polícia Federal
PMO	Prefeitura Municipal de Oiapoque
REGIC	Região de Influência das Cidades
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades
SESC	Serviço Social do Comércio
SINART	Sociedade Nacional de Apoio Rodoviário e Turístico Ltda.
SINDTAXI	Sindicato dos Taxistas Autônomos de Oiapoque
STG	Saint George
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá
UTE	Usina Termelétrica

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	**27**
1.1	**Recorte temático e espacial**	**28**
1.1.1	***Dimensão populacional***	**29**
1.1.2	***Dimensão urbana regional amapaense***	**34**
1.1.3	***Dimensão fronteiriça do Amapá***	**36**
1.1.4	***Dimensão urbana-fronteiriça a partir de Oiapoque***	**39**
1.2	**Problematizações urbanas**	**43**
1.3	**Objetivos da pesquisa**	**50**
1.4	**Procedimentos metodológicos e operacionais**	**51**
1.5	**Estrutura redacional da tese**	**68**
2	**CIDADE, URBANO E FRONTEIRA: ESPECIFICIDADES BRASILEIRAS TEORIAS E PRÁTICAS**	**70**
2.1	**A urbanização e a Amazônia: desafios e possibilidades**	**74**
2.2	**Fronteira, fronteiras: percursos conceituais e práticos**	**81**
2.3	**Faixa de Fronteira e cidades gêmeas no território brasileiro**	**86**
2.3.1	***Faixa de Fronteira***	**86**
2.3.2	***Arco Norte***	**93**
2.4	**Cidades Gêmeas nas Regiões Brasileiras**	**99**
2.4.1	***Cidades Gêmeas Brasileiras da Região Sul***	**104**
2.4.2	***Cidades Gêmeas Brasileiras da Região Centro Oeste***	**109**
2.4.3	***Cidades Gêmeas da Região Norte***	**115**
3	**POSSIBILIDADES DE VISLUMBRAR O URBANO FRANCO BRASILEIRO**	**126**
3.1	**A fronteira franco brasileira impressa na paisagem urbana de Oiapoque**	**139**
3.2	**Ouvir e falar na fronteira franco brasileira**	**143**
3.3	**Saborear a/na fronteira**	**147**
3.4	**Dinâmica intraurbana no abairramento de Oiapoque**	**153**
3.5	**A beira e o centro de Oiapoque**	**159**
3.6	**Do garimpo ao funcionalismo público: redefinições de uma economia urbana fronteiriça**	**167**
3.6.1	***Universidade Federal do Amapá (UNIFAP): da origem à interiorização do***	**171**

	ensino superior na fronteira	
3.6.2	***Instituto Federal Educação Ciência e Tecnologia do Amapá Campus Avançado do Oiapoque: capacitação técnica na fronteira***	**181**
3.7	**A habitação na fronteira do lado de cá**	**188**
3.8	**A necessidade da melhoria em outros setores**	**194**
3.9	**Relações comerciais fronteiriças**	**195**
3.9.1	***Associação comercial do Oiapoque (ACOI)***	**203**
3.9.2	***Microempreendedorismo individual (MEI) na fronteira Brasil – Guiana Francesa***	**205**
3.10	**Vila Vitória: o urbano brasileiro mais "próximo da Europa"**	**208**
4	**TERRITÓRIO-REDE E A DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO DE PESSOAS E TRANSPORTES NA FRONTEIRA**	**218**
4.1	**Relacionando o Território e a Rede**	**219**
4.2	**A circulação de pessoas estrangeiras na fronteira franco-brasileira: Oiapoque (BR) e *Saint George* (GF-FR)**	**224**
4.3	**Entrada e saída de pessoas nas Delegacias da Policia Federal de Oiapoque**	**229**
4.4	**Circulação de transportes fluviais na fronteira: catraieiros e o vai e vem sobre as águas**	**241**
4.5	**Navetes: a conexão de *Saint George* até a capital Caiena**	**250**
4.6	**BR-156: essencialidades e desafios**	**254**
4.6.1	***Os piratas da terra: entre a (in)segurança e a salvação dos atoleiros na BR-156***	**258**
4.6.2	***O terminal rodoviário de Oiapoque e o transporte intermunicipal***	**260**
4.6.3	***Terminal Rodoviário de Macapá***	**264**
4.7	**Transportes intraurbanos na cidade de Oiapoque: taxistas e moto-taxistas**	**266**
4.8	**Conexões e deslocamentos em diferentes escalas**	**267**
4.8.1	***Conexões e deslocamentos na escala local-global: dimensão aérea***	**267**
4.8.2	***Conexões amapaenses possibilidades de ir e vir***	**268**
4.8.3	***Deslocamentos intraurbanos e fronteiriços***	**269**
4.9	**Rede e distribuição elétrica**	**272**
4.10	**Ponte binacional: um nó na rede territorial?**	**276**

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 282

REFERÊNCIAS..... 286

APÊNDICE A – OFÍCIO ENCAMINHADO PARA A DELEGACIA DA POLÍCIA FEDERAL DE OIAPOQUE..... 301

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS GRUPO CATRAIEIROS..... 302

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DESTINADO A UNIFAP..... 303

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO DESTINADO AO IFAP..... 304

1 INTRODUÇÃO

As cidades brasileiras localizadas na fronteira internacional representam territórios urbanos repletos de significados, símbolos, formas, conflitos e cotidianos, que se afiguram diante de complexidades variadas de análise, como espaços de extrema dinâmica e transformações das múltiplas relações sócio-espaciais estabelecidos no território. Neste direcionamento, apresenta-se este estudo que visa contribuir com o entendimento territorial urbano de Oiapoque, que compõe um município localizado no estado do Amapá, na região Norte do Brasil situado na fronteira com a Guiana Francesa, portanto, uma realidade urbana em meio à vida amazônica em um contexto fronteiriço internacional.

Sublinha-se que esta análise focaliza a localização fronteiriça do município amapaense e da cidade amazônica de Oiapoque: de um lado o Brasil, do outro a Guiana Francesa, um território ultramarino francês, que corresponde a uma região que ficou marcada na história pela disputa da área do contestado franco-brasileiro, quando o Barão do Rio Branco consegue comprovar o direito sobre o território em disputa com a França, em primeiro dezembro de 1900, com a assinatura do Laudo Arbitral Suíço, garantindo a soberania do Estado brasileiro sobre o território contestado.

Hoje, o Brasil e Guiana Francesa correspondem a dois países próximos geograficamente e, ao mesmo tempo, distantes no que diz respeito ao modo de produção espacial e ao sistema político administrativo que prevalecem em ambos os países, que estão inseridos nas dinâmicas fronteiriças através das cidades gêmeas de Oiapoque e *Saint Georges de l'Oyapock*.

O recorte analítico espacial que a tese se pautará é a discussão sobre a função que a cidade de Oiapoque desempenha, no contexto regional amapaense e fronteiriço franco-brasileiro, ao considerar sua localização geográfica: a fronteira com a Guiana Francesa.

Logo, a pesquisa se respalda no entendimento territorial em uma abordagem reticular e os diferentes fluxos fronteiriços formais e informais, expressos no espaço urbano regional amapaense e fronteiriço, cuja análise sobre o recorte espacial analítico será apresentada na sequência. Optou-se, na introdução da tese, por se debruçar sobre as particularidades urbanas-regionais e populacionais, com a proposta de dimensionar, categorizar e problematizar a área em estudo.

1.1 Recorte temático e espacial

Vale reafirmar que esta investigação leva em consideração que o município e a cidade de Oiapoque, como principais recortes espaciais de análise. O Oiapoque está localizado na porção setentrional do Brasil e do estado do Amapá.

Julga-se necessário discutir suscintamente particularidades regionais sobre o estado que Oiapoque se localiza, no sentido de problematizar a temática a partir das singularidades urbanas e regionais. O Amapá corresponde a uma das 27 Unidades Federativas do Brasil, e está localizado à Nordeste da região Norte brasileira. Dentre os estados amazônicos brasileiros, é o menor em extensão territorial.

Em relação às características naturais do Estado, evidencia-se que o Amapá é a unidade da federação mais setentrional entre os estados litorâneos brasileiros e apresenta especificidades fisiográficas e biológicas da Amazônia.

O estado do Amapá é conhecido por ser um dos mais preservados ambientalmente entre os estados brasileiros, afirmação que é bastante contestável, pois tal representação social e ambiental é ameaçada diante aos vários mecanismos que marcam o avanço da fronteira agrícola capitalista no estado, que apresenta cerca de 70% do seu território protegido por Terras Indígenas (TI) e Unidades de Conservação (UC), fatos que ocasionam controle e limites em relação ao uso e ocupação do território amapaense.

Em relação à hidrografia, o Amapá apresenta bacias hidrográficas isoladas, que desaguam no oceano Atlântico, as quais não necessariamente vinculam-se à bacia amazônica, como é o caso do rio Oiapoque, que representa o limite natural da fronteira com a Guiana Francesa e, por sua vez, não faz parte da área de drenagem do rio Amazonas. Inclusive, o território do estado do Amapá se localiza integralmente à margem esquerda do rio Amazonas, assim como o estado de Roraima.

Para suscitar a problematização da tese, pensou-se na fixação de quatro dimensões analíticas que possibilitam a compreensão das principais questões norteadoras da pesquisa, bem como na melhor apresentação da área de estudo. Com isso, têm-se os recortes espaciais analíticos distribuídos nas dimensões: *I) Dimensão populacional; II) Dimensão urbana regional amapaense; III) Dimensão fronteiriça e IV) Dimensão urbana fronteiriça a partir de Oiapoque.* Assim sendo, estabeleceu-se os recortes espaciais da investigação, que serão tratados em seus respectivos detalhamentos.

1.1.1 Dimensão Populacional

De acordo com o IBGE (2021), o Amapá possui uma extensão territorial de 142.470, 762 km², o que permitia contar uma densidade demográfica de 4,69 hab./km², considerando a população do último censo demográfico realizado em 2010. Atualmente, de acordo com a estimativa populacional do ano de 2020, a densidade demográfica do estado é de 6,04 hab./km², o que, de modo geral, não reflete significativamente a realidade estadual em totalidade, considerando a concentração da população na região metropolitana de Macapá (RMM) [1]. Nesse prisma, Amorim (2019, p. 3) destaca:

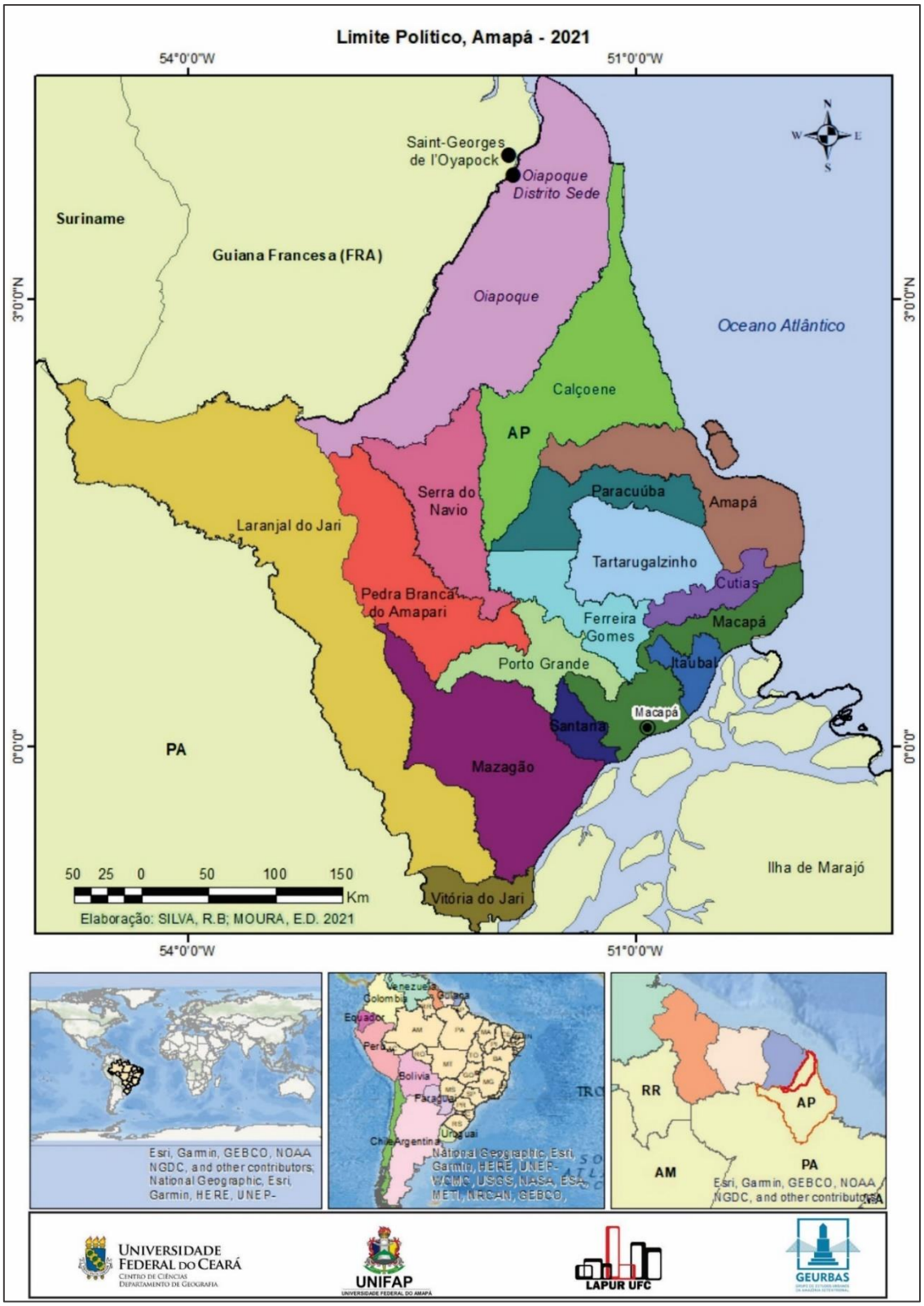
> As cidades de Macapá, Santana e Mazagão, que formam a RM, apresentam uma densidade demográfica de 62,14 hab./km², 64,11 hab./km² e 1,30 hab./km², respectivamente. Todavia, se considerarmos o território da RM, a densidade declina para 28,8 hab./km². Esse fato se deve a imensa extensão do Município de Mazagão, associada a um baixo contingente de habitantes. Além disso, os três municípios apresentam elevado grau de concentração urbana em seu território.

Salienta-se que estas cidades ocupam cerca de 5,5% do território estadual. No entanto, juntas estas cidades representam grande expressões demográficas, não somente para o Amapá, mas é significativa em termos de densidade demográfica para a região Norte brasileira em sua totalidade.

Souza (2014, p. 22), destaca que a região urbana de Macapá e Santana, desde a sua concretização como capital do antigo Território Federal do Amapá, vem experimentando um processo constante de urbanização em surtos de ocupação intensificada nos últimos trinta anos, e tem como influência principal, as ações propostas pelo poder estatal para a Amazônia e implantação de projetos capitaneados pela iniciativa privada, com apoio do Governo Federal. Entre elas, pode ser destacada a instalação do Projeto de Mineração da Indústria e Comércio de Minério S.A. (ICOMI), a transformação do Amapá em Estado e a implantação da Área de Livre Comercio de Macapá e Santana (ALCMS). Na sequência, o mapa 1 apresenta o Amapá e sua atual divisão política.

[1] A RMM, foi instituída pela Lei Complementar Estadual n.º 21, de 26 de fevereiro de 2003, sendo constituída pelos municípios de Macapá e Santana. Através da Lei Complementar Estadual nº 95, de 17 de maio de 2016, o município de Mazagão foi incluído na RMM. De acordo com Amorim (2019) a RMM possui uma lógica é fortemente influenciada e tem uma relação direta com as ilhas do Golfão Marajoara, que pertencem ao Estado do Pará. O autor ainda destaca que a organização do espaço da RMM está atrelada com a dinâmica dos rios e das florestas, apresentando uma economia interessante em escala regional e, cada vez mais, se articula ao mercado internacional por meio de produtos como o açaí, que tem se valorizado devido, entre outros fatores, às propriedades nutritivas do fruto amazônico, amplamente comercializado e consumido não somente no território amazônico.

Mapa 1: Limite Político, Amapá - 2021



Fonte: IBGE (2019). Elaboração: MOURA, E. D; SILVA, R. B. 2021.

Sua população em 2020 estava estimada em 861.773 habitantes (IBGE, 2020). O estado possui 16 municípios em seu território, sendo que o estado de Roraima possui 15, correspondendo, assim, ao segundo estado brasileiro com menor número de municípios por Unidade da Federação. A tabela 1, na sequência, mostra os 16 municípios amapaenses e suas respectivas estimativas populacionais feitas pelo IBGE, para o ano de 2020.

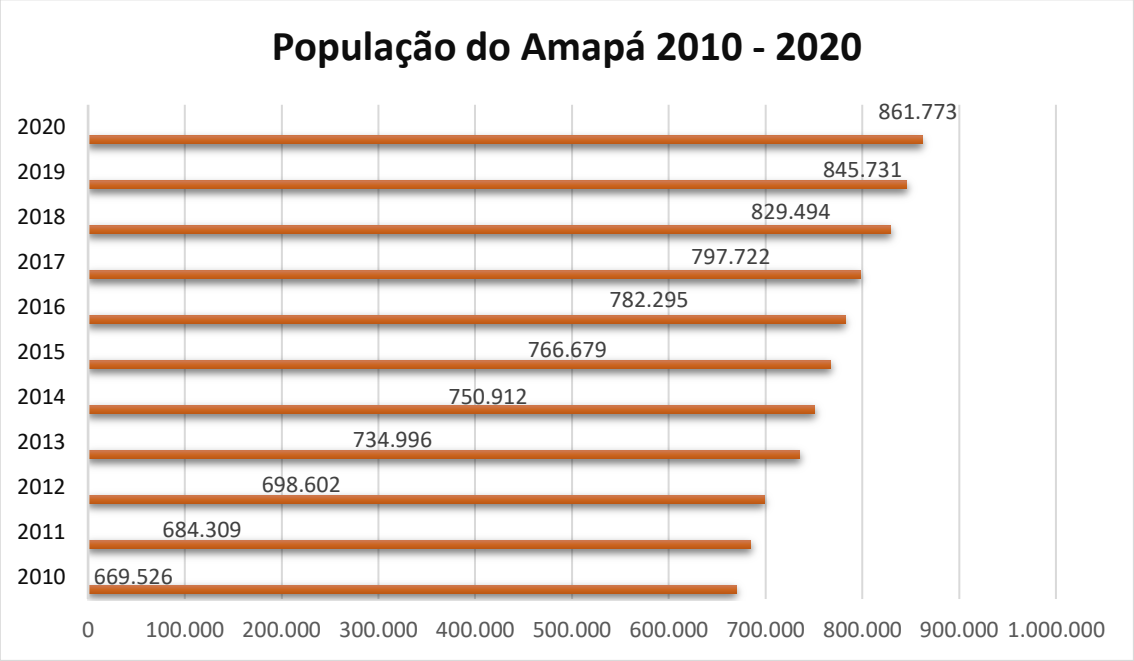
Tabela 1: Estimativa populacional dos municípios amapaenses (2020)

MUNICÍPIOS	ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO EM 2020 (HABITANTES)
Amapá	9. 187
Calçoene	11.306
Cutias	6.101
Ferreira Gomes	7.967
Itaubal	5. 617
Laranjal do Jari	51.362
Macapá	512.902
Mazagão	22.053
Oiapoque	**27.906**
Pedra Branca do Amaparí	17.067
Porto Grande	22.452
Pracuúba	5.246
Santana	123.096
Serra do Navio	5.488
Tartarugalzinho	17.769
Vitória do Jari	16.254
POPULAÇÃO TOTAL DO ESTADO DO AMAPÁ – 2020	**861.773**

Fonte: IBGE (2018). Elaborado por: Moura (2020).

Ao analisar os dados populacionais do Amapá da última década, percebe-se um constante aumento populacional. No ano de 2010, quando o censo demográfico foi realizado, o estado contava com 669.526 habitantes. Na última estimativa populacional divulgada pelo IBGE para o ano de 2020, o Amapá apresentava 861.773 habitantes, como já destacado. O gráfico 1 apresentado a seguir, ilustra o crescimento populacional demonstrado pelo estado do Amapá, entre os anos de 2010-2020.

Gráfico 1: População do Amapá 2010 - 2020

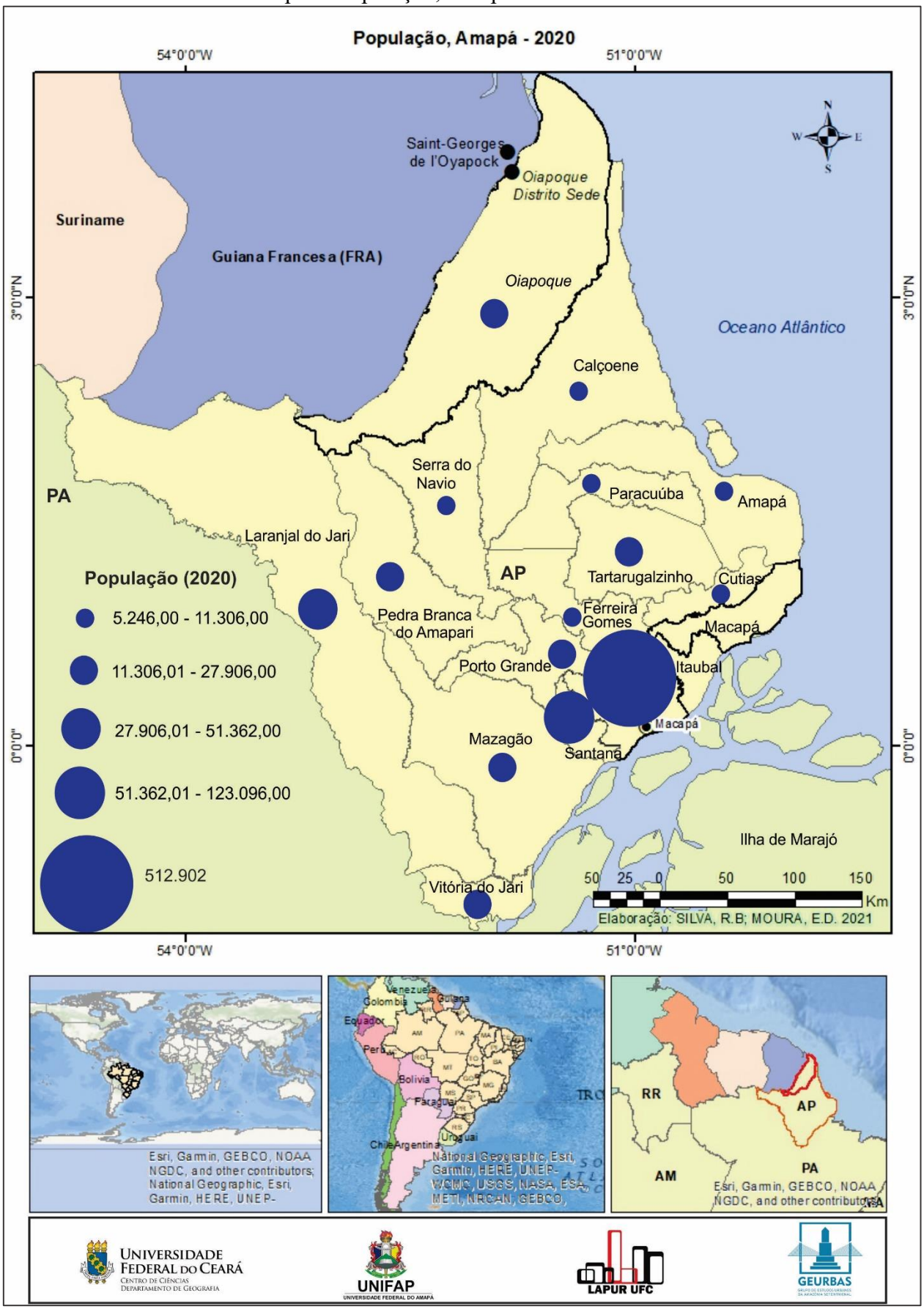


Fonte: IBGE. Elaborado por: Moura (2020).

O mapa 2 apresentado na sequência, ilustra a distribuição populacional do Amapá, tendo como referência a estimativa populacional do ano de 2020. Revela a concentração populacional nas cidades de Macapá e Santana. A capital do estado Macapá, possuía 512.902 habitantes e o município vizinho Santana, 123.096 habitantes, o que juntas somam o total de 635.998 habitantes, totalizando 73,80% da concentração populacional do estado.

Além disso, a cidade de Laranjal do Jari, possui a terceira maior população, contando com 51.362 habitantes, o que corresponde à terceira maior população do Amapá. Sequencialmente, com a quarta maior população, com 27.906 habitantes, tem-se o município de Oiapoque. Além destes municípios, apenas Porto Grande com 22.452 habitantes e Mazagão com 22.053 habitantes, extrapolam vinte mil habitantes no estado do Amapá, conforme pode ser conferido no mapa na sequência.

Mapa 2: População, Amapá - 2020



Fonte: IBGE (2019). Elaboração: MOURA, E. D; SILVA, R. B. 2021.

1.1.2 Dimensão urbana regional amapaense

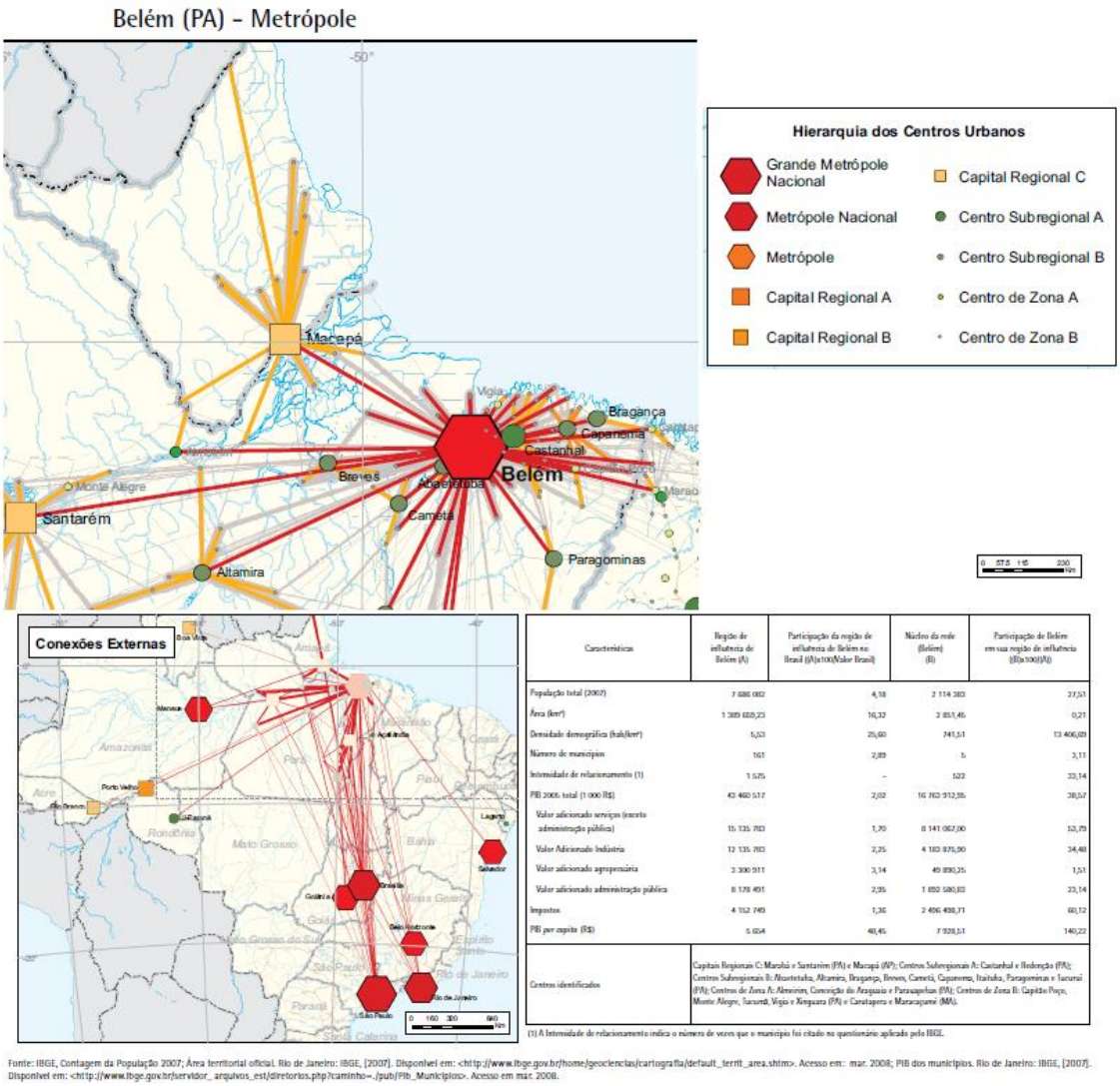
Em relação à dimensão urbana-regional do Amapá, considera-se que a composição da rede urbana do estado do Amapá, possui uma forte relação e dependência urbana com o estado do Pará, especialmente com a Metrópole Belém. Os estudos do REGIC (IBGE, 2007) consideraram que a rede de Belém apresenta baixa densidade, 5,5 hab./km2, que correspondia naquele ano a 4,2% da população do país.

O estudo apontou que, em 2005, a rede respondia por 2% do PIB nacional, com PIB per capita de R$ 5,7 mil, um dos menores do país, sendo o valor de Belém R$ 7,9 mil, e o dos demais municípios de R$ 4,8 mil. A rede urbana de Belém estende-se pelos Estados do Pará e Amapá, alcançando uma pequena área do Maranhão. Compõem a rede as Capitais regionais C – Marabá, Santarém e Macapá; (REGIC, 2007, p. 14).

A capital Macapá está inserida no segundo nível, imediatamente inferior ao metropolitano, o das Capitais Regionais. Encontram-se alguns centros que, em 1966, eram classificados no terceiro nível, o dos Centros sub-regionais. Assim como Belém exerce influência sobre a Capital Regional-C Macapá, a capital influência diretamente as demais cidades amapaenses.

O mapa 3 apresentado abaixo evidencia a região de influência da metrópole Belém. Cabe ressaltar que foi feita uma adaptação do mapa da rede urbana brasileira, dos estudos da REGIC (2007), a fim de destacar a região de influência da Metrópole Belém sobre a Capital Regional Macapá, bem como demonstrar a influência de Macapá sobre as demais cidades amapaenses.

Mapa 3: Região de influência da Metrópole Belém sobre o estado do Amapá



Características	Região de influência de Belém (A)	Participação da região de influência de Belém no Brasil ((A)x100/Valor Brasil)	Núcleo da rede (Belém) (B)	Participação de Belém em sua região de influência ((B)x100/(A))
População total (2007)	7 686 002	4,18	2 114 323	27,51
Área (km²)	1 389 020,23	16,32	2 857,46	0,21
Densidade demográfica (hab/km²)	5,53	25,60	740,51	13 406,69
Número de municípios	161	2,89	5	3,11
Intensidade de relacionamento (1)	1 575	–	522	33,14
PIB 2005 total (1 000 R$)	43 460 517	2,02	16 763 312,35	38,57
Valor adicionado serviços (exceto administração pública)	15 135 703	1,70	8 141 067,00	53,79
Valor Adicionado Indústria	12 135 703	2,25	4 183 875,90	34,48
Valor adicionado agropecuária	2 300 511	3,14	49 830,25	1,51
Valor adicionado administração pública	8 178 491	2,95	1 850 580,83	33,14
Impostos	4 152 749	1,36	2 496 498,71	60,12
PIB *per capita* (R$)	5 654	48,45	7 928,51	140,22
Centros identificados	Capitais Regionais C: Marabá e Santarém (PA) e Macapá (AP); Centros Subregionais A: Castanhal e Redenção (PA); Centros Subregionais B: Abaetetuba, Altamira, Bragança, Breves, Cametá, Capanema, Itaituba, Paragominas e Tucuruí (PA); Centros de Zona A: Almeirim, Conceição do Araguaia e Parauapebas (PA); Centros de Zona B: Capitão Poço, Monte Alegre, Tucuruí, Vigia e Xinguara (PA) e Carutapera e Maracaçumé (MA).			

(1) A intensidade de relacionamento indica o número de vezes que o município foi citado no questionário aplicado pelo IBGE.

Fonte: IBGE, Contagem da População 2007; Área territorial oficial. Rio de Janeiro: IBGE, [2007]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default_territ_area.shtm>. Acesso em: mar. 2008; PIB dos municípios. Rio de Janeiro: IBGE, [2007]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/servidor_ arquivos_est/diretorios.php?caminho=../pub/Pib_Municipios>. Acesso em mar. 2008.

Fonte: Regiões de influência das cidades (REGIC; IBGE, 2007).
Adaptado por: Moura (2021).

Certamente, aponta-se a necessidade da atualização da realidade da rede urbana, especialmente no estado do Amapá, visto que outras cidades não foram apontadas e/ou classificadas na hierarquização urbana no estudo REGIC em 2007 e, atualmente, exercem maiores impactos na rede urbana regional amapaense. É o caso da cidade de Oiapoque que, ao longo dos anos, passou por um processo de redefinição econômica e, consequentemente, desempenha funções mais importantes para o estado como, por exemplo, a oferta de novos serviços que dinamizam a redefinição da rede urbana, como o ensino superior público no estado oferecido pelo Campus Binacional de Oiapoque, lém da fronteira que exerce grande centralidade urbana-regional. Dessa forma, cumpre funções importantes para a rede urbana regional amapaense.

Em referência à questão urbana e regional do Amapá, considera-se, grosso modo,

que o Amapá vivenciou um processo de urbanização tardio, quando comparado a outras cidades brasileiras, mas que a urbanização e o crescimento da população urbana intensificam-se a partir das três últimas décadas, o que traz como consequências grandes deficiências e/ou ausências de equipamentos e estruturas urbanas essenciais para a qualidade do bem-estar urbano, em seus diferentes municípios e suas cidades-sedes.

Para Souza (2014, p. 14), parte dos problemas apresentados no espaço urbano amapaense tem como origem a baixa capacidade de planejamento empreendida por gestores públicos, além da ausência de integração de políticas regionais propostas para os municípios que estejam em consonância com a realidade pré-existente, o que justificaria a falta de equipamentos urbanos nas cidades do estado, que apresenta vasta diversidade urbana em seu território, incluindo as suas fronteiras e limites.

1.1.3 Dimensão Fronteiriça do Amapá

Sobre os limites internacionais do estado do Amapá, além da fronteira com a Guiana Francesa, que é foco desta tese, o estado faz fronteira também com o Suriname, masem uma pequena porção do seu território, no município de Laranjal do Jari. Com isso, apenas dois municípios amapaenses se limitam com outros países: Oiapoque e Laranjal do Jari. Sobre os limites do Amapá Drummond; Pereira (2007, p. 41), ressaltam as especificidades dos limites estaduais:

> A norte e a noroeste, a Amapá faz fronteira com dois países, a Guiana Francesa (655 quilômetros de fronteiras) e Suriname (52 quilômetros), num total de 707 quilômetros. Apenas dois dos atuais dezesseis municípios do estado – Oiapoque e Laranjal do Jari - fazem fronteira com estes dois países estrangeiros. A oeste e a sudoeste, o Amapá tem uma longa fronteira (1.093 quilômetros) com o Pará, a maior parte dela ao longo do rio Jari. Trezentos e quinze quilômetros da costa sudeste do Amapá formam a margem esquerda do braço norte do estuário do rio Amazonas. A leste e nordeste, o Amapá tem 598 quilômetros de litoral atlântico, correspondendo a 8,11% do litoral atlântico do Brasil. Juntamente, com o Pará, o Amapá tem uma combinação única na Amazônia de litorais marinhos e fluviais, localizados dentro ou no entorno imediato do delta do rio Amazonas.

O território amapaense, apresenta oito municípios inseridos na Faixa de Fronteira, destes apenas o Oiapoque é classificado como cidade-gêmea, com a cidade de *Saint George de l'Oiapock*, localizada na Guiana Francesa, fato que será discutido posteriormente nesta tese.

O município de Laranjal do Jari é classificado como linha de fronteira,

considerando sua proximidade territorial com a Guiana Francesa e também com o Suriname. Contudo, não possui nenhuma conurbação ou semi-conurbação com outro território urbano internacional.

A tabela 2 a seguir, lista os municípios amapaenses, localizados na faixa de fronteira e suas respectivas populações, levantadas no censo demográfico de 2010 e também, suas respectivas estimativas populacionais de 2020, o que permitem observar o crescimento demográficos das mesmas (IBGE 2010; 2020).

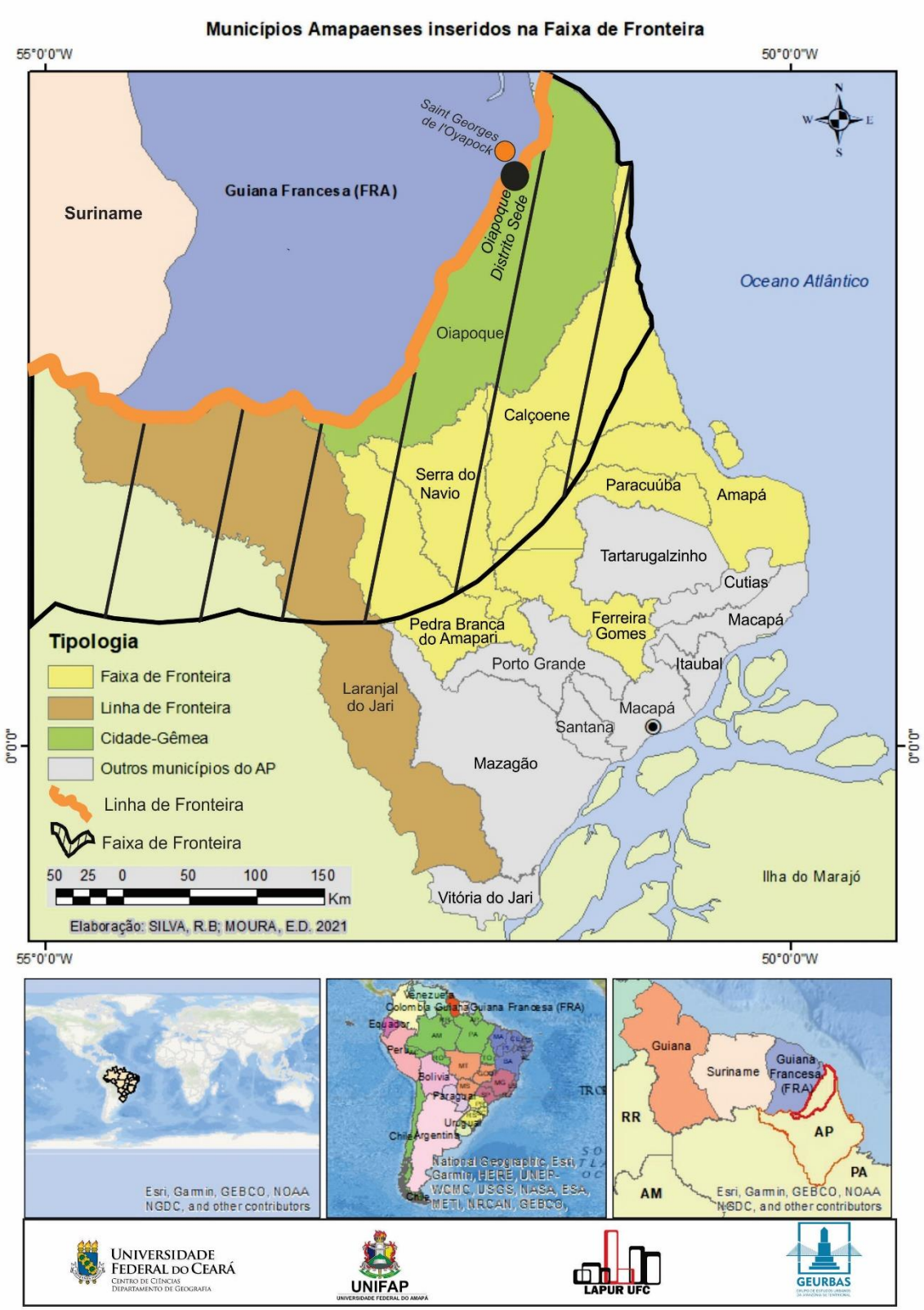
Tabela 2: Municípios amapaenses localizados na faixa de fronteira

	MUNICÍPIOS LOCALIZADOS NA FAIXA DE FRONTEIRA	TIPOLOGIA	POPULAÇÃO 2010 (IBGE)	ESTIMATIVA POPULAÇÃO 2020
1	Amapá	Faixa de Fronteira	8.069	9. 187
2	Calçoene	Faixa de Fronteira	9.000	11.306
3	Ferreira Gomes	Faixa de Fronteira	5.802	7.967
4	Laranjal do Jari	Linha de Fronteira	39.942	51.362
5	**Oiapoque**	**Cidade-Gêmea**	**20.509**	**27.906**
6	Pedra Branca do Amapari	Faixa de Fronteira	10.772	17.067
7	Pracuúba	Faixa de Fronteira	3.793	5.246
8	Serra do Navio	Faixa de Fronteira	4.380	5.488

Fonte: BRASIL (2016); IBGE (2020). Elaborado por: Moura (2021).

O mapa 4 na sequência localiza e classifica os oito municípios amapaenses, que estão localizados na faixa de fronteira, tendo como referência o Plano de Desenvolvimento e Integração da Faixa de Fronteira (PDIFF). Dentre as três classificações: faixa de fronteira, linha de fronteira e cidade-gêmea, a última é que representa as espacialidades fronteiriças com maiores interações entre diferentes países.

Mapa 4 – Municípios Amapaenses inseridos na Faixa de Fronteira



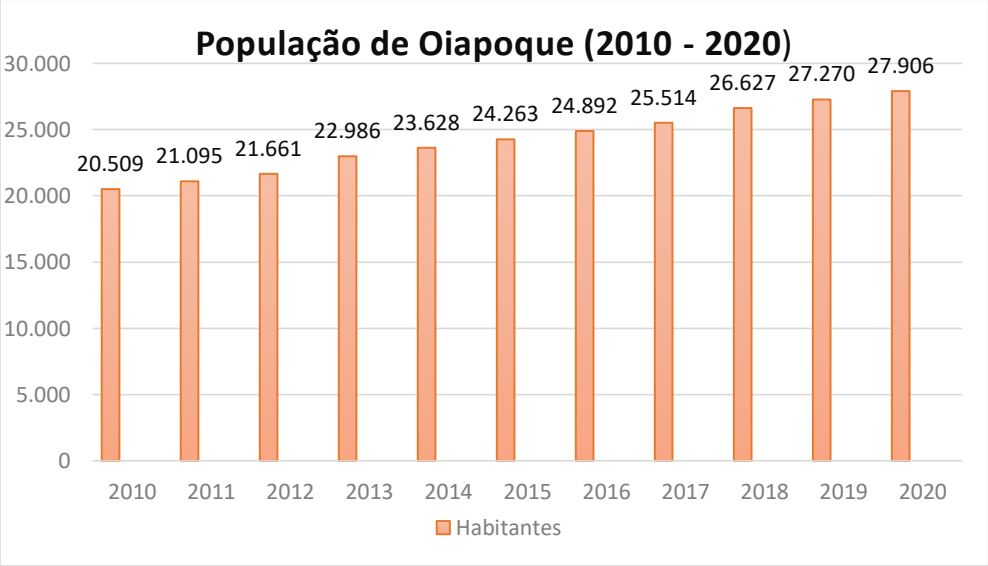
Fonte: IBGE (2019); DNIT (2021). Elaboração: MOURA, E. D; SILVA, R. B. 2021.

1.1.4 Dimensão urbana-fronteiriça a partir de Oiapoque

Oiapoque figura como principal especificidade urbana da área em estudo desta tese e, como mencionado anteriormente, é um município inserido na faixa de fronteira brasileira. No estado do Amapá, corresponde ao único município considerado cidade gêmea, por estar na fronteira com Saint Georges de l'Oyapock, que está situado na Guiana Francesa, um departamento ultramarino.

Como destacado, é um dos dezesseis municípios que formam o estado do Amapá. O município possui uma área de 22.625,286 km² e uma população de 27.906 habitantes (IBGE, 2020), o que representa a quarta maior população do estado, com uma densidade demográfica de 0,91 habitantes/km². Ao analisar sua população, ao longo década de 2010 a 2020, verifica-se um crescimento demográfico. Desse modo, a população de Oiapoque aproxima-se dos 30 mil habitantes, conforme ilustra o gráfico 2, a seguir:

Gráfico 2: População de Oiapoque (2010-2020)



Fonte: IBGE. Elaborado por: Moura (2021).

O mapa 5 referenciado abaixo foi elaborado com intenção de localizar o município de Oiapoque, bem como seus diferentes distritos: distrito-sede, Vila Velha, Clevelândia do Norte, Vila Brasil e também Vila Vitória, que é considerada pelo poder municipal como bairro e está afastado cerca de 5km do distrito sede, que corresponde a localidade mais próxima de *Saint Georges*. Neste mapa, é possível localizar, ainda, o território da Guiana Francesa, destacando a cidade gêmea de *Saint Georges de l'Oyapock* e a capital Cayenne.

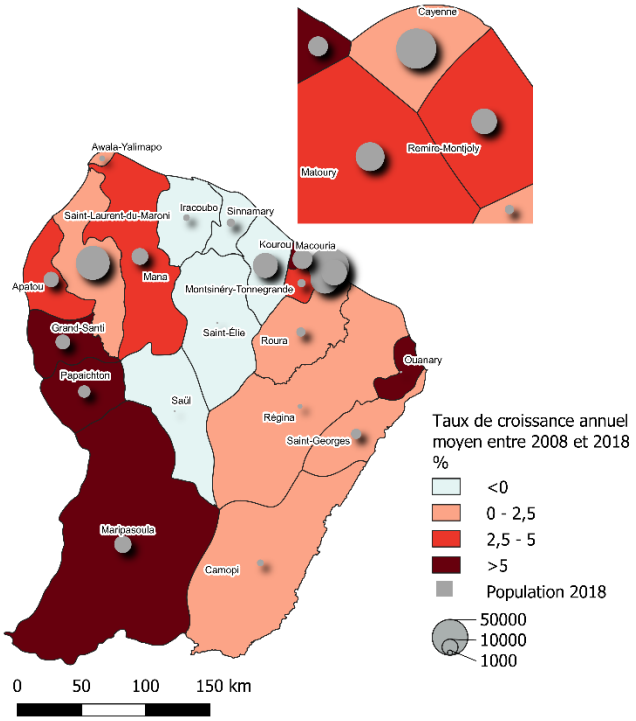
Mapa 5 – Oiapoque e a Localização: Distritos de Oiapoque, *Saint Georges de I'Oyapock*, Vila Brasil, Vila Velha, Clevelândia do Norte, 2021

Fonte: IBGE (2019). Elaboração: MOURA, E. D; SILVA, R. B. 2021.

Julgou-se igualmente importante apresentar os dados e a situação populacional do território internacional, atrelados à fronteira em análise. Consultou-se, portanto, o *Institut National de la Statistique et des Études Économiques* (INSEE, 2021), para obter o quantitativo populacional da Guiana Francesa.

O mapa 6 mostra uma síntese do quadro populacional da Guiana Francesa, a partir de sua divisão política, que traz a taxa de crescimento anual considerando entre 2008 a 2018, que, de acordo com o instituto francês, a população da Guiana Francesa cresceu em média 2,5%, ou mais 6.400 habitantes a cada ano[2].

Mapa 6: Divisão política e populacional da Guiana Francesa



Fonte: INSEE (2018). Consultado em 2021.

É importante enfatizar, previamente, que as cidades gêmeas de *Saint Georges* (FRA) e Oiapoque (Brasil) apresentam uma discrepância demográfica que reflete, por sua vez, diretamente nas suas estruturas socioespaciais. Ao analisar o quantitativo de suas

[2] De acordo com o INSEE a Guiana tinha 276. 128 habitantes em 1º de janeiro de 2018. A população da Guiana Francesa cresceu 2,5% em média a cada ano entre 2013 e 2018. Em cinco anos, cerca de 32.000 residentes adicionais, o equivalente a uma cidade do tamanho de Matoury. Em dez anos, a variação é um pouco menor (+ 2,3% ao ano entre 2008 e 2018). A força demográfica da Guiana Francesa é essencialmente impulsionada pelo equilíbrio natural. (INSEE, 2018, tradução nossa).

respectivas populações, observou-se que a cidade gêmea francesa possuía em 2018, de acordo com INSEE, o total de 4.188 habitantes enquanto Oiapoque se aproxima de 30 mil habitantes.

A análise segue este mesmo sentido, ao considerar a população de todo território ultramarino francês que, em 2018, totalizava 276.128 habitantes, distribuídos em todas as suas municipalidades, o que elucida a grande diferenciação na composição demográfica e populacional do território brasileiro, em especial, o amapaense, que, em sua totalidade, que ultrapassa 860 mil habitantes. A tabela 3 evidencia a distribuição da população da Guiana Francesa, que está dividida em quatro regiões administrativas.

Tabela 3: Distribuição da população da Guiana Francesa

	População municipal em 1º de janeiro de 2018	População municipal em 1º de janeiro de 2008	Evolução 2008-2018 (emnúmero de habitantes)	Taxa de variação média anual 2008/ - 2018 (em%)
GUIANA FRANCESA	**276.128**	**219.266**	**56.862**	**2,3**
CC des Savanes	**29.843**	**31.616**	**-1 773**	**-0,6**
Iracoubo	1.773	2.055	-282	-1,5
Kourou	24 959	25.934	-975	-0,4
Sinnamary	2.895	3 151	-256	-0,8
Saint-Élie	216	476	-260	-7,6
CC de l'Oueste Guyanais	**94 677**	**65.914**	**28 763**	**3,7**
Mana	11 234	8 697	2.537	2,6
Saint-Laurent-du-Maroni	45.576	35 631	9 945	2,5
Saul	152	158	-6	-0,4
Maripasoula	11.994	6 556	5.438	6,2
Grand-Santi	8 698	3 973	4 725	8,2
Apatou	9 381	6 458	2 923	3,8
Awala-Yalimapo	1.430	1.305	125	0.9
Papaichton	6.212	3 136	3.076	7,1
CA du Centre Littoral	**144.501**	**115.425**	**29.076**	**2,3**
Cayenne	63 652	57.643	6.009	1
Macouria	15.602	8.583	7.019	6,2
Matoury	32 942	25 629	7 313	2,5
Remire-Montjoly	26.143	18 817	7 326	3,3
Roura	3 390	2 709	681	2,3

Montsinéry-Tonne-grande	2.772	2.044	728	3,1
CC de l'Este Guyanais	**7.107**	**6.311**	**796**	**1,2**
Régina	865	834	31	0,4
Saint-Georges	4 188	3 858	330	0,8
Ouanary	220	84	136	10,1
Camopi	**1.834**	**1.535**	**299**	1,8

Fonte: INSEE. Adaptado por: Moura (2021).

Nos dados acima, a cidade gêmea de *Saint Georges de l'Oyapock*, é a maior população municipal da Comunidade de Comunas da Guiana Oriental, região administrativa em que se localiza com 4.188 habitantes, correspondendo a 59% da população da região. No que concerne à Comunidade de Comunas da Guiana Oriental, de acordo com o INSEE (2018), ela continua sendo de longe a menos populosa da Guiana Francesa, com pouco mais de 7.000 residentes em 2018. Seu crescimento populacional é duas vezes menor do que o da Guiana Francesa como um todo, visto que registrou 1,2% em média ao ano entre 2013 e 2018, assim como no quinquênio anterior.

Por conseguinte, esta tese considera, ainda, enquanto problematização, que a localização geográfica e a situação fronteiriça do município e da cidade de Oiapoque, localizada no estado do Amapá, na fronteira com a Guiana Francesa, permitem reflexões acerca das influências dos atuais modos de produção espacial próprios da cidade, bem como levam a questionamentos sobre as marcas impressas na paisagem urbana da cidade de Oiapoque, que se relacionam com a fronteira.

1.2 Problematizações urbanas

Diante da grande complexidade que o desvendar do fenômeno urbano traz em sua essência, busca-se problematizar a questão urbana, cujo entendimento apresenta desafios à produção do conhecimento na ciência geográfica, sobretudo em relação à sua própria amplitude.

O desafio de compreender o processo urbano em uma realidade como no Brasil, por sua grande dimensão territorial, por exemplo, justifica-se com suas múltiplas diversidades regionais, e, nas cidades se consolidam e materializam as especificidades regionais nos espaços urbanos. Diante deste contexto, que trata do entendimento da realidade urbana brasileira, concorda-se com Carlos (2013, p. 67), que pondera:

> A cidade enquanto realização humana, é um fazer-se intenso, ininterrupto. No Brasil, este "fazer-se" aniquila o que já está produzido a fim de criar mais, e, infinitamente, formas novas. Isso nos leva a associar a ideia da cidade com as imagens do inacabado. Em última análise, pode-se dizer que as metamorfoses da cidade produzem imagens de ruínas e de devastações modernas. Por isso, muitos falam da cidade associando-a a ideia de caos. Trata-se, no entanto, de analisar a cidade "por dentro", isto é, refletir sobre sua natureza. Deve-se aqui lembrar que a cidade tem a dimensão do humano refletindo e reproduzindo-se através do movimento da vida, de um modo de vida, de um tempo específico, que tem na base o processo de constituição do humano.

Justifica-se, portanto, que para compreender uma espacialidade urbana como a da cidade de Oiapoque, é necessário imergir na perspectiva de um olhar atento que vislumbre o fenômeno urbano como um processo complexo, considerando a cidade como resultante deste processo.

A análise da cidade de Oiapoque, deste modo, deve ser interpretada a partir de suas contradições sócio-espaciais para além de suas formas. Entretanto, destaca-se que para o entendimento das diferentes realidades urbanas, faz-se necessário uma cautela específica no que diz respeito ao uso da escala de análise, pois sabe-se que a realidade urbana no Brasil é diversa, principalmente no que diz respeito à realidade urbana amazônica. Acerca das especificidades dos núcleos urbanos localizados na Amazônia brasileira, (BECKER, 2013, p. 45) explicita que:

> Frente à teoria, a maioria dos núcleos amazônicos permanece na condição de cidades locais. Os núcleos mais expressivos da região sem dúvida experimentaram ao menos um surto demográfico e econômico, que fez crescer a economia sem mudar seu conteúdo, estrutura e complexidade. Então elas não superaram a condição de lugares centrais e por isso não impulsionaram a expansão econômica e o desenvolvimento regional.

A análise dos diferentes tempos históricos na realidade local, associados à localização geográfica do estado do Amapá e especialmente a localização fronteiriça de Oiapoque, propiciam importantes reflexões sobre as atuais formas de produção do espaço geográfico em diferentes perspectivas, incluindo abordagens no plano da gestão territorial na realidade amazônica.

Becker (1989; 2010) discute a importância de desconstruir abordagens generalistas sobre a Amazônia que, ao buscarem compreender a transformação dos territórios, fiquem presas à macrorregião amazônica diante sua magnitude territorial. Menciona-se, portanto, a relevância de incluir, nesse sentido, as novas territorialidades no planejamento e gestão do território amazônico, no fortalecimento do desenvolvimento

local e/ou regional (BECKER, 2010, p. 22):

> As incertezas quanto aos modos de transformação dos territórios são muitas e maiores ainda em relação à Amazônia, dada a sua extensão e a aceleração da dinâmica regional. Uma certeza, contudo, deve ser considerada: o esgotamento da macrorregião como escala ótima de planejamento. O planejamento, para ser bem sucedido, deve focalizar problemas bem definidos e delimitados. As novas territorialidades têm, assim, que ser reconhecidas como um componente a ser fortalecido para o desenvolvimento regional sustentável.

O entendimento do processo de ocupação e territorialização da área de estudo é fundamental para a compreensão de maneira dialética do espaço geográfico e seu movimento inserido nas diferentes temporalidades.

A este exemplo, vale salientar a década de 1940, que corresponde a um período importante da história do estado do Amapá, quando o vigente sistema administrativo do país transforma o Amapá em território federal, pelo Decreto-Lei 5.812 de 13 de setembro de 1943. Tal decreto pauta-se no discurso para a concretização da criação do território federal, justamente, a questão da sua localização geográfica fronteiriça e a necessidade de proteção e ocupação desta área, além, de discursos ideológicos e hegemônicos, de ocupação de áreas demograficamente vazias na Amazônia brasileira.

A partir do processo de criação do território federal do Amapá, as dinâmicas urbanas dos municípios, intensificam-se frente às propostas de desenvolvimento regional, representadas, sobretudo, pelos projetos de exploração de recursos naturais como madeira e diferentes minérios (DRUMMOND; PEREIRA, 2007).

Já o município de Oiapoque, foi criado no ano de 1945, tendo como um de seus objetivos a questão da proteção da fronteira do Brasil com a Guiana Francesa, sabendo que ao longo do tempo, e da consolidação das fronteiras do território nacional, houve diferentes interesses administrativos e geopolíticos, ao longo da história, nos dois países, momentos marcados por disputas territoriais, como o contestado[3] franco-brasileiro (GRANGER, 2012).

A intensificação da ocupação e ampliação dos espaços urbanos no estado do Amapá, ao longo de diferentes tempos históricos, provocou uma série de problemas sociais, incluindo as problemáticas urbanas-ambientais diante dos modelos desenvolvimentistas representados por empresas preocupadas, sobretudo, com o aumento

[3] Sobre o contestado franco-brasileiro, sugere-se consultar o detalhamento da disputa territorial em Granger (2012).

da produtividade industrial, mineral e, consequentemente, com a ampliação de seus lucros, resultantes de empreendimentos na Amazônia.

No caso do município de Oiapoque, um ponto chave para o entendimento de sua produção espacial é o período econômico marcado pelo garimpo de ouro na região, o que, de certo modo, permite direcionar um modelo de produção do espaço urbano perceptível na contemporaneidade. Sobre este tema, traz-se aqui as ideias de Tostes (2013, p.78):

> As atividades que influenciam os distintos núcleos urbanos estão configuradas entre as atividades clandestinas, garimpos ilegais, invasões e outras atividades. Verifica-se que em todas as cidades foram observadas atividades clandestinas. Tais atividades podem ser classificadas em relação a irregularidades de obras, camelôs, ambulantes, ocupação de áreas de rios, várzeas ou igarapés [...]. Mas a cidade que tem a maior incidência da atividade de garimpo é o Oiapoque. A presença dessa atividade está registrada em tudo na cidade: no comércio, nos serviços, nos equipamentos, nas instituições, sendo hoje um dos maiores entraves.

Verifica-se a importância de constatar, na realidade urbana amazônica, formas que contemplem as especificidades regionais no processo de formação territorial que se consolidam ao longo do tempo, frente às dinâmicas das cidades amazônicas, porém, sem homogeneizar as discussões e análises sobre os fenômenos no território amazônico.

Sob esse prisma, para o entendimento do processo urbano na contemporaneidade, é necessário ampliar o olhar para a relação espaço-tempo, contemplando as cidades amazônicas de diferentes portes, como destaca Oliveira (2007, p.179) ao discutir as pequenas cidades amazônicas:

> As pequenas cidades amazônicas não são apenas produtos do nosso tempo, mas, de tempos pretéritos cristalizados na paisagem, algumas delas foram criadas no período da colonização e outras na economia da borracha. Porém, na paisagem dessas pequenas cidades são poucos os objetos que retomam esses períodos. Aqui surge outra questão fundamental para se compreender as cidades na Amazônia, qual seja, de que a paisagem urbana não resume apenas o conjunto de objetos, mas, contém modos de vida, os quais, como os primeiros, são resultantes das relações de produção continuamente produzidas, reproduzidas, criadas e recriadas, contendo as dimensões da sociedade de cada tempo.

Diante do exposto, aponta-se neste estudo a preocupação em realizar uma análise da produção do espaço urbano, tendo a reflexão de que a cidade pertence aos que vivem nela, sejam os grupos indígenas, quilombolas, migrantes e tantos outros protagonistas amazônidas. Assim, busca-se apresentar uma análise pautada nas relações sócio-espaciais que abarca em sua dimensão reflexões a respeito do papel relevante do Estado, tanto em

mediar como, ocasionalmente, induzir conflitos sociais na escala urbana e, em especial relevo, as relações destes conflitos com a situação fronteiriça.

Isto posto, entende-se que as ações do Estado são cruciais para garantir uma a qualidade social, representadas pelas diferentes articulações de políticas públicas que visam à civilidade e melhoria de vida do povo urbano amazônico. Utilizou-se, também, as reflexões de Oliveira (2007, p.181) para explicitar o papel do Estado na gestão de espaços amazônicos:

> O Estado não é responsável por tudo, mas numa região como a Amazônia o papel do Estado é relevante como indutor e como mediador de conflitos. As ações do Estado deveriam buscar as condições da urbanidade, o que significa articular as políticas públicas, visando remir os espaços coletivos como signo da nova cidade, não só como funcionalidade da produção e da circulação, mas como lugar das pessoas. Além disso, deve-se perseguir a busca de criar tempos e espaços para a vida em toda dimensão. Isto passa pelo resgate da cidadania que exige a concretude de uma vida decente, que pressupõe o acesso às condições dignas de vivência.

Cabe ressaltar que o entendimento da questão urbana na escala local perpassa pelo papel do poder público para responder a alguns questionamentos, como, a título de exemplo, a carência de equipamentos públicos das mais diferentes áreas, como saúde, educação, infraestrutura viária, espaços para a prática de lazer, saneamento básico, dentre outros problemas de ordem da gestão do poder público, nas diferentes esferas administrativas (municipal, estadual e federal).

Nesse sentido, as cidades amazônicas que compõem o quadro da Amazônia Legal, principalmente localizadas no interior dos estados periféricos do Brasil levando-se em conta a integração nacional, como é o caso do Amapá, carecem de infraestruturas com demandas diferenciadas às cidades amazônicas com dinâmicas metropolitanas. Sob a perspectiva de mostrar a importância dos novos (re)arranjos urbanos amazônicos nas cidades amazônicas, Staevie (2011, p. 68) assinala que:

> Entretanto, nas últimas décadas, outras cidades amazônicas têm experimentado um contínuo processo de crescimento populacional, resultando numa crescente demanda por serviços públicos, alguns deles até então inexistentes nessas regiões. Esse movimento tem levado a um novo arranjo institucional e a novas formas de organização da sociedade civil, bem como a uma reconfiguração do espaço urbano, caracterizando uma nova morfologia urbana, formada por um vasto mosaico cultural, onde convivem inúmeras representações identitárias coletivas, cristalizando-se em distintas manifestações territoriais.

No entanto, considera-se nesta magnitude analítica a partir da Amazônia e suas

relações sociais e econômicas, que o processo de urbanização quando analisado nesta extensa escala espacial, extrapola a dimensão do local e regional. O global é representado pela dimensão da Pan-Amazônia, levando-se em consideração as vastas fronteiras internacionais localizadas no território amazônico, que devem ser consideradas, principalmente, na compreensão da produção do espaço urbano em múltiplas perspectivas. Tal premissa dialoga com os postulados de Castro e Hezeu (2012, p.18-19), que consideram:

> A Amazônia, em sua dimensão continental, passa atualmente por um acelerado processo de transformação econômica e social, com efeitos sobre a urbanização como se pode observar nas dinâmicas intraurbanas, demográficas e no aparecimento de novos povoamentos. Esse processo verifica-se nas fronteiras de todos os países pan-amazônicos, embora com intensidade diferente.

As diferentes realidades urbanas amazônicas na Região Norte do Brasil são, de modo geral, repletas de problemas infraestruturais, além da inexistência de diversos equipamentos públicos urbanos, realidade presente tanto nas capitais quanto nas cidades localizadas no interior dos estados nortistas.

Desse modo, buscou-se dados acerca do bem-estar urbano para trazer nesta problematização a discussão sobre o modo de vida das populações nas cidades amazônicas brasileira, tendo como exemplo a cidade de Oiapoque, localizada na fronteira franco-brasileira, objeto macro de análise desta tese.

O Índice de Bem-Estar Urbano dos Municípios Brasileiros (IBEU), publicado em 2016, pelo Observatório das Metrópoles, classificou 5.565 municípios brasileiros de acordo com critérios como mobilidade, condições ambientais urbanas, condições habitacionais, atendimentos de serviços coletivos e infraestrutura diversa. De acordo com este índice, as capitais da Região Norte brasileira ocupam os piores lugares entre as capitais das demais regiões, e Macapá a capital do Amapá, ocupa o último lugar (27ª posição) entre as capitais brasileiras e a 5142ª posição no *ranking* geral dos municípios.

O município de Oiapoque neste índice de bem-estar urbano, ocupa a 5464ª posição no quadro geral dos municípios brasileiros, mostrando, dessa forma, a precariedade dos serviços públicos e da infraestrutura urbana ofertadas à população.

Como em outras realidades brasileiras, nas cidades amazônicas tem-se também o sucateamento das prefeituras municipais, além de políticas públicas meramente assistencialistas presas a interesses pessoais e partidários. Acerca do estado do Amapá, Tostes (2013, p. 87) pontua que:

> Os municípios amapaenses revelam a face cruel dos municípios amazônicos. A falta de cumplicidade entre as esferas administrativas e de poder tem contribuído para a queda da qualidade de vida, seja pela não oferta de serviços de transporte coletivo, água, esgoto, pavimentação, sistema de trânsito, entre outros. A passividade do legislativo também tem sido um fator adverso a todo esse processo de preocupação com as questões urbanas e de planejamento.

Como abordado nesta pesquisa, a análise fidedigna da espacialidade urbana no contexto amazônico perpassa por desafios distintos. Tais desafios ocorrem como explicita o presente texto por vários fatores que influenciaram e influenciam nos atuais modelos de produção do espaço geográfico, dentre eles, estão a localização geográfica, a situação fronteiriça do município de Oiapoque e suas atuais marcas no espaço urbano.

Diante a contextualização espacial-analítica apontada bem como as problematizações apresentadas, a tese considera, enquanto principal hipótese, que a localização geográfica do município e da cidade de Oiapoque, localizada no estado do Amapá, provoca na produção do espaço urbano reflexos na espacialidade da cidade, em diferentes dimensões como: físico-estruturais, econômicos e culturais. Dessa forma, diferentes fluxos e redes que se estabelecem na e pela cidade dão importância para o fenômeno urbano de Oiapoque que, mesmo não possuindo atributos como uma infraestrutura de equipamentos urbanos diante de uma população pequena se comparada a outras realidades urbanas brasileiras, apresenta uma relevância no que diz respeito ao papel que a cidade desempenha no contexto regional, relevância essa que tende a ser ampliada à medida que aprimoram-se a interação fronteiriça com o território vizinho.

Em vista disso, a dinâmica dos fluxos e articulação de redes no contexto fronteiriço é nitidamente percebida na dinâmica territorial da cidade e, por meio da observação das marcas impressas no espaço geográfico e de diferentes processos vinculados à circulação na fronteira, é que este estudo pretende fazer o desvelar do processo territorial urbano na escala local à partir da compreensão do contexto regional e fronteiriço.

Como principal questão norteadora da investigação, têm-se a observação de que no território e na espacialidade urbana, diferentes fluxos e redes são estabelecidos na e pela cidade. Estas articulações territoriais dão importância para o fenômeno urbano de Oiapoque que, embora não possua algumas características como uma infraestrutura satisfatória de equipamentos urbanos públicos e privados, e com uma população pequena se comparada a outras realidades urbanas brasileiras, apresenta uma relevância no que diz respeito ao papel que a cidade desempenha no contexto regional amapaense, sobretudo

na região norte do estado.

No contexto analítico do problema da presente pesquisa, questiona-se: *Qual é o papel que a fronteira desempenha na cidade de Oiapoque? Como a fronteira franco-brasileira se espacializa na cidade? Qual a contribuição de Oiapoque na articulação territorial reticular, no contexto regional, frente a centralidade que a fronteira exerce na espacialidade urbana?*

Assim, os objetivos da tese serão evidenciados, sequencialmente, após a problematização do recorte temático e da apresentação das questões norteadoras relevantes que consideram a produção do espaço urbano-regional e urbano-fronteiriço.

1.3 Objetivos da Pesquisa

Objetivo Geral:

- Compreender o papel que a fronteira desempenha na cidade de Oiapoque, destacando sua importância urbana no contexto regional amapaense e fronteiriço franco-brasileiro.

Objetivos Específicos:

- Traçar um panorama sobre a faixa de fronteira brasileira, bem como sobre as cidades gêmeas brasileiras, que se apresentam como expressividades urbanas-regionais;
- Identificar as marcas da fronteira franco-brasileira na produção do espaço intraurbano;
- Compreender as dinâmicas comerciais na cidade de Oiapoque sob o contexto fronteiriço;
- Discutir as relações da circulação de pessoas entre Oiapoque com as capitais Macapá (Amapá - Brasil) e Caiena (Guiana Francesa) tendo como análise a abordagem territorial-reticular, a partir dos fluxos e circulação de diferentes meios de transportes;
- Verificar impactos contemporâneos da Ponte Binacional no contexto da circulação de pessoas à luz da perspectiva fronteiriça.

Na sequência, serão abordados os procedimentos metodológicos e operacionais que possibilitaram a sistematização, assim como o alcance dos objetivos propostos na pesquisa.

1.4 Procedimentos Metodológicos e Operacionais

Para o construto teórico-metodológico concernente à estrutura e execução da tese, aponta-se uma abordagem qualitativa, que atendeu a diferentes momentos da pesquisa a fim de auxiliar a discussão e os resultados, fato esse que não excluiu a dimensão da pesquisa quantitativa em momentos distintos, ao considerar a possibilidade de os números contribuírem com as discussões encontradas nos capítulos.

Dessa forma, foram estabelecidos quatro etapas-macro da sistematização da pesquisa: A **primeira etapa-macro** consistiu-se na realização de leituras em diferentes fontes documentais, priorizando a busca em leis e documentos oficiais sobre a temática fronteiriça brasileira, livros, trabalhos acadêmicos, como teses e dissertações, em repositórios de universidades e também a consulta de artigos acadêmicos publicados, sobretudo, em revistas nas áreas de Geografia, nas subáreas do saber geográfico, como Geografia Urbana, Geografia Regional, Geografia Política, Geografia Cultural, Geografia Econômica, além de periódicos e trabalhos publicados das áreas de História e Relações Internacionais e Linguagens. Esta etapa foi crucial desde a redação do projeto, na construção e delimitação das questões norteadoras da pesquisa, até a conclusão da tese em sua versão final, por meio de fundamentações teóricas.

No quadro-síntese apresentado na sequência, tem-se o recorte temático da tese, destacando os respectivos autores que auxiliaram no embasamento teórico-temático da pesquisa. Tais teóricos foram utilizados em momentos distintos da construção da pesquisa, nos diferentes capítulos que integram a tese. Os teóricos que constam no quadro 1 a seguir, têm, em diferentes obras, contribuições que proporcionaram diálogos e postulados teóricos na presente análise.

Quadro 1: Temas e autores – recorte temático da pesquisa.

TEMAS ELEMENTARES DA TESE	PRINCIPAIS REFERÊNCIAS
Noções epistemológicas e filosóficas da pesquisa	BACHELARD, Gaston. LEFEBREVE, Henry. SANTOS, Milton. SILVA, José Borzacchiello da.
Território, fronteiras e limites	HAESBAERT, Rogério. MACHADO, Lia Osório. MARTINS, José de Souza. RAFFESTIN, Claude. SILVA, José Borzacchiello da. SOUZA, Marcelo Lopes de.
Redes e fluxos territoriais	CORRÊA, Roberto Lobato. DIAS, Leila Christina Duarte. LENCIONI, Sandra. SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura.
Urbanização; Cidade em diferentes escalas, urbanização no contexto amazônico.	ENDLICH, Ângela Maria. CARLOS, Ana Fani Alessandri. OLIVEIRA, José Aldemir. SCHOR, Tatiana. SILVA, José Borzacchiello da. TRINDADE JÚNIOR, Saint Clair Cordeiro da.
Faixa de Fronteira; cidades gêmeas.	Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira; Leis e Decretos; Pesquisas em produções regionais sobre diferentes cidades gêmeas nas regiões brasileiras.
Fronteira Brasil-Guiana Francesa; Questões urbanas-regionais amapaenses.	HELFENSTEIN, Adriano Michel. MARTINS, Carmentilla das Chagas. SANTOS, Emmanuel Raimundo Costa Santos. SILVA, Gutemberg de Vilhena. TOSTES, José Alberto.

Fonte e elaboração: Moura (2021).

A **segunda etapa-macro** da sistematização da pesquisa se constituiu na consolidação de um banco de dados com três recortes temáticos, estabelecidos para a

inteligibilidade e/da execução da pesquisa. Este estabelecimento do banco de dados proporcionou, sobretudo, a melhor execução do recorte temático proposto e do embasamento teórico-metodológico da tese. O banco de dados foi dividido em: I – Teorias e temas: fronteira, território, rede, dinâmica urbana e socioespacial. II – Fronteiras e cidades brasileiras. III – Produção do conhecimento franco-brasileiro. Cabe salientar que o banco de dados, foi sendo alimentado, conforme novas demandas analíticas foram surgindo ao longo da pesquisa.

A **terceira etapa-macro** fundamentou-se na obtenção de dados de diferentes segmentos: primários e secundários, através de entrevistas e consultas a diferentes atores e instituições. Portanto, nesta etapa incluiu-se os trabalhos de campo, cujo procedimento técnico será mais detalhado posteriormente.

A **quarta etapa-macro** se refere ao trabalho de gabinete. Pautou-se na tabulação e análise dos diferentes dados obtidos. A partir disso, foram elaborados gráficos, tabelas, quadros, organização da documentação fotográfica e produção cartográfica, produções estas que possibilitaram, no primeiro momento, a redação do relatório de qualificação e, após o exame de qualificação, a redação final da pesquisa que culminou nesta tese.

O fluxograma 1 subsequente ilustra, de maneira sucinta, as etapas-macro de sistematização adotadas para o desenvolvimento organizacional e operacional das etapas investigativas. Ressalta-se que a linearidade aparente não exclui variantes, retomadas de verificação, atualização e adequação das etapas-macro ao longo do processo da pesquisa.

Fluxograma 1: Etapas da sistematização operacional da pesquisa

Fonte e elaboração: Moura (2021).

O levantamento de dados para a consolidação e estruturação da tese teve como pressupostos teóricos os postulados Minayo (1999), ao considerar que a pesquisa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, fluxos, processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis numéricas ou modelos quantificáveis.

No entanto, o levantamento de dados alicerçou-se também em dados estatísticos, o que remete à pesquisa quantitativa pela necessidade de levantar números, definir e categorizar a cidade de Oiapoque como um espaço urbano fronteiriço, que desempenha papéis importantes para o contexto amapaense e fronteiriço e, por essa razão, as informações quantificáveis foram necessárias.

Nesse sentido, é importante salientar que, segundo Laville e Dionne (1999), uma pesquisa quantitativa aprecia a existência de números, ou seja, pretende tomar a medida exata dos fenômenos humanos e do que os explicam, deve escolher com precisão o que será medido e apenas conservar o que é mensurável de modo preciso.

Para a obtenção dos dados quantificáveis foram consultados relatórios técnicos, publicações oficiais do Estado, estudos e pesquisas elaboradas por instituições públicas. Pondera-se, entretanto, que sobre a dimensão fronteiriça, priorizou-se o Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PDFF), elaborado pelo Ministério da Integração Nacional (MIN), atual Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR) e também os relatórios de pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); Dados populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), assim como dados demográficos da Guiana Francesa, a partir do *Institut National des Etatístiques et des Études Économiques* (INSEE).

Foram imprescindíveis a realização de etapas distintas, de trabalhos de campo, que proporcionaram a coleta *in loco* de diferentes dados para compor a análise da realidade empírica do recorte territorial estudado, salientando, por sua vez, o papel que a fronteira desempenha na cidade de Oiapoque, destacando sua importância no contexto regional amapaense e fronteiriço franco-brasileiro.

Para obtenção de dados, criaram-se dois eixos de interesses de grupos e entidades públicas e sociais, a saber: **Eixo 1,** incluiu a administração pública, a fim de obter dados primários e secundários, sobre a produção da cidade e a circulação de pessoas estrangeiras no município. Já o **Eixo 2**, respaldou-se na obtenção de dados primários e secundários com a sociedade civil organizada (associações profissionais e comercial, cooperativas,

associação de moradores da Vila Vitória), para a obtenção de dados sobre a economia urbana, fluxos de pessoas e integração e conectividade entre as cidades, revelando as dinâmicas territoriais fluídas no espaço fronteiriço investigado.

Tais entrevistas se consolidaram por meio de roteiros/formulários semiestruturados elaborados previamente com questões abertas e fechadas constantes no apêndice desta tese. Sobre essa técnica, Lakatos e Marconi (2002) asseguram que o formulário permite a obtenção de dados mais complexos e úteis que os questionários enviados aos participantes por intermédio dos correios ou por meio digital. Como é preenchido pelo próprio entrevistador, o formulário permite uniformidade dos símbolos usados nas respostas. Esta ação se caracterizou como um procedimento técnico adequado à pesquisa.

A aplicação de entrevistas nos trabalhos de campo englobou diferentes sujeitos e atores da direção institucional, o que integrou o grupo de interesse. Contudo, o **Eixo1** correspondeu ao eixo da administração pública, como o Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP) Campus Avançado de Oiapoque e com o a Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) Campus Binacional Oiapoque, os dirigentes foram entrevistados em fevereiro de 2021, por meio de roteiros enviados por e-mail, como medida de biossegurança considerando a pandemia mundial da Covid-19.

Além destas instituições públicas de ensino, também foram consultadas *in loco* em março de 2019, a Prefeitura Municipal de Oiapoque (PMO) e a Delegacia da Polícia Federal de Oiapoque, esta última consultada entre os anos de 2018 a 2020. Nestas consultas institucionais buscou-se dados quantitativos sobre a produção espacial urbana e circulação internacional de pessoas em Oiapoque. Os dados obtidos foram utilizados na composição de capítulos distintos da tese, detalhados no quadro metodológico, apresentado sequencialmente nesta seção.

O **eixo 2** respaldou-se na obtenção de dados primários com a sociedade civil organizada e objetivou a aquisição de dados sobre fluxos de pessoas, economia urbana, produção socioespacial, integração e conectividade entre as cidades, revelando a dinâmica territorial fluída no espaço geográfico.

Destaca-se a execução de entrevistas com três das quatro associações de catraieiros existentes na fronteira, no mês de março 2019, com a Cooperativa de Transporte Fluvial e Terrestre de Oiapoque (COMFCOI); Cooperativa de Transportes e Turismo de Oiapoque (COOPTUR); Associação dos Pilotos Fluviais de Vila Vitória (APFVV); *Association des Piroguiers de Saint Georges* (APSG). A inclusão deste grupo

social e profissional ocorreu em função da importância que eles tiveram em relação à circulação e travessia fronteiriças sobre as águas binacionais do rio Oiapoque.

No âmbito de verificar a circulação e transportes de pessoas na escala intraurbana de Oiapoque e com a finalidade de quantificar os profissionais atuantes neste setor, foram consultadas as associações profissionais dos taxistas e moto-taxistas: Associação de Taxistas do Ponto Santos Dumont (ATPSD); Cooperativa Mista dos Taxistas de Oiapoque (COMTOI); Sindicato dos Taxistas Autônomos de Oiapoque (SIDTAXI); Associação de Moto-taxistas de Oiapoque (AMTOI); Cooperativa de Moto-taxistas de Oiapoque (COMTAXI).

Quanto à circulação de transportes e pessoas na escala regional amapaense e fronteiriça, consultou-se diferentes meios de transportes, com a finalidade de quantificar a atuação dos piratas, navetes e empresas de ônibus intermunicipais de transporte (Santanense e AmazonTur), que atuam na linha Oiapoque – Macapá, e vice-versa.

No eixo 2, incluiu-se a obtenção de dados da economia urbana, por meio da consulta à Associação Comercial de Oiapoque (ACOI), através do trabalho de campo em março de 2019, bem como a realização de entrevistas à Associação de Moradores da Vila Vitória de Oiapoque, com o intuito de compreender as dinâmicas socioespaciais da localidade oiapoquense mais próxima de *Saint George*, na Guiana Francesa.

Importante mencionar sobre a realização de distintos trabalhos de campo. Desde o ano de 2016, já se realizou observações em caráter exploratório que foram essenciais para aproximação e proposições que possibilitaram reflexões diversas, o que resultou em um projeto de pesquisa, executado neste doutoramento.

Estas reflexões e indagações foram intensificadas nas disciplinas do escopo da Geografia Humana, ministradas pelo autor da tese, na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), principalmente na área de Geografia Urbana, Geografia Cultural e Relações Internacionais entre Brasil e França.

Esta experiência profissional possibilitou, ao longo de diferentes semestres (2016 a 2019), trabalhos de campo com os estudantes do Curso de Licenciatura em Geografia da UNIFAP Campus Binacional de Oiapoque. Mesmo com outros objetivos não direcionados *a priori* a esta investigação, as atividades realizadas em campo, aliadas às discussões em sala de aula com os estudantes, aprimoraram as ideias para a formulação de questões norteadores desta tese e registros fotográficos das aulas de campo.

No entanto, realça-se que entre os dias 4 de março a 26 de abril de 2019, realizou-se pesquisa em campo na cidade de Oiapoque e em *Saint Georges de l'Oyapock*, para

obtermos uma série de dados primários e secundários com os grupos apresentados nos eixos 1 e 2, além de visitas institucionais, registros e observação da paisagem que integram a totalidade desta tese.

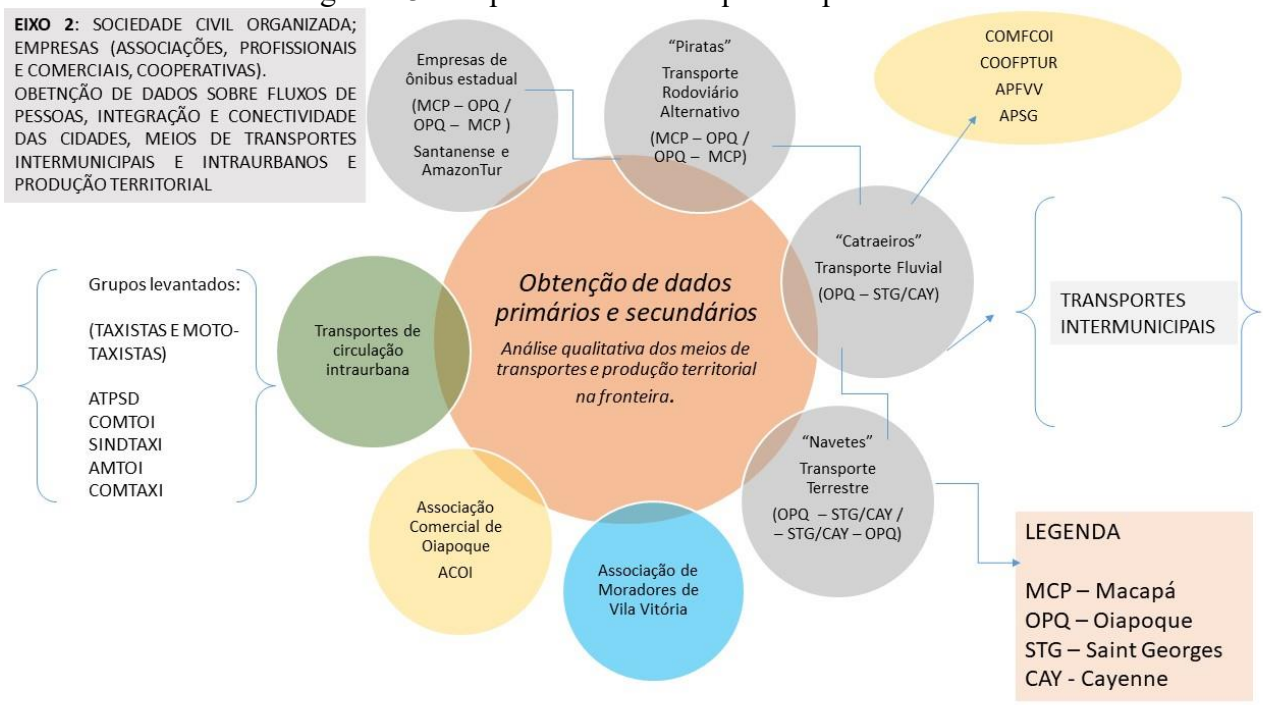
Salienta-se, de modo amplo, que as consultas realizadas em ambos os eixos não se adotaram necessariamente apenas a técnica de entrevistas, uma vez que ocorreu também a solicitação de dados secundários das entidades consultadas, inclusive em momentos posteriores à pesquisa de campo.

Elaborou-se deste modo os fluxogramas 2 e 3, que objetivam ilustrar os procedimentos operacionais das entrevistas e consultas realizadas, nos eixos 1 e 2, respectivamente, destacando os grupos prioritários consultados, em conformidade com os eixos metodológicos trabalhados.

Fluxograma 2: Grupos de interesse que compõem o Eixo 1

Fonte e elaboração: Moura (2021).

Fluxograma 3: Grupos de interesses que compõem o Eixo 2



Fonte e elaboração: Moura (2021).

É necessário destacar o importante papel do registro fotográfico, que assumiu uma valiosa incumbência na ilustração iconográfica dos processos territoriais que marcam as especificidades da fronteira franco-brasileira, através dos mosaicos fotográficos e nos mapas com imagens que foram elaborados. Os registros fotográficos, presentes nesta tese, foram realizados no segundo semestre do ano de 2016, em 2017, segundo semestre de 2018 e primeiro e segundo semestre de 2019, por meio de pesquisas de campo, além das vivências e experiências do autor.

Para tais levantamentos de informações e desenvolvimento da pesquisa foram necessários o uso de recursos tecnológicos diversos, que contribuíram para diferentes etapas da execução da tese.

Assim, utilizou-se na pesquisa recursos tecnológicos e computacionais como a Internet, para buscas de dados quantificáveis em bancos de dados, em diferentes órgãos públicos, principalmente no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além do uso de *software* imprescindíveis na elaboração cartográfica.

Para elaboração dos mapas, utilizou-se recursos computacionais - *software* de Sistemas de Informações Geográficas (SIG's), *ArcGis 10.5*, para obtenção, georreferenciamento, análise, síntese e representação dos fenômenos geográficos. Para

elaboração de algumas representações e de inserção de fotografias, utilizou-se o Corel Draw X7.

Em todos os mapas, utilizou-se as bases cartográficas (*shapefiles*) disponibilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE do ano de 2019 (limites do Brasil, das Regiões, Municípios, entre outros). Empregou-se o sistema de referência geodésico para o Sistema Geodésico Brasileiro (SGB) - Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas - SIRGAS 2000 (Resolução Nº 1/2005 do IBGE).

Compreende-se que os mapas são recursos de comunicação e linguagem, (SIMIELLI, 2014), formados pelo tripé: cartógrafo, mapa e usuário. Com esse entendimento construiu-se a intenção de cada mapa elaborado da tese. Para confeccioná-los lançou-se mão de sinais, símbolos e cores específicas, sendo que cada mapa possui suas especificidades qualitativas e quantitativas. Assim, os mapas são utilizados para indicar os elementos espaciais e territoriais, a fim de permitir a cognição, análise, interação e comunicação.

Os métodos de representação gráfica e cartografia - qualitativas, ordenadas e quantitativas, bem como os signos em seu aspecto material e imaterial, os elementos dos mapas, tais como: título, escala gráfica e geográfica, legenda, orientação e projeção cartográfica, inserem-se como basilares no projeto cartográfico construído nesta pesquisa.

A representação gráfica evidencia as três relações fundamentais: diversidade (≠); ordem (O) e proporcionalidade (Q), segundo Martinelli (2016), estabelecidas entre objetos e fenômenos geográficos da realidade, para facilitar a leitura sem ambiguidade.

Utilizou-se as variáveis visuais - valor, granulação, cor, forma, orientação e tamanho. Empregou-se elementos: ponto, linha e área para representação qualitativa, com a intenção de representar a diversidade dos atributos. Bem como o Método corocromático qualitativo, a partir de uso de cores diferentes para distintas manifestações.

Para as representações quantitativas, empregou-se o Método das Figuras Geométricas Proporcionais, com intuito de mostrar a relação de proporcionalidade entre os objetos e fenômenos. Nos mapas que se intenciona demonstrar as dinâmicas espaciais e territoriais, utilizou-se o método dos fluxos, para dimensionar os movimentos na fronteira franco-brasileira.

Para elaboração do mapa: "Abairramento – Oiapoque, AP – 2021", utilizou-se como base o mapa de abairramento fornecido pela Prefeitura Municipal de Oiapoque para georreferênciamento e desenho das *shapefiles* dos limites dos bairros, para melhor representar os bairros da cidade de Oiapoque.

Desta forma, os mapas: “Oiapoque: Distritos, Localidades e Especificidades Territoriais”; “Concentração Comercial e Institucional a partir da “Beira” e do Centro de Oiapoque”; “Mapa Rodoviário – BR 156: Essencialidades e Desafios”; Deslocamento e Fluidez Territorial na Fronteira Franco-Brasileira em Diferentes Escalas”; foram confeccionados a partir das pesquisas de campo, onde realizou-se registro fotográfico dos principais pontos que estão representados no mapa.

No processo de construção dos mapas de população das cidades gêmeas do Brasil e das regiões Norte, Centro-Oeste e Sul, bem como do mapa “População, Amapá – 2020”, empregou-se os respectivos dados demográficos fornecidos pelo IBGE.

Para elaboração dos mapas: “Faixa de fronteira, Brasil – 2021” e “Municípios Amapaenses inseridos na Faixa de Fronteira”, utilizou-se as *shapefiles* do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), e também do extinto Ministério da Integração Nacional (MIN), atual Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR).

Na elaboração do mapa “Movimentos Internacionais e Atendimentos da Polícia Federal – Oiapoque 2018 a 2020”, utilizou-se os dados fornecidos pela Polícia Federal, obtidos a partir de solicitação à Delegacia da Polícia Federal de Oiapoque.

Para elaboração do mapa “Divisão Política da Guiana Francesa e estrada *Rout* N 1 e *Rout* N 2 – 2021”, empregou-se as *shapefiles* das estradas e dos limites políticos, fornecidos pelo “OCHA Services”, que tem a seguinte fonte: *Institut national de l’information géographique et forestière* (IGN) e *pelo Institut national de la statistique et des études économiques* – INSEE, da França.

Contudo, com o propósito de apresentar de maneira mais objetiva e elucidativa todos os objetivos da presente pesquisa, atrelando-os aos seus respectivos percursos metodológicos e operacionais, bem como, aos apontamentos das propostas e resultados alcançados, elaborou-se o quadro 2, que desta forma apresenta o fazer teórico-metodológico desta tese.

Quadro 2 – O fazer teórico-metodológico da tese

○ OBJETIVO GERAL DA TESE: **COMPREENDER O PAPEL QUE A FRONTEIRA DESEMPENHA NA CIDADE DE OIAPOQUE, DESTACANDO SUA IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO REGIONAL AMAPAENSE E FRONTEIRIÇO FRANCO-BRASILEIRO.**		
OBJETIVO REDACIONAL	**PERCURSOS METODOLÓGICOS E OPERACIONAIS DA TESE**	**DESDOBRAMENTOS E RESULTADOS**
QUESTÕES DA PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA Discutir o estado do Amapá e seus aspectos urbanos-regionais. Dimensionar características populacionais e demográficas do Amapá; Oiapoque e da Guiana Francesa. Apresentar a hipótese, objetivos da pesquisa, procedimentos metodológicos e operacionais e a estrutura redacional a partir dos capítulos da tese.	• Levantamentos teóricos sobre a questão urbana amazônica, regional e fronteiriça amapaense. • Consulta ao estudo Regiões de Influência das Cidades (REGIC). • Análise da inserção do Amapá na Faixa de Fronteira tendo como referência documental o Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PDDF). • Consulta e análise demográfica e populacional através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e do Institut National de la Statistique et des Études Économiques (INSEE).	**INTRODUÇÃO DA TESE** ✓ Gráficos e tabelas das estimativas populacionais mais recentes publicitadas pelas instituições competentes. ✓ Produção e apresentação cartográfica locacional e populacional do recorte espacial da tese.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA TESE	PERCURSOS METODOLÓGICOS E OPERACIONAIS DA TESE	DESDOBRAMENTOS E RESULTADOS
Objetivo Específico **I** Traçar um panorama sobre a faixa de fronteira brasileira, bem como, acerca das cidades gêmeas brasileiras, que se apresentam como expressividades urbanas-regionais.	• Criação de Banco de Dados temáticos, que foram utilizados em todos os capítulos. • Destacar inspirações epistemológicas da pesquisa. • Revisão teórica-conceitual sobre fronteira. • Levantamento jurídico sobre a composição e atualização da faixa de fronteira terrestre brasileira. • Análise do Programa de Desenvolvimento da faixa de fronteira (PDDF). • Consulta e sistematização de indicadores populacionais das cidades gêmeas brasileiras através do IBGE. • Revisão teórica focalizando cidades gêmeas e suas importâncias e particularidades regionais brasileiras.	**CAPÍTULO 2: CIDADE, URBANO E A FRONTEIRA: ESPECIFICIDADES BRASILEIRAS, TEORIAS E PRÁTICAS** ✓ Revisão da literatura sobre fronteira; ✓ Caracterização atual (2021) da Faixa de Fronteira. ✓ Panorama das cidades gêmeas brasileiras, com apontamentos e particularidades regionais. ✓ Tabelas, gráficos e mapas atuais, considerando as estimativas populacionais do IBGE para 2020, sobre a Faixa de Fronteira e as cidades gêmeas brasileiras.

Objetivo Específico II Identificar as marcas da fronteira franco-brasileira na produção do espaço intraurbano.	• Levantamentos bibliográficos acerca de temáticas relacionadas à questão urbana em Oiapoque. • Execução das etapas investigativas e trabalhos de campo, realizados em momentos distintos entre os anos de 2017 a 2019. • Registros e documentação fotográfica, que abarcaram diferentes distritos, localidades e a BR-156, além de *Saint Georges de l'Oyapock*. Tal etapa, ocorreu nos trabalhos de campo entre os anos de 2017, 2018 e 2019. Ainda se utilizou do acervo fotográfico particular do autor do ano 2016. • Obtenção de dados primários com a Prefeitura Municipal de Oiapoque (PMO), em pesquisa de campo realizada em março de 2019. • Entrevistas com representantes da Associação de Moradores da Vila Vitória.	**CAPÍTULO 3: POSSIBILIDADES DE VISLUMBRAR O URBANO FRANCO-BRASILEIRO** Seção: Possibilidades de vislumbrar o urbano franco-brasileiro ✓ Dados qualitativos sobre a produção do espaço urbano atrelado à fronteira. ✓ Mosaicos fotográficos ilustrando os diferentes usos e marcas fronteiriças no espaço urbano. ✓ Produção cartográfica a partir de diferentes espacialidades que dialogam com a fronteira franco-brasileira. ✓ Dimensionamento de uma paisagem urbana fronteiriça. ✓ Discussão a partir do abairramento de Oiapoque. ✓ Mapa do abairramento de Oiapoque. ✓ Dimensionamento da importância da Beira de Oiapoque, bem como, do Centro da cidade.

Objetivo Específico **III**	• Levantamento teórico sobre a questão do garimpo do ouro em Oiapoque. • Execução das etapas investigativas e trabalhos de campo, realizados em março e abril de 2019. • Obtenção de dados primários com a Associação Comercial de Oiapoque (ACOI), os dados referem-se às empresas de Oiapoque, vinculadas à ACOI. • Consulta ao Portal do Empreendedor, para levantamento de Microempreendedores de Oiapoque. • Identificação do comércio que atendam demandas gerais do garimpo do ouro na cidade. • Registro fotográfico do comércio de diferentes setores em Oiapoque. • Consultas e diálogos informais com empresários da cidade de Oiapoque. • Identificar instituições públicas que promovem a redefinição da economia urbana de Oiapoque. • Entrevistas institucionais com o Instituto de Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Avançado de Oiapoque (IFAP) e com a	**CAPÍTULO 3: POSSIBILIDADES DE VISLUMBRAR O URBANO FRANCO-BRASILEIRO** Seção: Do garimpo ao funcionalismo público: redefinições de uma economia urbana fronteiriça. ✓ Dados qualitativos sobre a economia urbana de Oiapoque atrelado à fronteira. ✓ Gráficos e tabelas acerca do comércio e de empreendedores individuais de Oiapoque. ✓ Registros fotográficos sobre a permanência do garimpo na atividade econômica na cidade de Oiapoque. ✓ Mosaico fotográfico ilustrando a concentração comercial e institucional do Centro de Oiapoque. ✓ Mapa da concentração comercial e institucional do Centro e da Beira de Oiapoque. ✓ Apontamentos do impacto da inserção de instituições públicas promovidas pelo Estado e as mudanças ocasionadas na produção da cidade.
Objetivo Específico **III** Compreender as dinâmica comercial na cidade de Oiapoque sob o contexto fronteiriço.		

	Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) Campus Binacional de Oiapoque.	✓ Reflexões sobre a moradia na cidade de Oiapoque. ✓ Apontamentos sobre particularidades e processos urbanos dos bairros: Centro, Universidade, Infraero e Vila Vitória.
Objetivo Específico **IV** Discutir as relações da circulação de pessoas entre Oiapoque com as capitais Macapá (Amapá - Brasil) e Caiena (Guiana Francesa) tendo como análise a abordagem territorial-reticular, a partir dos fluxos e circulação de diferentes meios de transportes.	• Revisão teórica-conceitual sobre território, rede e território-rede. • Registros e documentação fotográfica em *Saint Georges de l'Oyapock*. • Obtenção de dados primários na Delegacia de Oiapoque da Polícia Federal. Os dados referem-se aos registros de entradas e saídas de estrangeiros nos pontos de atendimento em Oiapoque e também dados das nacionalidades destes estrangeiros. • Entrevistas com os catraieiros, principais responsáveis pelas travessias fronteiriças entre o Brasil e a Guiana Francesa. • Consulta aos naveteiros, para elencar as empresas atuantes no deslocamento entre *Saint Georges de l'Oyapock* a Cayenne.	**CAPÍTULO 4: TERRITÓRIO-REDE E A DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO DE PESSOAS E TRANSPORTES NA FRONTEIRA** ✓ Dados qualitativos sobre a abordagem reticular nos territórios de circulação de pessoas no Amapá (BR) e na Guiana Francesa (GF-FRA), sob o contexto fronteiriço. ✓ Dados quantitativos, quadros e tabelas sobre a circulação de pessoas na fronteira franco-brasileira, a partir dos números de entradas e saídas de estrangeiros, considerando o fluxo oficial, portanto. ✓ Mapa Movimentos internacionais e atendimentos da Polícia Federal em Oiapoque.

Objetivo Específico **IV**	• Identificação e caracterização da atividade de transporte rodoviário alternativo: Piratas, que atuam no deslocamento na BR-156, entre Oiapoque-Macapá e Macapá-Oiapoque. • Identificação e caracterização das empresas de ônibus intermunicipais que atuam no deslocamento na BR-156, entre Oiapoque-Macapá e Macapá-Oiapoque. • Identificação e quantificação dos meios de transportes que atuam na circulação intraurbana em Oiapoque: taxistas e moto-taxistas, através das suas respectivas associações e cooperativas. • Consulta documental para caracterização da ineficiência da rede-técnica, considerando a distribuição e abastecimento de energia elétrica em Oiapoque, temática atrelada a dimensão territorial reticular, analisada no capítulo.	✓ Mapa divisão política da Guiana Francesa e a Estrada Rout N1 e N2. Onde ocorre a circulação das Navetes. ✓ Mapa rodoviário: BR 156: Essencialidades e desafios. Onde ocorre a conexão de Oiapoque com Macapá e vice-versa. ✓ Panorama e caracterização da atuação dos catraieiros sobre as águas internacionais do rio Oiapoque. ✓ Tabelas com os quantitativos dos profissionais de transportes intraurbanos de Oiapoque: taxistas e moto-taxistas. ✓ Mapa síntese: Deslocamento e fluidez territorial na fronteira franco-brasileira em diferentes escalas.
Objetivo Específico **V**	• Revisão teórica e documental sobre a Ponte Binacional Franco-Brasileira.	

Objetivo Específico **V** Verificar impactos contemporâneos da Ponte Binacional no contexto da circulação de pessoas à luz da perspectiva fronteiriça.	• Registro e documentação fotográfica a partir deste objeto técnico de conexão • Atualização dos impactos da ponte, sobre a cidade de Oiapoque, a partir da realidade observada.	**CAPÍTULO 4: TERRITÓRIO-REDE E A DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO DE PESSOAS E TRANSPORTES NA FRONTEIRA** Seção: Ponte Binacional: um nó na rede territorial? ✓ Dados qualitativos sobre os impactos da Ponte Binacional, após sua abertura. ✓ Apontamento de cenários possíveis a médio e longo prazo.

Fonte: Edenilson Moura (2021)

1.5 Estrutura redacional da tese

No que diz respeito à organização e estrutura redacional da tese, o trabalho está distribuído em 4 capítulos e suas subdivisões, além das considerações finais, referências, apêndices e anexos. Esta seção, propõe-se apresentar a síntese de cada capítulo. Para consultar os procedimentos metodológicos e o entrelaçamento dos capítulos com os objetivos da tese, sugere-se consultar o quadro apresentado anteriormente, intitulado "o fazer metodológico".

A introdução corresponde ao primeiro capítulo, como constatado, apresentou a problematização de questões inerentes à tese, destacando o recorte espacial em análise, através de abordagens locacionais, populacionais e o contexto urbano-regional amapaense. No primeiro capítulo apresentou-se, também, questões norteadoras da pesquisa, procedimentos metodológicos e operacionais e os objetivos da presente tese.

O segundo capítulo, intitulado: "Cidade, urbano e fronteira: especificidades regionais, teorias e práticas" trata, inicialmente, da questão urbana e as múltiplas possibilidades de pensar a cidade a partir de diferentes escalas e processos, especialmente na produção do espaço urbano amazônico, destacando a urbanodiversidade presente nas cidades da/na floresta. Na composição do segundo capítulo, após importantes reflexões que ponderam o processo urbano que a tese se pauta, realizou-se uma revisão teórica-conceitual, a partir dos conceitos de fronteira, limite, faixa de fronteira brasileira e das cidades gêmeas do território brasileiro com maiores expressividades populacionais e regionais, que se localizam em três distintas regiões geográficas brasileiras: Sul, Centro-Oeste e Norte. Portanto, trata-se de um importante capítulo que elucida diferentes estudos inerentes às cidades fronteiriças, preparando para as discussões e abordagens seguintes, que tratam especificamente da cidade gêmea de Oiapoque.

O terceiro capítulo, intitulado: "Possibilidades de vislumbrar o urbano fronteiriço franco-brasileiro", se debruça no entendimento da fronteira em análise e sua espacialidade intraurbana, estabelecendo diálogos com outras escalas geográficas. O capítulo apresenta singularidades regionais e locais e diferentes horizontes para se vislumbrar a produção do espaço urbano-fronteiriço, através de suas localidades, bairros e a dinâmica socioespacial neles contidos. O capítulo realça a paisagem urbana de Oiapoque, enquanto processo resultante de várias temporalidades e que na contemporaneidade, tem a fronteira enquanto

agente de sua composição, que em seu cotidiano resulta em práticas econômicas, sociais, políticas e culturais, representados por diferentes protagonistas, como os povos da florestas, indígenas, garimpeiros, ribeirinhos, migrantes, franco-guianenses, franceses, atores estes que interagem com a cidade no meio urbano amazônico e pan-amazônico, considerando a escala global deste território.

O quarto capítulo dedica-se à análise e compreensão da articulação de diferentes redes no território pesquisado, através da dinâmica da circulação de pessoas e transportes a partir do contexto fronteiriço. Por conseguinte, o capítulo intitulado: "Território-rede e a dinâmica da circulação de pessoas e transportes na fronteira", se dedicou na exposição e discussão de dados, inerentes a circulação de pessoas e transportes, responsáveis, pela conexidade territorial, tanto na escala intraurbana, quanto na escala regional e fronteiriça. A análise pautou-se na abordagem dos territórios-redes, por isso, considerou-se necessário uma sucinta discussão teórica acerca de conceitos fundantes, como: território, rede e território-rede, teorias que demonstraram grande potencial na compreensão e análise da circulação de transportes e pessoas no recorte espacial da pesquisa. Além da dimensão das redes técnicas, expressas pelas redes de circulação de transportes, incluiu-se ao final da análise do quarto capítulo, reflexões pontuais sobre a rede elétrica no Amapá e em Oiapoque e os desdobramentos da ponte Binacional, levando-se em consideração seu papel na interação fronteiriça, que pode promover a ampliação de trocas e redefinição dos territórios-redes, na fronteira franco-brasileira.

De modo amplo, todas as indagações e reflexões contidas nos diferentes capítulos apresentados buscam demonstrar a vivacidade do espaço fronteiriço estudado, realçando o quanto o entendimento da cidade de Oiapoque é indissolúvel da fronteira.

Tendo apresentado a estrutura geral da tese, bem como os caminhos metodológicos, o capítulo seguinte: "Cidade, urbano e fronteiras: especificidades brasileiras – teorias e práticas", constitui-se, no primeiro momento, de uma construção epistemológica e filosófica do entendimento do processo urbano em diferentes escalas, que procura enfatizar a importância da produção de conhecimentos sobre a urbanização em pequenas cidades fronteiriças, incluindo a urbanização na Amazônia, uma vez que essa discussão fundamenta-se nestas importantes temáticas.

Isto posto, o capítulo seguinte trata inicialmente sobre a questão urbana e as possibilidades de pensar a cidade a partir de diferentes escalas e processos. Na composição do capítulo, abordou-se também a construção conceitual e aplicações da fronteira no território brasileiro, a parir da faixa de fronteira e das cidades gêmeas.

1 CIDADE, URBANO E FRONTEIRA: ESPECIFICIDADES BRASILEIRAS - TEORIAS E PRÁTICAS

2 CIDADE, URBANO E FRONTEIRA: ESPECIFICIDADES BRASILEIRAS - TEORIAS E PRÁTICAS

Entre as diversas inquietações que possibilitaram reflexões para o desenvolvimento deste estudo, pondera-se algumas dimensões epistemológicas que motivaram e permitiram os alicerces da pesquisa. A construção e execução da presente investigação foi raciocinada à luz de uma epistemologia reflexiva, onde o pensamento filosófico Bachelardiano, propiciou a construção de um "espírito científico", a partir de inquietudes e não necessariamente hipóteses fixas e concebidas, mas sim, questões norteadoras sobre a realidade ora pesquisada. Nessa perspectiva, Bachelard (1971, p. 116) assinala que "para um espírito científico, todo o conhecimento é uma resposta a uma questão. Se não houver questão, não pode haver conhecimento científico. Nada é natural. Nada é dado. Tudo é construído".

Nesse sentido, o "vislumbrar" provocativo é colocado no título da tese, com intuito de apontar a produção de um espaço urbano fronteiriço sob a ótica que a ciência geográfica permite.

Destarte, o espírito cientifico evidenciado pelas desigualdades e multiplicidades nas diferentes formas vigentes de produção do espaço em diferentes escalaridades e temporalidades desperta questões norteadoras, que possibilitaram bases para a elaboração do projeto de pesquisa até chegar-se nesta tese, que permite, uma compreensão a partir de um olhar do urbano fronteiriço internacional em meio à vida amazônida.

Por essa razão, executou-se uma pesquisa comprometida com a criticidade na análise espacial aliada à produção de um conhecimento não homogeneizador. Pautando-se na epistemologia de Gaston Bachelard (1971, p. 119), onde se destaca a importância da visão holística e sistematizada da cultura científica e da produção de conhecimentos vastos:

> Resta-nos, depois, a tarefa mais difícil: colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialectizar todas as variáveis experimentais, dar, por último à razão razões para evoluir.

Com esta postura a pesquisa foi realizada à luz de um de pensamento que vai além do ato de meramente filosofar e teorizar os processos empíricos, o que limitaria a totalidade e levaria o risco de ter-se uma análise não fidedigna da realidade pesquisada. Este estudo considera relevante a integração de diferentes sujeitos para a compreensão do

fenômeno urbano investigado, a fim de contribuir para uma transformação, mesmo que pequena, e também na compreensão de uma importante espacialidade urbana territorial: a fronteira franco-brasileira.

Peixoto (1995, p. 60), a partir das concepções de Marx e Hegel, destaca a importância de uma filosofia e epistemologia (produtora de conhecimento) exclusivamente teórica e que se apresente na práxis transformadora, sendo, inclusive, capaz de superar positivamente as realidades investigadas no decorrer da pesquisa, frente à importância de aliar crítica, teoria e prática:

> A crítica em si, sem a mediação da prática, é morta, pois deixa a realidade intacta. Para que a teoria ganhe vida e se transforme num instrumento revolucionário, é necessário que deixe o plano eminente teórico e se concilie com a prática. É desta interação teórica-prática que surgirá a práxis revolucionária.

Desse modo, esta tese se configura por meio da execução de uma pesquisa baseada em diferentes lentes teóricas-conceituais que dialogam com as análises que aqui se apresentam, através de ideias, teorias, pensamentos e contribuições de diferentes autores que auxiliam na tentativa de análise/compreensão da sociedade e de seus diferentes processos de organização social, sobretudo por se tratar de cidades e fronteiras em que diferentes protagonistas urbanos produzem e realizam a vida cotidiana.

Portanto, buscou-se entender, através de uma geografia não homogeneizadora da realidade sócio-espacial, a produção do espaço urbano-fronteiriço franco-brasileiro, de uma forma que contemple diferentes agentes e sujeitos dessa produção espacial, o que permite engrandecer a importância de um urbano considerado pequeno, mas valioso, frente à centralidade que a fronteira internacional permite no contexto local, regional e nacional-global.

Estudos com a temática fronteiriça permitem diferentes olhares, frente às diversas ciências humanas e sociais que se dedicam à fronteira. Na Geografia, muitas são as áreas do saber geográfico que se dedicam ao entendimento de espaços fronteiriços, com destaque para a Geopolítica e Geografia Política. No entanto, destaca-se a importância da Geografia Urbana no desvelar que propomos para a fronteira franco-brasileira, tendo em vista as dinâmicas urbanas-regionais, analisadas nesta tese. Neste sentido, esta tese, preza por uma análise e a construção de um urbano-fronteiriço que sirva de inspiração para "outras fronteiras" vinculados a "outros urbanos", em sentidos amplos.

A partir da leitura de mundo principalmente oportunizados pela Geografia Urbana e pela Geografia Regional, muitas das proposições aqui discutidas estão vinculadas a esta

área do conhecimento geográfico, por ter a cidade como organismo vivo, complexo que vai além da matematização espacial atreladas a modelos quantitativos de compreensão espacial das cidades.

É nesta perspectiva que Silva (1992, p. 13) aponta que

> a Geografia Urbana, especialmente, tem procurado compreender os espaços geográficos das cidades como espaço social, resultado e parte de uma sociedade constituída de classes sociais. Os modelos de análise para compreensão, aplicados tradicionalmente, tratam-nas quase sempre como fenômeno único e universal [...].

Compreende-se o processo urbano em conformidade com Lefebvre (1968, p. 57), ao discutir o urbano enquanto uma realidade social composta de relações a conceber pelo pensamento. No entanto, o urbano não poderia ser concebido sem uma base, sem uma morfologia.

Cada vez mais as cidades se constituem como espaços geográficos que demandam de estratégias e políticas públicas, e ao longo do tempo, se constituíram como espaços que representam, ideologicamente, a ascensão social, espaços dotados de desenvolvimento e a oferta de bens e serviços diversos.

A grande quantidade de estudos e pesquisas urbanas no Brasil pode ser analisada, de maneira preliminar e genérica, tendo em consideração a predominância do número de habitantes brasileiros que vivem na cidade se comparados aos que vivem no campo, sejam nas metrópoles, em grandes cidades, nas capitais regionais e também em pequenas cidades localizadas em regiões fronteiriças, como é o caso de Oiapoque.

O Censo Demográfico realizado pelo IBGE (2010) apontou o considerável dado de que 84% da população brasileira vivem em áreas urbanas. Mesmo concordando com a necessidade de (re)pensar o significado do que é cidade - urbano e do que é campo – rural -, e de que muitos destes conceitos recaiam em abordagens dicotômicas e positivistas de campo-cidade, é aceitável de que tem-se nas estatísticas oficiais uma relevância para a busca de compreensões teóricas e práticas deste processo: a urbanização, e que este é fundamental na elaboração de estratégias de desenvolvimento territorial. Neste sentido, Silva (2011, p. 5), considera:

> Cidade e processo de urbanização decorrente são elementos essenciais na reestruturação e reterritoriarização do espaço, elementos centrais nas políticas de desenvolvimento regional. A cidade vista historicamente como local de liberdade, de novo modo de vida, de inovações e do moderno ajusta-se às novas funções acomodando seu papel de centro de comando. No Brasil, o desenvolvimentismo, enquanto meta oficial alterou substancialmente o espaço brasileiro.

Neste âmbito, é válido refletir além do processo de urbanização, mas refletir também sobre qual o papel e os impactos deste processo em diferentes escalas. Isto torna-se imprescindível para esta pesquisa sobre a importância e o papel da urbanização em cidades com diferentes arranjos sociais, demográficos e culturais.

2.1 A urbanização e a Amazônia: desafios e possibilidades

Na Geografia, a preocupação de estudar as pequenas cidades em diferentes contextos regionais é relativamente recente, principalmente em relação aos estudos que valorizem seus significados, representações sociais e seus papéis nos contextos regionais em que se localizam, assim como sua importância na estruturação e configuração de redes urbanas.

Fresca (2010, p. 75) aponta que se expandiram os estudos sobre as cidades pequenas, haja vista que a intensificação da reestruturação produtiva impôs para estas outras demandas que possibilitaram o desempenho de novas centralidades no contexto das redes urbanas, como o é caso da rede urbana amazônica, que possui características próprias em sua composição.

Soares e Melo (2009, p. 36) destacam o papel das pequenas cidades no contexto brasileiro e a capacidade destas em perspectivas de uma análise em maior totalidade:

> Em síntese, as pequenas cidades no Brasil, entendidas enquanto espacialidades que compõem a totalidade do espaço brasileiro, na condição de partes integrantes e interagentes, são marcadas pela diversidade. Tal característica pode ser entendida a partir do contexto regional em que estão inseridas, pelos processos promotores de sua gênese, bem como no conjunto de sua formação espacial.

É necessário considerar que as diversas redefinições no modo de produção do espaço geográfico brasileiro ao longo do tempo, a magnitude da extensão do território do país associada às diversidades e especificidades regionais, além de os estudos que priorizam a produção de espaços urbanos não metropolitanos ganham maior destaque na ciência geográfica, considerando a diversidade urbana não-metropolitana presente nos estados brasileiros.

A interiorização do ensino superior em todas as regiões do país, especialmente pelo Programa REUNI[4], criado pelo Decreto 6 096, de 24 de abril de 2007, pelo então

[4] De acordo com as diretrizes do plano geral da Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) o objetivo geral do REUNI foi de criar condições para a ampliação do acesso e permanência na

Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, possibilitou a criação de Cursos de Graduação em Geografia, tanto cursos de Licenciaturas e também os de Bacharelado, que impulsionaram e aumentaram os estudos sobre as cidades localizadas no interior dos estados brasileiros, sobretudo nas cidades com campus universitário e suas regiões de influência. É o caso de Oiapoque, com a criação de um campus universitário no interior do Amapá que hoje constitui-se como o Campus Binacional de Oiapoque da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

O IBGE é a principal instituição que atua na caracterização e denominação das cidades e seus respectivos portes e hierarquização no Brasil. Em 2008, o IBGE caracterizou 4473 centros locais. No entanto, seu principal critério para esta classificação é o populacional, o que possibilita uma caracterização homogeneizadora da realidade sócio-espacial e pouco reflexiva diante a diversidade regional brasileira.

Um exemplo para tal discussão é pensarmos a população da Grande Metrópole Nacional São Paulo, que tem sua estimativa populacional em 2020 o número de 12.325.232 habitantes, metrópole inserida no estado de São Paulo que conta com 46.289.333 habitantes.

Todavia, o estado do Amapá, ao qual esta pesquisa dá ênfase, tem em sua estimativa populacional no ano de 2020 o número de 861.773 habitantes. E o município de Oiapoque, em 2020, teve sua população estimada em 27.906 habitantes.

Se comparar de maneira absoluta as populações estaduais e municipais aqui apresentadas, é evidente que tem-se uma considerável discrepância populacional, onde os dados demográficos amapaenses seriam comparados aos micro setor censitários da cidade de São Paulo. Por essa razão, deve-se relativizar o critério populacional, visto que Oiapoque possui uma população pequena se comparada a um contexto metropolitano, apresentando a quarta maior população do estado do Amapá com dinâmicas urbanas-regionais particulares a sua realidade regional. Neste ínterim, Fresca (2010, p. 76) menciona:

> Em outras palavras, o número de habitantes como variável utilizada resultará em considerar cidades com populações similares como sendo pequenas, mas não levará em conta as especificidades de cada uma delas. Não permitirá que se entenda as diferentes inserções de cada núcleo urbano nas redes ou região, impedindo que se entenda seus

educação superior, no nível de graduação, para o aumento da qualidade dos cursos e pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais, respeitadas as características particulares de cada instituição e estimulada a diversidade do sistema de ensino superior. (BRASIL, 2007, p. 10).

> papéis, suas áreas de influência, suas integrações internas e externas às redes, dentre outros aspectos fundamentais para a consideração de uma cidade como sendo pequena. Evidente que dependendo do estudo e objetivos, nada impede que se utilize o número de habitantes, mas há que se fazer as ressalvas necessárias, acorde aos objetivos estabelecidos na pesquisa.

Milton Santos na obra: "Espaço e sociedade", destacou sobre o risco da generalização e nas classificações de cidades, cujos critérios se baseiam em elementos populacionais e/ou qualitativos (1982, p. 69-70):

> Quando se fala em cidades pequenas, a noção de volume da população vem logo à mente. Aceitar um número mínimo, como o fizeram diversos países e também as Nações Unidas, para caracterizar diferentes tipos de cidades no mundo inteiro, é incorrer no perigo de uma generalização perigosa. O fenômeno urbano, abordado de um ponto de vista funcional, é antes um fenômeno qualitativo e apresenta certos aspectos morfológicos próprios a cada civilização e admite expressão quantitativa, sendo isto outro problema.

Tais reflexões promovem questionamentos sobre o conceito de cidades pequenas, uma vez que não se deve restringir ao aspecto quantitativo de sua população. E, percebe-se a complexidade em conceituá-las, frente aos múltiplos elementos que esta oferece em sua análise. Endlich (2009, p. 87) pontua:

> O conceito de pequenas cidades é daqueles de difícil elaboração. As localidades assim denominadas oferecem elementos para discutir não só o conceito de pequenas cidades como o próprio conceito de cidade, pois nelas são avaliadas os qualificativos que devem compor o limiar entre a cidade e a não cidade. As pequenas cidades são localidades em que tais requisitos se apresentam, ainda que com patamares mínimos.

Priorizou-se nesta seara analítica a dimensão do cotidiano na pequena cidade, pela compreensão de que é no processo de reprodução social que é possível abordar dialeticamente a produção do urbano em diversas escalas analíticas, inclusive na pequena cidade.

Entende-se que há uma historicidade e temporalidades presentes na pequena cidade e no seu cotidiano, o que reflete no urbano produzido. Nesta seara, o cotidiano pode ser incorporado na análise da pequena cidade, por entender outras vertentes que não sejam exclusivas às lógicas hegemônicas e próprias do sistema capitalista.

Considerando que em muitas das pequenas cidades brasileiras, a lógica da cotidianidade prevalece influenciada sob a lógica capitalista de produção e reprodução do espaço urbano, mas, é comum uma dinamização tardia do território, por meio de técnicas e outras formas de articulação do local com o global.

Dessa forma, o cotidiano deve ser compreendido como a própria reprodução da vida dos habitantes da pequena cidade, sobretudo por meio das trocas, das representações sociais e da forma de ver o mundo. Gomes (2009, p.132), sobre o cotidiano em pequenas cidades, esclarece:

> Estudar o cotidiano em pequenas cidades significa estabelecer reciprocidade e implicações entre as diversas situações envolvidas, sendo necessário, portanto, entender que a cotidianidade que se instaura hoje no âmbito das pequenas cidades não pode mais ser concebida de forma desvinculada e desarticulada, sem relação estreita com as formas de organização e de existência da sociedade.

Lefebvre deixa o legado sobre uma sociologia do cotidiano que permite pensar e usar a cidade como valor de uso, não restrito ao seu valor de troca e consumo. Este valor de uso tem sua realização na reprodução do cotidiano e na crítica da vida cotidiana, afinal a vida e sua reprodução sobrepõem aos modos lógicos de reprodução do capital, que se relaciona à vida social e suas relações múltiplas estabelecidas espacialmente e cotidianamente.

De acordo com Seabra (1996, p.77) citada por Gomes (2009, p. 133), o cotidiano apresenta marcas e temporalidades distintas, conforme o pensamento lefebvriano:

> O cotidiano é ao mesmo tempo abstrato e concreto; institui-se a partir do vivido. Com isso ele traz o vivido ao pensamento teórico e mostra uma certa apropriação do tempo corpo e da espontaneidade vital. Apropriação esta sempre em vias de expropriação. O cotidiano, ele próprio, é uma mediação entre o econômico e o político. Objetivação de estratégias do Estado no sentido de uma gestão total da sociedade; lugar de realização da indústria cultural visando os modelos de consumo, no que se destaca o papel da mídia. Enfim, no cotidiano, entre o concebido e o vivido, travam-se lutas pelo uso, sempre envolvendo as particularidades na direção e com o sentido de firmarem-se como diferença.

É preciso considerar que a compreensão de uma cidade amazônica e, muitas vezes periférica, é tão complexa quanto a compreensão das cidades médias e/ou das metrópoles, principalmente ao considerar a cotidianidade contida na produção do espaço destas cidades.

Não se deve priorizar abordagens generalistas que considerem as pequenas cidades apenas como fornecedoras de bens e alguns serviços básicos à sua população em áreas restritas e pequenas. Estas são dotadas de grandezas que extrapolam os dados quantitativos.

Frisa-se que, a presente abordagem considera o espaço geográfico dotado de uma

historicidade, fruto de uma formação histórica, em que as nuances contidas neste processo histórico-espacial, possuem uma vivência, concepção e percepção expressas nas formas e conteúdos manifestados no espaço e na sua produção (LEFEBVRE, 1974).

E, principalmente, para analisar as especificidades locais, regionais e considerar que cada urbano e cada cidade tem sua individualidade e importância, que vão muito além de sua classificação tipológica e/ou hierárquica, deve-se priorizar a articulação das pequenas cidades com escalas regionais, nacionais e internacionais.

Tendo a produção do espaço urbano nas pequenas cidades brasileiras como advertências analíticas e, ao mesmo tempo, como possibilidades de olhares para a cidade, relacionou-se a esta questão a importância do processo de urbanização da Amazônia, principalmente pelo fato de que a área de estudo em questão localiza-se nesta região, merecendo atenção às suas especificidades urbanas-regionais.

Considerou-se a necessidade e cautela analítica em estudos urbanos amazônicos, sobretudo, em contextos não metropolitanos, por apresentarem especificidades urbanas-regionais que se diferem de outras realidades de produção espacial das cidades brasileiras, seja na análise do intraurbano, ou na análise dos fluxos e relacionamentos entre as cidades. Tais análises buscam responder à questão: afinal, a qual urbano amazônico esta pesquisa se refere?

Diante desta complexidade da dimensão da "urbanodiversidade", Trindade Júnior (2013, p. 5) propõe em uma perspectiva metodológica a diferenciação de "cidades da floresta" e "cidades na floresta", levando em consideração as diferentes formas da produção do espaço urbano amazônico:

> Tal proposição, de natureza conceitual, que estabelece o significado, a forma e o conteúdo da pequena cidade brasileira no passado e hoje, inspira-nos igualmente a propor, para o caso da Amazônia brasileira, a distinção entre as "cidades da floresta" e as "cidades na floresta". [...]. Ao reconhecermos as "cidades da floresta", busca-se estabelecer a diferenciação em face de outro tipo de cidade, as "cidades na floresta", que passaram a compor, a partir do processo mais intenso de integração regional ao espaço brasileiro, a nova estrutura urbana e territorial da Amazônia, notadamente na sua porção oriental.

Desse modo, a compreensão das "cidades da floresta", para o referido autor considera as diferentes características espaciais de pequenas cidades, onde muitas delas estão associadas à circulação fluvial e com dinâmicas próximas às relações com a natureza. O teórico esclarece, ainda, que as "cidades da floresta" eram predominantes na região até a década de 1960 e apresentam características de pequenas cidades associadas à circulação fluvial, com fortes elos em relação à dinâmica da natureza e à vida rural não

moderna. Além disso, tais cidades sempre estabeleceram densas articulações com os seus respectivos entornos ou localidades relativamente próximas como vilas, povoados, comunidades ribeirinhas, etc.

As “cidades na floresta” são aquelas que se articulam, sobretudo, às demandas da região, fazendo da floresta um elemento de pouca integração aos valores da vida urbana, e a tem principalmente como espaço de exploração econômica (TRINDADE JÚNIOR, 2013).

Neste sentido, aponta-se os estudos de Schor; Azenha; Bartoli (2018), que discutem sobre o complexo mosaico do entendimento do urbano amazônico, destacando a questão da dificuldade na definição do que é urbano e do que rural, onde destacam a necessidade de se pensar nas especificidades locais e/ou regionais, o que amplia a discussão da urbanodiversidade. Segundo os autores (2018, s/p, tradução nossa),

> Definir áreas urbanas e rurais na Amazônia, especialmente na Amazônia Ocidental no Brasil, é extremamente difícil, uma vez que as cidades desempenham funções tradicionalmente consideradas urbanas, mas de uma forma mais rudimentar do que o termo urbano normalmente considera. Pelas distâncias e pela falta de infraestrutura, a paisagem da urbanidade é única. A grande extensão dos municípios, muitas vezes mais parecidos com condados do que com cidades a prevalência única do transporte fluvial e as marcadas transformações sazonais nas paisagens e ocupação espacial humana criam uma geografia singular em que se fala do interior do município com muito mais propriedade do que de área rural.

Destarte, quanto a este processo, reflete-se que o urbano da/na Amazônia, em maiores escalas de análise, e o urbano pan-amazônico conectam-se com outras intensidades e temporalidades com suas cidades-sedes, bem como com seus interiores e, em geral, caracterizam outros modos de relacionamentos e mutualidades, o que se faz considerar outras perspectivas do que é o rural e do que é o urbano. Portanto, é essencial a inserção do interior dos municípios nas análises regionais no contexto amazônico brasileiro, inclusive na sua porção setentrional.

Corrêa (2006, p. 258) destaca o papel das pequenas cidades no contexto da rede urbana, o que se pode relacionar ao contexto amazônico, afirmando que estas são numerosas e geram, via de regra, expressiva densidade de centros que se situam a uma pequena distância média entre si, mesmo que estas possam variar de acordo com a densidade demográfica da região em que se localizam.

Neste sentido, em regiões densamente povoadas o número de centros e cidades com maiores articulações é elevado e a distância média entre eles é pequena. Por outro

lado, nas regiões escassamente povoadas o número de centros diminui, aumentando a distância média entre eles, como é o caso da realidade amazônica e, em especial, a cidade de Oiapoque.

Concorda-se, portanto, com Trindade Jr, (2015, p. 330), sobre considerar as particularidades e abordagens analíticas especificas para o urbano-amazônico, principalmente na proposição de políticas públicas regionais.

> [...] sugere-se uma leitura da diversidade urbana que se paute na análise crítica da interação cidade-região, chamando a atenção para outras abordagens do urbano e do desenvolvimento. Nesse sentido, visualiza-se a coexistência de tempos e de espaços diversos e, concomitantemente, fazem-se contrapontos a um modelo único de políticas públicas que insistem em negar as particularidades e singularidades da Amazônia, em nome da edificação de cidades modernas e distantes das verdadeiras potencialidades ecológicas e socioculturais locais e regionais.

Objetivou-se apresentar de maneira sucinta a importância de contextos urbanos não metropolitanos, sobretudo amazônicos, para pensar acerca das realidades regionais em que estão inseridos, bem como o quanto deve-se considerar suas especificidades expressas em seus modos de produção dos espaços urbano-regionais, principalmente na Amazônia brasileira e também no contexto pan-amazônico. Tal contexto revela uma extensa diversidade na sua produção espacial de suas cidades, incluindo aquelas localizadas na faixa de fronteira, o que reafirma, por sua vez, a urbanodiversidade inclusive nas cidades fronteiriças, como em Oiapoque. Ressalta-se que não é possível pensar em uma Amazônia homogênea e, tampouco, pensar desta forma o fenômeno urbano amazônico.

Na sequência, pretende-se abordar a discussão teórica-conceitual de fronteira, a partir de uma diversidade teórica analisada na revisão da literatura. Buscou-se, dentro deste conceito fundamental para a pesquisa, afirmar a importância deste tema para uma Geografia em totalidade. Além do conceito de fronteira, apresenta-se outros conceitos-chaves e temas que estão associados ao universo teórico-temático ao qual a tese se debruça, tais como: limites territoriais, faixa de fronteira e cidades gêmeas no território brasileiro e suas particularidades regionais.

2.2 Fronteira, fronteiras: percursos conceituais e práticos

> *O limite é algo que se insinua entre dois ou mais mundos, buscando a sua divisão, procurando anunciar a diferença e apartar o que não pode permanecer ligado. O limite insinua a presença da diferença e sugere a necessidade da separação. Entretanto, o limite pode ser visto por outros ângulos. Ele pode ser apresentado como algo que se coloca entre dois ou mais mundos, para que as suas diferenças possam ser compreendidas. Nesse sentido, o limite é apenas disfarce, quando concebido como instrumento do saber.* (HISSA, 2002, p. 19).

É imprescindível para a análise do processo de urbanização da Pan-Amazônia vinculado às localizações fronteiriças internacionais, discutir noções conceituais, concepções teóricas-metodológicas, sobre fronteira(s) e território, que permitem reflexões sobre o papel territorializador das redes e as múltiplas dinâmicas sócio-espaciais no contexto fronteiriço da urbanodiversidade amazônica, conceito discutido por Trindade Júnior (2013).

Aponta-se, neste caminho, sobre a magnitude dos estudos urbanos amazônicos e fronteiriços a perspectiva pan-amazônica implícita na análise, uma vez que as cidades fronteiriças provocam estabelecimentos de redes globais, além de promoverem a redefinição do papel de muitas cidades que estão localizadas no vasto território pan-amazônico.

Considera-se que fronteiras e limites pelo senso-comum, como conceitos pautados em análises superficiais, tendem a generalizá-los, classificando-os como sinônimos. No tocante às distintas concepções teórico-conceituais sobre fronteiras e limites, há nas ciências humanas e sociais, de maneira ampla, embates teóricos que se dedicam a esta questão.

De acordo com Martin (1997, p. 97), a discussão sobre a aplicabilidade destes conceitos associa-se à mobilidade e a imprecisão cartográfica na antiguidade, visto que "a identificação entre limite e fronteira internacional decorre provavelmente da mobilidade e da imprecisão cartográfica que na maior parte do tempo acompanharam o desenvolvimento das sociedades", principalmente pela necessidade de oficializar os limites territoriais.

A respeito de limite, Lia Osório Machado (1998, p. 42) destaca seu papel de indicar o fim daquilo que mantém coesa uma unidade político-territorial, ou seja, sua ligação interna. Segundo a autora, o limite é indissociável ao poder jurídico do Estado:

> [...] criado e mantido pelo governo central, não tendo vida própria e nem mesmo existência material, é um polígono e não está ligado à presença de gente, sendo uma abstração generalizada na lei nacional, sujeita às leis internacionais, mas distante, freqüentemente, dos desejos e aspirações dos habitantes da fronteira.

Assim, conforme Machado (1998), o limite se refere ao controle exercido por meio de acordos diplomáticos responsáveis pela delimitação e jurisdição do Estado-Nação, isto é, representa uma abstração instituída politicamente e reconhecida legalmente pela escala nacional e, ao mesmo tempo, é subordinada ao controle da legislação internacional.

Para o autor André Roberto Martin (1997, p. 47), atualmente o limite é reconhecido como linha e, por essa razão, não pode ser habitada, ao contrário da fronteira que representa uma zona que, frequentemente, é bastante povoada onde os habitantes de estados vizinhos podem desenvolver diferentes trocas.

Dessa maneira, o limite representa o poder do Estado no seu território, mas que não necessariamente é capaz de conter as interações sociais nos espaços em que está instituído, tendo como função essencial a demarcação territorial.

Nesse ínterim, Claude Raffestin (1993, p. 165) discute a questão de que o limite é

> Um sistema sêmico utilizado pelas coletividades para marcar o território: o da ação imediata ou o da ação diferenciada. Toda propriedade ou apropriação é marcada por limites assinalados no próprio território ou numa representação do território: plano cadastral ou carta topográfica.

Neste direcionamento, o limite é inseparável da dimensão do território e seu sentido físico revela-se importante para os estados na oficialização do seu poder e soberania, pautando-se em sua materialidade.

Para Cataia (2007, s/p.), a fronteira é associada ao limite que se configura como linha demarcatória absoluta, que serve para vigilância dos Estados-nações e é dotada de diferentes poderes que diferenciam um território nacional de outro, mas, por outro lado, além desta linha, existe uma zona de fronteira. O autor referido utiliza-se se Ratzel para esta proposição:

> A linha é um limite facilmente cartografável. Já a zona (menos a de guerra), é de difícil demarcação, flexível segundo os arranjos socioterritoriais dos campos de forças opostos. [...] Tendencialmente, a zona de fronteira dá origem à linha de fronteira. [...] Para Ratzel (1987). Tanto a linha quanto a zona fazem parte de um sistema de limites. [...] a zona representa a coisa real, a linha representa sua abstração. A linha

> pode ser desenhada, memorizada, medida e é estabelecida por uma decisão política, enquanto a zona é por essência indeterminada e não depende de decisões políticas para sua existência.

O autor Marcio Cataia escreve sobre o caráter da fronteira enquanto uma linha claramente demarcada no território, que envelopa um poder Constitucional com diferentes poderes permanentes de produção e execução de leis que se aplicam ao território demarcado (CATAIA, 2001, p. 45). Dessa forma, é a partir dos limites instituídos e demarcados politicamente que são conduzidas diversas decisões políticas-administrativas no território.

Ao longo da história do pensamento geográfico, os conceitos e aplicações de fronteira e limite tiveram uma base epistemológica, sobretudo na Geografia, com grandes aprimoramentos teóricos-conceituais que permitiram a incorporação de novas abordagens e perspectivas analíticas destas categorias e temas.

Já a fronteira, inicialmente, relacionava-se à blindagem territorial, que, de acordo com os pressupostos de Michel Foucher (1991) acerca da questão etimológica da palavra fronteira (frontière), destaca que o termo teria surgido no século XIV como adjetivo feminino do substantivo "front", "frontière".

Esclarece-se, então, que o uso da palavra ocorreu inicialmente por militares, que "iam ao front" para estabelecer uma blindagem territorial. Mas, ao passar dos anos foram edificados fortes de poderios militares que, posteriormente, passariam a se chamar de fronteira.

Dessa forma, a fronteira quase sempre esteve associada à geografia política clássica, sendo um conceito-chave de entendimento dos conflitos territoriais estabelecidos por diferentes poderes e relacionados aos limites rígidos que são instituídos politicamente pelos/nos Estados. Nesta perspectiva de fronteira, Bento (2013, p.11), acrescenta:

> Na fase inicial de vida dos Estados, criam-se fronteiras como instrumentos de divisão territorial entre Estados diferentes, vizinhos, sendo elas com ou sem rios e montanhas. Início ou fim de territórios, o objetivo das fronteiras, em tal fase inicial da história dos Estados, é o de separar territórios de Estados com a demarcação de limites, que são manifestações físicas da soberania territorial dos Estados. Fazem parte de tal fase da história dos Estados os tratados internacionais de limites e a demarcação dos limites territoriais, que estabelecem onde terminam e onde começam territórios de Estados diferentes e vizinhos.

Na contemporaneidade, as fronteiras representam potencialidades para o Estado, potencialidades essas diversas, como econômicas, políticas e culturais. O Estado as

considera, ou ao menos deveria considerar, como regiões e espaços estratégicos no seu controle e desenvolvimento. Nesse sentido, Bertha Becker (1988, p.67) afirma que a fronteira contém os elementos essenciais sobre o modo de produção dominante e da formação econômica e social em que se situa, assim como é um espaço não plenamente estruturado, dinâmico, onde as relações e as práticas não assumem o grau de cristalização comum em outras circunstâncias, visto que a fronteira é geradora de realidades novas, dotada de elevado potencial político.

Nesse viés, a reflexão contemporânea sobre a multiplicidade analítica das fronteiras traz a contribuição sociológica de José de Souza Martins que, em sua análise, discute o processo do avanço das fronteiras sob a ótica capitalista de produção espacial, essencialmente, no interior do território amazônico brasileiro. Na obra *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano* (2014), o autor traz contribuições significativas ao esclarecer sobre o papel das fronteiras enquanto espaços de encontros de sociedades e culturas, considerando a fronteira como lugar da liminaridade, da indefinição e do conflito, neste sentido para o sociólogo (MARTINS, 2014, p. 131):

> Na minha interpretação, nesse conflito, a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular. À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado, e os ditos civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da história.

Como menciona Serres (1997, p. 198), ao apontar a dimensão da fronteira para além de seus limites: “com efeito, senão fronteiras ou contornos, pois todo o limite se define de acordo com este mesmo princípio: nada pode estar/ser dentro e fora simultaneamente”. Acerca da diversidade que está intrínseca na conceituação de fronteira, Bento (2012, p. 2) pontua que:

> A palavra fronteira também não é neutra, mas carregada de valores. Para o exilado político, passar a fronteira significa libertação. Para o contrabandista, fronteira significa aflição. A palavra fronteira suscita sentimentos e valores diferentes. Mas ela é, também, uma palavra descritiva, designa o lugar do início ou do fim: início de um Estado, ou fim de outro Estado. Numa linha visível ou imaginária de fronteira, um Estado termina e outro começa. Fronteira é o fim do mundo para quem deixa o seu Estado de pertença; ou o início do mundo para quem volta ao seu Estado de pertença.

Atualmente, o conceito de limite e fronteira está associado também a outras

abordagens do conhecimento geográfico e das ciências sociais, como às temáticas culturais, ambientais, econômicas, de desenvolvimento regional e, neste estudo, com ênfase à questão urbana-fronteiriça.

Em suma, a visão de fronteira adotada nesta pesquisa a considera enquanto uma categoria de análise pautada em uma abordagem contemporânea do tema. Nesse sentido, registra-se a importância da fronteira no entendimento da produção do espaço regional, através de uma amplitude analítica que se vincula ao cotidiano da fronteira, frente às possibilidades que permite o entendimento de contextos sociais capazes de uma maior fidedignidade e apreensão das relações fronteiriças, estabelecidas territorialmente na área de estudo em questão em meio à Amazônia e suas possibilidades analíticas.

Sobre o entroncamento teórico entre fronteira e Amazônia, considera-se a relevância intelectual deixada pela geógrafa Bertha Becker, que foi muito perspicaz ao considerar a Amazônia como fronteira que exige nova definição mais complexa e necessária, que seja capaz de captar sua especificidade, sobretudo porque é necessário analisá-la como espaço excepcionalmente dinâmico e contraditório, em suas relações com maiores totalidades que é parte (BECKER, 1988).

Diante do exposto, constata-se que a compreensão da dimensão de fronteira é ampla, porém, seu papel enquanto espaço de interações sociais representa territórios de múltiplas trocas, com singularidades específicas às suas localizações que, nesta análise, revelam na espacialidade urbana marcas do dinamismo dos fluxos e articulações de redes territoriais fronteiriças.

Assim, cabe ressaltar que a presente pesquisa coaduna com os postulados de Raffestin, ao afirmar que se conhece pouco sobre a dimensão desses espaços de fronteira, se ignora tudo ou quase tudo de suas estruturas. Nos termos do autor, para revelar essas estruturas é necessário encontrar o meio de analisar as relações que se nutrem dentro das regiões fronteiriças, tanto entre elas quanto em relação ao resto do país, de regiões com as quais mantém um vínculo de dependência (RAFFESTIN, 1974, p. 221).

Frente a esta diversidade teórico-prática representada pela fronteira discutida anteriormente, sabe-se que o território brasileiro possui um vasto território fronteiriço e apresenta inúmeras possibilidades de análise e interpretação. Nesse sentido, existem espaços urbanos no Brasil em que as dinâmicas territoriais estabelecidas nas fronteiras são mais intensas, diante da localização e ao curto distanciamento geográfico entre diferentes países.

Desta forma, é pertinente incluir na análise o entendimento da faixa de fronteira e

das cidades gêmeas, considerando suas especificações teóricas, políticas e práticas, uma vez que a área de estudo central desta tese é classificada como tal. Com isso, o subtítulo a seguir objetiva traçar a partir das complexidades existentes no estabelecimento da faixa de fronteira no território brasileiro, bem como das cidades gêmeas que são os municípios em território nacional, que tem seus espaços mais dinamizados em função da centralidade que a fronteira exerce em seus respectivos territórios.

2.3 Faixa de Fronteira e Cidades gêmeas no território brasileiro

Intenciona-se nesta seção discutir, inicialmente, os conceitos e definições de faixa de fronteira instituídas pelo Estado, destacando sua diversidade regional presente no território brasileiro, além da importância dos Arcos e suas Sub-regiões no planejamento e desenvolvimento nacional e internacional.

Na sequência, discute-se a conceituação e a compreensão da importância das cidades gêmeas em seus contextos fronteiriços, ressaltando suas particularidades demográficas. É válido elucidar que, para esta etapa da pesquisa, foi necessário a consulta às de Leis, Planos e Políticas fronteiriças, através de levantamento prévio e revisão documental.

É importante mencionar a constante consulta no Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PDFF - 2005) e da Consolidação dos Planos de Desenvolvimento e Integração das Faixas de Fronteira (PDIF - 2017), selecionados por suas complexidades apresentadas e pelas distintas temporalidades nas quais foram produzidos. Em ambos os momentos, utilizou-se da cartografia, para representar espacialmente a fronteira internacional no território brasileiro.

2.3.1 Faixa de Fronteira

O território brasileiro é marcado por suas diversidades naturais e sociais, através de sua considerável extensão territorial que resulta em diferentes expressões, simbolismos, formas e modos de produção espacial, que revelam múltiplas escalas de análise e modos de compreender o território em totalidades e escalas analíticas maiores.

As fronteiras internacionais integram o território brasileiro e representam, também, vastas expressões e representações sociais. Desse modo, tais fronteiras figuram

como espaços de grande dinâmica e transformações das relações socioespaciais estabelecidas no território brasileiro, ao longo do tempo, necessitando, portanto, de políticas públicas que promovam a interação entres os diferentes países e que garantam, principalmente, a qualidade de vida para as populações fronteiriças.

Um marco político importante para o desenvolvimento da faixa de fronteira brasileira, está o documento que trata da oficialização da consolidação dos planos de desenvolvimento e integração das faixas de fronteira. O documento destaca, ainda, a historicidade da faixa de fronteira, presente no território brasileiro (BRASIL, 2017, p. 9):

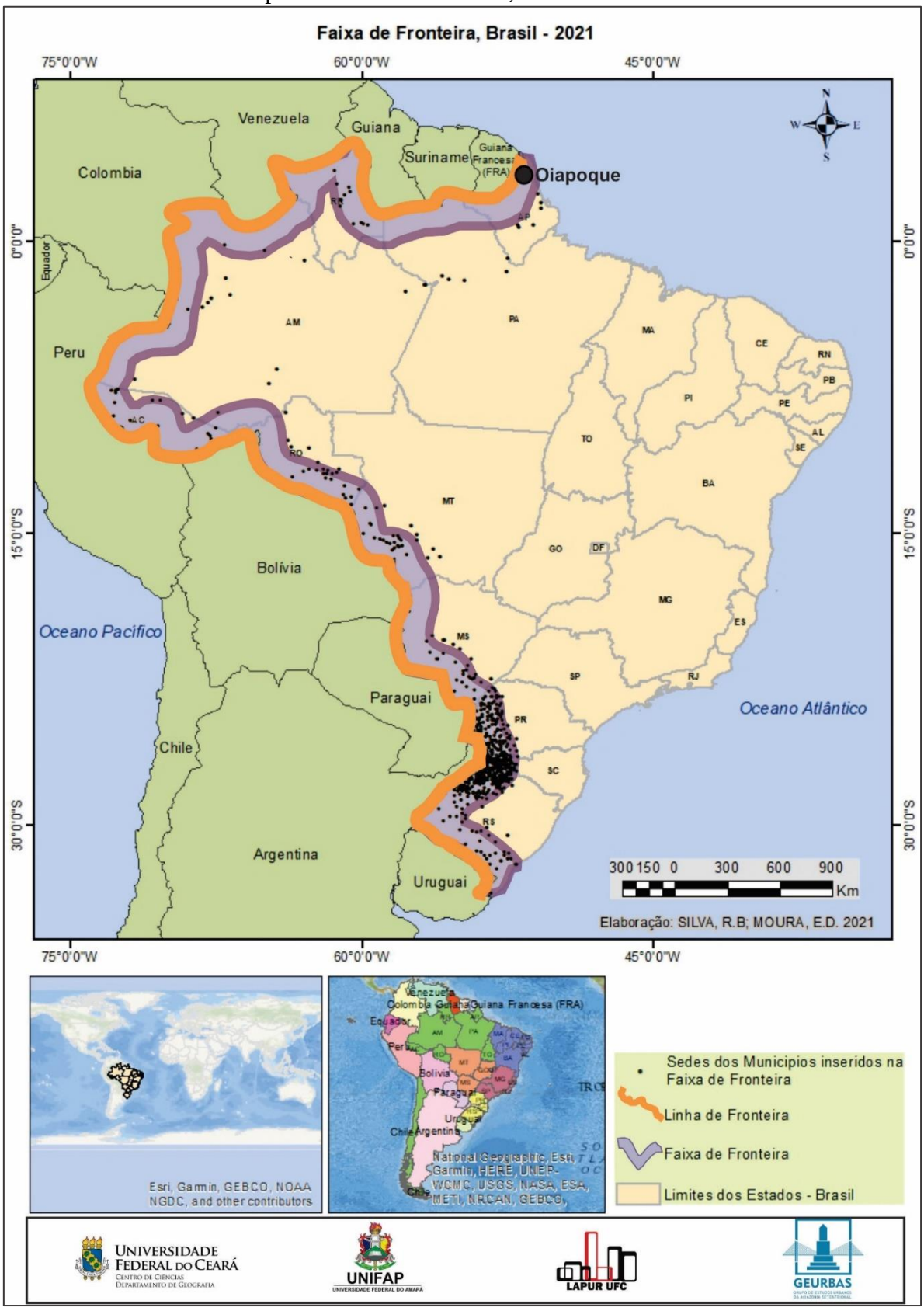
> A Faixa de Fronteira resulta de um processo histórico que teve como base a preocupação do Estado com a garantia da soberania territorial desde os tempos da Colônia. A principal legislação em vigor sobre a Faixa de Fronteira foi promulgada em 1979, mas o espaço territorial de segurança paralelo à linha de fronteira existe desde o Segundo Império. Sob o governo de Dom Pedro II a largura estabelecida foi de dez léguas ou 66 quilômetros. Desde então, a extensão da Faixa de Fronteira foi sendo alterada, primeiramente para 100 e nos anos trinta para 150 quilômetros, permanecendo até hoje. A Constituição de 1988 avalizou essa disposição que manteve o ideal focado na defesa territorial. A Lei nº 6.634, de 1979, ainda persiste como a referência jurídica sobre a Faixa de Fronteira, que corresponde a aproximadamente 27% do território Nacional com 15.719 km de extensão. Abriga cerca de 10 milhões de habitantes de 11 estados Brasileiros, e lindeia a 10 países da América do Sul.

Ao longo do território brasileiro, quinhentos e oitenta e oito (588) municípios integram a faixa de fronteira[5], inseridos nas Regiões Norte, Centro-Oeste e Sul. A Faixa de Fronteira caracteriza-se geograficamente por ser uma faixa de até 150 km de largura ao longo de 15.719 km da fronteira terrestre brasileira, que abrange 588 municípios de onze estados brasileiros: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima e Santa Catarina. Essa área corresponde a 27% do território brasileiro e reúne uma população estimada em dez milhões de habitantes (BRASIL, 2017).

[5] A faixa de fronteira é instituída pela Lei nº 6.634, de 02/05/79, regulamentada pelo Decreto nº 85.064, de 26/08/1980. Ela corresponde a faixa interna na extensão de 150 km de largura, paralela à linha divisória terrestre do território nacional, agregando informações, identificação, classificação do município dentro da faixa, considerando-os como: fronteiriço, parcial ou totalmente na faixa (IBGE, 2018).

O mapa 7 apresentado na sequência foi produzido com a intenção de localizar a faixa de fronteira, além de exibir a localização das sedes dos municípios brasileiros que possuem territórios inseridos na mesma. Optou-se, inclusive, por destacar a localização de Oiapoque, por ser a principal área de estudo desta tese.

Mapa 7 – Faixa de fronteira, Brasil - 2021



Fonte: IBGE (2019); DNIT (2021). Elaboração: MOURA, E. D; SILVA, R. B. 2021.

Logo, a faixa de fronteira representa mais que seu caráter locacional, significa sobretudo, uma regionalização capaz de pensar o desenvolvimento do território fronteiriço nacional, levando em consideração as especificidades regionais em consonância com as particularidades estrangeiras dos outros lados do limite nacional, considerando que o Brasil faz fronteira com dez países da América do Sul, fato esse que poderia promover o desenvolvimento nacional e internacional, através da integração econômica e da interação social entre as diferentes nacionalidades.

Grosso modo, as Políticas e Programas de desenvolvimento da faixa de fronteira tem como objetivo principal promover o desenvolvimento da Faixa de Fronteira por meio de sua estruturação física, social e produtiva, com ênfase na ativação das potencialidades locais e na articulação com outros países da América do Sul. Com esse propósito, buscar-se-á implementar iniciativas que respeitem a diversidade da região e sigam as diretrizes da Política Nacional de Desenvolvimento Regional –PNDR (BRASIL, 2017).

Além disso, cabe mencionar o importante [6]Programa de Promoção de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PDFF), que é composto por 3 arcos de desenvolvimento: Central, Sul e Norte e espaços sub-regionais. De acordo como o PDFF (2003), para a criação das sub-regiões desses arcos, considera-se a base produtiva e a identidade cultural.

Consoante o Plano em questão, a unidade do Arco deriva do caráter de transição entre a Amazônia e o Centro-Sul do país e de sua posição central no subcontinente.

O Arco Norte é caracterizado pelo predomínio de indígenas e pardos, enquanto o Arco Central, especialmente a partir do Pantanal, tem-se o predomínio de população parda, brancos e negros em municípios de antigos quilombos em Mato Grosso. No Arco Sul, em função do processo de colonização, é caracterizado pela presença do branco de origem europeia (BRASIL, 2017; PDFF, 2003).

À vista disso, os Arcos estão distribuídos nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sul, conforme representa a tabela 4, na sequência:

[6] Registra-se que o Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira é implementado mediante o estabelecimento de parcerias estratégicas, busca a transversalidade institucional para a integração de ações convergentes. O PDFF visa a agregar contribuições específicas à estruturação da Faixa de Fronteira, contemplando ações de planejamento estratégico, de apoio a atividades econômicas, de infra-estrutura urbana e de melhorias sociais na região. (BRASIL; PDFF, 2003, p. 24).

Tabela 4: Arcos região Norte, Centro Oeste e Sul

ARCO NORTE	
ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS
Amapá	8
Pará	5
Roraima	15
Amazonas	21
Acre	22
TOTAL DE MUNICÍPIOS DO ARCO NORTE	71
ARCO CENTRAL	
ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS
Rondônia	27
Mato Grosso	28
Mato Grosso do Sul	44
TOTAL DE MUNICÍPIOS DO ARCO CENTRAL	99
ARCO SUL	
ESTADOS	NÚMERO DE MUNICÍPIOS
Paraná	139
Santa Catarina	82
Rio Grande do Sul	197
TOTAL DE MUNICÍPIOS DO ARCO SUL	418
TOTAL DE MUNICÍPIOS NOS TRÊS ARCOS	**588**

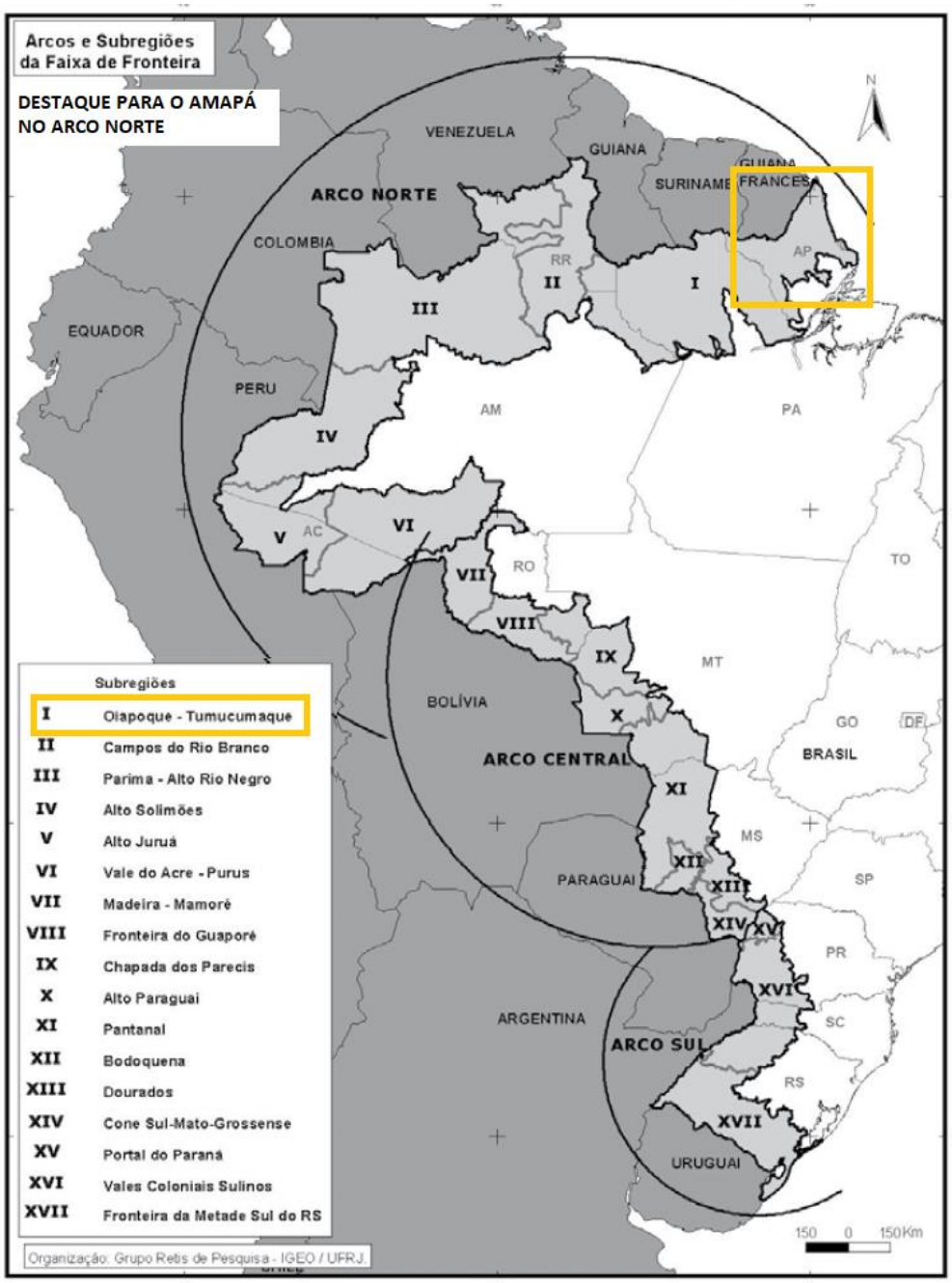
Fonte: BRASIL (2003; 2017). Elaborado por: Moura (2021).

Diante do exposto, considera-se, assim, que os Arcos e Sub-regiões da Faixa de Fronteira permitem otimizar o aproveitamento de peculiaridades da organização social e das características produtivas locais: sociais, econômicas, políticas e culturais. Dessa forma, a Faixa de Fronteira foi dividida em três grandes arcos – Norte, Central e Sul – e, preliminarmente, em 17 sub-regiões (BRASIL; PDFF, 2005, p.32).

O mapa 8 apresentado na sequência localiza os Arcos e suas sub-regiões, além disso, realizou-se uma adaptação cartográfica para destacar o estado do Amapá dentro do

Arco Norte, bem como a sub-região I – Oiapoque – Tumucumaque, na legenda.

Mapa 8: Arcos e suas sub-regiões



Fonte: BRASIL; PDFF (2005). Adaptado por: Edenilson Moura (2021).

A seguir, intenciona-se detalhar acerca do Arco Norte, por inserir em sua composição o estado do Amapá e a fronteira franco-brasileira.

2.3.2 Arco Norte

Como o principal objeto empírico deste estudo pertence ao Arco Norte, esclarece-se, com maior detalhamento, as particularidades deste eixo de desenvolvimento, levando em consideração os municípios da Faixa de Fronteira da Região Norte (exceto o estado de Rondônia, que está inserido no Arco Central) e suas classificações segundo as sub-regiões, propostas pelo PDFF. Como destacado na tabela acima, o Arco Norte compreende municípios localizados nos estados do Amapá, Amazonas, Acre, Pará e Roraima.

O Arco está subdivido em seis sub-regiões, a saber: Sub-região Oiapoque-Tumucumaque (Sub-região Cultural Arco Indígena Oiapoque-Tumucumaque); Sub-região Campos do Rio Branco (Sub-região Cultural Campos do Rio Branco); Sub-região Parima–Alto Rio Negro (Sub-região Cultural Arco Indígena Parima–Pacaraima/RR e Sub-região Cultural Arco Indígena Alto Rio Negro/ AM); Sub-região Alto Solimões (Sub-região Cultural Alto Solimões); Sub-região Alto Juruá (Sub-região Cultural Alto Juruá-Javari) e Sub-região Vale do Acre– Alto Purus (Sub-região Cultural Vale do Acre–Alto Purus). O quadro 3 elaborado e apresentado a seguir apresenta os municípios inseridos nas sub-regiões do Arco Norte.

Quadro 3: Municípios inseridos nas sub-regiões do Arco Norte

ARCO NORTE E SUAS SUBDIVISÕES
SUB-REGIÃO OIAPOQUE-TUMUCUMAQUE - SUB-REGIÃO CULTURAL ARCO INDÍGENA OIAPOQUE-TUMUCUMAQUE Inclui os municípios de**: *Oiapoque**, Laranjal do Jarí, Pedra Branca do Amapari, Serra do Navio, Ferreira Gomes, Pracuúba, Calçoene, Amapá no Estado do Amapá; Alenquer, Almeirim, Faro, Oriximiná, Óbidos no Estado do Pará; Urucará, Nhamundá no Estado do Amazonas; Caroebe, São João da Baliza e São Luiz do Anauá no Estado de Roraima. ***Grifo nosso.**
SUB-REGIÃO CAMPOS DO RIO BRANCO - SUB-REGIÃO CULTURAL CAMPOS DO RIO BRANCO **Inclui os municípios de: Boa Vista, Bonfim, Cantá, Caracaraí, Mucajaí, Normandia, Rorainópolis, Pacaraima e Uiramutã (dentro da Terra Indígena Raposa-Serra do Sol) no Estado de Roraima.**
SUB-REGIÃO ALTO SOLIMÕES - SUB-REGIÃO CULTURAL ALTO SOLIMÕES **Inclui os municípios de: Tabatinga, Benjamim Constant, Atalaia do Norte, São**

Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Jutaí, Tonantins no Estado do Amazonas (Fonte Boa, situada fora da Faixa de Fronteira, faz parte da Mesorregião do Alto Solimões).
SUB-REGIÃO PARIMA–ALTO RIO NEGRO - SUB-REGIÃO CULTURAL ARCO INDÍGENA PARIMA–PACARAIMA/RR E SUB-REGIÃO CULTURAL ARCO INDÍGENA ALTO RIO NEGRO/ AM **Inclui os municípios de: Alto Alegre, Amajari, Iracema no Estado de Roraima; Barcelos, Japurá, São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do Rio Negro no Estado do Amazonas.**
SUB-REGIÃO ALTO JURUÁ - SUB-REGIÃO CULTURAL ALTO JURUÁ-JAVARI **Inclui os municípios de: Envira, Guajará, Ipixuna no Estado do Amazonas; Cruzeiro do Sul, Feijó, Jordão, Mâncio Lima, Manoel Urbano, Marechal Thaumaturgo, Porto Walter, Rodrigues Alves, Santa Rosa do Purus e Tarauacá no Estado do Acre.**
SUB-REGIÃO VALE DO ACRE– ALTO PURUS - SUB-REGIÃO CULTURAL VALE DO ACRE– ALTO PURUS **Inclui os municípios de: Acrelândia, Assis Brasil, Brasiléia, Bujari, Capixaba, Epitaciolândia, Plácido de Castro, Porto Acre, Rio Branco, Sena Madureira, Senador Guiomar e Xapuri no Estado do Acre; Boca do Acre, Canutama, Lábrea e Pauini no Estado do Amazonas.**

Fonte: BRASIL (2017). Elaborado por: Moura (2021).

Salienta-se que no detalhamento no PDFF de 2005 acerca da Sub-região I do Arco Norte (Oiapoque – Tumucumaque), não foi considerado e/ou mensurado a interação específica da cidade de Oiapoque com a Guiana Francesa.

Certamente, do ano de 2005 ao período contemporâneo, as interações nesta fronteira, sofreram mudanças importantes no relacionamento entre o Brasil e a Guiana Francesa. Um exemplo é a construção e abertura da Ponte Binacional, fatos que ocorreram depois de mais de uma década do PDFF de 2005. Por este motivo, certamente, a Sub-Região Oiapoque-Tumucumaque conta hoje com outras especificidades no arranjo local que culmina em outras lógicas do desenvolvimento da Faixa de fronteira. Na sequência, tem-se o detalhamento da Sub-região I – Oiapoque – Tumucumaque (BRASIL; PDFF, 2005, p. 34):

> A Sub-Região I caracteriza-se por englobar uma grande extensão da Floresta Amazônica, além de áreas de Campo e Savana. Estende-se desde a foz do Oiapoque até o Sul do Estado de Roraima e o Noroeste do Estado do Amazonas; apresenta baixa densidade de povoamento

> com mobilidade transfronteiriça intermitente de grupos indígenas. Sua base produtiva está ligada à extração florestal (madeira e lenha) e mineral (bauxita), agricultura (mandioca e banana), pecuária (bubalinos e bovinos) e silvicultura (indústria de papel). Apresenta problemas de invasão de áreas indígenas pelos madeireiros e pelos garimpeiros, além de destruição da floresta pela extração desordenada. Predominam o emprego urbano e o trabalho autônomo. Além disso, está marcada por baixo grau de desenvolvimento regional, reduzido grau de empresariamento, baixa densidade social e elevado grau de analfabetismo da população. A presença de pequenas indústrias (processamento de alimentos, ração e moagem, frigoríficos e laticínios, serrarias, pasta/celulose em Laranjal do Jari, movelaria, piscicultura, maquinário e equipamentos, cerâmica, construção, têxtil/confecção) voltadas para o mercado interno e externo sinaliza certo potencial de desenvolvimento industrial da região, caso cresça a oferta de energia com a expansão de redes de distribuição.

No que diz respeito às particularidades da fronteira do Amapá, o recente estudo que trata da consolidação dos planos de desenvolvimento e integração das faixas de fronteira (BRASIL, 2017, p. 65) considera que o estado do Amapá, por estar localizado estrategicamente numa região de fronteira internacional, apresenta uma situação favorável para a realização de parcerias comerciais com os países limítrofes, a exemplo do que já ocorre em relação à Guiana Francesa. Mas, o plano não menciona ou mensura as características deste relacionamento específico da fronteira Amapá-Guiana Francesa,

Observa-se disparidades locacionais e populacionais na composição dos três Arcos de desenvolvimento da faixa de fronteira, o que justifica levar em consideração as particularidades de cada fronteira na gestão territorial e no planejamento regional, a fim de atenderem as demandas e desafios na integração nacional e internacional de cada fronteira, representadas nas cidades e/ou municípios do território brasileiro, assim como a interação destas com o território internacional.

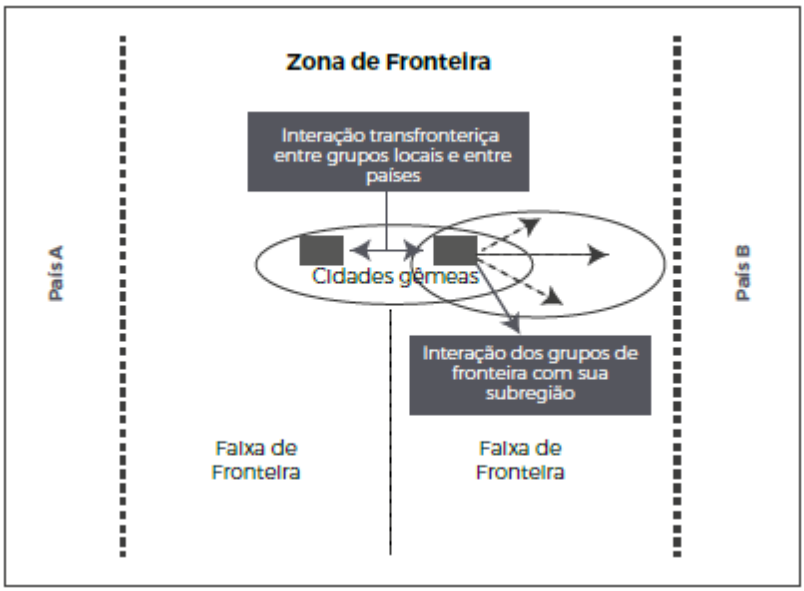
Nessa perspectiva, é importante explicar as diferenças de localização e classificação oficial utilizadas nos municípios brasileiros, principalmente no que tange à localização geográfica e o contexto de aproximação do limite internacional. Diante isso, tem-se os seguintes critérios e classificação (BRASIL, 2017, p.15 – grifo nosso):

> Os 588 municípios da Faixa de Fronteira do Brasil apresentam situação geográfica distinta em relação à linha de fronteira. Em função da posição geográfica dos municípios em relação à linha de fronteira é possível separá-los em dois grandes grupos, **os lindeiros e os não-lindeiros,** sendo que o grupo dos municípios lindeiros pode ser subdividido em outros três subgrupos: 1) aqueles em que o território do município faz limite com o país vizinho e sua sede se localiza no limite internacional, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho **(cidades gêmeas)**; 2)

> aqueles cujo território faz divisa com o país vizinho, mas cuja sede não se situa no limite internacional; e 3) aqueles cujo território faz divisa com o país vizinho, mas cuja sede está fora da Faixa de Fronteira. O grupo dos municípios não-lindeiros, situados à retaguarda da faixa, pode ser dividido em dois subgrupos: 1) aqueles com sede na Faixa de Fronteira e 2) aqueles com sede fora da Faixa de Fronteira.

Logo, as proximidades geográficas são preponderantes no grau de interação entre os diferentes países, interações essas de caráter econômico, cultural e social. O esquema apresentado na sequência (figura 1), considerado pelo então Ministério da Integração, ilustra bem os diferentes modos de interação das localizações fronteiriças situadas na faixa de fronteira.

Figura 1: Zona de Fronteira



Fonte: BRASIL; PDFF; 2005; 2017.

Em relação aos diferentes níveis de interação, o Estado brasileiro considera, de acordo com o PDFF, cinco diferentes níveis e tipologias da interação transfronteiriça, a saber: margem, zona-tampão, frentes, capilar e sinapse. O quadro 4 elaborado e apresentado na sequência elucida as particularidades de cada uma das classificações dos diferentes graus de interação na fronteira.

Quadro 4: Tipologias da Interação Fronteiriça

TIPOLOGIAS DA INTERAÇÃO FRONTEIRIÇA	
MARGEM	Caracteriza-se por um tipo de interação em que a população fronteiriça de cada lado do limite internacional mantém pouco contato entre si, exceto de tipo familiar ou para modestas trocas comerciais. As relações são mais fortes com a estrutura nacional de cada país do que entre si. A ausência de infraestrutura conectando os principais núcleos de povoamento é uma característica do modelo.
ZONA-TAMPÃO	Aplica-se às zonas estratégicas onde o Estado central restringe ou interdita o acesso à faixa e à zona de fronteira, criando parques naturais nacionais, áreas protegidas ou áreas de reserva, como é o caso das terras indígenas.
FRENTES	Caracteriza-se pelas frentes de povoamento. No caso das interações fronteiriças, a "Frente" também designa outros tipos de dinâmicas espaciais, como a frente cultural (afinidades seletivas), a frente indígena ou a frente militar.
CAPILAR	As interações do tipo Capilar podem ocorrer somente no nível local, como no caso das feiras, exemplo concreto de interação e integração fronteiriça espontânea. Pode ocorrer por meio de trocas difusas entre vizinhos com limitadas redes de comunicação, ou resultam de zonas de integração espontânea, nas quais o Estado intervém pouco, principalmente não investindo na construção de infraestrutura de articulação transfronteiriças.
SINAPSE	Este modelo refere-se à presença de alto grau de troca, entre as populações fronteiriças, apoiada pelos Estados contíguos. As cidades gêmeas mais dinâmicas podem ser caracterizadas de acordo com esse modelo

Fonte: BRASIL (2017, p. 17). Elaborado por: Moura (2021).

Salienta-se, ainda nesta seção, a atualização da política fronteiriça nacional considerando a atuação, principalmente, sobre a faixa de fronteira que, em 28 de dezembro de 2020, o Ministério do Desenvolvimento Regional estabeleceu por meio da Portaria Nº 3.227 o Programa Fronteira Integrada (PFI), como iniciativa de implementação da Política Nacional de Desenvolvimento Regional que, segundo alguns de seus artigos (BRASIL, 2020, grifo nosso), apresentam-se como potenciais de desenvolvimento da faixa de fronteira:

> Art. 1º Estabelecer o Programa Fronteira Integrada, doravante denominado simplesmente PFI, no âmbito do Ministério do Desenvolvimento Regional, como iniciativa de implementação da Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR), instituída pelo Decreto n. 9.810, de 30 de maio de 2019.
>
> Art. 2º O Programa Fronteira Integrada tem a finalidade de reduzir as desigualdades econômicas e sociais no território da faixa de fronteira por meio da criação de oportunidades de desenvolvimento que resultem em crescimento econômico, geração de renda, melhoria da infraestrutura urbana e qualidade de vida da população.
>
> Art. 3º O Programa Fronteira Integrada atuará na sub-região especial da faixa de fronteira, conforme disposto no inciso II, do art. 5º do Decreto n. 9.810, de 2019, preferencialmente:
> I - nas **cidades gêmeas**, conforme Portaria MI n. 125, de 21 de março de 2014, e atualizações [...]

Pelo curto tempo, da promulgação da Portaria em análise, que oficializou a criação do PFI, espera-se que este instrumento político cumpra a médio e longo prazo ao menos parte dos seus principais objetivos que, desse modo, podem possibilitar entre outras coisas, a melhoria de vida das pessoas que moram na região fronteiriça brasileira, em especial nas cidades gêmeas, como grifado no Art. 3º. Ressalta-se que a Portaria em questão possui 7 Artigos.

Reafirma-se, dessa maneira, o papel da Faixa de Fronteira, enquanto uma regionalização e critério para o desenvolvimento da política nacional e internacional, incluindo nesta análise a vasta extensão territorial do Brasil que faz fronteira com quase todos os países da América do Sul, exceto com o Equador e o Chile. Nesta dimensão, a Faixa de Fronteira traz distintas possibilidades, considerando as especificidades regionais e locais, impossibilitando a padronização das ações e de gestão política à medida que incrementam os aspectos, proporcionando uma melhor relação sul-americana e no caso, específico da fronteira franco-brasileira, um relacionamento e interação fronteiriça com a Europa.

Nesta discussão sobre a interação fronteiriça entre diferentes países, têm-se as cidades gêmeas que materializam ou não tais relacionamentos políticos, sociais e culturais. No subtítulo a seguir, intenciona-se apresentar uma discussão sobre as cidades gêmeas brasileiras em seus respectivos contextos fronteiriços e regionais, com o objetivo de traçar um panorama capaz de elucidar a diversidade regional que estão inseridas, a partir das relações e processos fronteiriços estabelecidos em seus respectivos territórios.

2.4 Cidades gêmeas nas regiões brasileiras

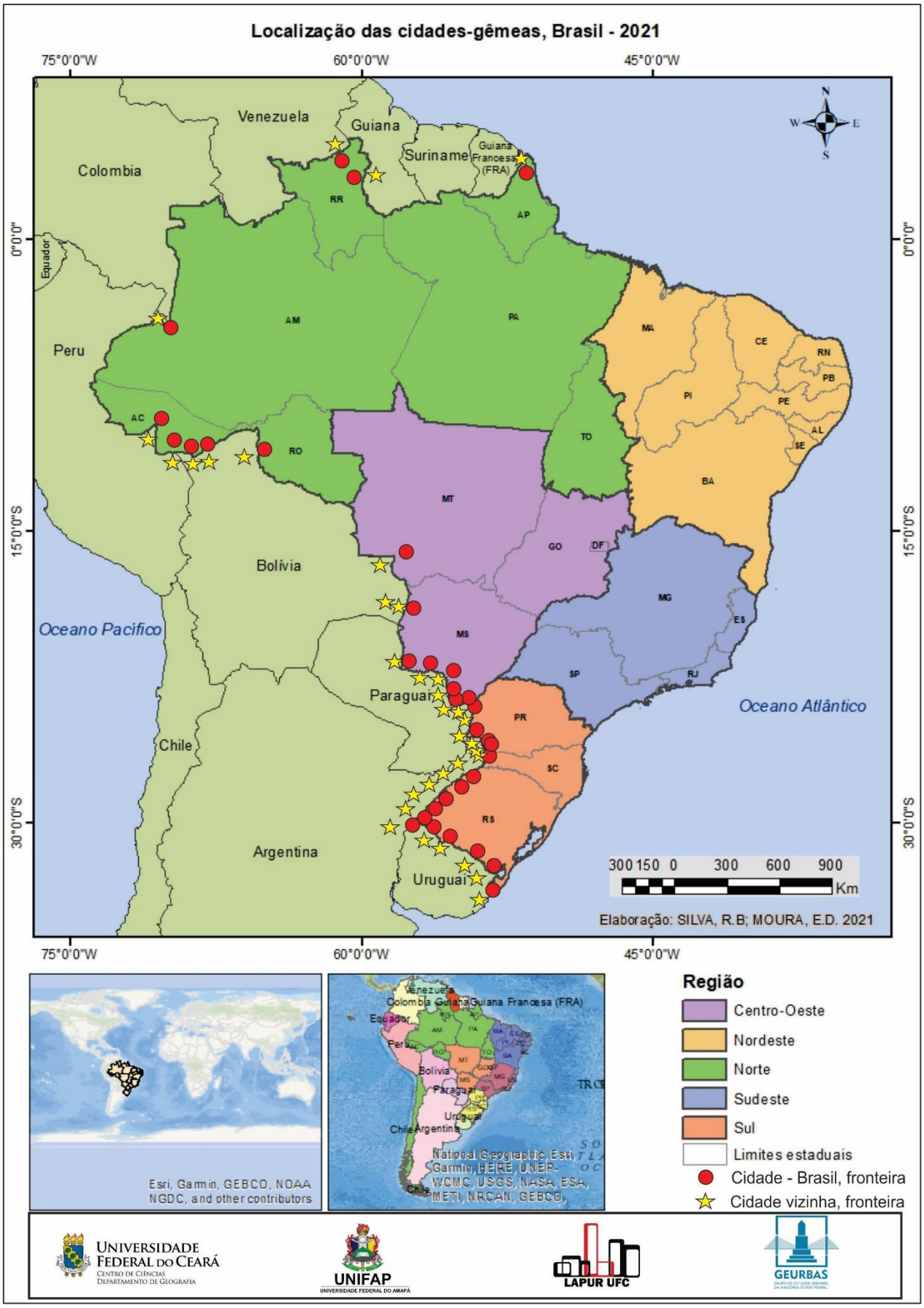
> Para se entender o conceito de cidades gêmeas é importante ter a noção de zona de fronteira. Em linhas gerais, a zona de fronteira é composta pelas "faixas territoriais" de cada lado do limite internacional, caracterizadas por interações que, embora internacionais, criam um meio geográfico próprio de fronteira, só perceptível na escala local/ regional das interações transfronteiriças. (BRASIL, 2017, p. 15).

As Cidades gêmeas brasileiras, de acordo com o Ministério do Desenvolvimento Regional (MDR), (extinto Ministério da Integração Nacional) são aqueles espaços urbanos dos municípios cortados pela linha de fronteira: seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, como estradas, pontes, calçadas, entre outros e que apresentem forte potencial de integração, como, por exemplo, econômica e cultural.

O MDR classifica neste território inserido na faixa de fronteira, trinta e três (33) cidades gêmeas, localizadas nos estados do Acre, Amazonas, Amapá, Mato, Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rondônia, Roraima, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

O mapa 9 na sequência localiza as 33 cidades gêmeas brasileiras distribuídas em onze Unidades da Federação do Brasil.

Mapa 9 - Localização das Cidades gêmeas, Brasil – 2021



Fonte: IBGE (2019). Elaboração: MOURA, E. D; SILVA, R. B. 2021.

A tabela 5 abaixo elenca as cidades gêmeas brasileiras classificadas de acordo com a divisão regional oficial do Brasil, a população verificada no censo demográfico de 2010 e a estimativa populacional do IBGE para o ano de 2020, dados que permitem verificar o crescimento ou não de suas populações na década de 2010 a 2020.

Tabela 5: Cidades gêmeas brasileiras e seus respectivos dados demográficos dos anos de 2010 e 2020

CIDADES GÊMEAS BRASILEIRAS	ESTADO	POPULAÇÃO 2010 (HABITANTES)	ESTIMATIVA POPULACIONAL 2020 (HABITANTES)
REGIÃO NORTE			
1. Assis Brasil	AC	6.072	7.534
2. Brasiléia	AC	21.398	26.702
3. Epitaciolândia	AC	15.100	18.696
4. Santa Rosa do Purus	AC	4.691	6.717
5. Tabatinga	AM	52.272	63.635
6. Oiapoque	**AP**	**20.509**	**27.906**
7. Guajará-Mirim	RO	41.656	46.556
8. Bonfim	RR	10.943	12.557
9. Pacaraima	RR	10.433	18.913
TOTAL REGIÃO NORTE			**229.216**
REGIÃO CENTRO-OESTE			
10. Bela Vista	MS	23.181	24.735
11. Coronel Sapucaia	MS	14.064	15.352
12. Corumbá	MS	103.703	112.058
13. Mundo Novo	MS	17.043	18.473
14. Paranhos	MS	12.350	14.404
15. Ponta Porã	MS	77.872	93.937
16. Porto Murtinho	MS	15.372	17.298
17. Cáceres	MT	87.942	94.861
TOTAL REGIÃO CENTRO-OESTE			**391. 118**
REGIÃO SUL			
18. Barracão	PR	9.735	10.312
19. Foz do Iguaçu	PR	256.088	258.248
20. Guaíra	PR	30.704	33.310
21. Santo Antônio do Sudoeste	PR	18.893	20.261
22. Aceguá	RS	4.394	4.942

23.	Barra do Quaraí	RS	4.012	4.227
24.	Chuí	RS	5.917	6.770
25.	Itaqui	RS	38.159	37.489
26.	Jaguarão	RS	27.931	26.500
27.	Porto Mauá	RS	2.557	2.352
28.	Porto Xavier	RS	10.558	10.194
29.	Quaraí	RS	23.021	22.607
30.	Santana do Livramento	RS	82.464	76.321
31.	São Borja	RS	61.671	60.019
32.	Uruguaiana	RS	125.435	126.866
33.	Dionísio Cerqueira	SC	14.811	15.450
	TOTAL REGIÃO SUL			**715.868**
POPULAÇÃO TOTAL DAS CIDADES GÊMEAS BRASILEIRAS			**1.142.309 (2010)**	**1.336.202 (2020)**

Fonte: BRASIL (2016), IBGE (2020). Organizado por: Moura (2021).

As cidades gêmeas podem ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação, o que justifica o fato de algumas cidades gêmeas estarem mais distantes ou próximas de suas respectivas cidades e/ou localidades em territórios internacionais, bem como, possuem manifestações condensadas dos problemas característicos das fronteiras internacionais, que nesta espacialidade adquirem maiores densidades, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania (BRASIL, 2016).

De acordo com os dados demográficos demonstrados na tabela acima, tais cidades representam uma população considerável para o contexto populacional brasileiro, apresentando mais de 1 milhão de habitantes. São brasileiros que moram, trabalham e vivem nestas cidades, distribuídas em três regiões geográficas brasileiras. Portanto, não se trata de um território pouco expressivo, na totalidade territorial e demográfica brasileira.

No que concerne às cidades gêmeas, como visto anteriormente em sua conceituação, é possível questionar sobre quais as cidades vizinhas estrangeiras limitam-se com o território brasileiro. Desta forma, a tabela 6 subsequente apresenta as cidades gêmeas brasileiras e suas respectivas cidades e países vizinhos, distribuídas nas três regiões brasileiras: Norte, Centro-Oeste e Sul.

Tabela 6: Cidades gêmeas brasileiras e suas respectivas cidades vizinhas internacionais

CIDADES GÊMEAS BRASILEIRAS	ESTADO	CIDADES VIZINHAS E PAÍSES
REGIÃO NORTE		
1. Assis Brasil	AC	Iñapari (PERU) e Bolpebra (Bolívia)
2. Brasiléia	AC	Cobija (Bolívia)
3. Epitaciolândia	AC	Cobija (Bolívia)
4. Santa Rosa do Purus	AC	Palestina (Povoado) - Província de Purus (Peru)
5. Tabatinga	AM	Letícia (Colômbia)
6. Oiapoque	**AP**	**Saint Georges de l'Oyapock (Guiana Francesa)**
7. Guajará-Mirim	RO	Guayaramerín (Bolívia)
8. Bonfim	RR	Lethem (Guiana)
9. Pacaraima	RR	Santa Elena Uairén (Venezuela)
REGIÃO CENTRO-OESTE		
10. Bela Vista	MS	Bella Vista do Norte (Paraguai)
11. Coronel Sapucaia	MS	Capitán Bado (Paraguai)
12. Corumbá	MS	Puerto Quijaro e Puerto Suárez (Bolívia)
13. Mundo Novo	MS	Salto del Guairá (Paraguai)
14. Paranhos	MS	Ypehú (Paraguai)
15. Ponta Porã	MS	Pedro Juan Caballero (Paraguai)
16. Porto Murtinho	MS	Capitán Carmelo Peralta (Paraguai)
17. Cáceres	MT	San Matías (Bolívia)
REGIÃO SUL		
18. Barracão	PR	Bernardo de Irigoyen (Argentina)
19. Foz do Iguaçu	PR	Ciudad del Este (Paraguai) e Puerto Iguazú (Argentina)
20. Guaíra	PR	Salto del Guairá (Paraguai)

21. Santo Antônio do Sudoeste	PR	San Antonio (Argentina)
22. Aceguá	RS	Aceguá (Uruguai)
23. Barra do Quaraí	RS	Bella Unión (Uruguai) e Monte Caseros (Argentina)
24. Chuí	RS	Chuy (Uruguai)
25. Itaqui	RS	Alvear e La Cruz (Argentina)
26. Jaguarão	RS	Rio Branco (Uruguai)
27. Porto Mauá	RS	Alba Posse (Argentina)
28. Porto Xavier	RS	San Javier (Argentina)
29. Quaraí	RS	Artigas (Uruguai)
30. Santana do Livramento	RS	Rivera (Uruguai)
31. São Borja	RS	Santo Tomé (Argentina)
32. Uruguaiana	RS	Paso de Los Libres (Argentina)
33. Dionísio Cerqueira	SC	Bernardo de Irigoyen (Argentina)

Fonte: IBGE e Prefeituras Municipais e administrações locais (2021).
Elaborado por: Moura (2021).

Como visto, as cidades gêmeas brasileiras estão localizadas em três diferentes regiões geográficas: Sul, Centro-Oeste e Norte. Cada região em seus territórios fronteiriços possui diferentes especificidades que estão inseridas em seus contextos regionais, incluindo as suas diversidades populacionais.

Além disso, pretende-se apresentar um panorama das cidades gêmeas nas três regiões brasileiras, a partir de alguns exemplos, destacando particularidades demográficas e singularidades sociais de algumas cidades gêmeas. Para tanto, considerou-se as mais expressivas em termos populacionais em suas regiões de localização.

2.4.1 Cidades gêmeas brasileiras da Região Sul

A região Sul é onde se localiza o maior número de municípios que estão inseridos na faixa de fronteira que são classificados como cidades gêmeas. As dezesseis cidades gêmeas desta região distribuem-se nos três estados que a compõem. O mapa 10 apresenta a localização e população das cidades gêmeas localizadas na Região Sul do Brasil, bem como as respectivas cidades vizinhas em território internacional.

Mapa 10 – População, cidades gêmeas, região Sul, Brasil – 2021

Fonte: IBGE (2019). Elaboração: MOURA, E. D; SILVA, R. B. 2021.

O estado do Rio Grande do Sul possui onze cidades gêmeas, sendo o estado brasileiro com maior número de cidades localizadas na fronteira internacional do Brasil. Já no estado gaúcho, as cidades gêmeas limitam-se com o Uruguai e Argentina.

O município classificado como cidade-gêmea que possui maior população é o de Uruguaiana com 126.866 habitantes, de acordo com a estimativa populacional de 2020 do IBGE. A cidade-gêmea de Uruguaiana faz fronteira com a Paso de Los Libres, na Argentina. Adiala (2005, p. 184) destaca, por sua vez, a diferença populacional entre as cidades gêmeas de Uruguaiana e Paso de Los Libres, uma vez que a cidade brasileira apresenta quase o triplo da população da sua cidade vizinha argentina que, ainda assim, é uma das mais populosas da faixa que compreende a província de Corrientes, uma das menos desenvolvidas economicamente da Argentina. Acrescenta-se que embora o município de Uruguaiana também se limita com o Uruguai, a conurbação ocorre somente com a Argentina.

Destaca-se, ainda, na região Sul e no Estado do Rio Grande do Sul, a cidade-gêmea de Santana do Livramento com Riviera, que corresponde a segunda maior população entre as cidades gêmeas gaúchas. Este município brasileiro, de acordo com o IBGE, contava em 2010 com 82.464 habitantes e em 2020, com 76.321 habitantes, o que demonstra um declínio da sua população na última década. Bento (2013, p. 16), sobre esta conurbação entre Santana do Livramento e Rivera no Uruguai, aponta:

> Nas cidades conurbadas de Rivera e Santana do Livramento há livre circulação de pessoas, não existem rios, muros, nem cercas de arame farpado. No centro das duas cidades há um parque internacional, aberto, símbolo arquitetônico da experiência cotidiana de integração internacional. Para ir de Rivera a Santana do Livramento e vice-versa não é necessário apresentar passaporte, até porque isso seria praticamente impossível em cidades conurbadas onde quem vive no lado brasileiro matricula os filhos em escolas do lado uruguaio da cidade e vice-versa; quem vive no lado uruguaio tem parentes que vivem no lado brasileiro e vice-versa.

No que tange à fronteira do Brasil com o Uruguai, destaca-se que esta é marcada por intensos fluxos migratórios e aglomerações urbanas aos pares, ao longo de todo limite internacional. A fronteira em questão, geralmente, possui como marcas os intensos fluxos de trocas e têm funcionado como importantes ‘nós’ entre os mercados dos países vizinhos (FERREIRA, 2009, s/p.).

O estado de Santa Catarina, por sua vez, apresenta apenas um município classificado com cidade-gêmea, que é Dionísio Cerqueira, que se limita com a cidade

argentina de Bernardo de Irigoyen e também com a cidade de Barracão, localizada no estado do Paraná, o que justifica, algumas menções de cidades trigêmeas. O município fronteiriço catarinense, segundo o IBGE, apresentava em 2020 a população de 15.450 habitantes.

Sobre esta tríplice fronteira, Santos (2018, p.131) apresenta uma análise econômica considerando a desvalorização da moeda argentina quando comparada ao real, fato que traz como consequência a intensificação de compras e do turismo no território argentino.

> A desvalorização da moeda argentina frente ao real brasileiro serve de atração para consumidores brasileiros, possibilitando a existência de um Hipermercado em uma cidade que não chega a 10 mil habitantes, o El Porteño, além de diversos outros estabelecimentos. Outro empreendimento também chama a atenção: um Cassino. O referido estabelecimento faz parte de uma rede presente na província de Misiones, denominada Casinos del Mocona. Como os jogos de azar são ilegais no Brasil, por um decreto assinado em abril de 1946 pelo presidente Eurico Gaspar Dutra, a casa de jogos de Bernardo de Irigoyen é grande atrativo para turistas brasileiros.

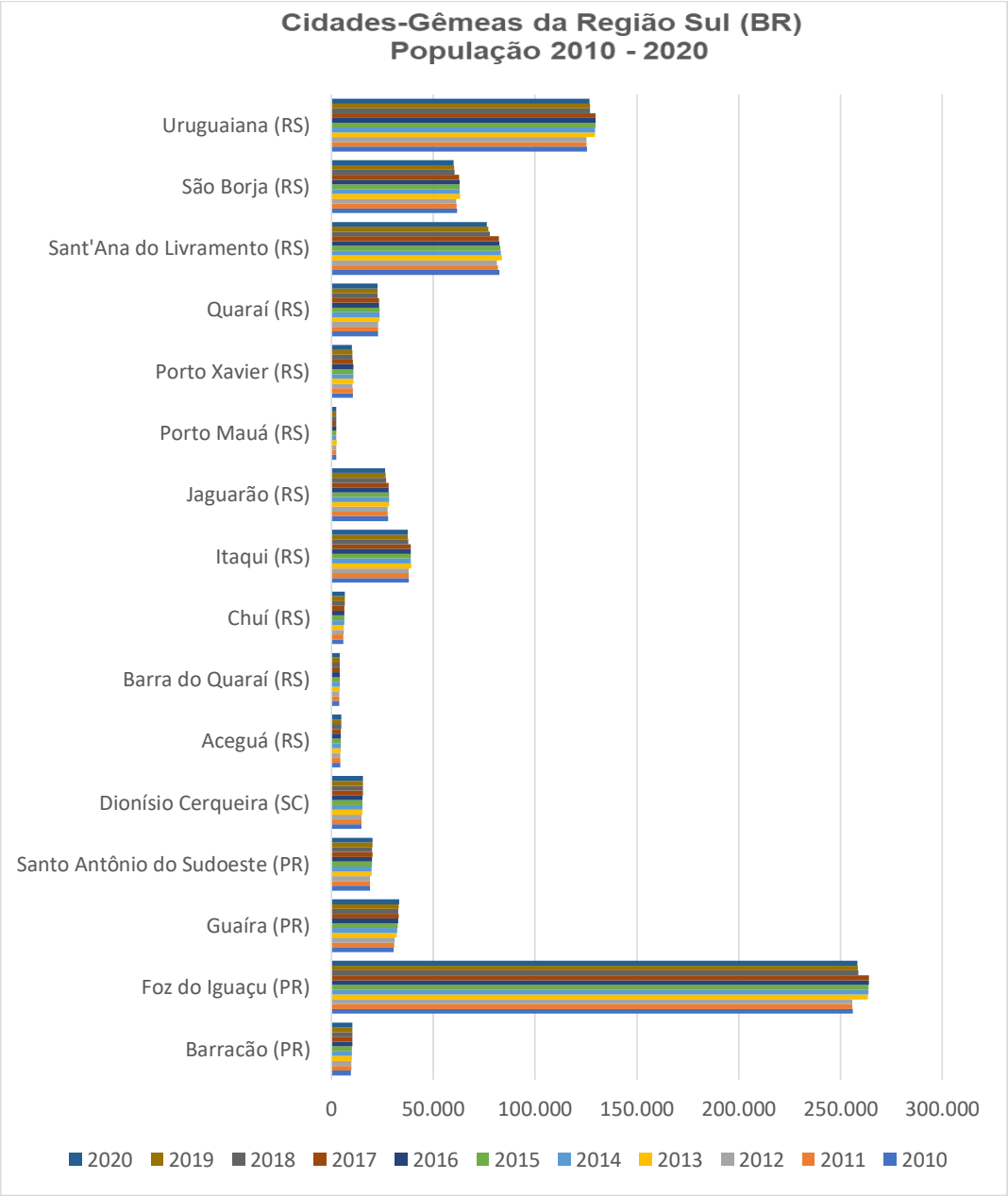
Ainda no quadro das cidades gêmeas localizadas no estado do Paraná, têm-se Foz do Iguaçu, na tríplice fronteira com o Ciudad Del Este no Paraguai e com Puerto Iguazú na Argentina. A cidade localizada no Oeste paranaense representa uma fronteira com expressividade populacional por apresentar grande entrosamento comercial e interação transfronteiriça, sobretudo, com o território paraguaio no que diz respeito às trocas comerciais.

O município contava com 258.248 habitantes, segundo estimativa populacional do IBGE para o ano de 2020. Foz do Iguaçu representa a cidade-gêmea brasileira com maior número de habitantes e com maior intensidade de trocas comerciais, entre todas as cidades gêmeas do Brasil. Ainda se destaca, no setor turístico, sobretudo, pela presença do Parque Nacional das Cataratas do Iguaçu, fato que dinamiza ainda mais esta importante região fronteiriça brasileira. Neste ínterim, Roseira (2006, p. 32) destaca o potencial fronteiriço de Foz do Iguaçu:

> No que se refere as relações de fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, a cidade é centralizadora, e irradiadora de um conjunto de atividades que a caracteriza como importante pólo de uma região transfronteiriça. São estas atividades que atrelam Foz do Iguaçu e Ciudad Del Leste, a atual característica geopolítica mundial. O grande número de turistas em visitação às Cataratas, a Usina Hidrelétrica de Itaipu e ao comércio de fronteira com Ciudad Del Leste, colocam a tríplice fronteira como uma área de plena circulação de pessoas e mercadorias.

Como percebe-se, a região Sul do Brasil possui grande diversidade territorial em suas fronteiras e nas suas cidades gêmeas materializam estas diversidades regionais, nas suas diferenciações socioespaciais, econômicas e culturais expressas e compostas em suas distintas populações. O gráfico 3 apresentado a seguir, mostra as diferenças entre as populações das cidades gêmeas localizadas na região meridional do Brasil.

Gráfico 3: Cidades-Gêmeas da Região Sul (BR) População 2010-2020



Fonte: IBGE. Elaborado por: Moura (2021).

Intencionou-se, com o gráfico apresentado anteriormente, ilustrar as discrepâncias demográficas entres as cidades gêmeas elucidadas, o que reafirma a necessidade de mecanismos de desenvolvimento e gestão territorial da fronteira que abarquem, inclusive, as características do quantitativo populacional e o modo de vida dos que habitam tais regiões.

A seguir, apresenta-se um panorama das cidades gêmeas localizadas na da Região Centro-Oeste do Brasil, destacando suas particularidades demográficas e sociais.

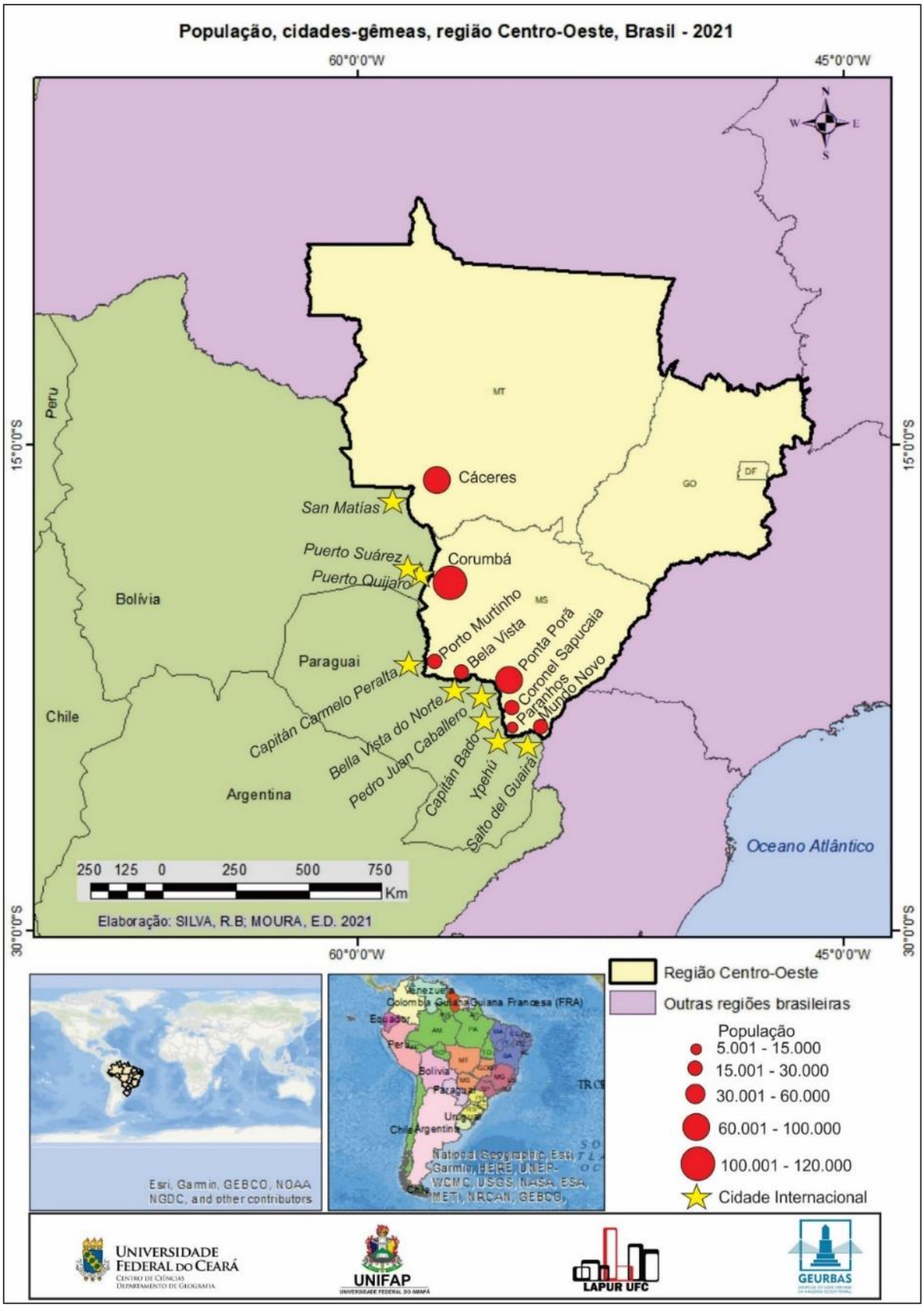
2.4.2 Cidades gêmeas brasileiras da Região Centro-Oeste

A Região Centro-Oeste dentre as regiões brasileiras é a que conta com o menor número de municípios inseridos na faixa de fronteira, que são classificados como cidades gêmeas.

Desta forma, possui oito cidades gêmeas com cidades localizadas em Mato Grosso, que apresenta apenas uma cidade-gêmea: Cáceres, que se limita com San Matias. Já o estado do Mato Grosso do Sul conta com sete cidade-gêmeas que limitam com o Paraguai e a Bolívia.

O mapa 11 a seguir, foi elaborado com a intenção de evidenciar a localização e população destas cidades gêmeas, além de destacar as respectivas cidades vizinhas localizadas em território internacional.

Mapa 11 – População, cidades gêmeas, região Centro-Oeste, Brasil – 2021



Fonte: IBGE (2019). Elaboração: MOURA, E. D; SILVA, R. B. 2021.

Como apontado no mapa, o estado de Mato Grosso, apesar de possuir vinte e oito municípios na faixa de fronteira, possui apenas o município de Cáceres, classificado como cidade-gêmea no ano de 2019 pelo Governo Federal através do Ministério de Desenvolvimento Regional, que promoveu a classificação do município como cidade-gêmea de San Matias, localizada na Bolívia. Esta oficialização ocorreu através da Portaria n° 1080, de 24 de abril de 2019, publicada no Diário Oficial da União – Seção 1, n° 81, de 29 de abril de 2019, p.10.

O município de Cáceres, segundo estimativas populacionais do IBGE, possuía em 2020 o total de 94.861 habitantes, o que corresponde à sexta maior população do estado de Mato Grosso.

Estas cidades (Cáceres e San Matias), não estão conurbadas como outras cidades gêmeas brasileiras. Ficam distantes cerca de 100 km entre si. Mas, a área de influência e a interação fronteiriça existentes entre estes municípios localizados em territórios internacionais, extrapolam o critério de proximidade física.

Ressalta-se que dentre os critérios estabelecidos para esta oficialização está o critério populacional de que as cidades gêmeas possuam mais de 2 mil habitantes. O estudo publicado pelo Boletim do IPEA, de autoria de Pêgo, Moura, Nunes (2019, p. 40), destaca o atendimento deste critério demográfico da cidade de Cáceres, em consonância com os critérios oficiais do Estado.

> A Portaria nº 213/2016, do MDR, em seu art. 2º, estabelece como parâmetro para a constituição de uma cidade gêmea uma população igual ou superior a 2 mil habitantes. Segundo dados oficiais do IBGE e do INE, em 2017, respectivamente, o município de Cáceres tinha uma população estimada de 91.271 habitantes e San Matías, de 15.845 habitantes (Estado Plurinacional de Bolívia, 2015). Dessa forma, o conjunto populacional supera a casa dos 100 mil habitantes, comprovadamente com fluxos de pessoas entre os municípios para trabalho, estudo, consumo e acesso a serviços, como apontado nos itens anteriores, o que, devido à localização fronteiriça, indica a necessidade de planejamento e gestão compartilhados para o atendimento às demandas sociais dessa população.

A respeito da dinâmica urbana regional de Mato Grosso, as autoras Higa, Romancini e Nunes (2011, p. 354) destacam que cidades mato-grossenses como Cáceres são citadas por um número significativo de trabalhos acadêmicos, em razão do papel de destaque que tem assumido frente ao dinamismo socioeconômico do estado de Mato Grosso, que vem sendo impulsionado pelo agronegócio. Tal fato aponta para outras dimensões analíticas para esta cidade gêmea mato-grossense que pode ser, portanto, analisada tanto pelo viés da fronteira da expansão capitalista do campo, quanto por sua

fronteira internacional.

Com isso, entre as cidades gêmeas brasileiras, Cáceres, representa a segunda maior população dentre as cidades gêmeas da região Centro-Oeste, atrás da cidade de Corumbá, localizada no estado do Mato Grosso do Sul, que se limita com Puerto Quijarro, na Bolívia.

A maior cidade gêmea do Mato Grosso do Sul contava em 2020, de acordo com o IBGE, com 112.058. Corumbá na fronteira com a Bolívia e Paraguai. Costa (2012, p.25) enfatiza particularidades da cidade gêmea de Corumbá, que assim como Cáceres (MT) não está conurbada com outra cidade em território internacional:

> A cidade de Corumbá fica localizada na porção mais sudoeste do município de mesmo nome, no estado de Mato Grosso do Sul, na fronteira brasileira com a Bolívia. Encontra-se encravada entre a morraria do Urucum, ao sul; a margem direita do Rio Paraguai, ao norte; tendo a cidade de Ladário a leste e o território boliviano confrontando sua porção ocidental, mais precisamente com Arroyo Concepcón, distrito de Puertto Quijarro, na província de Germán Bush, do departamento de Santa Cruz. Não se trata de uma conurbação fronteiriça, pois não existe uma continuidade urbana, ou seja, o formato de um único (aparente) sítio urbano.

Como visto, o fato das cidades gêmeas não possuírem suas malhas urbanas conectadas, não impede que a interação transfronteiriça ocorra e provoque a limitação das relações econômicas, sociais e culturais entre os espaços urbanos localizados em países diferentes, como ocorre em Corumbá.

Ainda no tocante às cidades gêmeas sul-mato-grossenses, aponta-se outra expressividade urbana-regional na cidade de Ponta Porã, que conforme a estimativa populacional do IBGE, possuía em 2020 o total de 93.937 habitantes. Esta cidade faz fronteira com Pedro Juan Caballero, localizada no Paraguai.

Salienta-se a importância desta conurbação internacional, percebidas através do intenso comércio nas ruas do centro comercial de Pedro Juan e também na consolidação do turismo de compras no território paraguaio. Além de ser um exímio exemplo da permeabilidade cultural que a fronteira provoca na identidade cultural do povo que vive nas regiões de fronteiras do Brasil, considerando, nesta área em análise, a massiva presença dos “brasiguaios” neste território que vivenciam a fronteira em seus cotidianos. Sob esse prisma, tem-se em Nascimento (2014, p. 114), a relação da conurbação de Ponta Porã com Pedro Juan Caballero e a intensificação comercial, a partir da fronteira:

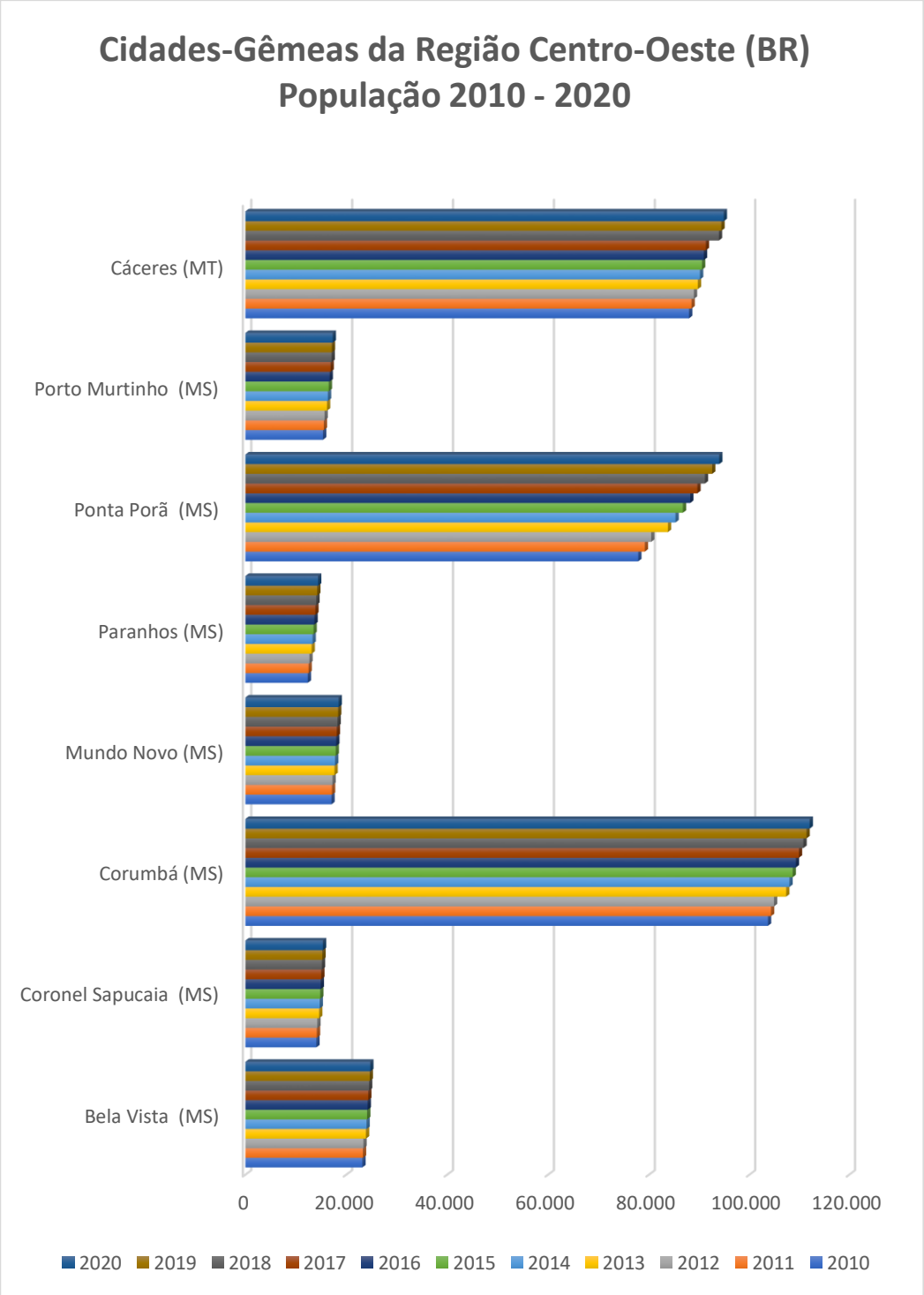
> As cidades gêmeas de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY) caracterizam-se por um elevado e constante fluxo de pessoas e de mercadorias, facilitado por sua condição de conurbação. A proximidade entre as duas cidades oportuniza uma série de inter-relações entre os moradores da fronteira, especificamente as cidades de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã. A fronteira física e a condição de cidades conurbadas exercem variadas influências na população fronteiriça.

Diferente dos exemplos discutidos anteriormente de Cáceres e Corumbá, as cidades gêmeas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero estão fisicamente conectadas. Estas cidades gêmeas da região Centro-Oeste brasileira exemplificam bem o quanto que a conurbação entre cidades situadas em territórios internacionais podem propiciar uma produção do espaço urbano, de modo que estas possuam características e processos próprios, que são inerentes ao urbano-fronteiriço.

Outra marca das cidades gêmeas da região Centro-Oeste brasileira é a sua particularidade demográfica, uma vez que diferente da região Sul apresenta municípios mais populosos em sua totalidade.

Esta diversidade pode ser conferida no gráfico 4 apresentado na sequência, que traz esta dimensão a partir dos municípios classificados como cidades gêmeas e suas respectivas realidades populacionais, entre os anos de 2010 a 2020.

Gráfico 4: Cidades-Gêmeas da Região Centro-Oeste (BR) População 2010 - 2020



Fonte: IBGE. Elaborado por: Moura (2021).

Como abordado, a diversidade urbano-regional presente nas cidades gêmeas da região Centro-Oeste reflete a magnitude de compreensão da produção do espaço urbano e regional, a partir da leitura de suas fronteiras.

Neste mesmo caminho, na sequência pretende-se discutir as cidades gêmeas localizadas na Região Norte, destacando, as cidades com maiores expressividades regionais e populacionais.

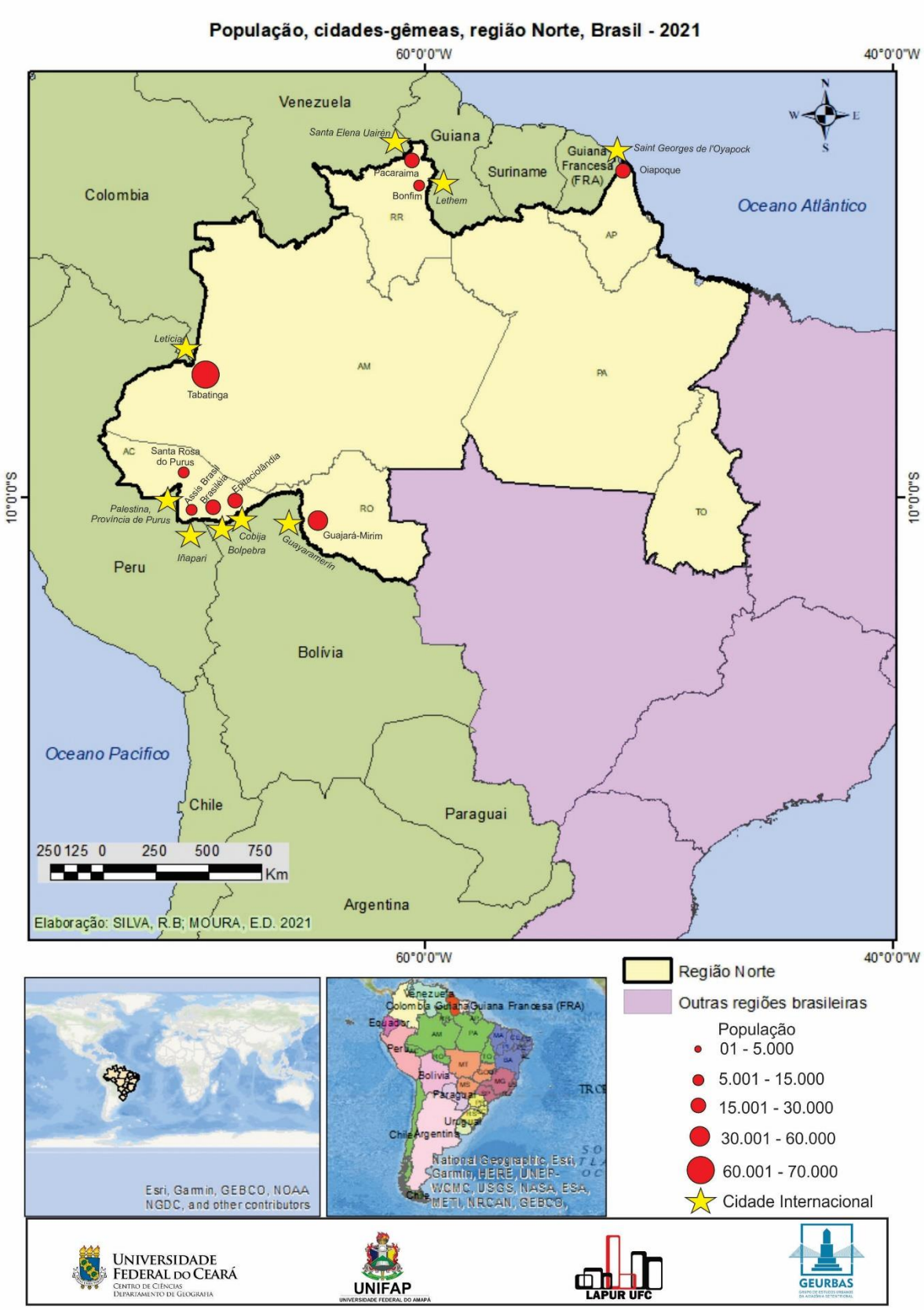
Cabe destacar que a fronteira em maior evidência nesta tese é a fronteira franco-brasileira, representada geograficamente pelas cidades gêmeas de Oiapoque e *Saint Georges*, que estão localizadas nesta importante e vasta região brasileira.

2.4.3 Cidades gêmeas da Região Norte

Devido à grande extensão territorial, a região Norte do Brasil é que apresenta o maior número de Unidades da Federação inseridas na faixa de fronteira, o que totalizam cinco diferentes estados nesta condição: Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia e Roraima. Da mesma forma, é a região que se limita com o maior número de países entre as regiões brasileiras, uma vez que possui cidades gêmeas com seis diferentes países: Bolívia, Colômbia, Guiana, Guiana Francesa, Peru e Venezuela.

Para representar cartograficamente a região Norte e suas respectivas suas cidades gêmeas, produziu-se o mapa 12 apresentado na sequência, com o intuito de evidenciar a localização e população dos nove municípios do Norte do Brasil classificados como cidades gêmeas, além de destacar suas respectivas cidades vizinhas, localizadas em seis distintos territórios internacionais.

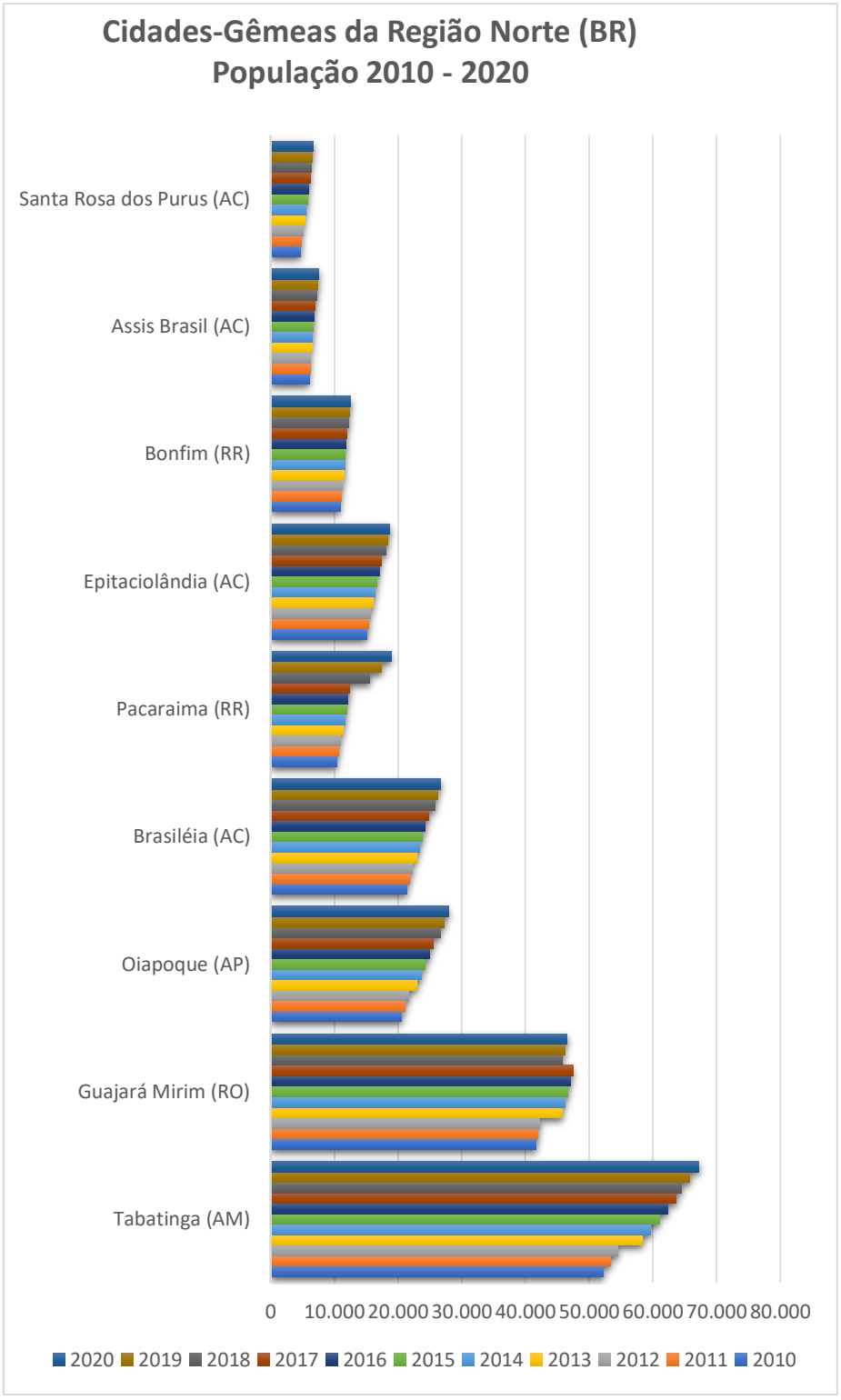
Mapa 12: População, cidades gêmeas, região Norte, Brasil – 2021



Fonte: IBGE (2019). Elaboração: MOURA, E. D; SILVA, R. B. 2021.

Como observado, a expressividade da dimensão territorial da região em discussão permite uma diversidade de fronteiras com diferentes países que, certamente, ocasionam grandes especificidades na produção do espaço urbano-regional em diferentes escalas de análise, o que inclui a compreensão das diferenças populacionais contidas nos municípios inseridos na faixa de fronteira, que são considerados como cidades gêmeas. Deste modo, o gráfico 5 ilustra a dimensão populacional a partir destes municípios da região Norte brasileira, entre os anos de 2010 a 2020.

Gráfico 5: Cidades-Gêmeas da Região Norte (BR)



Fonte: IBGE. Elaborado por: Moura (2021).

Por sua vez, o estado do Acre corresponde a Unidade da Federação, dentre as localizadas na região Norte, com o maior número de municípios inseridos na faixa de fronteira, classificadas como cidades gêmeas. São quatro municípios nesta condição que

fazem fronteira com a Bolívia e o Peru. Dentre as cidades gêmeas acreanas, Brasileia é o município do estado que possuía em 2020, segundo a estimativa populacional do IBGE, a maior população com 26.702 habitantes.

Ressalta-se, ainda, que Epitaciolândia, que apresentava em 2020 o total de 18.696 habitantes, de acordo com a estimativa populacional do IBGE, é uma outra cidade-gêmea e conurbada com Brasileia, ambas se limitam com Cobija, localizada na Bolívia. Silva (2018, p. 304), destaca sobre as relações sociais, vivenciadas nesta tríplice fronteira, ressaltando ofertas de diferentes serviços na atração exercida por Cobija e os arranjos regionais:

> Na escala das cidades, destaca-se a atração exercida por Cobija no que diz respeito aos equipamentos de educação (principalmente a superior) e saúde. A atração regional de brasileiros exercida pelo sistema hoteleiro reflete a atração econômica exercida pela zona franca e pelos equipamentos urbanos de saúde e educação. Por outro lado, Brasiléia e Epitaciolância não exercem atração significativa de bolivianos a partir da excelência dos seus equipamentos.

Ainda acerca das cidades gêmeas acreanas e suas especificidades regionais, em Assis Brasil apresenta uma população menos expressiva se comparada à Brasiléia e Epitaciolândia, pois contava em 2020 com apenas 7.534 habitantes, de acordo com a estimativa populacional do IBGE. A cidade em questão faz fronteira com Iñapari no Peru e com Bolpebra na Bolívia, logo, constitui uma tripla conurbação internacional, que nos termos de Quinhões (2005), exige um olhar específico para esta região trifronteiriça que tende a se conurbar com mais intensidade, com o decorrer do tempo, o que demandaria uma maior atenção por parte da gestão urbana, principalmente em relação aos recursos naturais que são partilhados entre ambos os países dos três diferentes núcleos urbanos.

Esta preocupação de cunho ambiental na gestão do espaço urbano, deve, contudo, ser colocada em todas os espaços que possuam continuidades em suas malhas urbanas, o que não exclui as cidades gêmeas, que necessitam, portanto, partilhar mecanismos de preservação ambiental de seus recursos naturais.

Na região Norte, principalmente os territórios da Amazônia e toda sua diversidade natural, deveria, ao menos, centralizar o poder de tomada de decisões para refletir sobre a gestão e o planejamento ambiental das cidades. Contudo, tal poder de decisão não ocorre, infelizmente, tanto no Brasil, quanto em outras cidades gêmeas que partilham deste importante bioma em suas fronteiras.

Já o estado do Amazonas, possui apenas o município de Tabatinga que é classificado como cidade-gêmea, com Leticia na Colômbia, além da proximidade

territorial com Santa Rosa de Yavari, núcleo populacional que está localizado no território peruano.

Destaca-se que Tabatinga corresponde a maior cidade-gêmea da região Norte em termos populacionais, pois de acordo com a estimativa populacional do IBGE do ano de 2020, o município apresentava 63.635 habitantes. Outra particularidade destas cidade-gêmeas comum em cidades amazônicas, inclusive em outros contextos de localização, como os não fronteiriços, é a distâncias dos principais centros urbanos, e/ou capitais estaduais, como apontado por Euzébio (2014, p. 111):

> As cidades gêmeas de Tabatinga (Brasil) e Leticia (Colômbia) formam um subespaço urbano conurbado com cerca de 90 mil habitantes situado à margem esquerda do rio Solimões/Amazonas, na tríplice fronteira Brasil Colômbia-Peru, interior da floresta amazônica. Sem acesso rodoviário, localizam-se cerca de 1.000 km distantes de seus respectivos centros regionais mais próximos: Manaus e Bogotá, respectivamente.

Nogueira (2004; 2008) estudioso da questão fronteiriça do estado Amazonas, discute as particularidades da circulação de pessoas em diferentes níveis, em Tabatinga na fronteira internacional com a Colômbia e o Peru, destacando a importância das travessias fluviais, aliás, como também ocorre na fronteira franco-brasileira, o referido autor, sobre as travessias fluviais, aborda (2008, p. 45):

> Na escala local a rede de transporte fluvial é mais expressiva em quantidade de embarcações e mais diversificada. A modalidade principal é a travessia existente entre as cidades brasileiras de Tabatinga e de Benjamin Constant, realizadas por cerca de 40 lanchas (denominada de balieira) cuja capacidade média é de 08 passageiros.

Assim como o Amazonas, o estado de Rondônia, também, possui apenas um município classificado como cidade-gêmea, sendo Guajará-Mirim esta municipalidade, que faz fronteira com Guayaramerín, localizada na Bolívia. O município brasileiro que segundo a estimativa populacional do IBGE, possuía em 2020 o total de 46.906 habitantes, número que corresponde à segunda maior população entre as cidades gêmeas da região Norte.

Dentre as particularidades específicas desta fronteira, ocorrem as travessias fluviais sobre as águas do rio Mamoré, que marcam importantes características no transporte de cargas e pessoas sob o contexto transfronteiriço, fato, inclusive, partilhado pela fronteira franco-brasileira, que figura como temática principal de análise desta tese, cujo processo que será discutido posteriormente. Os autores Neto et. al. (2020, p. 350)

consideram:

> Um dos aspectos dessa travessia é a realização do deslocamento de passageiros entre os dois países por meio de lanchas que realizam um total de 50-80 viagens por dia, do Brasil para a Bolívia, com viagens operacionalizadas por 17 lanchas, sendo que as lanchas brasileiras deslocam apenas passageiros das margens da cidade de Guajará-Mirim para Guayaramerín e retornam sem passageiros, e nas margens da cidade Boliviana o deslocamento ocorre com 34 lanchas que transportam passageiros apenas das cidades de Guayaramerín para Guajará-Mirim, retornando sem passageiros.

Pondera-se, nesta discussão sobre travessias fluviais, a inauguração da Ponte do Abunã, que ocorreu no dia sete de maio de 2021, construída sobre o rio Madeira, localizada na BR-364 no distrito de Vista Alegre do Abunã, que pertence ao município de Porto Velho (RO). A inauguração, por sua vez, representa um fato memorável para a concretização da inserção dos estados de Rondônia e do Acre nas cadeias regionais e locais, uma vez que a ponte facilita as travessias que, até então, eram feitas com balsas.

A nota técnica divulgada pelo IPEA (2021) assinala que a ponte poderá tornar o estado do Acre em um novo centro logístico e produtivo do país, especialmente na região Norte. A ponte permitirá a interligação entre os portos peruanos do Pacífico, do território da Bolívia à hidrovia do Rio Madeira e, ainda, dos estados da região Norte e Centro-Oeste do Brasil (IPEA, 2021). Este objeto técnico poderá fortalecer as exportações brasileiras no sentido do Pacífico, além de propiciar a intensificação das relações turísticas, principalmente com o Peru. Nesse sentido, as relações comerciais e turísticas exigem uma maior atenção diante das redefinições da fronteira internacional em pauta, sobretudo no que diz respeito ao fluxo de pessoas e cargas.

Como tem-se enfatizado nesta tese, cada fronteira possui suas particularidades regionais que refletem diferentes escalas e possibilidades de organização espacial. Desse modo, nessa análise são materializados em cada fronteira diferentes organizações de transportes e de fluxos, principalmente, aqueles direcionados às cidades gêmeas.

Já no que diz respeitos aos municípios roraimenses classificados como cidades gêmeas, registra-se que o estado de Roraima possui dois municípios nesta classificação e localização: Bonfim e Pacaraima, que fazem fronteira com a Guiana e Venezuela, respectivamente. Bonfim possuía em 2020, de acordo com a estimativa populacional, o total de 12.557 habitantes, cuja principal característica está na localização de fronteira com a cidade de Lethem, com na Guiana, que conta com uma estrutura étnica diversa, considerando os diversos povos que habitam a região do platô das Guianas, conforme explicita Pereira (2006, p. 20), que trata também sobre a migração de brasileiros para o

território Guianense:

> Lethem está às margens do Rio Tacutu, a composição espacial da cidade lembra uma vila não muito habitada; muitos terrenos baldios separam as casas residenciais e comerciais. A cidade de Lethem possui uma população de aproximadamente dois mil habitantes. Do ponto de vista étnico, a predominância é dos negros, seguida dos indo-guianenses e indígenas. Há um fluxo migratório constante de brasileiros em direção a Lethem. Eles se movem pela comercialização de produtos, como açúcar e alho, e pela busca de trabalho no garimpo.

O outro município Roraimense classificado como cidade-gêmea é Pacaraima, que apresentava em 2010, de acordo com o censo demográfico do IBGE, o total de 10.433 habitantes. Em relação à estimativa populacional da mesma instituição, em 2020, o município possuía 18.913 habitantes, o que mostra um significativo crescimento populacional tendo como referências as demais cidades gêmeas da região em análise. Pacaraima é classificado como cidade-gêmea com Santa Elena de Uairén, no território venezuelano.

Talvez entre as cidades gêmeas brasileiras, esta seja a que mais ganhou destaque nas mídias de comunicação no território nacional, por se tratar de um portão de entrada de venezuelanos que buscaram e buscam o Brasil oportunidades para uma vida mais digna, em diferentes cidades e regiões brasileiras, além de outros países. Esse processo ocorre em consequência da crise política e econômica vivenciada pelo país vizinho, o que certamente contribui para o aumento da população pacaraimense.

O estudo publicado pelo IPEA (2021, p.8) refere-se ao impacto desta crise em territórios que fazem fronteira com a Venezuela:

> Embora as dificuldades, tanto sociais quanto econômicas, que a Venezuela enfrenta sejam de âmbito doméstico, há implicações para todo o continente, e, especialmente, para países que compartilham fronteira com essa nação.

Tais circunstâncias desencadearam, inclusive, o fechamento da fronteira com o Brasil, em distintos momentos, o que trouxe impactos significativos no território da cidade-gêmea de Pacaraima (IPEA, 2021, p. 9):

> Logo após o decreto oficial do governo venezuelano que determinou o primeiro fechamento da fronteira entre Brasil e Venezuela por 72 horas, já era possível ver impactos da interrupção desse fluxo no comércio local de Pacaraima (RR), em função da queda no movimento. À época, muitos comerciantes se viram preocupados com o funcionamento de suas lojas, ao mesmo tempo que muitos venezuelanos que conseguiram emprego na cidade temiam perder suas colocações.

Desta maneira, percebe-se a importância das fronteiras para os arranjos espaciais locais e regionais, especialmente na produção do espaço urbano das cidades gêmeas, como também dos demais municípios que dialogam, de alguma forma, com os impactos fronteiriços nos seus respectivos cotidianos. Vale destacar, ainda, que quando as fronteiras são fechadas devido a crises políticas, econômicas e sanitárias, como a crise vivenciada mundialmente a partir do ano de 2020 em virtude da Pandemia da Covid-19, as cidades de fronteiras são altamente impactadas, de modo que seus fluxos tendem a ser minimizados, provocando novas redefinições espaciais.

Para finalizar esta seção, que tratou das singularidades populacionais, urbanas e regionais das cidades gêmeas ponderadas na região Norte, optou-se por discutir isoladamente no capítulo subsequente sobre a cidade-gêmea de Oiapoque com *Saint George*, na Guiana Francesa, localizada no Amapá, como já destacado que esta fronteira é elementar para este estudo.

Desse modo, esta discussão teve como propósito traçar, a partir de uma abordagem regional, elementos e singularidades da faixa de fronteira brasileira, a partir das infinitas possibilidades de compreensão das complexidades inerentes às cidades gêmeas, uma vez que estas representam territórios com múltiplos diálogos próprios da fronteira marcados por distintos processos, escalas e pela vivacidade espacial nelas contidas.

Portanto, a existência destas cidades brasileiras localizadas na fronteira internacional do Brasil tende a favorecer o processo de integração entre os distintos países fronteiriços. Além disso, podem servir como porta de entrada de produtos ilícitos de diversas naturezas, assim como de saída de recursos naturais e minerais explorados ilegalmente e sem controle ambiental, o que causa grandes e irreversíveis danos ao meio ambiente, como ocorre em garimpos ilegais na Guiana Francesa, provocando a imigração clandestina de brasileiros para o território francês.

Neste âmbito de análise, concorda-se com a preposição de Nogueira (2008, p.57), ao considerar a necessidade do planejamento e definição de projetos para a fronteira, tendo-a enquanto sua concepção de formação, como um lugar vivido, para pensá-la como espaço de interação:

> Mais que isso, é necessário imaginar, planejar e definir projetos para a fronteira concebendo-a como lugar vivido e não como as definições, pura e simples, existentes na geopolítica clássica. A partir disso é que se pode imaginar a fronteira como ponto de contato na relação que suas populações possuem com ela. De outro modo, ela permanecerá sendo concebida de maneira equivocada e de assombro.

Todavia, estas cidades representam a possibilidade de intensas trocas econômicas, culturais e sociais nos distintos países, em suas espacialidades urbanas, extrapolando a visão e representação social ultrapassada de que cidades gêmeas figuram apenas como espaços urbanos problemáticos, e por isso, possuírem grande controle dos seus respectivos territórios.

Diante dessas localizações geográficas, verifica-se que as cidades gêmeas representam espaços que necessitam de políticas públicas de diferentes esferas administrativas, que sejam específicas para essas realidades urbanas e que levem em consideração a importância destas na integração fronteiriça, vislumbrando estes espaços como territórios da integração do continente sul-americano em diversas perspectivas, como políticos, culturais e econômicos. Concorda-se, assim, com Oliveira, et.al (2011, p.91):

> As particularidades dessas cidades e aglomerações exigem políticas públicas específicas e diferenciadas para os municípios da faixa e para os da linha de fronteira. No caso destes últimos, as políticas devem contemplar o movimento contínuo dos fluxos de passagem, as diferentes culturas e religiões e a identidade difusa que, ao mesmo tempo, reflete fragmentos específicos e outros mesclados pela convivência cotidiana de diferentes povos. Tais políticas devem voltar-se para a minimização da perversidade, nem sempre explícita, de uma cidadania dividida – por vezes compartida –, que ora exclui, ora permite compartilhamentos.

A partir destas reflexões teóricas e documentais sobre a diversidade e possibilidade de compreensão da fronteira, destacam-se diferentes abordagens e realidades demográficas de cidades e municípios brasileiros localizados na faixa de fronteira, a partir de políticas públicas, como as cidades gêmeas. No próximo capítulo, coloca-se em questão a fronteira franco-brasileira e sua espacialidade intraurbana, dialogando, contudo, com outras escalas regionais, sobretudo, ilustrando singularidades regionais/locais e as diferentes formas de compreender a produção do urbano-fronteiriço, sob diferentes possibilidades e escalas geográficas de análise.

Na espacialidade fronteiriça, no contexto franco-amapaense, é notório na paisagem urbana a presença de interações que são estabelecidas pela sociedade, onde diferentes práticas econômicas, sociais, políticas e culturais dos diferentes territórios e territorialidades, representados por diferentes protagonistas sociais, como os povos da florestas, indígenas, garimpeiros, ribeirinhos, franco-guianenses, franceses, relacionam-se diretamente e têm no cotidiano urbano, a experiência do viver a/na fronteira, ou seja, a prática das interações sociais das relações internacionais no meio urbano amazônico.

Tal abordagem, será discutida no capítulo seguinte, intitulado: “Possibilidades de vislumbrar o urbano franco-brasileiro”, que objetiva compreender as marcas da fronteira franco-brasileira na produção do espaço.

Portanto, na sequência da tese, apresenta-se a dinâmica do espaço urbano franco-brasileiro, tratando desde dimensões fronteiriças em distritos e localidade importantes para o município de Oiapoque, como Vila Brasil, Clevelândia do Norte e Primeiro do Cassiporé. No entanto, a ênfase é dada ao distrito sede de Oiapoque, sobretudo, no espaço urbano, por exemplo, ao discutir a fronteira a partir da comunicação visual do comércio local e seu apelo pelo cliente “do lado de lá”, expressos em placas e fachadas de estabelecimentos comerciais de diferentes setores, que compõem desta maneira a paisagem urbana de Oiapoque.

Além disso, na análise subsequente será discutida a fronteira franco-brasileira, a partir de sua paisagem sonora e a sua polifonia, destacando a diversidade linguística presente nesse lugar. Será abordado, ainda, o “saborear a/na fronteira”, a partir de práticas culturais alimentares regionais, cujo sentido compõe a análise do espaço fronteiriço. Assim, o capítulo realça a importância da multiescalaridade e as diferentes lentes conceituais que podem ser utilizadas na compreensão de uma fronteira. Desta maneira, a proposta é demonstrar a vivacidade do espaço fronteiriço em análise, reafirmando o quanto a cidade de Oiapoque é indissolúvel da fronteira.

3 POSSIBILIDADES DE VISLUMBRAR O URBANO FRONTEIRIÇO FRANCO-BRASILEIRO

3 POSSIBILIDADES DE VISLUMBRAR O URBANO FRONTEIRIÇO FRANCO BRASILEIRO

Diante da perspectiva multiescalar, teórica-conceitual e prática de estudos fronteiriços relacionados ao processo urbano, considera-se, desse modo, neste estudo, a fronteira enquanto um espaço multiescalar e dinâmico, passível de fluidez e transformações territoriais em suas especificidades espaciais e de múltiplas temporalidades.

Destarte ao processo da escala de análise, Velázquez (2018, p. 157-158) aponta a necessidade e importância da escala:

> Uma discussão importante diz respeito à escala ser um atributo do espaço ou do processo. A esse respeito, se aceita o fato de que o espaço é multiescalar e aberto às múltiplas determinações e possibilidades, a precisão estaria em cada processo, contexto, grupo ou agente que tem sua própria escala e não é independente dela. Reconhecê-la em seu movimento é o que se faz importante com o fim de identificar, também, como em sua trajetória observa-se, em escalas específicas, com outros agentes e processos que permitem, então, gerar as relações entre eles. Assume-se, nesta postura, que ao ser uma escala um atributo do espaço multidimensional, essa redefine-se na medida em que é o espaço que flui e se transforma. A escala em si mesma não produz nem se modifica, e sim o faz a partir dos vínculos e das relações com as quais se estabelecem e se definem as relações entre trajetórias de agentes, grupos ou processos.

A necessidade de advertir o processo de multiescalaridade, em concordância com a autora citada, é que julgou-se necessária a adoção desta dimensão multiescalar no estudo fronteiriço aqui abordado, justamente para demonstrar a potência da fronteira na produção espacial urbana de Oiapoque pelas diferentes variáveis e, portanto, escalas que a localização fronteiriça permite na produção espacial. Evidencia-se, assim, que “a escala é, portanto, um problema colocado para o pensamento científico moderno”, (CASTRO, 2012, p. 131).

A escolha e uso da escala geográfica se faz necessária conforme a objetividade da análise em interpretar o espaço geográfico, de acordo com os propósitos da investigação. A deste estudo, em especial, busca mostrar os múltiplos papéis da fronteira franco-brasileira no contexto urbano-fronteiriço, ressaltando o local, mas, com diálogos e conexões com outras espacialidades regionais que consigam refletir em totalidade o espaço urbano da fronteira pesquisada em escalas maiores.

Nesta circunstância, o olhar para a fronteira franco-brasileira pode ocorrer através de diferentes lentes e crivos conceituais. Ou seja, é possível, por exemplo, olhar e entender o rio Oiapoque e sua importância no que diz respeito à formação e delimitação internacional territorial brasileira, através de sua função enquanto área necessária para a segurança nacional do território e no estabelecimento dos limites políticos, por meio de concepções clássicas destes conceitos, como aponta Paul Claval (2010, p. 43):

> Os rios constituem cortes e limitam relações entre as suas margens, daí o seu papel na delimitação das fronteiras políticas. O curso do rio constitui um obstáculo natural à progressão das forças inimigas; a fiscalização das relações econômicas é facilitada por um baixo número de pontos de passagem, fácil de uma margem a outra.

No entanto, pode-se, também, a partir da multiescalaridade e diversidade teórica-metodológica, olhar para o rio Oiapoque enquanto *lócus* da reprodução social e que mostra a interação fronteiriça de diferentes nações nos momentos de travessias, por exemplo.

Há nessa linha de pensamento, possibilidade de vislumbrar as diferentes relações de trabalho que são estabelecidas nas suas margens, em ambos os países, e também sobre suas águas binacionais, como os catraieiros fazem diariamente. Ou seja, interpretá-lo além da sua forma e função aparente, mas considerando-o em sua totalidade e sua cotidianidade.

Com a intenção de mostrar os múltiplos usos a partir do rio Oiapoque, considerando as diferentes escalas analíticas, assim como as possibilidades de compreensão da essência deste rio, além de sua forma e da sua importância fluvial para a hidrografia, elaborou-se um mosaico de fotografias composto por imagens registradas nos meses de março e abril de 2019, durante trabalho de campo (figura 2), representando a diversidade dos usos e funções sociais do rio Oiapoque.

A fotografia 2-A mostra uma embarcação do Exército Brasileiro navegando sobre o rio Oiapoque, em uma operação militar. O registro evidencia o papel do controle territorial por parte do Estado, e pelas forças militares, sobre as águas internacionais da fronteira franco-brasileira.

As figuras 2-B e 2-C são exemplos de barcos utilizados por pescadores. Ressalta-se que a pesca se configura com uma importante atividade econômica para o município de Oiapoque. Na "Beira" de Oiapoque, muitos pescadores atracam suas embarcações, para fazerem atividades diversas na cidade, bem como para concertarem suas redes utilizadas na atividade pesqueira, principalmente no Oceano Atlântico, a partir da costa

amapaense.

Na figura 2-D é possível ver um casal que se direcionava à uma catraia, na Vila Vitória. A travessia destinava-se à *Saint Georges de l'Oyapock*. Na fotografia avista-se diferentes catraias, algumas atracadas e outras navegando nas águas do Oiapoque. Estas embarcações representam o percurso de ir e vir na fronteira. No outro lado do rio avista-se *Saint Georges de l'Oyapock*.

Figura 2: Diversidade dos usos e funções sociais do rio Oiapoque

A

B

C

D

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Neste movimento de interpretação do espaço urbano fronteiriço franco-brasileiro, como sugerido anteriormente, a fronteira imprime na cidade de Oiapoque, em suas formas e conteúdos, uma paisagem repleta de simbolismos e significados inerentes ao cotidiano e de suas múltiplas ações.

Portanto, verificou-se nesta tese o quanto a fronteira franco-brasileira, tendo com perspectiva uma abordagem pan-amazônica e urbana-regional, permite perpassar por diferentes lentes conceituais e práticas para as cidades localizadas na fronteira, marcadas por suas diversidades existentes em seus territórios. Nesse sentido, os postulados de Castro e Hazeu (2012, p. 25) alinham-se a esta tese, visto que

> As fronteiras são espaços etnicamente plenos e, por isso, as cidades de fronteira na Amazônia têm a particularidade do multiculturalismo, da diversidade de etnias e culturas. Dimensões essas que recentemente têm sido incorporadas na compreensão do universo urbano da Pan-Amazônia.

É inevitável destacar nesta lógica os diferentes sentimentos que são aflorados ao estar e vivenciar a fronteira do Brasil com a Guiana Francesa, em pleno cotidiano amazônida. Pontua-se que o município de Oiapoque é diverso em suas formas e processos socioespaciais, principalmente por possuir, em seu território municipal em totalidades, diferentes formas da produção espacial, principalmente quanto à análise de sua composição ambiental, distrital e fronteiriça.

Produziu-se um mapa com a intenção de elucidar a diversidade socioespacial presente na municipalidade de Oiapoque. Optou-se por destacar 5 pontos neste mapa, representando os diferentes distritos e localidades por suas densidades analíticas.

O Ponto 1 apresenta Vila Brasil que está localizada às margens do Rio Oiapoque, distante cerca de 105 km do distrito-sede. Por se tratar de um lugar de difícil acesso, que ocorre por meio de embarcações, a viagem pode durar cerca de oito horas, o que pode variar de acordo com a dinâmica fluvial do rio Oiapoque.

Vila Brasil está localizada também em um contexto de fronteira que, de acordo com Silva Neto e Landim Neto (2017, p. 61), insere-se dentro de duas unidades de conservação ambiental denominadas, respectivamente, de Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque e Parque Amazônico da Guiana. Essa região é marcada pela presença de garimpeiros e, do lado francês, de povos indígenas que habitam a comunidade Camopi em território francês, comunidade que possui certa organização espacial com melhores estruturas, se comparada ao distrito brasileiro. Sobre este assunto, os autores destacam:

> Os índios habitam a aldeia de Camopi, abrigada à margem francesa do rio Oiapoque. Em Camopi, conforme relatos de moradores infere-se a existência de pouco mais de três mil habitantes, encontra-se uma rede de esgoto consolidada, duas escolas, ginásio poliesportivo, além de uma central de tratamento de água, destaca-se também um baobá de mais de 50 metros, existente no meio da praça central, que abriga debaixo de sua copa o túmulo dos dois primeiros prefeitos da aldeia, símbolo da comunidade.

A fotografia utilizada para representar este distrito no mapa é a imagem de igreja católica de Santo Antônio, importante marco da religiosidade do distrito de Vila Brasil. Pontua-se que esta fotografia é de autoria de Humberto Baía, divulgada no portal eletrônico amapaense Seles Nafes (selesnafes.com). Os demais pontos que possuem registros fotográficos nos distritos e localidades incluídos na representação cartográfica, são de autoria própria e foram realizados em dezembro de 2019, através de pesquisas em campo.

O ponto 2 trata do distrito de Clevelândia do Norte, onde funciona a Companhia Especial de Fronteira do 34º Batalhão de Infantaria de Selva, que também está localizado às margens brasileira do rio Oiapoque. Possuía uma população em 2010, de acordo com o IBGE, o total de 1.253 habitantes, distribuídos em 687 homens e 566 mulheres.

Além das dependências do batalhão, existem casas onde moram oficiais do Exército Brasileiro e seus familiares e alguns civis. Destaca-se que neste local funcionou a antiga Colônia Penal Agrícola de Clevelândia do Norte[7].

O local possui, às margens do rio Oiapoque, um monumento-réplica em tamanho reduzido da Basílica Santuário Nossa Senhora de Nazaré, localizada em Belém no estado do Pará, esta Santa representa a padroeira da Amazônia. Registra-se que, em Oiapoque, a padroeira do município é Nossa Senhora das Graças, mas também há muitos devotos da "Nazinha", como muitas pessoas se referem carinhosamente à Nossa Senhora de Nazaré.

Assim como ocorre em Belém e em Macapá, acontece, inclusive, em Oiapoque o Círio de Nazaré, em data posterior ao realizado Macapá para não coincidir as datas do expressivo evento religioso, que conta com milhares de fiéis e ocorre na capital do estado. Na fronteira franco-brasileira, os devotos seguem em procissão da Igreja Matriz da cidade, que homenageia Nossa Senhora das Graças, até a comunidade católica

[7] Sobre este assunto, consultar em: BRITO (2005): Clevelândia do Norte (Oiapoque): tensões sociais e desterro na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. E, ROMANI (2011) Clevelândia, Oiapoque: cartografias e heterotopias na década de 1920.

existente em Clevelândia no Norte.

Juntamente com a réplica da igreja, na decoração às margens do rio Oiapoque há também canhões de guerra desativados, compondo a paisagem cênica com placas com os escritos: “Oiapoque – Clevelândia – Aqui começa o Brasil”, além de um mastro repleto de pequenas placas com as indicações das latitudes e longitudes das capitais brasileiras e também a bandeira nacional. Tais elementos cênicos mostram o controle simbólico expresso pelo caráter e pela particularidade militar do limite internacional da fronteira, pelo Estado, particularmente pelo Exército Brasileiro. A figura 3 apresenta este local em Clevelândia do Norte.

Figura 3: Paisagem em Clevelândia do Norte

Fonte: Edenilson Moura (2018).

Quanto ao ponto 3 que representa o distrito-sede, escolheu-se a referida imagem para ilustrar o monumento que oficialmente recebe o nome de “Monumento à Pátria”, ou como é mais conhecido como o marco e/ou monumento “Aqui começa o Brasil”, que figura como um dos mais simbólicos e emblemáticos da cidade e da fronteira do Brasil com a Guiana Francesa.

O monumento localizado às margens brasileiras do rio Oiapoque, no canteiro central, rodeado por um jardim na Avenida Barão do Rio Branco com a rua Joaquim Caetano da Silva, que de acordo com o catálogo digital da Biblioteca do IBGE, consultado em 2020, foi construído no ano de 1943 para ser o indicativo do marco inicial do território brasileiro. Nele há citações do Hino Nacional e uma placa indicativa com

os dizeres: “Aqui Começa o Brasil”; “Verás que o filho teu não foge à luta”; “Do filho deste solo és mãe gentil, Pátria amada Brasil”. Foi criado, contudo, para consolidar a soberania nacional sobre as áreas limítrofes, face ao contestado franco-brasileiro. É, sem dúvida, um dos locais mais visitados e fotografados de Oiapoque, inclusive por diversas autoridades brasileiras que já estiveram e registram a passagem pelo local que representa um potencial turístico cultural da cidade.

As figuras 4 e 5 mostram dois registros históricos: o primeiro, é do referido monumento, e a outra fotografia é da Avenida Barão do Rio Branco, no Centro, principal avenida de Oiapoque.

Figura 4: Registro antigo do monumento “À Pátria”

Fonte: Acervo IBGE, s/data. Consultado em 2021.

Figura 5: Registro antigo da Avenida Barão do Rio Branco

Fonte: Acervo IBGE, s/data. Consultado em 2021.

Os monumentos apresentados nos distintos distritos de Oiapoque representam o poder simbólico materializado no espaço e destacam, por sua vez, a força da fronteira na espacialidade para além do limite internacional.

Cabe, ainda, destacar acerca dos monumentos presentes na cidade de Oiapoque,

relacionados à fronteira, o Monumento Laudo Suíço, localizado na Avenida Barão do Rio Branco, no calçamento central da Avenida, na frente da Delegacia da Polícia Federal e, do outro lado, o Ginásio esportivo da Escola Estadual Joaquim Nabuco.

O monumento foi construído nos anos 2000 para celebrar os 100 anos da decisão arbitral, que colocou fim ao contestado franco-brasileiro. Por se tratar de um lugar com grande potencial turístico cultural da cidade, poderia receber maior destaque no planejamento turístico local. Em sua estrutura, na parte superior, tem se o formato territorial de Oiapoque e da Guina Francesa, além das bandeiras do Brasil e da França.

Na parte central há uma placa em concreto com o rosto do Barão do Rio Branco, O sr. José Maria da Silva Paranhos Júnior, defensor dos interesses e do território brasileiro. O apoio da estrutura lembra braços, simbolizando uma possível união entre as duas nações. Compõem, ainda, o monumento, placas em aço inox com a transcrição de partes do laudo assinado em 1º de dezembro de 1900, em Berna. Registra-se que o dia da assinatura do laudo, ou seja, o dia primeiro dezembro é feriado municipal em Oiapoque. A figura 6 a seguir, apresenta o referido monumento.

Figura 6: Monumento Laudo Suíço

Fonte: Edenilson Moura (2018).

Outra espacialidade urbana importante, que será destacada no mapa 13, no ponto 4, é Vila Vitória, que contradiz, inclusive, alguns padrões oficiais de classificação do

que é considerado bairro e do que é considerado distrito nos municípios brasileiros, haja vista que a Vila em questão, para a prefeitura Municipal de Oiapoque, é considerada como um bairro, mesmo estando distante cerca de 5 km, em área não conurbada do distrito-sede.

Vila Vitória está localizada, literalmente, *no front*. Tais singularidades serão discutidas como elementos da constituição socioespacial da localidade na seção intitulada: Vila Vitória: o urbano brasileiro mais próximo da Europa.

Quanto ao ponto 5 do mapa 13 que traz a localidade Primeiro do Cassiporé, a fotografia ilustra a Escola Municipal Rio Primeiro do Cassiporé, localizada no quilometro 110 da BR-156, no trecho não pavimentado.

Ao lado da escola existe um pequeno restaurante com estrutura simples, considerado, informalmente, como uma parada quase obrigatória, pois, oferece banheiros para os clientes, além de um café sempre disponível na garrafa térmica sobre o balcão. Também como cortesia da casa, esse local oferece informações importantes para quem viaja pelo trecho na BR-156.

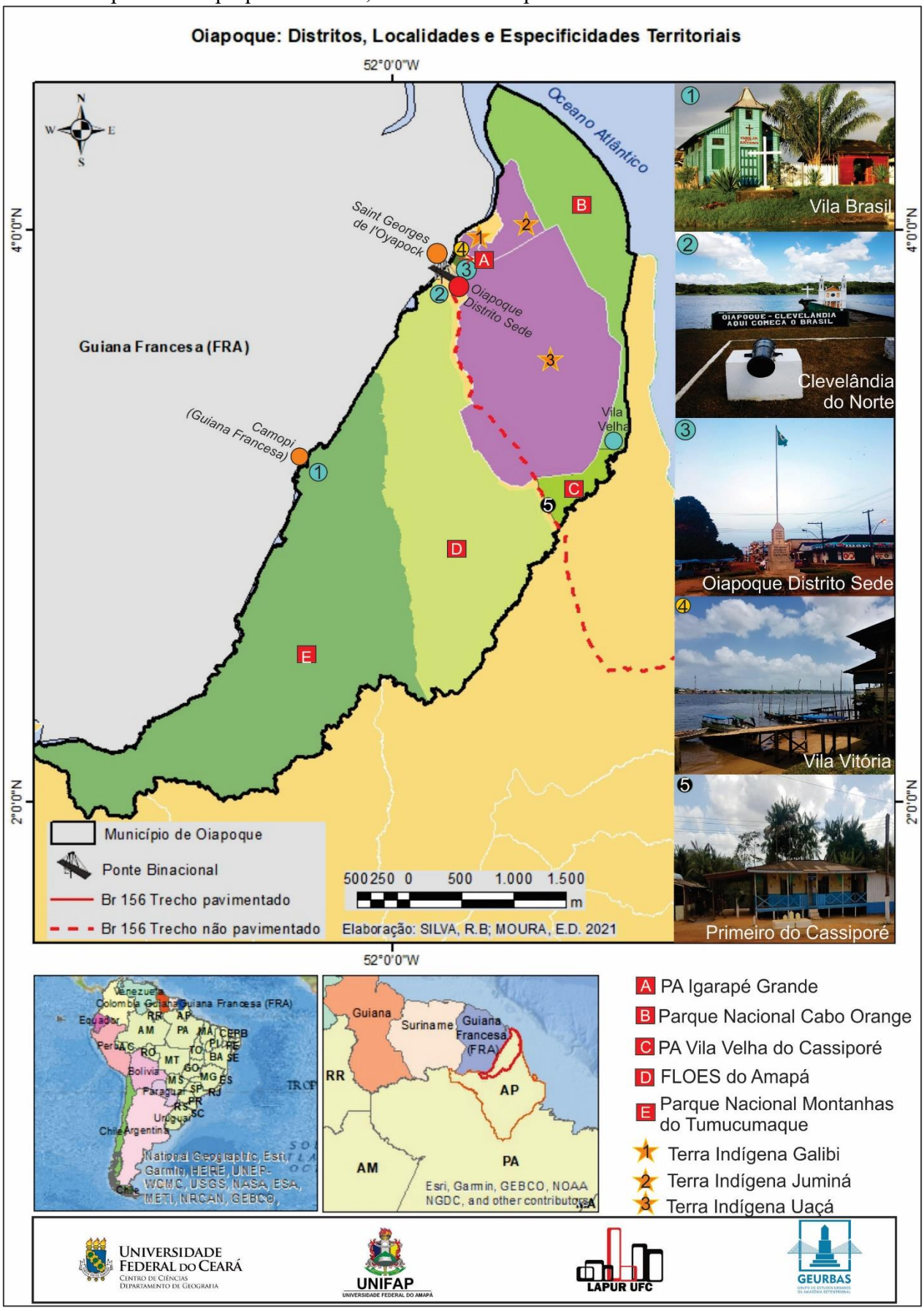
A figura 7 apresenta este estabelecimento, que tem como nome fantasia "Restaurante Deus Proverá", localizado na BR-156, no Primeiro de Cassiporé.

Figura 7: Restaurante na BR-156, na comunidade Primeiro do Cassiporé

Fonte: Edenilson Moura (2018).

Além dos distritos e localidades abordados e evidenciados na produção cartográfica que segue, o mapa 13 localiza e apresenta em sua composição a dimensão ambiental municipal pela presença de Unidades de Conservação (UC), projetos de assentamentos (PA) e terras indígenas (TI), além dos Parques Nacionais do Cabo Orange e os das Montanhas do Tumucumaque, inseridos no território do município de Oiapoque.

Mapa 13 - Oiapoque: Distritos, localidades e especificidades territoriais



Fonte: IBGE (2019); Trabalho de Campo. Elaboração: MOURA, E. D; SILVA, R. B. 2021.

No entanto, é principalmente na cidade, no distrito-sede de Oiapoque, que ocorre a efervescência dos nossos sentidos na fronteira, que evidenciam diferentes elementos analíticos e processos mais latentes atrelados à fronteira no urbano. Desta maneira, discute-se, na sequência, a respeito da fronteira do Brasil com a França, a partir de efervescências diversas dos sentidos humanos que auxiliam a vislumbrar especificidades regionais, através da visão, audição e do paladar na produção do espaço fronteiriço, a fim de identificar as marcas da fronteira na produção do espaço intraurbano.

3.1 A fronteira franco-brasileira impressa na paisagem urbana de Oiapoque

No campo visível, da materialidade do espaço fronteiriço e da sua paisagem que, nos termos de Carlos (2013, p. 36), a paisagem urbana revela conteúdos além da aparência e, portanto, permite a compreensão de processos:

> Enquanto forma de manifestação do urbano, a paisagem urbana tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial, o que implica ir além da aparência; essa perspectiva de análise já introduziria os elementos da discussão do urbano, não entendido enquanto processo e não apenas quanto forma. A paisagem de hoje guarda momentos diversos do processo de produção espacial, os quais fornecem elementos para uma discussão de sua evolução da produção espacial e do modo pelo qual foi produzida.

Com o intuito de identificar a materialidade do espaço urbano e da sua paisagem sob o olhar fronteiriço, destaca-se o comércio local, que comumente em suas fachadas e placas representam a fronteira na constante menção do idioma francês, trazendo "o lado de lá" do rio Oiapoque para as ruas brasileiras, ou seja, utiliza-se de estratégias comerciais de *marketing* e visual bilíngues, focalizando na venda de produtos, também para o cliente do "lado de lá" da fronteira.

O sentimento patriótico é igualmente compartilhado, principalmente ao verificar tantas bandeiras brasileiras ao lado de bandeiras francesas. Mas, raramente nota-se nessa impressão da espacialidade urbana a presença da bandeira da Guina Francesa. O mosaico de imagens abaixo apresenta tais visibilidades impressas na espacialidade urbana no cotidiano de Oiapoque. Assim sendo, as imagens que compõem o mosaico de fotografias (figura 8) na sequência, demonstram os indicativos textuais e iconográficos que remetem à França, presentes sobretudo no comércio do centro de Oiapoque.

A figura 8-A teve seu registro em dezembro de 2019 e mostra uma placa de um salão de beleza localizado no Centro de Oiapoque, na rua Santos Dumont. Na placa, evidencia-se o nome

do salão: ‘Brasil e France”, acompanhados com as bandeiras dos dois países, seguidos por “*soyes les bienvenus*”, que traduzido em português significa “sejam bem-vindos”.

A figura 8-B que também foi registrada em dezembro de 2019, mostra uma área com mesas e cadeiras de uma panificadora localizada na Avenida Barão do Rio Branco, no Centro de Oiapoque. No local, foram utilizadas diversas bandeiras do Brasil e da França para decorar o espaço.

Na figura 8-C fotografada em novembro de 2019, observa-se uma placa de uma drogaria localizada na rua Joaquim Caetano que, abaixo do seu nome fantasia “Vitória”, está destacada a tradução em francês: “*pharmacie”*.

A palavra fronteira também é comumente utilizada nas comunicações visuais dos estabelecimentos comerciais de Oiapoque, como representa a imagem 8-D, registrada em março de 2019, indicando o nome de uma churrascaria e restaurante: “Sabor da Fronteira”, localizado na rua Joaquim Caetano da Silva no centro de Oiapoque, na frente do rio homônimo à cidade.

A fotografia 8-E, registrada em junho de 2018, mostra uma casa de câmbio que, por si só já representa a necessidade e presença da troca econômica na fronteira franco-brasileira. Além disso, a tradução em inglês *“change”* é destacada na fachada do estabelecimento, que conta com a imagem de sete diferentes cédulas de Euro. É possível, ainda, observar na imagem dois veículos estacionados da marca *Toyota*, modelo *Hilux.* Estes automóveis são conduzidos pelos chamados de Piratas, nos deslocamentos na BR-156, de maneira alternativa às linhas de ônibus intermunicipais, que realizam as viagens até Macapá.

A última imagem que compõe o mosaico de fotografias representando a fronteira impressa na paisagem urbana, a figura 8-F, mostra o ponto de entrada e saída de pessoas que utilizam as catraias, na rampa localizada na Beira. A fotografia foi registrada em junho do ano de 2018, quando o Brasil disputava a Copa do Mundo, campeonato este que ocorreu na Rússia. Esse megaevento esportivo promove a pintura e decoração de parte da rampa que compõe a beira de Oiapoque, com as cores e a reprodução da bandeira brasileira. No entanto, a bandeira francesa também foi fixada neste importante espaço de interações fronteiriças. Na imagem observa-se, também, um homem que se dirigia para embarcar em uma catraia que partia para *Saint Georges*.

Figura 8: Mosaico de fotografias: representações da fronteira no urbano em Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (datas diversas, explicitadas na descrição individual de cada registro).

Os veículos que circulam frequentemente e com facilidade com suas placas com os modelos oficiais da União Europeia (UE), fazem lembrar que nas proximidades há uma [8]"latidianidade", diferente às demais fronteiras brasileiras. Afinal, não é um veículo com a placa do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), como circulam os carros em parte dos países da América do Sul, como ocorre na Argentina, Paraguai e Uruguai, além do Brasil.

Neste direcionamento analítico, salienta-se que além de placas e fachadas comerciais que partilham os dois idiomas, o setor turístico é um dos que mais se apropria desta estratégia de atração de consumidores, neste caso de turistas, principalmente dos falantes do idioma francês.

A figura 9 apresentada na sequência mostra uma placa fixada na Avenida Barão do Rio Branco, em frente à Delegacia da Polícia Federal, portanto, um local estratégico para a divulgação do empreendimento hoteleiro de Oiapoque, considerando a circulação de estrangeiros que ali registram suas entradas e/ou saídas nos seus passaportes.

A placa deste estabelecimento brasileiro que possui o nome fantasia de "*Chalets Paradis*", e o *slogam:* hospedagem e lazer, possui as seguintes menções: "*Venez decouvir! Un paradis vert oú de Brésil commence"*, que tem a seguinte tradução em português: "Venha e descubra! Um paraíso verde onde o Brasil começa". Registra-se que todas as menções da placa publicitária estão escritas no idioma do país vizinho, o que inclui as atrações e comodidades do hotel, como: "*piscine*", "*parc*" e "*restaurant*".

O estabelecimento ainda divulga seus contatos telefônicos e de *WhatsApp,* um destes com código de Discagem Direta Internacional (DDI) + 694, utilizado na Guiana Francesa. Ressalta-se, também, nesta composição publicitária, a "venda do verde", observada na composição do *design* da placa, com elementos da natureza, como árvores e também enquanto uma representação simbólica de um espaço amazônico presente no local. Portanto, o verde no começo do Brasil é considerado como atrativo turístico.

A própria estrutura do hotel, que possui os dormitórios em chalés também ilustrados na placa, já direciona a um tipo de hospedagem em um estilo mais rústico, porém não menos confortável, haja vista que o hotel oferece passeios, *Internet wireless fidelity (wi-fi),* parque infantil, piscina e um restaurante que é acessível não somente aos hóspedes , cujo cardápio disponibiliza diversos pratos que valorizam os peixes da região.

[8] Referindo neste caso, ao sentimento de pertencimento e identidade do que é ser América Latina, uma vez que a Guiana Francesa, apresenta outras particularidades.

Figura 9: Placa de empreendimento hoteleiro de Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2018).

Verifica-se que é nítida a representação da natureza amazônica na cidade, não somente nas toponímias da natureza que também emprestam seus nomes aos comércios, nos materiais publicitários e/ou fachadas comerciais e/ou de prestadores de serviços, mas, principalmente na paisagem cênica da margem do rio Oiapoque, por exemplo, ao se atravessar para *Saint George de l'Oyapock* que, nesta narrativa, permite-se, aportuguesar/abrasileirar para simplesmente São Jorge.

3.2 Ouvir e falar na fronteira

Além do ver a/na fronteira franco-brasileira, a *paisagem sonora* também pode ser analisada e compreendida sob a égide fronteiriça. Aponta-se que em Torres e Kozel a paisagem sonora é composta por diferentes sonoridades, que auxiliam diferentes significados e valores dos lugares. Nesta análise esta perspectiva auxilia a compreensão da paisagem sonora fronteiriça (2011, p. 4, tradução nossa), pois:

> Pensar sobre a paisagem sonora requer pensar sobre a diversidade de sons presentes em um lugar e sua relação com a cultura e o lugar. É na paisagem sonora que se encontram os sons artificiais produzidos por máquinas e motores, linguagens, com múltiplos sotaques e gírias, assim como canções e músicas. Esses elementos são os produtos e produtores da paisagem sonora e atuam na memória das pessoas, nos significados e valores atribuídos aos lugares.

Tendo esta perspectiva em vista, indica-se que a paisagem sonora de Oiapoque sob o contexto fronteiriço é polifônica e apresenta grande variedade linguística. Ao percorrer as ruas das cidades gêmeas Oiapoque e *Saint Georges*, escuta-se e fala-se múltiplas linguagens que vão do sotaque do amapaense, por conseguinte, amazônico. Este que é muito similar ao sotaque paraense, visto que ambos já foram um único estado.

Uma das peculiaridades desta múltipla linguagem é o jeito de falar em que "chia o s", além do fato de que o principal pronome utilizado é o "tu" e não o "você", como ocorre em outras regiões brasileiras. Nesta fronteira, assim como em outras cidades da Amazônia brasileira, expressões como "carapanã" e "igarapé", substituem as palavras mosquito e o córrego e/ou pequeno rio, respectivamente. Sem contar que as expressões "mano/a" e "égua", é comumente escutada na cidade de Oiapoque.

Além desta riqueza representada pela variedade linguística pan-amazônica e amazônida, especialmente na fronteira franco-brasileira, escuta-se frequentemente o idioma francês, que integra, portanto, a sonoridade e diversidade linguística presentes na fronteira franco-brasileira.

Assim como é apresentado nas fachadas das lojas e na comunicação visual do comércio brasileiro, como evidenciado anteriormente, nos deslocamentos das viagens sentido Macapá e/ou sentido Oiapoque, seja nos ônibus que trafegam na BR-156, ou nos veículos conduzidos pelos piratas e/ou pirateiros[9], comumente haverá alguém falante praticando a língua oficial do país vizinho, afirmando a francofonia[10] da região, bem como nas ruas e estabelecimentos comerciais da cidade, com destaque para os hotéis, bares e restaurantes de Oiapoque.

Neste sentido, os proprietários destes estabelecimentos empresariais dão preferência para contratarem os funcionários falantes da língua francesa, para atenderam esta demanda dos estrangeiros na fronteira, sobretudo, nos setores de serviços, turísticos e comerciais. Justamente por esta demanda latente da cidade de Oiapoque, os cardápios, tabelas de preços, avisos nos banheiros e demais informações gerais expostas nestes estabelecimentos, sempre estarão disponíveis e fixados, também em francês, além da língua portuguesa. Portanto, em Oiapoque é comum se escutar na cidade expressões como *bonjour, bonsoir* e *merci beaucoup*[11].

---

[9] Piratas ou pirateiros, são os condutores de veículos, modelo caminhonete, motor à tração 4x4, que fazem os deslocamentos na Br-156, de maneira alternativa as empresas intermunicipais de ônibus. A dinâmica e importância da circulação destes meios de transportes na fronteira, feitas por estes profissionais, serão discutidas adiante na tese.

[10] De acordo com Espirito-Santo (2009, p.52): O português e o francês são línguas fônicas, isto é, faladas no âmbito de conjunto de países nos quais são oficiais. 55 Estados-membros e 13 países observadores fazem parte da francofonia. O pré-requisito, no entanto, para a admissão não é apenas o uso da língua francesa, mas sim a presença consistente da cultura e língua francesas no contexto identitário de um país, geralmente expressado pela relação privilegiada com a França em sua história.

[11] Traduções das palavras francesas: bom dia, boa noite e muito obrigado, respectivamente.

Importante ressaltar a necessidade da formação profissional e ensino da língua francesa em Oiapoque. Registrando a importância da oferta do curso de graduação em Licenciatura em Letras Francês na Universidade Federal do Amapá, no Campus Binacional Oiapoque. Além disso, nas escolas estaduais, a partir do 6º ano, o ensino de língua de francesa é obrigatório na grade de disciplinas.

Aponta-se a necessidade da ampliação da formação, principalmente técnica subsequente[12] do idioma francês, o que culminaria na maior dinamização do convívio e das relações sociais, de trabalho e interações culturais entre ambos os países. Além disso, o aprimoramento profissional em diferentes setores, como hoteleiro, bares e restaurantes, taxistas e moto-taxistas e também os catraieiros, melhoraria consequentemente o segmento turístico nesta região de fronteira internacional, aumentando o número de profissionais bilíngues e contribuindo, assim, para a estruturação e consolidação da atividade turística, para aprimorar o atendimento aos turistas estrangeiros (falantes do idioma francês) na cidade de Oiapoque.

Ao analisar a dinâmica da linguagem e da comunicação do outro lado do rio, na cidade-gêmea de *Saint Georges de l'Oiapock*, a presença da língua portuguesa é bem menos expressiva quando comparada à presença do idioma francês no lado brasileiro. Nas ruas de *Saint Georges*, não se observa na paisagem da cidade letreiros e informativos escritos em português. Tal fato pode demonstrar o desinteresse em atrair brasileiros para seus estabelecimentos comerciais na cidade francesa, revelando, também, a dificuldade de comunicação e de interação social de brasileiros na cidade de *Saint Georges*. Nesta continuidade analítica, Espirito-Santo (2009, p. 52 -53) relata que:

> [...] a diferença quantitativa e qualitativa da presença do português e do francês na cidade gêmeas de Oiapoque e Saint Georges. Enquanto que do lado guianense a presença do português é quase nenhuma, do lado brasileiro, no entanto, a presença da língua francesa é constante.

Outra variante linguística necessária para o entendimento do mosaico complexo que compõe a paisagem sonora da fronteira franco-brasileira, é a língua dos povos indígenas da região, principalmente na cidade, uma vez, que há aldeias próximas do distrito sede de Oiapoque, além do fato de que muitos indígenas moram na cidade.

Essas Linguagens[13] possuem particularidades e complexidades inerentes à localização fronteiriça, como é o caso dos povos Galibi-Marworno e também dos Karipunas, como narra

[12] Destaca-se que já foram ofertados inúmeras vezes cursos de francês na modalidade de extensão universitária, pela UNIFAP e IFAP Campus Avançado de Oiapoque.

[13] Registra-se a importância da formação de professores indígenas, através do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII) ofertado pela UNIFAP Campus Binacional Oiapoque, no processo do ensino-aprendizagem das línguas maternas, nas aldeias do Amapá e Norte do Pará.

Vidal (2000, p. 2):

> Atualmente a população Galibi-Marworno tem como língua materna uma variação do crioulo falado na Guiana Francesa. Esse idioma é utilizado como língua franca dos povos indígenas do baixo Oiapoque, que reconhecem diferenças fonéticas entre aquele falado pelos Karipuna e o falado pelos Galibi-Marworno. Esse crioulo "indígena" distingue-se do crioulo "negro" da Guiana Francesa em aspectos fonéticos e lexicais que ainda não foram suficientemente estudados.

Acerca da variedade linguística dos povos indígenas da região, tem-se neste contexto analítico a presença do crioulo, como é discutido por Campetela et al (2017, p. 158-159):

> Línguas definidas como crioulas são aquelas que surgem de contextos de contato onde não há língua comum. Na primeira geração de contato há o surgimento de uma língua franca, chamada de pidgin, uma língua de contato sem falantes nativos. Quando o pidgin se consolida e forma sua primeira geração de falantes nativos, surge uma língua crioula. (2017, p. 158 – 159).

Alfred Tobler (1987), ainda na época em que o Amapá era um Território Federal, pesquisou a diversidade da língua falada pelos povos indígenas Karipunas, povos importantes para a compreensão em totalidade da sonoridade presente na fronteira franco-brasileira. O autor, no dicionário Crioulo Karipúna, destaca o entroncamento da língua indígena com o francês (TOBLER, 1987, p.1): "A língua do povo karipúna pertence à família dos crioulos do tipo francês. Esses crioulos são falados na Guiana Francesa, no Caribe, e em outras partes do mundo. Os karipúna habitam às margens do Rio Curipi, no Território Federal do Amapá".

Evidencia-se que a preocupação nesta tese não é o entendimento da totalidade presente na complexidade da variedade linguística da área de estudo e/ou sobre o ensino destas, na pesquisa da fronteira, o que demandaria um outro estudo, mas sim discutir e relacionar o quanto a realidade fronteiriça em evidência é marcada por diversidades que nos auxiliam a compreender a produção deste espaço geográfico e a consolidação de paisagens fronteiriças em múltiplas escalas de análise.

É imprescindível apontar a musicalidade no espaço urbano da fronteira franco-brasileira, a começar pela diversidade de músicas sempre presentes nos veículos, nos bares, restaurantes e estações de rádios da cidade, marcadas pelo processo de globalização, que tende a homogeneizar os fazeres culturais, incluindo a produção musical. O que resulta na presença de músicas internacionais e produções nacionais com forte apelo mercadológico, quase sempre sem uma base regional e/ou local, fato que ocorre em ambos os lados da fronteira e no território brasileiro em totalidade.

Todavia, há os ritmos regionais e locais que marcam a sonoridade musical no urbano-fronteiriço investigado, com suas particularidades e identidades regionais. Como é o caso do

brega e suas derivações contemporâneas, como o tecnobrega e o *melody*, que animam as festas, conhecidas como festas de aparelhagem que ocorrem principalmente à noite nas casas de shows e bares da cidade de Oiapoque, onde diariamente, pelas ruas se escutam tais ritmos.

No entanto, ainda que menos frequente, há a reprodução de músicas caribenhas como o *zouk*, como também os ritmos amazônicos expressivos como o carimbó e a Música Popular Amapaense (MPA), reafirmando, dessa forma, a interação sóciocultural na fronteira e a grande diversidade da polifonia presente na paisagem sonora.

Acrescenta-se nesta discussão que dentre as sonoridades mecânicas presentes na cidade e na composição da paisagem sonora fronteiriça franco-brasileira, tem-se o som dos motores das catraias. Considera-se, nesta investigação, que estas embarcações com motores de popa são ícones centrais para o entendimento das interações fronteiriças, pois representam a interação social entre os dois países, que é instituída e se dá diretamente sobre o limite internacional: o rio Oiapoque. Isso significa que ouvir os motores das embarcações simboliza que está acontecendo a mobilidade de pessoas atravessando a fronteira, ou seja, há pessoas indo e/ou voltando.

Na principal rampa de acesso ao rio Oiapoque, que fica localizado na Rua Joaquim Caetano da Silva, fica um dos pontos de saída e chegadas das catraias. Aproximar-se deste local, é garantia de abordagem por parte de algum catraieiro devidamente uniformizado, de acordo com a cooperativa ou associação que faz parte, perguntando: “vai atravessar? ”

As catraias, dessa forma, se apresentam como o principal meio de se atravessar a fronteira Brasil-França, mesmo após a abertura da ponte binacional que ainda não conseguiu ampliar uma efetiva relação entre os países, diante desafios diversos, fato que será melhor discutido posteriormente na tese, quando se abordará sobre a dinâmica do território-rede.

3.3 Saborear a/na fronteira

Compreender a alimentação e os sabores, representa outra possibilidade de vislumbrar as dinâmicas urbanas e regionais próprias da/na fronteira franco-brasileira e a inserção desta na produção do espaço. Na Geografia, existem trabalhos com esta perspectiva, com pesquisas que destacam tanto a relação da alimentação com a questão cultural, sobre a produção de alimentos e também com o relacionamento do alimentar no diálogo sociedade e natureza, como apontado por Almeida (2017, p. 3):

> O ato de se alimentar encerra em si uma complexidade resultante não só da inter-relação entre si, o homem e a natureza, mas de todos os diversos desdobramentos que ela enseja, dentre os quais a própria diferenciação entre alimentar-se e comer, visto que é possível comer sem necessariamente alimentar-se.

Uma vertente importante desta análise, é o entendimento do comer enquanto ato complexo, que revela, em sua essência, diferentes relações imbricadas com a alimentação da sociedade, como Certau (1996, p.249) questiona:

> O que se come? Come-se, é claro, aquilo que se pode "oferecer" aquilo que gostamos de comer: frase que denuncia uma falsa clareza e revela uma simplicidade totalmente enganosa. Poder remete aqui ao disponível como as provisões, ao acessível como preço, ao assimilável pela digestão, ao permitido pela cultura, ao valorizado pela organização social.

Desse modo, tem-se a partir da compreensão dos hábitos alimentares, infinidades de interpretações possíveis, que ampliam o vislumbrar sobre a produção do espaço. A fronteira franco-brasileira, em especial, revela a partir desta análise a riqueza da alimentação do povo amazônida.

Em Oiapoque, em ambos os lados da fronteira, partilham-se muitos alimentos nas bases alimentares das pessoas. A farinha de mandioca, por exemplo, que é produzida em aldeias indígenas do município é facilmente comprada no comércio do centro da cidade de Oiapoque e também em *Saint Georges*.

Nas ruas da cidade de Oiapoque as pessoas têm os "batedores ou batedeiras" de açaí, até como pontos de referência de localização espacial. As batedeiras, como são conhecidos os locais que se batem a polpa do açaí e o comercializa.

É comum, nesses locais, os comerciantes improvisaram uma luz vermelha, a partir de um frasco de *ketchup,* para enfatizar o local como ponto de beneficiamento e/ou comercialização de açaí. Portanto, batedeira não é somente o equipamento utilizado no beneficiamento do fruto, que é consumido e produzido na cidade, nas aldeias indígenas do município e também na Guiana Francesa. Como apontado por Noleto e Filizola (2013, p. 8):

> O mercado local de Oiapoque é responsável pela aquisição e beneficiamento de boa parte dos frutos de açaí que são coletados nas terras indígenas. A sua destinação segue também para as praças dos municípios vizinhos, para a capital do estado, Macapá, para o mercado de Belém e para as cidades localizadas na Guiana Francesa.

Contudo, o açaí é um dos principais frutos característicos da região amazônica,

importantes para a alimentação e economia urbana como em Oiapoque, que apresenta particularidades regionais desde a sua produção até o consumo final. No norte do Brasil, o açaí é consumido com guarnições salgadas, como peixe, camarão farinha de mandioca e tapioca.

Além do açaí, outros frutos regionais bastante apreciados em sucos e sobremesas em Oiapoque e na fronteira, são o cupuaçu, bacuri e o taperebá, que é conhecido em outras regiões como cajá. Outro fruto regional muito consumido é a pupunha, quase sempre cozida e saboreada com café quente.

Nesta seara, tem-se a importância da pesca em Oiapoque, seja pela força da atividade econômica para o município, seja pelo seu papel na alimentação. De acordo com Amanajás (2019, p. 215), a pesca é uma atividade iniciada antes mesmo da emancipação municipal de Oiapoque:

> Os pescadores de Oiapoque desenvolvem a atividade da pesca desde antes da década de 40, período em que foi criada a vila do Taperebá e que coincide com a homologação de Oiapoque, enquanto município. Neste período as pescarias eram realizadas pelos moradores da vila do Taperebá (desde de 1980 localizada dentro do PNCO) e pelos pescadores que já estavam no município concentrando a pesca nas mesmas zonas de pesca, na área da foz do rio Cassiporé até a desembocadura do rio Oiapoque.

Atualmente, a atividade pesqueira ocorre em sua maioria de forma artesanal e com pouca infraestrutura no setor. No entanto, com números crescentes que simbolizam uma importante atividade econômica para o município. A maior parte do pescado é comercializado para fora do Amapá. Na atividade, além de pescadores que vivem em Oiapoque, encontram-se também, profissionais de outros estados que utilizam da costa atlântica oiapoquense, para pescarem, como afirma a autora supracitada (2019, p. 205):

> A produção pesqueira de Oiapoque é na sua maioria artesanal e quase toda comercializada fora do Estado, principalmente para Fortaleza. As embarcações que pescam na costa do Oiapoque, além das que pertence a região, são provenientes dos estados do Ceará, Maranhão e, principalmente, do Pará.

Dentre as espécies de peixes mais presentes em Oiapoque estão a corvina, uritinga, pescada-amarela, bagre, pescada-branca e dourada, além de outras espécies (Amanajás, 2019). Nesse sentido, é comum os restaurantes oferecerem em seus cardápios diferentes pratos com peixes da região, mesmo que grande parte do pescado seja comercializado para outros estados. Como acompanhamento para os pratos de peixe, além de guarnições como arroz, salada e farinha, o tucupi é sempre presente, assim como em outras cidades da Amazônia.

Com sabor peculiar do sumo ou caldo de cor amarela extraído da mandioca brava,

facilmente encontrado para comprar na cidade de Oiapoque, em garrafas pet, o tucupi é essencial no preparo de um dos pratos mais típicos do Pará: o tacacá, que é um caldo feito com jambu e camarão, entre outros ingredientes de sabores marcantes, que são bastante consumidos no Amapá, incluindo a fronteira franco-brasileira.

Cabe enfatizar que além desses sabores amazônicos, do outro lado do Rio Oiapoque há pratos e iguarias tradicionais da Guiana Francesa, com destaques para aqueles feitos à base de peixes e frutos do mar.

Já os vinhos franceses, que são reconhecidos mundialmente por apresentarem boa qualidade e grandes regiões produtoras na França, são comercializados no "China", expressão popular para os mercados de *Saint Georges*, pelo fato de que os proprietários dos mesmos, possuírem origem asiática. A bebida é um dos sabores franceses que muitos brasileiros mais buscam do outro lado da fronteira.

Evidente que em outros supermercados brasileiros, inclusive de outras regiões do país, encontra-se tais vinhos com facilidade nas adegas e prateleiras dos supermercados brasileiros, mas quando estes são comprados na fronteira Brasil-França, há uma singularidade especial, afinal, é um vinho francês comprado literalmente na França, sem atravessar o oceano Atlântico, mas apenas o rio Oiapoque.

Na sequência, apresenta-se um mosaico de imagens, composto por cinco fotografias, registradas em dezembro de 2019, ilustrando parte da diversidade alimentar presente na fronteira franco brasileira em dois locais específicos da cidade: a beira e o mercado municipal. Tais registros destacam as particularidades amazônicas presente na produção, comercialização e consumo em Oiapoque.

A figura 10-A mostra um pescador comercializando peixe na Beira de Oiapoque (rua Joaquim Caetano, Centro), observa-se a embalagem no lado esquerdo da imagem, com grande fartura de pescado.

Na imagem 10-B observa-se um carrinho de vendas, com estrutura produzida a partir de uma bicicleta. Nota-se a comercialização de farinha de mandioca, pupunha, laranja e melancia, o que revela a produção e importância dos pequenos produtores rurais no abastecimento na cidade.

O mercado municipal da cidade é um importante espaço de vendas dos produtores rurais de Oiapoque e também na venda da farinha de mandioca, com parte considerável produzida nas aldeias indígenas do município.

Além de frutas, verduras e carnes diversas, neste espaço encontra-se grande diversidade de alimentos. É comum a presença de turistas e moradores da Guiana Francesa,

fazendo compras no local.

Desta forma, a figura 10-C evidencia o interior do mercado municipal, revelando grande oferta de farinha de mandioca disponível em bancas distintas, com grandes sacas. A figura 10-D mostra uma caixa de isopor com diferentes pescados da região armazenados com gelo. Além de peixes, encontra-se facilmente no mercado diferentes espécies de camarão.

A última fotografia que integra o mosaico, a figura 10- E, além de mostrar as sacas de farinhas de mandioca, que é uma importante fonte de proteína na região, que são utilizadas em farofas e no consumo com o açaí, apresenta também, frutas e verduras disponíveis no mercado municipal, como bananas, couve e cebolinha.

Vale ressaltar nesta fotografia, a presença do tucupi e diferentes pimentas armazenadas em garrafas pets. Na barraca registrada, nota-se também uma placa no canto superior no lado direito da fotografia indicando: “polpas de cupuaçu” que, como destacado, é um fruto amazônico bastante utilizado em sucos produzidos com água ou leite e também em sobremesas.

Figura 10: Mosaico de fotografias representando a diversidade dos alimentos regionais

Fonte: Edenilson Moura (datas diversas, explicitadas na descrição individual de cada registro).

Desta forma, concorda-se com a ideia de que: “Cada hábito alimentar compõe o minúsculo cruzamento de histórias” (CERTEAU, 1996, p. 234), visto que na fronteira franco-brasileira, os hábitos e o fazeres alimentares também descortinam as aparências da fronteira e seu cotidiano, evidenciando, assim, o modo de viver e produzir o espaço amazônico e fronteiriço. Além disso, revelam como a sociedade produz, comercializa e alimenta-se, na cidade e também em outros espaços importantes como nas aldeias indígenas, presentes no recorte espacial em análise, mostrando interações culturais entre brasileiros indígenas e não-indígenas, guianenses, crioulos e franceses.

A proposta desta reflexão para a fronteira franco-brasileira foi de evidenciar a riqueza analítica de olhar para a fronteira com múltiplas perspectivas e escalaridades, contemplando a paisagem urbana e sua essência a partir de suas formas como, por exemplo, ao vislumbrar a comunicação visual do comércio local, a diversidade linguística, a polifonia da paisagem sonora, a fartura da culinária regional e os sentidos da alimentação amazônica. Tal reflexão permite, por sua vez, reafirmar a vasta dimensão da fronteira e da sua espacialidade urbana que é produzida cotidianamente, expressa nas diferentes relações sociais entre o ser e o viver na fronteira e na cidade, o que, portanto, de modo algum permite classificar este importante território brasileiro apenas como uma fronteira vazia ou pouco expressiva para o território nacional, sobretudo porque sua gente e seus modos de ver e viver o mundo exprimem sua potência e singularidade. Tais especificidades da produção espacial ecoam modos e relações sociais fronteiriças, nos diferentes bairros da cidade, o que será contemplado na próxima seção.

3.4 Dinâmica intraurbana no abairramento de Oiapoque

Reafirma-se a proposta de apresentar especificidades e representações vinculadas ao imaginário social da espacialidade fronteiriça de Oiapoque. Sob essa perspectiva, os autores Nascimento e Tostes (2008, p. 2) enfatizam que:

> [...] Oiapoque baliza a fronteira norte do Brasil com a Guiana Francesa - um departamento ultramarino francês encravado no continente sul-americano. Cidade de Oiapoque forma com Saint George - pequeno vilarejo francês de forte presença militar – uma zona de fronteira bastante antiga e estagnada. Oiapoque é uma cidade-marco e como tal, possui a sua frase símbolo: “aqui começa o Brasil”. Além dessa frase, o chavão “do Oiapoque ao Chuí”, reforça a idéia de fronteira e dos contornos da nação, colocando o nome dessa pequena cidade amazônica no cenário nacional.

Mesmo localizado em uma importante porção territorial no contexto brasileiro, representando a única fronteira do Brasil com um departamento ultramarino francês e

consequentemente, uma fronteira com a União Europeia, o espaço urbano de Oiapoque é marcado por sérios problemas sociais e ausências de equipamentos públicos que possibilitariam uma melhor qualidade social de sua população, que vive em seus diferentes bairros.

A qualidade social aqui referida se associa a uma lógica que destoa das lógicas hegemônicas que priorizam somente o o desenvolvimento e reproduação ampliada do capital mercadológico, excludente por assim dizer, principalmente para as pessoas que vivem à margem das políticas públicas em relação à integração do território nacional.

Entre as mazelas urbanas, destacam-se deficiências na estrutura física dos equipamentos públicos nas áreas de saúde e educação, má gestão dos resíduos sólidos urbanos, que são descartados no chamado "lixão" na área urbana, provocando sérios problemas ambientais na cidade, ausência de saneamento básico e tratamento de esgoto, problemáticas relacionadas às moradias em áreas inapropriadas à habitação, ausência de espaços públicos para a prática de lazer, excessiva quantidade de lixo e esgosto descartados no rio Oiapoque, grande quantidade de vias públicas não pavimentadas, dentre outros problemas físico-estruturais presentes na cidade.

Atualmente, a cidade de Oiapoque no seu distrito sede possui treze bairros, considerando a Vila Vitória, além de um quilombo urbano[14]. O quadro 5 e o mapa 14 na sequência evidenciam o atual abairramento da cidade de Oiapoque. Em alguns bairros de Oiapoque, como o Universidade, existe uma tendência à supervalorização do espaço urbano em consequência da localização da UNIFAP, promovendo a valorização e especulação imobiliária e, futuramente, proporcionará possíveis áreas de diferenciação socioespacial na cidade.

Quadro 5: Abairramento de Oiapoque – Amapá

ABAIRRAMENTO E LOCALIDADES URBANAS DE OIAPOQUE – DISTRITO SEDE
1. Centro / Central
2. Nova Esperança
3. Nova União
4. Paraíso
5. Russo

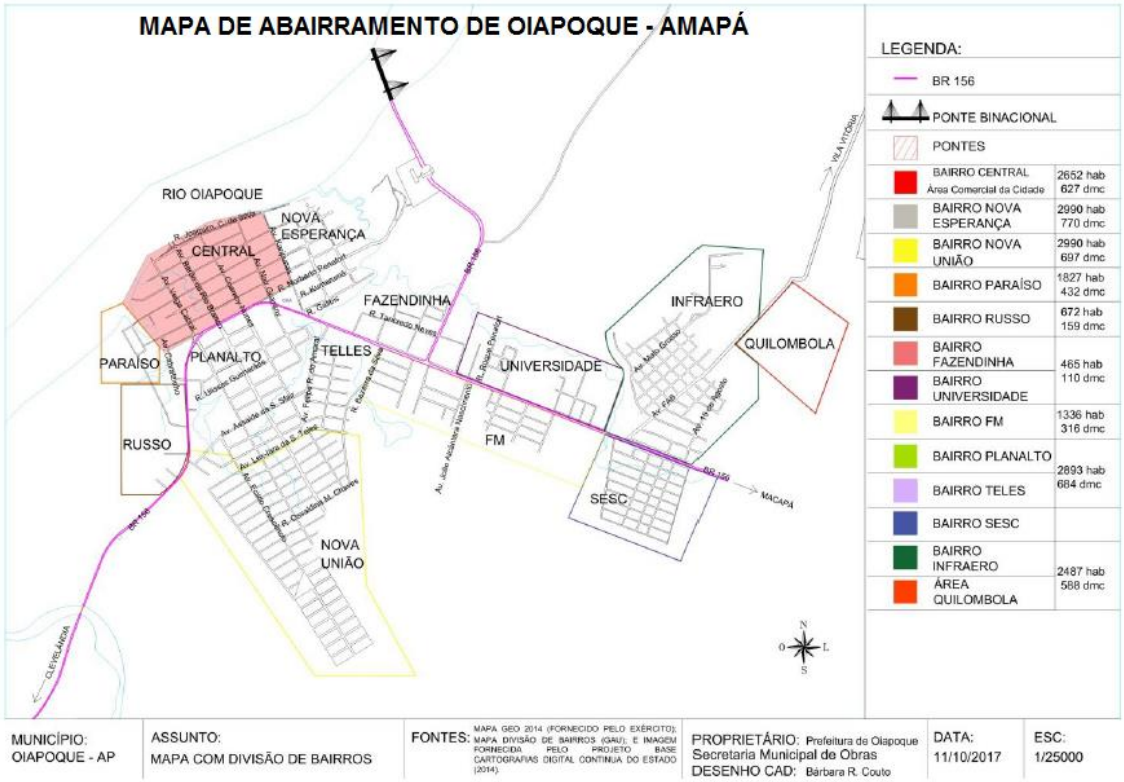
[14] Quilombo urbano chamado de Kulumbu do Patuazinho é uma comunidade quilombola, também chamada de Cantuário do Pai Bené (como indica a placa de entrada do quilombo), localizada nas proximidades do Bairro Infraero, portanto, inserido às dinâmicas urbanas de Oiapoque, o local afigura-se como um centro cultural e religiosos de matriz africana, com práticas do Candomblé e Umbanda.

6. Fazendinha
7. Fm
8. Planalto
9. Telles
10. Sesc
11. Infraero
12. Área quilombola / No Infraero
13. Universidade
14. *Vila Vitória

Fonte: Prefeitura Municipal de Oiapoque. Organizado por Moura (2018).

*Localizada distante cerca de 5km do distrito sede, é considerada como Bairro, pela PMO.

Mapa 14: Mapa de abairramento de Oiapoque – Amapá



Fonte: Prefeitura Municipal de Oiapoque. Elaborado por: Couto, B. R. (2017). Adaptado por: Moura (2018).

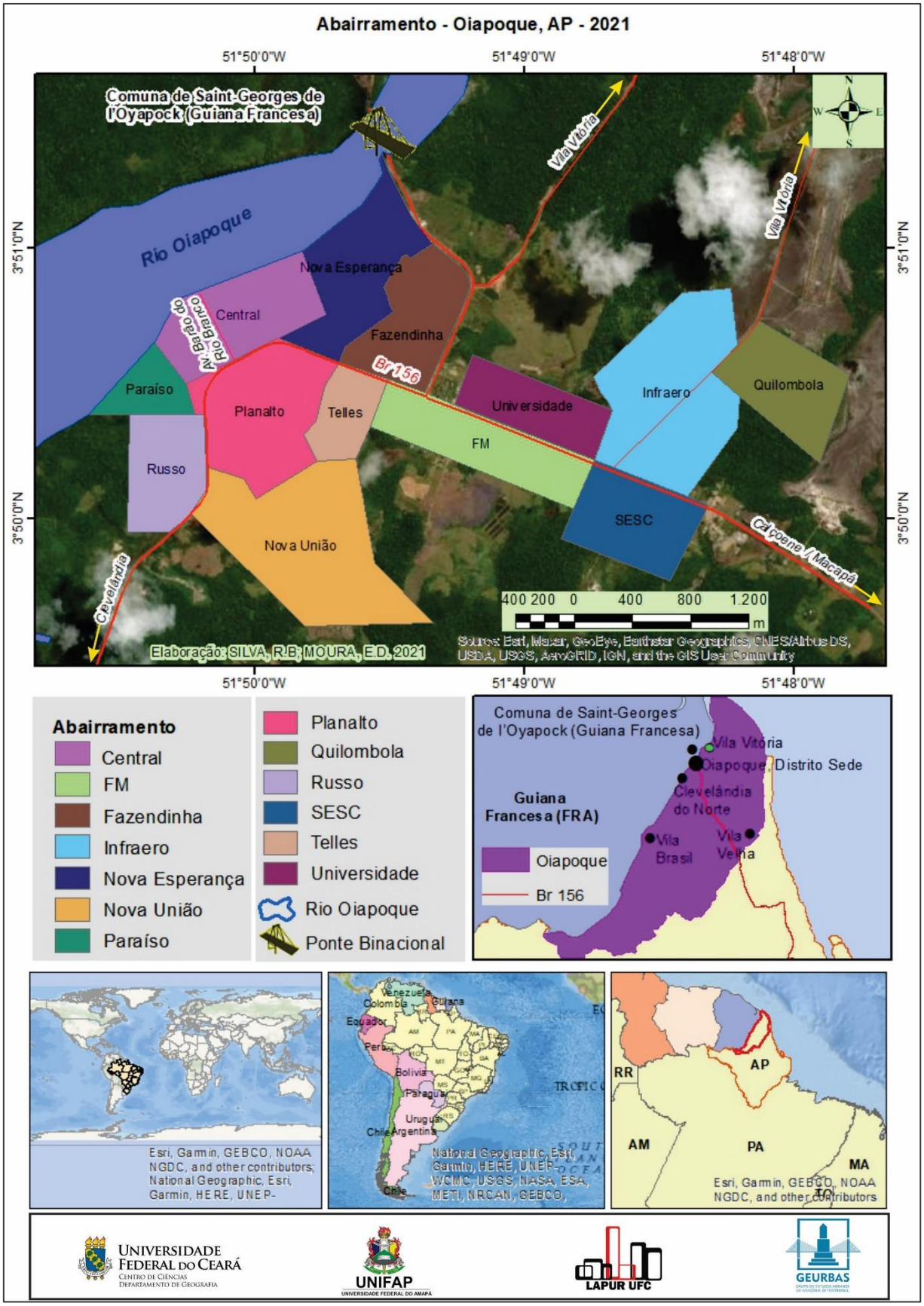
Vale reiterar que o cotidiano urbano de Oiapoque é marcado pelo dinamismo da fronteira. A paisagem urbana da cidade revela, em diferentes nuances, tal dinamismo, seja pelo ir e vir de pessoas e catraias pelo rio, seja pelas marcas impressas no espaço urbano que, como já analisado, apresenta, por exemplo, fachadas do comércio local que trazem em suas

linguagens o idioma francês além do português, na troca da moeda real pelo euro, bem como na composição das paisagens sonoras e visuais. Portanto, a cidade e sua espacialidade urbana representa o centro difusor da interação social, das trocas culturais e do dinamismo urbano vivenciado cotidianamente na fronteira franco-brasileira.

A partir do mapa apresentado anteriormente, optou-se por produzir um novo mapa de abairramento, que fosse capaz de realçar a composição do distrito-sede de Oiapoque, inserindo-os na localização fronteiriça e também na escala estadual.

Deste modo, o mapa 15 a seguir, além dos bairros e localidades urbanas de Oiapoque, traz as direções e sentidos da localização dos distritos de Clevelândia do Norte, a direção da capital Macapá e Calçoene, através da BR 156, além de representar cartograficamente a ponte Binacional sobre as águas do rio Oiapoque, que corresponde ao limite natural e internacional da fronteira em análise.

Mapa 15 - Abairramento – Oiapoque, AP – 2021



Fonte: Prefeitura Municipal de Oiapoque; IBGE (2019). Elaboração: MOURA, E. D; SILVA, R. B. 2021.

Nesta importante porção territorial do Brasil, sobretudo no que está relacionado ao papel fundamental das cidades de fronteira, seja no sentido de integração política, econômica e cultural entre as cidades gêmeas e os diferentes países, ou no sentido do controle territorial da fronteira, se estabelecem intensos e variados fluxos na produção do espaço geográfico nos circuitos superiores e inferiores da economia urbana, que imprimem na espacialidade urbana diferentes especificidades locais, as quais se atrelam à condição fronteiriça a partir de singularidades inerentes às possibilidades que a ciência geográfica possibilita na compreensão destas dinâmicas.

Observa-se que nas territorialidades urbanas oiapoquenses há diferentes fluxos e redes estabelecidas na e pela cidade. Tais dinâmicas expressas pelos fluxos revelam uma importância para o contexto urbano de Oiapoque, mesmo diante de mazelas sociais e infraestruturais, que deveriam ser ao menos minimizadas por políticas públicas mais eficazes em diferentes níveis de atuação, diante a importância territorial, diversidade sociocultural, biodiversidade e particularmente, pela população que reside em Oiapoque, que merece esta atenção do Estado, pela centralidade que a fronteira exerce territorialmente na cidade e no município.

Almeida e Rauber (2017, p.481) discutem, nesta perspectiva, os múltiplos papéis da fronteira em construção, percebida no município de Oiapoque e suas implicações em diferentes abordagens de compreensão, o que inclui as dinâmicas de diferentes fluxos:

> O município de Oiapoque, um local de encontros e desencontros, de constante fluxo migrantil regional e internacional, vivencia, nas últimas décadas, as contradições do desenvolvimento. Essa "fronteira em construção" há séculos apresenta uma articulação entre diferentes escalas e dimensões do espaço no sentido do controle político, da produção econômica, das significações culturais e da constituição físico-ambiental embutidas no (des)ordenamento regional conforme a perspectiva.

Na localização fronteiriça do município e da cidade de Oiapoque tem-se como referência, de um lado do rio homônimo à cidade é Brasil, do outro lado do rio é a França. Desta forma, uma fronteira internacional com um departamento ultramar francês representam, portanto, dois países próximos fisicamente que, no entanto, encontram-se, ao mesmo tempo, distantes quando se compara os modos de produção espacial, gestão territorial e também o sistema político-administrativo adotados em ambos os países.

Neste âmbito, a respeito da espacialidade das cidades gêmeas Oiapoque (Brasil) e *Saint George*s (Guiana Francesa), nota-se especificidades da conexidade do território-rede na fronteira franco-brasileira, que se atrelam à condição fronteiriça a partir de singularidades que são expressas nas dinâmicas socioespaciais. Considerando a interação entre os diferentes habitantes da fronteira, Martins (2011, p.2) esclarece que

> A fronteira do Amapá com a Guiana Francesa apresenta singularidades que merecem ser mencionadas: do lado brasileiro localiza-se a cidade de Oiapoque e do lado francês a cidade de *Saint George*, são coletividades separadas por critérios relacionados à soberania; nacionalidade e etnicidade; organização política, administrativa, institucional. Mas também são muito próximas em termos físicos e em função do grau de interação entre seus habitantes por conta do intenso deslocamento de pessoas de um lado a outro da fronteira.

Portanto, reafirma-se que a localização geográfica fronteiriça de Oiapoque, influencia diretamente na produção do espaço, com maior realce no espaço urbano (MOURA, 2018; 2020). Concebe-se, nesta análise, reflexos perceptíveis na espacialidade em diferentes dimensões, tais como: físico-estruturais, econômicos e culturais, acrescentando-se que os diferentes fluxos fronteiriços e a articulação de redes estão inseridas na dinâmica territorial e social da cotidianidade das pessoas da cidade.

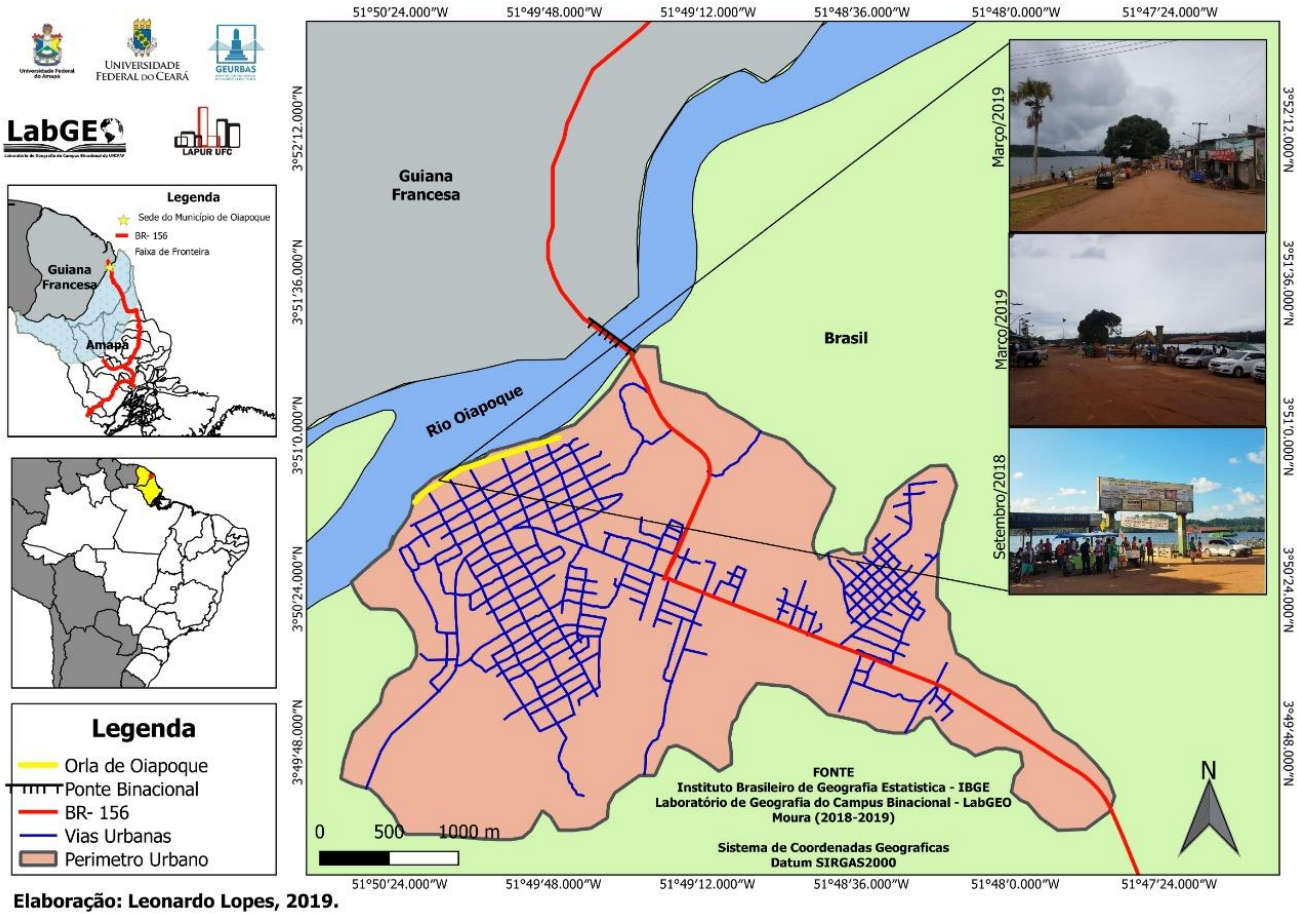
As interações sociais em espaços fronteiriços, como exemplo nas cidades gêmeas, são carregadas de dinamismos de diferentes fluxos e consolidações de múltiplas redes que extrapolam cotidianamente os limites nacionais. Estas espacialidades estão em constante movimento, pois, sabe-se que na produção do ambiente urbano, a cidade manifesta em suas formas e processos a compreensão da produção do espaço geográfico.

O município e a cidade de Oiapoque, como já destacado, limitam-se *com Saint Georges de l'Oyapock*, cujo encontro urbano em questão revela em seu cotidiano citadino amazônico expressos também em seus bairros, as marcas das trocas entre as cidades gêmeas. Assim, "do lado de cá" têm-se o Centro e Beira, como espaços mais perceptíveis das interações fronteiriças no espaço intraurbano.

3.5 A beira e o Centro de Oiapoque

No espaço urbano de Oiapoque, o local mais dinâmico em relação às interações fronteiriças é a orla da cidade, localizada no Centro, justamente pela relação intensa com o cotidiano do limite fronteiriço: o rio Oiapoque. Este espaço popularmente chamado de Beira, representa o ponto de chegada e partida para aqueles que se deslocam por meios das catraias. A dinâmica econômica fronteiriça neste espaço é marcada pela presença de casas de câmbio e também pelos cambistas informais, que atuam na troca da moeda. O mapa 16 e as figuras 11 e 12 apresentadas a seguir, ilustram este local crucial para a dinâmica fronteiriça franco-brasileira: a Beira de Oiapoque, espaço importante onde ocorre a entrada e saída das catraias que fazem a travessia entre Oiapoque e a Guiana Francesa.

Mapa 16 – Localização da “Beira” de Oiapoque



Elaborado por: L. Lopes (2019). Fonte: Edenilson Moura (2018).

Figura 11: Beira de Oiapoque em 2018

Fonte: Edenilson Moura (2018).

Este trecho da rua Joaquim Caetano da Silva chamado de Beira, também é o principal ponto de saída dos pirateiros e/ou piratas, que viagem com destino à Macapá, local procurado pelas pessoas que chegam da Guiana Francesa, por exemplo, e tem como destino a capital do Amapá, como mostra a figura 12 a seguir. Contudo, a Beira é o local de chegadas e partidas materializado na cidade de Oiapoque, representando um espaço que articula-se redes no território fronteiriço.

Figura 12: Família franco-guianense negociando com pirata, viagem para Macapá, na Beira de Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Ressalta-se, deste modo, que o Centro de Oiapoque, onde localiza-se a "Beira", é considerado como bairro mais dinâmico em relação à densidade comercial e institucional da cidade. Conta com variado comércio varejista, instituições públicas e privadas, além de entidades religiosas. Com o propósito de elucidar esta densidade comercial e institucional presente no Centro de Oiapoque, elaborou-se um mosaico de fotografias, (figura 13), composto por oito registros fotográficos que foram realizados em 2019, durante os meses de março e abril, por meio de pesquisa de campo.

As fotografias 13-A e 13-B apresentam a Avenida Barão do Rio Branco em pontos diferentes. Esta é a principal Avenida de Oiapoque. A fotografia 13-A, registrada em um ponto mais próximo à rua Joaquim Caetano e do rio Oiapoque, possibilita visualizar um ponto de moto-táxi, que são grandes agentes da circulação intraurbana, assim como os taxistas. Do outro lado da via, tem-se uma loja de roupas e também um comércio mercantil. Na fotografia se observa, ainda, as mangueiras no calçamento central da via.

A fotografia 13-B registra a paisagem a partir da igreja católica matriz, ao lado direito, a edificação verde corresponde ao Fórum da Comarca de Oiapoque. Na frente do outro lado da via, fica localizada a sede do Ministério Público e Promotoria de Oiapoque e também a sede da Defensoria Pública. Perto destas instituições públicas se localizam, na Avenida Barão do Rio Branco, as sedes municipais do Tribunal Regional Eleitoral, Delegacia da Polícia Federal, Correios, Banco do Brasil e o banco privado Bradesco.

As fotografias 13-C e 13-D apresentam a rua Santos Dumont, uma via bastante movimentada com intenso fluxo de veículos e pedestres, principalmente por ser uma das principais ruas comerciais de Oiapoque. Neste logradouro, além de vários estabelecimentos comerciais de diferentes segmentos como mercados varejistas, lojas de eletrodomésticos, vestuário, produtos naturais, *shopping camelô*, encontra-se também a agência da Caixa Econômica Federal em um centro comercial, que sedia o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e, ainda, a Associação Comercial de Oiapoque (ACOI).

Na rua Santos Dumont também está localizado o Mercado Municipal de Oiapoque, que apresenta outra entrada e saída na rua Joaquim Caetano, na Beira de Oiapoque. Na esquina da rua Santos Dumont com a Avenida Barão do Rio Branco, é comum a presença de vendedores ambulantes, quase sempre estrangeiros, como haitianos e peruanos, estes últimos vendendo, entre outras coisas, seus artesanatos.

As fotografias 13-E e 13-F mostram a presença de instituições religiosas e culturais no Centro da cidade. A figura 13-E corresponde à Igreja Matriz de Nossa Senhora das Graças. Uma particularidade da localização desta igreja é a localização no meio da Avenida Barão do Rio Branco.

A figura 13-F mostra o Kuahí Museu dos Povos Indígenas de Oiapoque, o único museu da cidade, localizado na Avenida Barão do Rio Branco, no centro. Esta instituição cultural notável tem a importante missão de valorizar a história, a memória e os diferentes saberes dos povos indígenas do extremo norte brasileiro.

A fotografia 13-G evidencia um sobrado de três pavimentos na rua Honório Caetano da Silva. Este tipo de construção, ou seja, sobrados de até quatro pavimentos, são encontrados

somente no centro de Oiapoque e, quase sempre, são utilizados como centros empresariais para locação de salas comerciais em seus diferentes andares. Estas edificações compõem a morfologia urbana do centro comercial oiapoquense.

A última imagem que compõe o mosaico, a fotografia 13-H, traz uma perspectiva da Avenida Coaracy Nunes, que se encontra com a rua Joaquim Caetano (Beira). Na imagem é possível identificar no lado direito da foto, o muro da Escola Estadual Joaquim Caetano da Silva, a instituição de ensino mais antiga de Oiapoque. Assim como as outras avenidas e ruas apresentadas, este logradouro também possui intensa circulação de veículos e pedestres, em função da concentração comercial e de prestadores de serviços localizados nesta via.

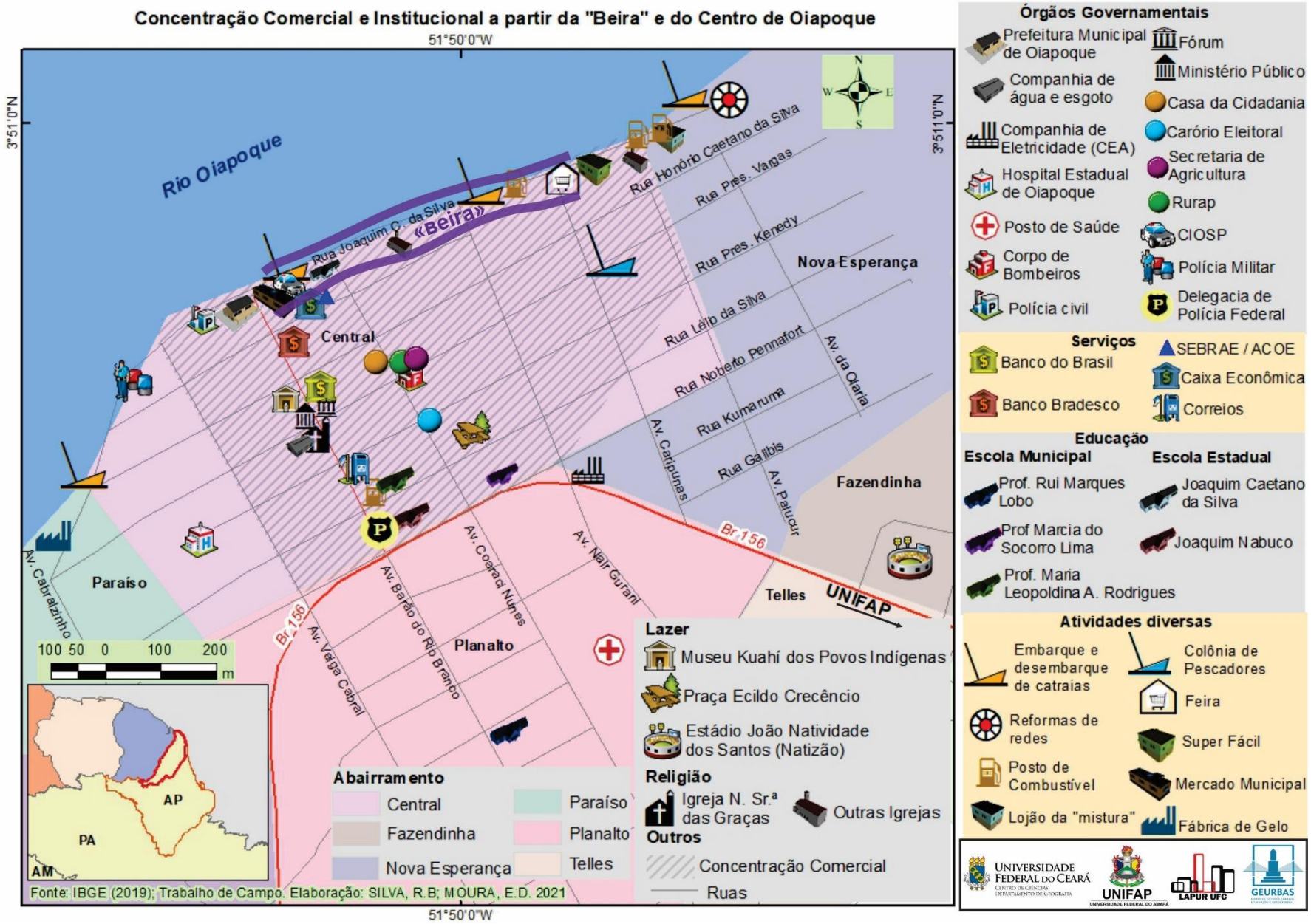
Figura 13: Mosaico de Fotografias – Concentração comercial e institucional do Centro de Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Da mesma, forma o mapa 17 ilustra a densidade do Centro de Oiapoque, tendo como referência a diversidade de atividades comerciais e empresariais da cidade, além de destacar a importância da “Beira” que, como enfatizado, é um local que a efervescência da vida urbana fronteiriça está mais presente na escala local.

Na sequência do mapa 17, a próxima seção discute as mudanças da economia urbana de Oiapoque, a partir da redefinição provocada pelas distintos momentos e temporalidades econômicas vivenciadas na cidade, que alteraram o modo de produção no espaço, principalmente no urbano. Com isso, na sequência aborda-se: “Do garimpo ao funcionalismo público: redefinições de uma economia urbana fronteiriça”.

Mapa 17 – Concentração Comercial e Institucional a partir da "Beira" e do Centro de Oiapoque



Fonte: IBGE (2019); Trabalho de Campo. Elaboração: MOURA, E. D; SILVA, R. B. 2021.

3.6. Do garimpo ao funcionalismo público: redefinições de uma economia urbana fronteiriça

A economia do município de Oiapoque até a primeira metade dos anos de 1990 foi baseada principalmente na exploração mineral do ouro, que foi durante muito tempo uma verdadeira moeda de forte circulação na fronteira franco-brasileira.

Almeida e Rauber (2017), sobre esta exploração do ouro, relatam que esta região, desde o século XIX, é marcada pela exploração de bens ou recursos naturais, sobretudo o garimpo de ouro que, apesar dos dados oficiais desta atividade serem praticamente inexistentes, é possível fazer a associação entre crescimento demográfico e expansão da economia dos últimos 30 anos em Oiapoque. Nesse período, houve a consolidação da rede de estabelecimentos comerciais e de serviços, principalmente os ligados à economia de garimpo, que contribuíram para fundamentar o crescimento socioeconômico da cidade de Oiapoque.

Até os anos de 1990, a economia de Oiapoque esteve pautada principalmente na exploração do ouro, o que representava a principal fonte mantenedora da economia urbana, mesmo diante de outras atividades como pesca, agricultura e, na época, com um baixo número de funcionários públicos comparado à atualidade.

Romani (2010, p.13) salienta que na região de Oiapoque, a economia local passa a erguer-se como resultado de atividades relacionadas com o garimpo, como compra e venda de ouro, materiais apropriados para o trabalho de exploração do ouro, medicamentos contra as doenças comuns na área de garimpo, como malária, leishmaniose, gripe, resfriado e hepatite; gêneros alimentícios; combustível; máquinas e indumentárias apropriadas para aquele trabalho; bebidas alcoólicas e produto de higiene pessoal.

Góes (2019) pontua o papel da cidade Oiapoque nas negociações da atividade garimpeira, por ser um espaço importante na passagem e permanência dos profissionais garimpeiros, passagens que trouxeram consequências urbanas-espaciais significativas para o abairramento da cidade, conforma explicita o autor (2019, p. 157):

> Como a maioria dessas negociações ocorria na cidade, ela era lugar de passagem obrigatória para os trabalhadores do garimpo. Uma das consequências dessa mobilidade espacial se refletia na vida econômica e social do município. Muitos garimpeiros acabaram fixando residência, montando negócios ou invadindo áreas que depois se tornaram bairros. A cidade de Oiapoque cresceu por causa da área de garimpo. Os Bairros Florestal, Nova União, Universidade e Infraero sugiram em decorrência das pessoas que vieram em função do garimpo e não tinham onde ficar. Muitos compravam ou invadiam um pedaço de terra e faziam uma casa, para deixar a família.

Além desses materiais e produtos, estruturaram-se em Oiapoque dormitórios, pousadas, hotéis e um grande número de casas de entretenimento sexual adulto, inclusive casas de prostituição, com relatos de presença desta problemática social, como aa exploração sexual de menores de idade.

Considera-se, contudo, que o ouro é o principal motivo da ocupação e povoamento não indígena na região de Oiapoque, pois este tem sido importante para as dinâmicas populacionais, em menor proporção. Constitui o objeto propulsor de diversos setores econômicos, mas que também movimenta muitas relações sociais e econômica na escala transfronteiriça. A migração de diversas pessoas para Oiapoque atraídas pelo ouro movimentou o mercado local, possibilitando a consolidação do processo de urbanização de Oiapoque, uma vez que a cidade e sua economia se organizaram para a atividade garimpeira.

É necessário mencionar que até o mês de dezembro de 2001, a moeda francesa era o Franco, que possuía grande circulação na fronteira e nas transações comerciais entre Oiapoque e *Saint Georges*, moeda esta que competia com o ouro e a moeda brasileira que, não diferente dos dias atuais, representava uma moeda menos valorizada.

O Euro entrou em circulação na França no ano de 2002 e, segundo conversas informais com empresários e moradores mais antigos da cidade de Oiapoque, a moeda, assim que oficializada na França, também começou a circular na cidade de Oiapoque, tendo até os dias atuais forte presença no comércio na fronteira brasileira.

Dessa maneira, desde o início da circulação do Euro na fronteira franco-brasileira, três grandes elementos monetários são presentes nas dinâmicas fronteiriças econômicas da cidade: o ouro, o Real e o Euro. Com isso, a circulação do ouro e do Euro em Oiapoque são igualmente responsáveis pela dinâmica do mercado local, inclusive elevando os preços das mercadorias, disponibilizadas no comércio.

Pondera-se que, com o maior controle ambiental vivenciado no início dos anos 2000, o que culminou principalmente no fechamento de garimpos ilegais tanto no Brasil, quanto na Guiana Francesa, a presença do ouro foi aos poucos sendo menos protagonista na fronteira franco-brasileira, mas não perdendo sua presença na atual circulação econômica na cidade.

Um exemplo disso é a presença de estabelecimentos comerciais na cidade que vendem produtos específicos para a demanda dos garimpos, como motores e demais utensílios utilizados na garimpagem do ouro, principalmente nos garimpos ilegais localizados na Guiana Francesa. As figuras 14 e 15 na sequência mostram exemplos destes comércios que atendem, entre outras, a demanda garimpeira.

Figura 14: Loja da Mistura: conhecido estabelecimento comercial de Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Figura 15: Interior de um estabelecimento comercial que atende a demanda garimpeira

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Após redução da atividade garimpeira na dinâmica espacial urbana, principalmente a partir da segunda metade dos anos de 1990, a cidade de Oiapoque vivencia um processo incipiente da estruturação de um comércio, com maiores diversidades de produtos e serviços, uma vez que há agora outras demandas, não somente aquelas voltadas à atividade garimpeira.

Na contemporaneidade, é forte a presença de diversas joalherias e casas que compram ouro na cidade de Oiapoque o que, por sua vez, revela o quanto o ouro se faz presente na economia da fronteira franco-brasileira. A figura 16 apresenta um estabelecimento comercial deste segmento econômico.

Figuras 16A e 16B: Joalherias localizadas em Oiapoque: comércios e serviços do ouro

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Essa reestruturação econômica de Oiapoque tornou-se, preponderante, nas mudanças da dinâmica econômica fronteiriça, o que possibilitou novas formas de comércio e serviços mais especializados, bem como a adoção de práticas que visaram o fortalecimento fronteiriço e econômico da cidade.

Uma das principais marcas atuais na dinamização econômica da cidade, muito presente em diversas pequenas cidades brasileiras é a presença do Estado, assim como do funcionalismo público. Este continua representando uma das principais fontes de circulação econômica na cidade de Oiapoque.

É importante frisar que o funcionalismo público, atualmente associado ao comércio, é responsável também pela circulação de dinheiro na cidade, o que representa uma considerável contribuição na organização, dinamização da economia e no crescimento populacional urbano em Oiapoque.

No ano de 1943, a partir da criação do território federal do Amapá e do Município de Oiapoque, consideráveis números de profissionais se mudaram para a cidade impulsionados

pelo trabalho nas instituições públicas das diferentes esferas: municipais, estaduais e federais.

Segundo relatos obtidos através de conversas informais com moradores antigos, muitos destacam a presença do Estado em suas diferentes esferas na estruturação e mudança no modo de produção do espaço urbano. Na década de 1990 até os dias atuais, diversas instituições públicas se instalaram em Oiapoque, o que aumentou o funcionalismo público, figurando como forte indutor nas transações econômicas e comerciais da cidade (FEITOSA E MOURA, 2018).

Neste período, da década de 1990 até os dias atuais, mais de vinte instituições públicas foram criadas ou instaladas no espaço urbano de Oiapoque, como: Corpo de Bombeiros, Justiça Federal, INSS, Superfácil, Museu Estadual Kuahi, Escola Municipal Leopoldina Amaral, Escola Municipal, Educandário ABC, Unidade Básica de Saúde (UBS) UBS do Planalto, UBS Nova Esperança, UBS Posto da Polícia Rodoviária Federal, SESC, DETRAN, Marinha do Brasil, entre outros.

Para esta análise, selecionou-se duas instituições públicas para relacionar com o papel do Estado nas transformações socioespaciais no espaço urbano de Oiapoque: O Campus Binacional de Oiapoque da Universidade Federal do Amapá e o Campus Avançado Oiapoque do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP), cuja temática será tratada na sequência.

3.6.1 Universidade Federal do Amapá (UNIFAP): da origem à interiorização do ensino superior na fronteira- Campus Binacional Oiapoque

Sobre o processo histórico da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), reforça-se que sua história está vinculada ao período em que o Amapá e o Pará eram um único estado (UNIFAP, 2021, s/p):

> A Fundação Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) iniciou suas atividades em 1970 como Núcleo Avançado de Ensino (NEM), vinculado à Universidade Federal do Pará (UFPA), com a oferta de aproximadamente 500 (quinhentas) vagas voltadas para o campo do magistério (licenciatura curta), implantando, assim, o ensino superior no Amapá.

Somente então na década de 1990, ou seja, após a criação do estado do Amapá, que ocorreu com a Constituição de 1988, cria-se oficialmente a Fundação Universidade Federal do Amapá (UNIFAP, 2021, s/p):

> Na década de 1990, cria-se, de fato, a Fundação Universidade Federal do Amapá, autorizada por meio do Decreto n.º 98.977, de 2 de março de 1990.

> Em 1991, com a nomeação de um reitor pro tempore, a UNIFAP realiza o primeiro vestibular para os cursos de Direito, Secretariado Executivo, Geografia, História, Matemática, Letras, Educação Artística e Enfermagem. Com isso, institui-se de fato a Fundação Universidade Federal do Amapá.

Desde sua fundação, a UNIFAP, em consonância com sua missão e compromisso com a sociedade amapaense, buscou através da interiorização atender as diferentes regiões do Amapá (UNIFAP, 2021, s/p):

> A Universidade Federal do Amapá, consciente da sua missão social para o desenvolvimento do estado do Amapá, em 1996 começou a discutir com o governo estadual e as prefeituras municipais o processo de interiorização de suas ações para a formação de mão de obra qualificada, chegando aos extremos Norte e Sul do estado, nos municípios de Laranjal do Jari e Oiapoque, constituindo, assim, os campus Sul e Norte, respectivamente.

Registra-se a importância da parceria com as prefeituras e também com o Governo do Estado, para consolidar a interiorização do ensino superior no Amapá (UNIFAP, 2021, s/p):

> Diante dos desafios para implantar o primeiro programa de interiorização, a Universidade Federal do Amapá elaborou o "I Projeto Norte de Interiorização" para ofertar cursos de graduação à população do interior. Com o apoio das prefeituras e do Governo do Estado, em 1999 firmou-se o primeiro programa de interiorização em regime modular, no período de recesso escolar (janeiro, fevereiro e julho), com sistema intensivo de aulas diárias, conforme a estrutura curricular de cada curso. O primeiro programa ocorreu no período de 1999 a 2004. Com a conclusão do primeiro programa de interiorização, a Universidade deu sequência ao II Programa de Interiorização que, além de atender uma demanda específica de professores das redes estadual e municipal, passou a atender também o público oriundo do ensino médio, com isso oportunizando a população do interior ao acesso ao ensino superior.

Frente às políticas de interiorização da UNIFAP, já no ano de 2007 foi implantado o Campus Norte e o primeiro curso de Graduação em Oiapoque, o qual posteriormente se tornaria o Campus Binacional. Sobre a criação do primeiro curso de Graduação na fronteira setentrional brasileira, no âmbito da UNIFAP, Campetela et al. (2017, p. 152), consideraram que:

> A UNIFAP criou, em 2007, o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII), com o objetivo de atender os povos Karipuna, Galibi-Kalinã, Galibi-Marworno, Palikur-Arukwayene e Wajãpi, no estado de Amapá, e Apalai, Wayana, Tiriyó e Kaxuyana, no norte do Pará. Trata-se de formação em nível superior de professores indígenas que atuam nas escolas de suas aldeias. Desde sua origem, o CLII é um complexo multicultural e multilíngue, em que distintos povos convivem, compartilhando o mesmo espaço e se submetendo a um processo de ensino e aprendizagem distinto do tradicional e essencialmente escolar. Nesse contexto de grande diversidade, se encontram falantes de línguas das famílias Karib (Apalai, Wayana, Tiriyó e Kaxuyana), Arawak (Palikur-Arukwayne) e Tupi-Guarani (Waiãpi), além de uma língua crioula de base francesa, o Kheuól, falada pelos Karipuna e pelos Galibi-Marworno.

O curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII) se destaca com seu pioneirismo que foi e que permanece essencial, por atender a demanda da educação de nível superior dos povos indígenas do Amapá e também, parte do norte do Pará (UNIFAP, 2021, s/p):

> Em 2007 foi criado e implantado no Campus Norte o curso de Licenciatura Intercultural Indígena, com o objetivo de formar professores para as escolas indígenas do estado. O curso possui formato de módulos, com aulas nos períodos de Janeiro/Fevereiro e Julho, ofertando 30 vagas anualmente. Foi o primeiro curso implantado no campus, com corpo docente e infraestrutura próprias.

Acentua-se, a partir disso, que no município de Oiapoque há uma diversidade importante dos povos indígenas e possui diferentes terras indígenas demarcadas, sendo elas: *Uaçá, Gali e Juminá* (VIDAL, 2009). Os povos indígenas de Oiapoque são os *Karipuna, Galibi Marworno, Palikur e Galibi Kali'na* (IEPÉ, 2013).

As figuras 17 e 18 na sequência foram registradas durante a finalização do módulo semestral do CLII, no ano de 2016, onde encerrou-se as atividades daquele período, com atividades diversas relacionadas à cultura indígena de Oiapoque, bem como dos trabalhos desenvolvidos ao logo do semestre pelo curso. Esse evento teve como encerramento a representação do Turé[15] na universidade.

[15] Turé é uma festa de agradecimento às pessoas invisíveis que vivem no Outro Mundo, chamadas Karuãna, pelas curas que elas propiciaram por meio das práticas xamânicas dos pajés. Os pajés dançam, cantam e bebem muito caxixi com os Karuãna que vêm ouvi-los cantar várias vezes sem repetir o canto. O turé é feito no lakuh (higiw) cercado por varas chamadas de pirorô (gaianyu) que são enfeitadas com bolas de algodão (kotõ/mauru/mawru)1 e ligadas por fios onde são presas penas brancas de garça (plím/yssivigrit). Pode ser realizado a qualquer momento, mas o verdadeiro turé é feito durante a lua cheia de outubro, quando são feitos os grandes bancos Cobra Grande e Jacaré, pintados os mastros e levantado o lakuh. O banco do pajé fica no pé do mastro principal, ao lado do pakará, o cesto onde ele guarda o maracá, cigarros de tawari e outras coisas. Ele canta para chamar os Karuãna, que somente ele pode ver, e usa o maracá e os cigarros de tawari para viajar ao Outro Mundo (IEPÉ, 2009, p. 11).

Figura 17: Apresentação cultural indígena no Campus Binacional Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2016).

Figura 18: Apresentação cultural indígena no Campus Binacional Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2016).

No ano de 2011, iniciou-se a construção de novas salas de aula e demais estrutura física do então Campus Norte. Já no ano de 2013, o Campus Norte é transformado em Campus Binacional de Oiapoque (CAMBINACIONAL), pela Resolução Nº 01/ 2013, aprovado pelo CONSU da UNIFAP. Com esta resolução, altera-se a nomenclatura do campus que se apropria da localização geográfica-fronteiriça de Oiapoque, para batizar o campus universitário. Também com esta resolução, cria-se uma administração própria, através da Direção Geral e demais estrutura administrativa. No ano de 2013, um marco importante é a criação de outros cursos de graduação que, inclusive, permanecem sendo ofertados na contemporaneidade (UNIFAP, 2021, s/p):

> Em 2013 também foram criados sete novos cursos: Letras-Francês, História, Geografia, Pedagogia, Ciências Biológicas, Direito e Enfermagem, que tiveram o ingresso da primeira turma no primeiro semestre de 2014. Para estruturar os sete novos cursos foi realizado concurso para contratar novos professores, que seriam os responsáveis pela implantação dos novos cursos e o desenvolvimento de suas atividades.

Em agosto de 2019, foi inaugurada a obra de paisagismo na frente do Campus Binacional Oiapoque. A obra contou com emendas parlamentares com valores estimados em um milhão de reais. Com a entrega da obra, a fachada do campus ficou com melhor padrão estético e construtivo, mostrando, assim, melhorias na infraestrutura da universidade. As figuras 19 e 20 ilustram o antes e o depois da obra de melhoria do paisagismo do campus universitário.

Figura 19: Fachada do Campus antes das obras de melhoria da Infraestrutura

Fonte: Edenilson Moura (2016).

Figura 20: Fachada do Campus após as obras de melhoria da Infraestrutura

Fonte: ASCOM; UNIFAP (2019).

Atualmente, o campus está em obras para a finalização do Bloco B que, quando finalizado o campus contará com mais cinco salas de aula, quatro salas para coordenações administrativas, uma copa, banheiros e um poço artesiano. A obra está estimada no valor de R$1.017.827,70 (UNIFAP, 2020). Esta nova estrutura certamente viabilizará uma melhora significativa das atividades desenvolvidas pela instituição, no âmbito do ensino, pesquisa e extensão. A fotos na sequência (figura 21), divulgadas pelo Campus Binacional de Oiapoque em sua página oficial, mostram parte da obra relatada.

Figura 21: Obras de finalização do Bloco B do Campus Binacional Oiapoque

Fonte: ASCOM; UNIFAP (2019).

Além do campus Binacional Oiapoque e do Campus Marco zero (sede localizada em Macapá), a UNIFAP possui campus nos municípios de Santana e Mazagão, homônimos aos municípios de suas localizações.

Os dados obtidos em fevereiro de 2021, junto à Direção do CAMBINACIONAL onde foram solicitados o quantitativo de docentes, técnicos-administrativos e discentes do campus estão representados no quadro 6, com o quantitativo do campus em discussão.

Quadro 6: Total de docentes e discentes efetivos do Campus UNIFAP Binacional Oiapoque.

TOTAL DE DOCENTES EFETIVOS	TOTAL DE TÉCNICOS-ADMINISTRATIVOS EFETIVOS
71	18

Fonte: CAMBINACIONAL (2021).
Solicitado e organizado por Moura (2021).

A tabela 7 na sequência mostra os dados referentes ao quantitativo de docentes e discentes, distribuídos nos oito cursos de graduação que são ofertados pelo Campus Binacional Oiapoque, os dados abaixo foram obtidos em maio de 2021.

Tabela 7: Dados quantitativos de docentes e discentes por curso.

CURSOS DE GRADUAÇÃO UNIFAP – OIAPOQUE	DOCENTES EFETIVOS	DISCENTES MATRICULADOS EM 2019.2	DISCENTES MATRICULADOS EM 2020.1	DISCENTES MATRICULADOS EM 2020.3
Licenciatura em Geografia	10	94	94	41
Licenciatura em História	8	34	34	22
Licenciatura em Ciências Biológicas	8	99	59	52
Licenciatura em Pedagogia	3	98	58	15
Licenciatura em Letras – Francês	8	62	40	24
Licenciatura Intercultural Indígena	16	103	103	Não se aplica.
Bacharelado em Enfermagem	11	82	45	33
Bacharelado em Direito	9	70	52	59

Fonte: CAMBINACIONAL; DIRCA UNIFAP (2021). Solicitado e organizado por Moura (2021).

Sobre o contexto da importância do Campus da UNIFAP Binacional, de acordo com o Portfólio de Necessidades do Campus Binacional de Oiapoque (2019, p. 7), o documento menciona:

> O surgimento do Campus Oiapoque Binacional da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) insere-se neste contexto de extrema necessidade de profissionais qualificados para a atuação nos serviços essenciais, que até o presente foram criados de maneira insuficiente. Sobretudo, a urbanização desacompanhada de infraestrutura e de pessoal capazes de promover propriamente a vida urbana e de pensar sustentavelmente seu meio ambiente, levou ao município de Oiapoque um dilema para o seu desenvolvimento, cuja solução passa necessariamente pela formação de pessoas capazes de pensar e intervir nesta realidade (mais do que apenas profissionais para o mercado de trabalho). Portanto, para além da também indispensável formação profissional

> com nível superior, o Campus Binacional está inserido neste contexto regional, incumbidos de proporcionar uma formação de quadros de pessoal munidos de ferramentas do pensamento, que lhes permitam o olhar político sobre a gestão territorial da cidade, do campo e de todo patrimônio ambiental do norte do Estado do Amapá.

Portanto, reitera-se que a UNIFAP em Oiapoque surgiu pela necessidade de expansão do ensino superior no interior do Amapá, bem como pela necessidade de diferentes profissionais capacitados em áreas distintas, para atuarem em setores diversos do mercado de trabalho, na realidade local e regional.

A fim de ampliar a análise sobre a importância da instituição para a cidade e relacioná-la ao contexto fronteiriço, o Diretor do Campus da UNIFAP em Oiapoque foi consultado por meio de um roteiro (apêndice da tese) com seis questões semiestruturadas, enviado de forma digital, como medida de segurança adotada no enfrentamento da Pandemia da Covid-19, o que justifica a não aplicação deste recurso metodológico de forma presencial.

O Diretor também assinou o TCLE, com o modelo utilizado também disponível nos apêndices da tese. As questões abordam a relevância da instituição e suas possíveis contribuições para a sociedade, além, das interações fronteiriças a partir da UNIFAP em Oiapoque. Na sequência, apresenta-se a consulta realizada com a instituição.

Instituição consultada: Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) – Campus Binacional Oiapoque
Nome: Francisco Otávio Landim Neto
Cargo: Diretor do Campus
Tempo que atua no cargo: 3 anos e 9 meses
Idade: 35 anos
Naturalidade: Fortaleza (CE)
Formação: Licenciado com Mestrado e Doutorado em Geografia.
Tempo de residência em Oiapoque: 4 anos 10 meses
Tempo de trabalho na UNIFAP: 4 anos 10 meses

Questões abertas para respostas livres:

1. Qual a importância do campus da UNIFAP para o município e a cidade de Oiapoque?

> *A Universidade Federal do Amapá possui importância para a formação de quadros profissionais para atuar em Oiapoque e nos municípios vizinhos. Cabe ressaltar a importância do processo de interiorização do ensino superior o que gera novas oportunidades de formação a nível superior visando a redução das desigualdades sociais.*

2. Qual é o papel da fronteira internacional de Oiapoque para a UNIFAP?

O recorte espacial fronteiriço onde estamos inseridos afigura-se dinâmico e complexo tendo em vista as trocas socioeconômicas e culturais entre os brasileiros e os guianenses. No âmbito da UNIFAP que possui um campus com a localização na fronteira franco-brasileira existe possibilidades de intercâmbio entre pesquisadores da instituição com universidades da Guiana Francesa.

3. Houve impactos na instituição pós-abertura da Ponte Binacional?

Sim, aumentou o fluxo de pesquisadores franceses visitando e dialogando com docentes dos cursos de graduação (em especial Letras Francês) do Campus Oiapoque.

4. Há integração entre a UNIFAP com o país vizinho? Se sim, quais as principais ações já foram realizadas entre a instituição com a Guiana Francesa?

Não. O que existe são tratativas entre pesquisadores brasileiros e guianenses visando o estabelecimento de ações cientificas em colaboração.

5. Quais os principais desafios enfrentados pela UNIFAP, para garantir a educação de qualidade?

O Campus Oiapoque foi projetado com uma infraestrutura insuficiente para os oito cursos de graduação. Em termos de infraestrutura apenas nos últimos 3 anos que conseguimos avançar com a inauguração da urbanização do Campus; finalização do Bloco B que está 93% concluído e estamos no planejamento do Bloco C que será iniciado ainda este ano de 2021. Além da infraestrutura deficiente convém ressaltar fatores externos como não pavimentação dos 110 quilômetros BR 156 que liga Oiapoque a Macapá; infraestrutura urbana da cidade (saneamento básico, vias inadequadas para o trânsito de veículos, pedestres e ciclistas); os serviços de comunicação são precários (internet e telefonia); no que concerne a energia elétrica a cidade conta com uma rede de distribuição antiga o que acarreta em curtos e constantes faltas de energia.

6. Como o Sr. prospecta o campus Binacional da UNIFAP no futuro?

As ações voltadas para a consolidação do Campus Oiapoque passam por um planejamento estratégico a curto, médio e longo prazo. A problemática da infraestrutura deve ser encaminhada a curto e médio prazo. A instituição deve construir uma política voltada a fixação de servidores em Campi fora de Sede problema que é enfrentado nos outros Campi fora de sede de Instituições Federais de Ensino. Está

sendo realizado um estudo por parte da gestão do Campus no sentido do estabelecimento de uma dinâmica de rotatividade de cursos tendo em vista que atendemos uma demanda local.

- Há alguma questão que o Sr. gostaria de acrescentar?

Não.

Percebe-se de acordo com os dados quantitativos e também com os relatos do Diretor do Campus Binacional de Oiapoque, que a UNIFAP possibilita, ao longo de sua existência no município, significativas mudanças positivas para Oiapoque, principalmente pela formação profissional, em diferentes setores de atuação e áreas do conhecimento. Tais ações estão vinculadas aos oito cursos de graduação ofertados pelo Campus da UNIFAP.

No entanto, é necessário a ampliação da estrutura física, bem como ampliação de número de servidores, o que inclui docentes e técnicos-admirativos, que possibilitariam ainda mais o processo de estruturação e consolidação do campus.

Verifica-se o reconhecimento por parte da instituição da importância da fronteira internacional a qual Oiapoque se insere. Ressalta-se a busca pela consolidação do Campus para, tão logo, tornar-se referência no ensino superior público e de qualidade para a população amapaense e brasileira.

A sequência traz a importância de outra instituição de ensino na redefinição socioespacial de Oiapoque. Trata-se do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP), no Campus Avançado Oiapoque.

3.6.2 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá - Campus Avançado Oiapoque: capacitação técnica na fronteira

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP), Campus Avançado Oiapoque, foi inaugurado em 2016, através da portaria Nº 378, de 9 de maio daquele ano, publicada no Diário Oficial da União (BRASIL, 2016). O Campus está localizado na rua Joaquim Caetano da Silva, onde funcionava o antigo hotel de trânsito do governo do estado do Amapá, no Centro de Oiapoque. As figuras 22 e 23 na sequência apresentam a fachada do Campus do IFAP em Oiapoque.

Figura 22: Campus Avançado do IFAP Oiapoque em fase de finalização da obra

Fonte: Edenilson Moura (2018).

Figura 23: Fachada do Campus Avançado do IFAP Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Cabe ressaltar a diferença entre as normativas que definem e classificam as unidades

dos Institutos Federais. De acordo com a Portaria Nº 1.291, de 30 de dezembro de 2012, que estabelece diretrizes para a organização dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e define parâmetros e normas para a sua expansão (BRASIL, 2013, grifo nosso):

> Art. 2o As unidades dos Institutos Federais deverão atender às demandas regionais por educação profissional e tecnológica, pesquisa aplicada, inovação e extensão, nos termos da Lei no 11.892, de 2008. Art. 3o Observados os objetivos, as finalidades, as características e a estrutura organizacional estabelecidos na Lei no 11. 892, de 2008, a expansão dos Institutos Federais poderá ocorrer mediante a constituição e estruturação das seguintes unidades administrativas:
> I - Campus, voltado ao exercício das atividades permanentes de ensino, pesquisa aplicada, inovação e extensão e ao atendimento das demandas específicas nesse âmbito, em sua área de abrangência territorial;
>
> **II - Campus Avançado, vinculado administrativamente a um campus ou, em caráter excepcional, à Reitoria, e destinado ao desenvolvimento da educação profissional por meio de atividades de ensino e extensão circunscritas a áreas temáticas ou especializadas, prioritariamente por meio da oferta de cursos técnicos e de cursos de formação inicial e continuada;**
>
> III - Polo de Inovação, destinado ao atendimento de demandas das cadeias produtivas por Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I) e à formação profissional para os setores de base tecnológica;
> e IV - Polo de Educação a Distância, destinado à oferta de cursos de educação profissional e tecnológica na modalidade a distância, que poderá ser criado por meio de parceria com órgãos da administração pública, com o objetivo de expandir o atendimento às demandas por formação profissional em todo o território de abrangência do Instituto Federal.

Em Oiapoque, o Campus Avançado de Oiapoque ainda está em fase de consolidação, o que o vincula à sede localizada na capital Macapá. Salienta-se que além de Macapá e Oiapoque, o IFAP possui campus nos municípios de Laranjal do Jari, Porto Grande, Santana e um Centro EaD em Pedra Branca do Amapari.

O campus avançado de Oiapoque, de acordo com o site da instituição, é destinado ao desenvolvimento profissional no extremo norte do Amapá, área de fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. O campus do IFAP oferta cursos técnicos na modalidade subsequente, e na forma presencial, além de cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC), conciliando atividades de ensino, pesquisa e extensão (IFAP, 2021).

Os cursos técnicos ofertados pela instituição foram criados para atender à demanda da região em formar profissionais capacitados nas seguintes áreas disponíveis no quadro 7.

Quadro 7: Cursos técnicos ofertados pelo IFAP Oiapoque

CURSOS TÉCNICOS OFERTADOS PELO IFAP OIAPOQUE
1) Técnico em Comércio Exterior
2) Técnico em Logística
3) Técnico em Recursos Humanos
4) Técnico em Vendas
5) Técnico em Administração

Fonte: IFAP (2021). Organizado por: Edenilson Moura

Buscou-se junto à direção da instituição, em fevereiro de 2021, dados referentes ao quantitativo de discentes matriculados, docentes e técnicos-administrativos efetivos lotados no campus. A instituição possui 11 docentes em seu quadro efetivo e 10 técnicos administrativos, números esses que precisam ser ampliados, frente a consolidação do Campus na cidade.

Quanto ao número de estudantes matriculados na instituição, em maio de 2021, o IFAP em Oiapoque, contava com certa de 70 estudantes matriculados. Considerando que no ano de 2020, não houve ingresso de novos discentes, frente ao cenário pandêmico. No segundo semestre de 2021, serão ofertadas cerca de 90 novas vagas nos diferentes cursos técnicos.

Do mesmo modo, consultou-se a direção do Campus Avançado do IFAP, a fim de obter relatos sobre a visão da administração da instituição, acerca da importância desta para Oiapoque, além das questões sobre o relacionamento do campus com a fronteira. O Diretor consultado assinou o TCLE com modelo utilizado, disponível nos apêndices da tese que apresenta também o roteiro de entrevistas.

Instituição consultada: Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP) – Campus Avançado Oiapoque
Nome: Eliel Cleberson da Silva Nery
Cargo: Diretor do Campus.
Tempo que atua no cargo: 3 anos
Idade: 41
Naturalidade: Macapá (AP)
Formação: Mestrando
Tempo de atuação na profissão: 15 anos
Tempo de residência em Oiapoque: 13 anos
Tempo de trabalho no IFAP – Campus Avançado Oiapoque: 4 anos

Questões abertas para respostas livres:

1. Qual a importância do campus avançado do IFAP para o município e a cidade de Oiapoque?

   Possui função estratégica na reflexão sobre os potenciais econômicos que podem contribuir no desenvolvimento da economia local e formação de trabalhadores tecnicamente aptos. Para isso, as ações realizadas (cursos ofertados) buscam manter relação com os arranjos produtivos locais. Algumas externalidades demonstram essa necessidade institucional como o acesso de jovens ao mercado de trabalho, a melhoria na educação básica, a diversificação de áreas de formação profissional.

2. Qual é o papel da fronteira internacional de Oiapoque para o IFAP?

   Representa a oportunidade de extrapolar os limites culturais e naturais do local onde alunos e servidores vivem. Como ofertamos alguns cursos com forte apelo à integração internacional como Tec. em Comércio Exterior e Logística, a percepção de interdependência local com o nacional e internacional faz toda diferença na formação dos alunos.

3. Houve impactos para a instituição pós-abertura da Ponte Binacional?

   Até o momento não.

4. Há integração entre o IFAP com o país vizinho? Se sim, quais as principais ações já foram realizadas entre a instituição com a Guiana Francesa?

   Possuimos um Centro de Línguas que realiza algumas ações como o evento local da francofonia, intercâmbios dos nossos alunos com outros de lycee em Caienne. Há ainda acordo de cooperação pretendidos que buscam criar espaços de interação entre alunos e profissionais dos países envolvidos.

5. Quais os principais desafios enfrentados pelo IFAP, para garantir a educação de qualidade?

- *Orçamento contingenciado;*
- *Orçamento reduzido;*
- *Cultura de evasão ainda a ser superada;*
- *Necessidade de melhorias na educação básica das escolas Municipais e estaduais;*
- *Maior engajamento entre as instituições de ensino que atuam em Oiapoque;*

6. Como o Sr. prospecta o campus avançado do IFAP no futuro?

Devido a demanda local projetamos a mudança de tipologia de campus Avançado para Campus, o que ajuda na ampliação da possibilidade de ofertas, inclusive de ensino médio. Projeta-se ainda o fortalecimento da instituição como promotora de educação pública e de qualidade.

- **Há alguma questão que o Sr. gostaria de acrescentar?**

Nenhuma questão acrescentada.

Ao analisar os relatos obtidos, junto à direção do Campus Avançado do IFAP de Oiapoque, contata-se, contudo, que as instituições analisadas contribuem significativamente para a sociedade oiapoquense e seu desenvolvimento social e intelectual, mas, pode-se consolidar mais, principalmente, com investimentos públicos para aprimorar, estruturar e ampliar a oferta de cursos técnicos, de graduação e pós-graduação, que consequentemente possibilitará um retorno do IFAP e da UNIFAP para as reais demandas da sociedade fronteiriça que esta instituição atende.

Verifica-se que, na contemporaneidade, a instalação de diversas instituições públicas a partir dos anos de 2010, como o Campus da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e também do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia (IFAP), ocasionaram a ida de profissionais capacitados de diversas regiões do país e também a dinamização econômica da cidade e do espaço urbano, onde muitas quitinetes foram construídas para atenderem, dentre outras demandas, a deste público, o que provocou e ainda traz alterações no modo de produção do espaço urbano, sobretudo, na escala intraurbana, o que será discutido com maior nível de detalhamento no tópico sequente.

Desta maneira, observa-se que na proximidade e entorno de instituições de ensino superior, criam-se e/ou aumentam-se as demandas por moradias, pelo público universitário, isto é, a presença de estudantes, professores e técnicos-administrativos de fora da cidade, além de servidores das demais instituições públicas, de outros setores, que ao longo dos anos se instalaram na cidade. Com isso, muitas quitinetes residenciais e casas são construídas para atenderem este e outros públicos, incluindo, neste caso, os servidores públicos de outras instituições não vinculadas ao ensino, uma vez que Oiapoque, como discutido anteriormente, passa por um processo de redefinição econômica.

Tal processo, isso é a construção de novas moradias em Oiapoque, principalmente no bairro Universidade e também no bairro FM, (figuras 19 e 20), vem modificando a espacialidade intraurbana de Oiapoque. Neste sentido, apontou-se, em pesquisa anterior (MOURA, p. 211, 2015), sobre os impactos espaciais nos entornos de instituições de ensino superior.

> Em muitas cidades universitárias, é comum o entorno das IES apresentar uma diversificação de casas, residenciais, condomínios, quitinetes, pensões e quartos para atender, sobretudo, à demanda de estudantes universitários. Quase sempre, estas moradias são completamente habitadas por esse público-alvo específico, portanto, o aluguel/locação de imóveis é uma atividade econômica que se relaciona diretamente com o ensino superior na escala urbana.

Em Oiapoque a procura maior por moradias como as quitinetes, pequenos apartamentos em residenciais, além de casas para aluguel ou para compra, construídas em lotes disponíveis, principalmente, nos bairros mais novos da cidade, como no Infraero, Universidade e FM, são, consideravelmente, advindas de funcionários públicos provenientes de outras cidades, fato que dinamiza o mercado da construção civil e imobiliário de Oiapoque.

Quando comparadas as demandas entre funcionários que atuam nas instituições públicas com as de estudantes na busca por moradias, a procura é maior pelos servidores, uma vez que as instituições de ensino técnico e superior analisadas, além de instituições públicas de outros setores, apresentam números pouco expressivos ao de estudantes oriundos de outros municípios, realidade que pode se alterar à medida que as instituições de ensino analisadas forem se consolidando e tornando-se referência da educação de nível superior no Estado. As fotografias (Figura 24) na sequência evidenciam exemplos destas moradias.

Figura 24: Residenciais de locação de apartamentos/quitinetes

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Figura 25: Residenciais de locação de apartamentos/quitinetes

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Por meio desse processo, o setor imobiliário se configura como um segmento que tende a provocar acirramento da vida na cidade, criando e ampliando áreas de valorização espacial e de diferenciação socioespacial, ocasionando e intensificando, assim, o déficit habitacional nas

cidades brasileiras. Em Oiapoque, tal processo ocorre, inclusive, resguardadas as proporções da escala de análise. Tal temática, é discutida com mais ênfase na sequência da tese.

3.7 A habitação na fronteira do lado de cá...

Em Oiapoque não há a mesma competitividade do setor da construção civil promovida por grandes empresas deste setor, como construtoras, incorporadoras, imobiliárias e todo *know-how* do *marketing imobiliário*, presentes em cidades com maiores portes, marcadas pela forte atuação do capital imobiliário na produção espacial. Sabe-se que em muitas cidades amazônicas os agentes produtores da cidade são outros quando comparado à teorias mais clássicas da produção do espaço urbano, o que, no entanto, não exclui a problemática e a complexidade da habitação.

Tais processos que intensificam a produção contraditória do espaço urbano, como áreas de especulação imobiliária, a luta pelo título da terra e consequentemente a regularização fundiária excepcionais para a garantia de direitos e deveres na cidade. Considera-se a necessidade e as características do habitar como parte indissociável da vida. Rodrigues (2019, p. 11) pondera que:

> De alguma maneira é preciso morar. No campo, na pequena cidade, na metrópole, morar como vestir, alimentar, é uma das necessidades básicas dos indivíduos. Historicamente mudam as características da habitação, no entanto, é sempre preciso morar, pois não é possível viver sem ocupar espaço. No interior da casa é onde se realizam outras necessidades; além de se ter um abrigo, é onde se dorme, tem-se privacidade, faz-se as refeições, realiza-se a higiene pessoal, convive-se com o grupo doméstico, etc. A moradia também é local de trabalho: sempre se trabalha na casa para a própria manutenção, como lavar, cozinhar, passar e muitas vezes, para a concretização de um valor de dinheiro, para a subsistência.

O habitar na cidade está associado a condição e a classe social de seus cidadãos e cidadãs. Quem tem maior acesso ao capital habita áreas com melhores infraestrutura e, quem tem baixa renda ou menor acesso ao capital, residem em áreas e em moradias com baixos padrões construtivos.

Em Oiapoque, ocupando áreas de ressaca[16], ou em residências conhecidas como palafitas, muitas destas moradias se apresentam com estruturas insatisfatórias do ponto de vista de sua infraestrutura. Como exemplo, tem-se residências construídas com madeiras sem acabamento, normalmente localizadas em bairros mais afastados do centro da cidade ou em áreas com menores infraestrutura e acesso aos equipamentos públicos.

Desta forma, têm-se na espacialidade urbana de Oiapoque, áreas de periferias do capital no espaço urbano.

O mosaico de figuras na sequência (figura 26) mostra diferentes residências nas situações descritas acima, com casas em áreas atingidas pelas cheias dos igarapés e também do Rio Oiapoque, nos bairros Planalto e Nova Esperança, respectivamente, realidades estas presentes em outras cidades amazônicas.

[16] De acordo com Portilho (2010, p. 3) as áreas conhecidas com área de ressaca, se refere a "áreas encaixadas em terrenos quaternários que se comportam como reservatórios naturais de água, caracterizando como um ecossistema complexo e distinto, sofrendo os efeitos da ação das marés, por meio da rede formada de canais e igarapés e ciclos sazonais da chuva. "

Figura 26: Mosaico que ilustra casas em áreas de ressaca em Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Nesta realidade também é possível relacionar, evidentemente resguardando as proporções analíticas do processo urbano, com o pensamento de que a produção capitalista do espaço urbano prioriza a terra como mercadoria, onde o bem estar social e qualidade das habitações para as classes menos abastadas e com menor ou sem acesso ao capital não participam do "progresso" financeiro do capital imobiliário (CARLOS, 2007; 2013), sendo a terra urbana como mercadoria altamente rentável e que se insere no circuito da (re)produção ampliada do capital, como discute Carlos (2013, p. 41):

> A contradição valor de troca/valor de uso constitui-se de importância essencial para a análise da produção, iluminando os interesses privados dos diferentes setores econômicos da sociedade que vêem no espaço a condição de realização da reprodução econômica.

Este prisma, a respeito do modo capitalista de produção do espaço, em relação aos seus valores de uso e troca e suas atribuições, Henry Lefebvre (1969, p. 12), caracteriza:

> A própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito a obra é valor de uso e o produto é valor de troca.

Portanto, o espaço, em especial o urbano, nesta lógica contraditória, é cada vez mais classificado como sinônimo de rentabilidade e lucro, que está inserido nas dinâmicas econômicas das cidades capitalistas, deixando de lado a plenitude do viver na/a cidade com dignidade, em diferentes realidades territoriais brasileiras.

Em Oiapoque, percebe-se, neste sentido, a incipiente valorização e transformação do espaço urbano em função da localização, principalmente da UNIFAP, pela centralidade intra-urbana que o campus exerce na cidade, apresentando valores mais altos de aluguéis, seja em residências ou quitinetes nas proximidades do campus e também no Centro, se comparado a valores cobrados em outros bairros mais distantes.

A respeito do bairro Universidade[17], enfatiza-se o dinamismo da construção civil, com a construção de quitinetes e também residências, uma vez que muitos servidores públicos, não somente da UNIFAP, investem no local. Há aumento na oferta de comércios como mercearias, pequenos restaurantes, posto de combustível, franquia de escola de idiomas (*Wizard)* e o boliche

[17] Em conversas informais com moradores antigos da cidade, a respeito da origem do bairro Universidade, obteve-se relatos de que o bairro teve suas primeiras casas construídas no início dos anos 2000, ainda antes da instalação da UNIFAP, que só se concretizou em 2007. Somente após a instalação do Campus Universitário, o local começou a ser chamado pelo atual nome. Era um local considerado longe do Centro da cidade. A área que está construído o Campus Binacional, é fruto de doação do terreno por parte da Prefeitura Municipal de Oiapoque, pelo então Prefeito João Dorismar da Paixão.

da cidade, o Clube Strike Boliche, local bastante frequentado para a prática de lazer e recreação, o que trouxe uma nova redefinição da vida noturna de Oiapoque, antes concentrada exclusivamente no centro da cidade. O mosaico (figura 27) abaixo ilustra tal processo.

Figura 27: Mosaico bairro Universidade

Fonte: Rarison Sousa (2018).

Nesta espacialidade da fronteira, há a presença de outras instituições públicas além do campus da UNIFAP, como sedes da Polícia Militar, do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e também do Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN).

Portanto, é inegável a participação de uma IES, bem como a instalação de demais instituições públicas nas cidades, frente aos impactos no local onde se inserem, que podem ser vistas como agentes (re)modeladoras da produção espacial urbana, seja na metrópole, na cidade média e até mesmo em cidades com menos de trinta mil habitantes, como é o caso de Oiapoque. Nesse sentido, a importância de compreender o seu papel, vai além do ensino, pesquisa e extensão, visto que exercem, ainda, uma forte modificação territorial onde se instalam.

Sobre esta discussão, Wendel Henrique (2012) destaca vínculos, sobretudo de ordem econômica no espaço urbano pelo viés da implantação de campus universitários, em diferentes frentes (HENRIQUE, 2012, p. 3):

> O primeiro deles é o impacto econômico direto (criação de empregos; construção de edifícios; migração com alta qualificação e maior renda, entre outros) e indireto (serviços prestados para as Universidades, professores e estudantes; mercado imobiliário; hotéis e restaurantes; eventos científicos; e atração de empresas, por exemplo).

Próximo do bairro Universidade, o primeiro bairro ao entrar no distrito sede de Oiapoque pela BR-156 está o Infraero, bairro fruto de uma ocupação de uma área da União, que representa uma história de luta pela moradia na cidade. A área do bairro nas proximidades do Aeródromo Municipal começou a ser ocupada irregularmente no ano de 2004.

Por inúmeras vezes, a área sofreu tentativas de reintegração de posse. A organização popular foi fundamental para a permanência da ocupação no local, organizando protestos contra as ações militarizadas que ocorreram no local. A principal estratégia dos moradores, para chamar a atenção da complexidade dos conflitos, era o fechamento da BR-156, impedindo veículos particulares de passarem na BR nos dois sentidos. As figuras 28 A e B, na sequência, mostram este processo de luta pela moradia do bairro Infraero em agosto de 2016.

Figura 28: Mosaico luta pela moradia bairro Infraero

Figuras 28 A e B: A) Manifestação popular do Bairro Infraero, contra reitegração de posse. Fonte: Edenilson Moura (2016). B) Trator quebrando residência no bairro Infraero: Fonte: Site Seles Nafes (2016).

Através de práticas conciliatórias, amparadas pela Portaria nº 228 da Secretaria do Patrimônio da União, publicada no dia 13 de dezembro de 2017, após treze anos, culminou na doação da área que apresenta 213 hectares às famílias do local.

Em outubro de 2019, amparada pela Lei nº 13.465/2017[18] que trata sobre a regularização fundiária urbana e rural (BRASIL, 2017), ocorreu a doação de terrenos e entrega de 590 títulos de propriedade às famílias do Infraero, marco essencial para Oiapoque, como já mencionado, afigurando-se como primeiro bairro da cidade a disponibilizar o título de propriedade a seus moradores, ou seja, a possuir a regularização fundiária.

Certamente, a conquista dos moradores do bairro Infraero representa a possibilidade da melhor gestão do espaço urbano em totalidade em Oiapoque, frente à possibilidade, por exemplo, da cobrança do Imposto Predial Territorial Urbano (IPTU) inexistente na cidade, mecanismo fundamental para aumento da arrecadação municipal e, consequentemente, a aplicação de recursos na construção e manutenção de equipamentos públicos.

3.8 A necessidade da melhoria em outros setores

Como mencionado anteriormente, além da problemática da moradia, em todos os distritos de Oiapoque há outros problemas urbanos e questões sociais, também presentes na realidade brasileira, em outras cidades nas diferentes regiões. Como exemplo destes, têm-se a ausência de equipamentos públicos nas áreas de saúde em mais bairros.

A precarização dos estabelecimentos de ensino do nível básico do ensino infantil, fundamental e médio, onde a prefeitura aluga prédios com estruturas inadequadas para funcionarem como escolas municipais.

A problemática do descarte de maneira incorreta dos resíduos sólidos produzidos pela cidade, sendo deixados no "lixão" em área próxima ao distrito sede, que é altamente impactado pela fumaça advinda desta área, além de outros danos ambientais provocados pelo lixão municipal.

A ausência de saneamento básico e distribuição da água. Melhor gestão dos recursos ambientais da cidade, como a poluição do rio Oiapoque e os igarapés presentes na área urbana.

A ausência da pavimentação da maioria das ruas e manutenção das vias já asfaltadas, mazelas estas que necessitam de intervenções públicas, para a melhor qualidade da vida das pessoas na cidade.

Estes processos e problemas, ao longo do tempo, frente às redefinições econômicas da

[18] Dispõe sobre a regularização fundiária rural e urbana, sobre a liquidação de créditos concedidos aos assentados da reforma agrária e sobre a regularização fundiária no âmbito da Amazônia Legal; institui mecanismos para aprimorar a eficiência dos procedimentos de alienação de imóveis da União.

cidade, isso é, do garimpo ao funcionalismo público, como mencionado anteriormente, vem redefinindo a produção do espaço urbano em Oiapoque, exigindo atenção sobre os usos e gestão do território estudado.

Constata-se que o crescimento populacional verificado nos últimos anos, na cidade de Oiapoque, passou a exigir a estruturação e diversificação de serviços, como a instalação de outras instituições públicas e privadas, bem como estabelecimentos comerciais e organizações civis, além de exigir, também, a melhoria da qualidade da oferta dos serviços que aos poucos vão se aperfeiçoando. Porém, há muito que se estruturar e consolidar para melhor atender à população. Estas novas redefinições no espaço urbano e na economia da cidade, representam caminhos para uma estruturação do comércio local e a melhora na prestação de serviços especializados públicos e privados, que apresentam barreiras para um melhor desenvolvimento urbano e qualidade do bem-estar na cidade, mas como se ouve muito entre a população de Oiapoque: *já foi pior...*

Não se trata, contudo, de pontuar uma perspectiva homogeneizadora da cidade e que não haja limitações de sua infraestrutura, mas sim apontar elementos que podem melhorar o bem estar urbano dos que vivem na cidade.

Feitas as reflexões sobre a espacialidade intraurbana de Oiapoque a partir de diferentes bairros, destacando distintos processos neles contidos, a seção seguinte foca as relações comerciais na cidade de Oiapoque, destacando o papel do comércio local, na economia da cidade, além de apresentar dados obtidos junto à Associação Comercial de Oiapoque. O objetivo desta seção é compreender a dinâmica comercial atrelada ao contexto fronteiriço.

3.9 Relações comerciais fronteiriças

Oiapoque apresenta influências vinculadas diretamente às relações fronteiriças que implicam diretamente na produção do espaço urbano e na dinamização da economia local. Essas influências são perceptíveis no cotidiano urbano: as pessoas de *Saint George* e também da capital Caiena estão nos estabelecimentos comerciais de Oiapoque.

Muitas crianças de Oiapoque estudam nas escolas públicas de *Saint George*. Além disso, muitos franco-guianenses e franceses possuem estabelecimentos comerciais e residências no lado brasileiro.

O comércio em Oiapoque é marcado pela diversidade de produtos comercializados no varejo. Apresenta supermercados de médio porte, além de pequenas mercearias, tanto no Centro

da cidade, quanto nos bairros mais afastados.

Entre os principais produtos disponíveis no comércio local, estão os do gênero alimentício, calçados e confecções, artigos e utensílios para casa, lojas de cosméticos, casas de materiais para construção, lojas de eletrodomésticos, estabelecimentos que comercializam produtos e ferramentas utilizadas em garimpos, como já mostrado anteriormente. Enfatiza-se a presença de estrangeiros da Guiana Francesa, realizando compras no comércio oiapoquense, em que a maiorias das pessoas pagam suas compras com o Euro.

Há também postos de combustíveis, tanto para o abastecimento de veículos que circulam no meio terrestre, quanto para as embarcações, o que justifica a presença, por exemplo, de postos de gasolina da margem do rio Oiapoque em grande proximidade com as águas, como evidencia a figura 29:

Figura 29: Posto de gasolina nas margens do rio Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

A cidade possui três filiais de lojas de departamento e eletrodomésticos, que recebem os nomes fantasias de Amazonas Importados, Carajás Importados e Carajás Eletro, com sedes em Macapá, conforme mostram as figuras 30, 31 e 32 na sequência.

Figura 30: Filial da loja “Amazonas Importados” em Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Figura 31: Filial 1 da loja “Carajás Importados” em Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Figura 32: Filial 2 da loja “Carajás Eletro” em Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

A cidade de Oiapoque possui uma filial de uma grande loja do estado do Amapá, do ramo de eletrodomésticos e eletroeletrônicos, chamada de Center Kennedy, conforme ilustra a figura 33, a seguir.

Figura 33: Filial da loja “Center Kenedy” em Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Entre as filiais nacionais do comércio varejista que a cidade de Oiapoque apresenta, está a franquia da loja do segmento de perfumaria e cosméticos, chamada de “O Boticário”, como mostra a figura 34:

Figura 34: Franquia da loja “O Boticário”, em Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Além dos comércios com lojas fixas, no centro da cidade é muito comum a presença de vendedores ambulantes, entre eles, alguns estrangeiros como haitianos que comercializam entre outros objetos: relógios, óculos de grau e de sol e roupas de marcas falsificadas, produtos eletrônicos como aparelhos e carregadores de celulares, fones de ouvidos, mercadorias do chamado “mercado pirata”, o que afirma a presença da economia urbana, em seus circuitos inferiores, presentes na fronteira franco-brasileira. A figura 35 a seguir, ilustra o comércio ambulante que está inserido no contexto dos circuitos inferiores da economia, registrada no centro da cidade de Oiapoque.

Figura 35: Comércio ambulante, no Centro de Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

É fundamental salientar que em muitos dos comércios que foram mencionados anteriormente, vendem diariamente não somente para clientes brasileiros, mas também para clientes estrangeiros do país vizinho, sendo comum encontrar estas pessoas comprando no comércio local.

Na atualidade, a cidade de Oiapoque dispõe apenas de três agências bancárias, sendo elas: Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Bradesco, além de uma Casa Lotérica e uma agência dos Correios com o serviço de Banco Postal. As imagens 36 a 40 a seguir, apresentam estas instituições financeiras, que são importantes para a existência e circulação monetária e economia da cidade fronteiriça.

Figura 36: Agência do Banco do Brasil de Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Figura 37: Centro empresarial localizado no Centro de Oiapoque, sede da Agência da Caixa Econômica Federal, Agência do SEBRAE a da Associação Comercial de Oiapoque (ACOI)

Fonte: Edenilson Moura (2019).

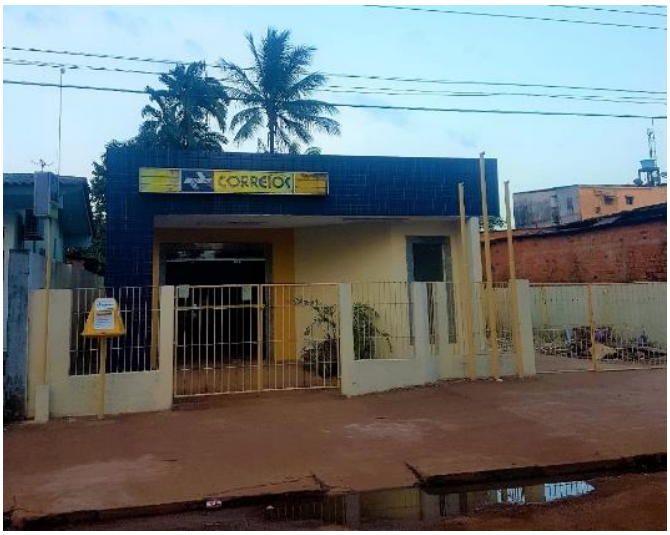
Figura 38: Agência do Banco Bradesco de Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Figura 39: Casa Lotérica de Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Figura 40: Agência dos Correios de Oiapoque



Fonte: Edenilson Moura (2019).

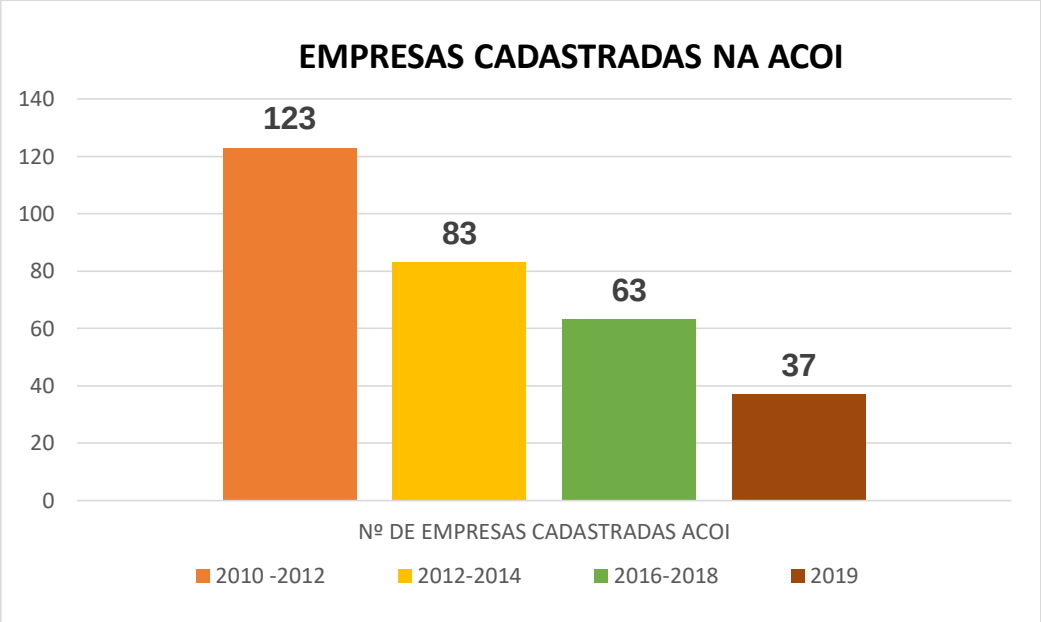
A dinâmica empresarial da cidade em estudo poderia ser consideravelmente ampliada e estruturada, se houvesse a pavimentação do trecho não asfaltado da BR-156 que, possivelmente, atrairia maior número de empresários para investirem na cidade, o que possibilitaria maior dinamização econômica, geraria postos de trabalho e intensificariam as relações transfronteiriças no espaço urbano de Oiapoque.

3.9.1 Associação Comercial de Oiapoque (ACOI)

Buscou-se, por meio do trabalho de campo, dados acerca da economia urbana, com ênfase na prestação de serviços em Oiapoque. Desta forma, no mês de março de 2019, em pesquisa de campo, consultou-se a Associação Comercial de Oiapoque (ACOI), que foi criada no dia 13/09/1997, que tem entre seus objetivos a organização da classe empresarial e a busca de melhorias para o mercado local e, consequentemente, para a população de Oiapoque.

Segundo dados disponibilizados pela ACOI, o número de empresários associados ao longo dos anos foi diminuindo. A redução de empresas vinculadas na associação comercial pode ser explicada pela falta de investimentos públicos na infraestrutura da cidade, que impedem o crescimento e estruturação do comércio local, além das taxas tributárias que os empresários já pagam aos órgãos públicos, para manterem o funcionamento de seus estabelecimentos comerciais e da taxa mensal paga a ACOI, que está fixada em R$ 40,00. A redução do número de empresários vinculados à associação pode ser visualizada no gráfico 6 apresentado a seguir:

Gráfico 6: Quantidade de empresas cadastrados na ACOI em período bienal



Fonte: ACOI 2019. Elaborado por: Moura (2019).

No ano de 2018, o número de estabelecimentos comerciais associados à ACOI era de 42 e no momento da pesquisa de campo junto à instituição, em 2019, era de 37, ou seja, cinco empresas desvincularam-se da ACOI no período verificado.

Aponta-se que empresas de diferentes setores da economia podem se associar à ACOI, desde o setor primário ao setor terciário. Na sequência a tabela 8 apresenta as empresas de Oiapoque associadas à ACOI no mês de março de 2019, quando os dados foram disponibilizados por meio da pesquisa de campo na associação.

Tabela 8: Empresas associadas na ACOI até o mês de março de 2019

QUANTIDADE	EMPRESAS ASSOCIADAS (ACOI) 2019
1	AMAZONAS IMPORTADOS
2	AC COSTA DOS REIS
3	BOI NA BRASA
4	BOMBONS E VARIEDADES
5	A.M.J.T BARRETO PESCADOS
6	LOJA SOPHIE
7	C.SENA DE MORAIS
8	C.VALE VERDE
9	COMPESC
10	CHALETS PARADIS
11	C.M DA PAIXÃO
12	COMERCIAL JM
13	CHACARA DO RONA
14	CENTER KENNEDY
15	DROGARIA JJ
16	ELETRO BIONICO
17	FRONTSTYLE
18	FRANCISCO MATERIAS CO
19	FIEL GAS
20	HAMBURGUERIA DA FRONTEIRA
21	LOJÃO DAS CARNES
22	LOJÃO DA MISTURA
23	CASA DAS ERVAS
24	MERCANTIL OLIVEIRA
25	MERCANTIL UNIDOS
26	M.L CAMPOS PINTO
27	MERCOROPE
28	O.M.GUEDES
29	O BOTICARIO
30	R.N DE LOBATO
31	SANTAREM DO CD
32	UNIDOS DA ECONOMIA
33	SKAL FASHION
34	CARAJAS IMPORTADOS
35	NAYRA PERFUMARIA

36	UAÇÁ PRODUÇÕES
37	D.M G FARIAS

Fonte: ACOI. Elaborado por: Moura (2019).

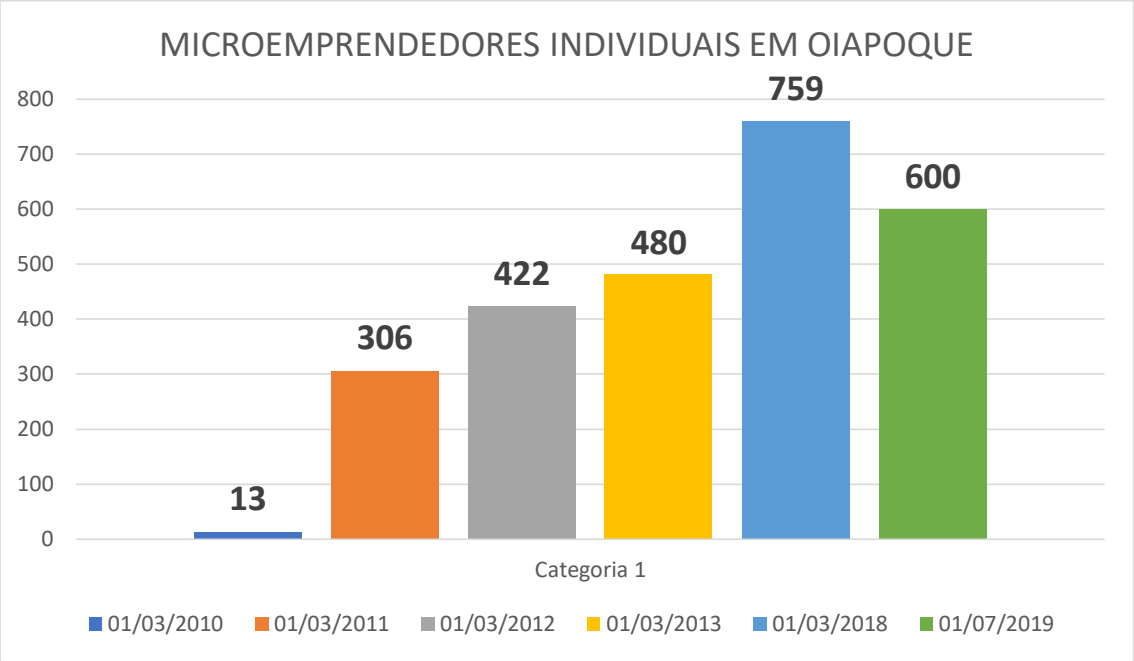
3.9.2 Microempreendedorismo Individual (MEI) na fronteira Brasil-Guiana Francesa

Nos últimos anos, um grande crescimento de registro de pequenos empresários cresce no Brasil. Uma das prerrogativas para o número de formalizações de empresas no segmento Microempreendedor Individual (MEI), está a garantia da atuação no mercado formal, a geração de notas fiscais, a contribuição ao INSS dos empresários e a possibilidade de contratarem via Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) funcionários, garantindo-lhes direitos e deveres aos patrões e trabalhadores.

Neste sentido, buscou-se por meio de consultas *online* no Portal do Empreendedor, dados referentes aos empresários optantes nesta categoria de empresa no município de Oiapoque (neste caso, o sistema filtra dados em toda municipalidade, mas, sabe-se que a concentração dos MEIs, estão na cidade).

O gráfico 7 na sequência apresenta os números das formalizações de atuação empresarial em Oiapoque. Verificou-se que em 2019, o número de MEIs na cidade diminuiu se comparado ao ano anterior, o que pode ser justificado pelo discurso de uma crise político-econômica instalada no país, bem como por uma certa insegurança e instabilidade política que o país vivencia.

Gráfico 7: Quantidade de MEIs formalizados em Oiapoque nos anos de 2010 a 2013; 2018 e 2019



Fonte: Portal do empreendedor 2019. Organizado por Moura (2019).

Verifica-se que por mais que já exista uma crescente procura pela formalização das empresas na cidade de Oiapoque, há também diferentes atividades econômicas produzidas na informalidade, que também compõem o quadro econômico da cidade e contribuem para que o processo urbano de Oiapoque e suas dinâmicas urbanas-comerciais se territorializem para além dos limites municipais, abrangendo outras áreas do território amapaense e se expandindo para o território ultramar francês.

Salienta-se que as atividades econômicas produzidas na cidade de Oiapoque, que foram discutidas até o momento, são essenciais para a dinamicidade econômica e, consequentemente, da produção do espaço urbano fronteiriço, uma vez que é baixa a arrecadação de tributos e alta as despesas que o município possui. Esse fato justifica a forte dependência do município aos diferentes repasses tributários, das esferas federais e estaduais. Na tabela 9, apresenta-se dados da arrecadação e despesas do município de Oiapoque.

Tabela 9: Arrecadação e despesas municipais de Oiapoque nos anos de 2013, 2015 e 2016

ANO	RECEITA TRIBUTARIA	DESPESAS
2013	886,621	18,868,077.34
2015	2,719,117.74	34,699,350.83
2016	1,630,017.32	27,692,822.07

Fonte: Prefeitura Municipal de Oiapoque. Organizado por: Moura (2019).

Evidencia-se o interesse dos franceses e franco-guianenses por produtos diversos, comercializados em Oiapoque como: cosméticos e alimentos brasileiros. A dinâmica reversa também acontece, e é equiparada ao interesse dos brasileiros pelos mesmos produtos franceses, como perfumes, queijos e vinhos, que são facilmente comprados em *Saint George*, mesmo diante às burocracias internacionais. É fácil trocar o Real por Euro com algum cambista informal na Beira, pegar uma catraia, atravessar o rio Oiapoque e dirigir-se ao pequeno comércio de *Saint George*, localizado logo nas primeiras ruas.

Mas, é comum, os brasileiros alertarem, para os que não possuem passaporte e o visto: "Não anda muito pra lá", ou ainda: "Nas primeiras ruas não tem problema ir", menções estas que se permite pensar sobre a quebra do limite e das regras internacionais, diante os arranjos cotidianos da vida na fronteira.

Também são comuns as notícias de moradores de Oiapoque que buscaram atendimentos clínicos de saúde em *Saint George* que, se comparado ao Brasil, dispõe de melhor estrutura. Inclusive, em *Saint Georges de l'Oyapock* permite-se a vacinação da Covid-19 pré-agendada para brasileiros.

As cidades gêmeas de Oiapoque e *Saint Georges* possuem diferentes laços, que extrapolam a rigidez territorial fixada pelo limite internacional, laços que vão além da dinâmica comercial citada anteriormente e que, por exemplo, se amarram também no aspecto cultural fronteiriço.

Nas festividades populares realizadas na cidade de Oiapoque, não falta a presença da população vizinha. Tais festividades podem ser compreendidas como: festas religiosas, aniversário municipal, além, dos eventos do segmento privado, principalmente nas casas de shows (baladas) brasileiras, fatos estes que resultam, de certo modo, em boas relações sociais e diplomáticas na escala local, que por sua intensa presença tornam-se influentes na dinamização econômica urbana, bem como na produção do espaço urbano oiapoquense.

Neste ínterim de relações sociais e comerciais existentes entre as cidades gêmeas da fronteira franco-brasileira, Oiapoque, impulsionada pela valorização do Euro, ao longo dos anos, sempre recebeu a *"moeda de lá"* o que, analogamente, não acontece na Guiana Francesa, pois não recebem o Real nas transações comerciais em solo francês.

Nesse sentido, Oliveira pontua que o município de Oiapoque possui uma dinâmica própria, influenciada por certas relações transnacionais, tendo uma influência direta na economia e nas questões sociais no extremo norte do Brasil (OLIVEIRA, 2011, p. 17).

Considera-se que a produção do espaço urbano oiapoquense é fruto das atividades

humanas que, ao longo dos anos, foi se configurando. Cada período trouxe marcas fundamentais para o entendimento atual, espacial urbano, por exemplo: é indissociável falar da produção social do espaço fronteiriço franco-brasileiro, sem mencionar a importância dos garimpos na consolidação do processo urbano na escala local. Além do tempo cronológico, tem-se a própria localização geográfica, que influenciou e continua influenciando nas dinâmicas econômicas da cidade e suas relações fronteiriças na produção do espaço urbano.

Desta forma, a visão de Corrêa (2014, p. 43), ao afirmar que a produção do espaço, seja o da rede urbana, seja do espaço intraurbano, é consequência da ação de agentes sociais concretos e históricos dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias e, desta forma, relacionou-se a compreensão da produção do espaço urbano na escala local.

Com o intuito de discutir e apresentar espacialidades intraurbanas que territorialmente articulam redes e propiciam modos singulares de produção do espaço urbano regional, na sequência se discute sobre Vila Vitória, notadamente um importante espaço de trocas na fronteira franco-brasileira.

3.10 Vila Vitória: o urbano brasileiro mais “próximo da Europa”

A Vila Vitória, localizada em frente a *Saint George*, figura como o aglomerado urbano de Oiapoque mais próximo à cidade da Guiana Francesa: Saint George, como mostra a carta imagem a seguir, na figura 41.

Figura 41: Carta imagem que mostra as espacialidades de *Saint George* (GF) e Vila Vitória (BR)

Fonte: *Google Earth.* Elaborado por: Moura (2019).

A localidade chamada de Vila Vitória fica distante cerca de 5 km da sede de Oiapoque. O acesso ocorre principalmente por meio de uma estrada não pavimentada, como mostra a figura 42. O bairro teve sua origem a partir da expulsão de imigrantes ilegais da Guiana Francesa que, após isso, ocuparam as terras que hoje formam o bairro.

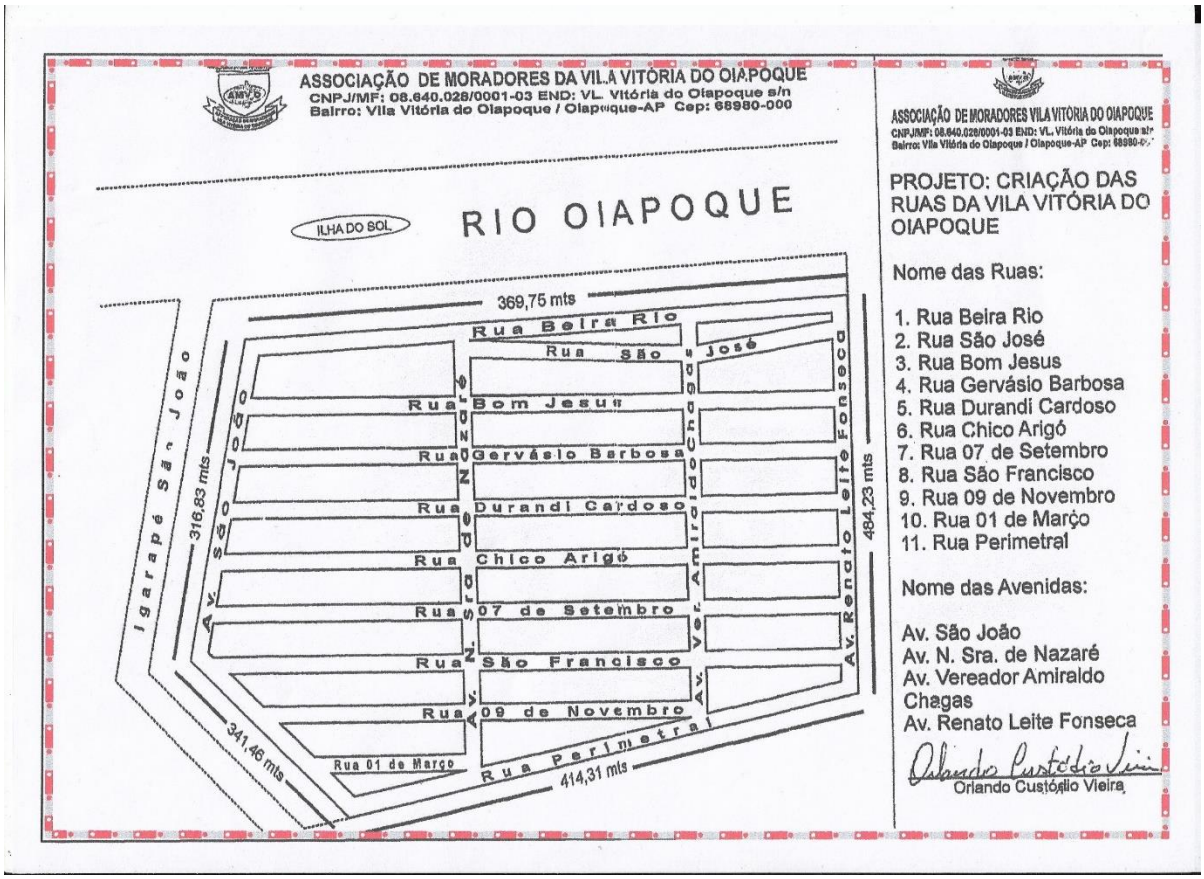
Figura 42: Inicio da estrada que dá acesso ao bairro de Vila Vitória, com placa indicando o distanciamento de 5 km

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Como já se mencionou anteriormente, há divergências quanto à sua classificação. É comum muitas pessoas chamarem a comunidade de Vila Vitória de distrito e, no entanto, para a Prefeitura Municipal de Oiapoque (PMO) é considerada oficialmente como um bairro. Mas, em conversas com o senhor Isac da Silva e Silva, que foi representante da Diretoria de Assuntos Fronteiriços, ele afirmou já existir uma discussão na PMO na pretensão da elevação do bairro para distrito, o que pode representar melhorias na infraestrutura urbana local.

De acordo com o IBGE (2010), sua população era de 2.723 habitantes e segundo o entrevistado Marcelo Alcisyo Farias da Silva, que é o Primeiro secretário da Associação de Moradores do Bairro e também Agente Comunitário de Saúde, atualmente a comunidade apresenta cerca de 1702 pessoas morando efetivamente na Vila Vitória, mas destaca a grande quantidade de pessoas que possuem residências no local e que não mora efetivamente no bairro. O mapa 18 a seguir, mostra a distribuição viária da Vila Vitória.

Mapa 18: Projeto: Criação das ruas da Vila Vitória



Fonte: Associação de Moradores de Vila Vitória de Oiapoque (Obtido em 2019).

De acordo com diferentes relatos de seus moradores, Vila Vitória é fruto da expulsão de muitos brasileiros que viviam no outro lado do rio, pelo controle migratório da Guiana Francesa e na fiscalização ambiental nos garimpos clandestinos no território francês.

O fluxo diário de seus moradores que atravessam o rio para *Saint George* é intenso, por isso, a importância das Catraias que atuam nesta comunidade para compor a economia do local. O ponto de maior circulação de pessoas na comunidade é o Porto de Vila Vitória, espaço que possui uma lanchonete e que também abriga a sede da Associação dos Pilotos Fluviais de Vila Vitória. A figura 43 na sequência apresenta este importante local de conexidade da fronteira franco-brasileira.

Figura 43: Porto de Vila Vitória, local onde atracam as catraias na Vila Vitória

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Este fluxo de pessoas é percebido no sentido oposto (Guiana Francesa – Brasil ou *Saint George* – Vila Vitória) em que muitos turistas e visitantes, conhecem a comunidade e não somente a sede de Oiapoque. Além das catraias, o pequeno comércio na comunidade é importante na dinâmica econômica.

Entre os principais destinos que os catraieiros de Vila Vitória atuam, está a cidade francesa *Saint George* e também o distrito sede de Oiapoque, além de outras localidades, conforme mostra a tabela 10 a seguir, que apresenta os valores cobrados em Real e em Euro nas viagens de acordo com período: diurno e noturno.

Tabela 10: Principais destinos das catraias de Vila Vitória

PRINCIPAIS DESTINOS DAS CATRAIAS DE VILA VITÓRIA

ORIGEM	**DESTINO**	**VALOR / DIA**	**VALOR / NOITE**
VILA VITÓRIA	ST. GEORGE	R$ 5.00 / € 2.00	R$ 7.00 / € 2.50
VILA VITÓRIA	ST. ANTONIO	R$ 5.00 / € 2.00	R$ 7.00 / € 2.50
VILA VITÓRIA	JOAOZINHO	R$ 7.00 / € 2.50	R$ 10.00 / € 3.00
VILA VITÓRIA	BLONDEE	R$ 10.00 / €3.00	R$ 10.00 / € 3.00
VILA VITÓRIA	COLARES	R$ 20.00 / € 7.00	A combinar
VILA VITÓRIA	TAMPACK	R$ 40.00 / € 10.00	A combinar
VILA VITÓRIA	RONA	R$ 20.00 / € 7.00	A combinar
VILA VITÓRIA	ILHA DO SOL	R$ 4.00 / € 1.00	A combinar
VILA VITÓRIA	MARIPA/SOPHIE	R$ 80.00 /€ 20.00	A combinar
VILA VITÓRIA	OIAPOQUE	R$ 20.00 / € 7.00	R$ 25.00 / € 7.50

Fonte: Trabalho de campo. Elaborado por: Moura (2019).

Entre as principais reivindicações da comunidade está a pavimentação de suas ruas, o que possibilitaria uma melhoria na qualidade de vida dos moradores que ali residem. A figura 44, mostra uma de suas ruas não pavimentadas que dá acesso ao ponto de atracamento das embarcações.

Figura 44: Via não pavimentada no bairro de Vila Vitória

Fonte: Edenilson Moura (2019).

A principal dinâmica cotidiana de circulação de pessoas entre a comunidade e *Saint George* é o transporte de crianças brasileiras que estudam o nível fundamental em escolas francesas, em *Saint George*. A figura 45 registrou o momento em que uma catraia trazia os estudantes brasileiros para Vila Vitória, depois de um dia de aula.

Figura 45: Catraia ocupada por crianças brasileiras moradoras da Vila Vitória retornando da escola localizada em *Saint Georges*

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Muitos pais e/ou responsáveis destes estudantes dão preferência que seus filhos estudem no "outro lado", pela educação ofertada no lado francês ser considerada melhor se comparada aos padrões da educação pública brasileira. Lá, os estudantes aprendem francês, inglês e as aulas são em período integral. Para matricular-se na escola e/ou no colégio de *Saint George*, que, inclusive, a maioria de seus estudantes são brasileiros, é necessário que os pais e/ou responsáveis destes estudantes residam em solo francês. No entanto, segundo conversas informais com alguns pais destes estudantes, é comum a burla desta exigência, ao informar endereços de pessoas conhecidas que vivem no outro lado da fronteira.

Este é um exímio exemplo da quebra da formalidade dos limites instituídos burocraticamente e internacionalmente, a flexibilização diplomática diante da fluidez expressa territorialmente pelas pessoas que vivem cotidianamente a fronteira.

Vila Vitória possui uma instituição de ensino municipal, que é a Escola Municipal Alciane Barbosa da Silva (figura 46), segundo a entrevistada e pedagoga, Maria Ivonete Ramos Pires, atual diretora do estabelecimento escolar que oferece o Ensino Fundamental I (até o quinto ano). A escola possui 99 alunos (mês de referência: março de 2019), que estudam no período matutino ou vespertino, em uma estrutura física improvisada, alugada pela PMO, cuja realidade é similar a outras escolas localizadas na sede de Oiapoque.

Figura 46: Escola Municipal Alciane Barbosa da Silva

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Os adolescentes e jovens da Vila Vitória que estudam no Ensino Fundamental II e/ou Ensino Médio, são obrigados a estudarem nas escolas localizadas na sede de Oiapoque. O transporte destes alunos é feito por meio de ônibus da prefeitura. Quando a estrada que dá acesso ao bairro está intransitável, o que não é incomum no período das chuvas, os alunos ficam impossibilitados de irem para a escola por via terrestre. Somente aqueles que possuem condições de pagarem as catraias para se locomoverem conseguem acessar a sede de Oiapoque pelo meio fluvial.

Outro espaço importante para a Vila Vitória é a Unidade Básica de Saúde (UBS), que também funciona em uma edificação alugada pela Prefeitura e que não foi construída para atender a esta demanda da sociedade, como mostra a figura 47 na sequência:

Figura 47: Unidade Básica de Saúde (UBS) localizada na Vila Vitória

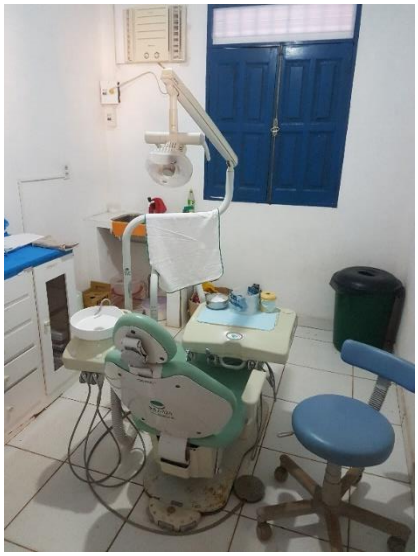
Fonte: Edenilson Moura (2019).

Segundo a entrevistada, Patrícia Barbosa de Castro Andrade, que é a técnica em enfermagem da unidade, a estrutura da UBS que atende serviços básicos de atenção à saúde, incluindo clínica odontológica, possui uma farmácia, sala de curativos, uma sala de odontologia, um consultório médico, além de uma recepção. As figuras 48 a 50 evidenciam as instalações da UBS da Vila Vitória.

Figura 48: Instalações internas da UBS – Vila Vitória

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Figura 49: Instalações da sala odontológica da UBS - Vila Vitória



Fonte: Edenilson Moura (2019).

Figura 50: Farmácia da UBS – Vila Vitória

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Cabe apontar que com o fim da parceira do Programa Federal Mais Médicos com o Governo Cubano, ruptura feita no início de 2019, através de uma ação indevida tomada pelo Presidente da República, que tomou posse em janeiro de 2019, esta comunidade perdeu o atendimento do médico cubano, que trabalhava na UBS da Vila Vitória, ficando a unidade sem novo profissional, realidade muito comum a tantas outras municipalidades que estão desamparadas, frente ao fim desta importante parceria com o programa federal de saúde.

Todavia, considerou-se importante a inclusão nesta análise urbano-fronteiriça, a espacialidade representada pelo bairro de Vila Vitória, principalmente por sua localização geográfica e pelas dinâmicas territoriais que se materializam neste local.

O próximo e último capítulo: “Território-rede e a dinâmica da circulação de pessoas e transportes na fronteira”, se debruça na apresentação e discussão de dados obtidos em trabalhos de campo realizados nos meses de março e abril de 2019, que consultou diferentes atores e sujeitos responsáveis pela conexidade territorial, tanto na escala intraurbana, quanto na escala regional e fronteiriça, como a Delegacia da Policia Federal, para o dimensionamento da entrada e circulação de estrangeiros na cidade e os diferentes meios de transportes, principalmente as catraias, que materializam cotidianamente a interação entre o Brasil e a Guiana Francesa, nas travessias sobre as águas binacionais do rio Oiapoque.

Contudo, a análise que resultou o capítulo seguinte, pautou-se na abordagem dos territórios-redes, que representou grande potencial para compreender a circulação de transportes e pessoas no recorte espacial da pesquisa. Além da dimensão das redes técnicas, expressas pelas redes de circulação de transportes, incluiu-se, ao final do capítulo, reflexões pontuais sobre as ineficiências da rede elétrica no Amapá e em Oiapoque, bem como os desdobramentos da ponte Binacional Franco-brasileira, levando-se em consideração seu papel na interação fronteiriça, que pode promover a ampliação de trocas e redefinição dos territórios-redes na fronteira estudada.

4 TERRITÓRIO-REDE E A DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO DE PESSOAS E TRANSPORTES NA FRONTEIRA

4 TERRITÓRIO-REDE E A DINÂMICA DA CIRCULAÇÃO DE PESSOAS E TRANSPORTES NA FRONTEIRA

> *Um conceito de território puramente analítico, sem nenhuma interlocução com a prática ou o uso de que dele é feito (ou que pode ser feito) pelo senso comum dos grupos sociais pode revelar-se incongruente.* (HAESBAERT, 2016).

4.1. Relacionando o território e a rede

O conceito de território está entre as principais categorias espaciais, que permeiam as presentes análises adotadas nesta pesquisa, principalmente, por seu papel no que corresponde às estruturas de poder estabelecidas no espaço geográfico. Dessa forma, concorda-se com Saquet ao considerar que "o território é objeto de estudos e, ao mesmo tempo, objeto de práticas políticas" (SAQUET, 2014, p. 243, tradução nossa).

Assim como fronteira e limite, conceitos discutidos anteriormente, o território também teve importantes aprimoramentos ao longo da história do pensamento geográfico, mas sempre afirmando sua relação com poder e com o Estado. Mediante a essa questão, Souza (1995) destaca que a concepção de território na Geografia Política com viés tradicional fixava-se na escala nacional e principalmente na figura do Estado-nação, tendo assim os limites espaciais e temporais com pequena mobilidade.

Ao discutir território em perspectivas clássicas, logo se tem em mente noções que predominam os espaços delimitados e que dentro deste limite existem diferentes forças que exercem poder sobre o território.

Friedrich Ratzel, ao discutir o conceito de território, defende a ideia de território como a relação entre o povo organizado politicamente, entorno de um Estado, o "espaço vital", pois, para o pensamento ratzeliano, o território é a área de domínio de um Estado a qual centraliza o poder sobre o povo.

O pensamento de Ratzel esteve muito vinculado ao projeto de construção do Estado nacional alemão, como retratou Antonio Carlos Robert Moraes ao considerar que, com esta abordagem tradicional, o território é entendido como espaço imóvel que figura apenas como um recorte espacial com seus respectivos limites e que dentro destes, ocorrem distintos processos sociais (MORAES, 1994, p. 21). Nesta seara, Haesbaert (2016; 2021) alerta sobre as armadilhas do território do poder (apenas) estatal e como *contêiner* zonal, alertando sobre as limitações de restringir o território à sua dimensão estatal.

Manuel Correia de Andrade discute que o território está absolutamente ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Deste modo, o território está associado à ideia de poder, de controle, quer se faça referência ao poder público, estatal [...] (MORAES, 1995, p. 19). Para o referido autor, o território baseia-se em uma delimitação que advém do controle juntamente com a gestão administrativa deste espaço geográfico.

Outro clássico para o entendimento de território é Claude Raffestin, segundo o qual o território se formava a partir do espaço, um resultado de uma ação conduzida por um ator. Na ideia de Raffestin, a apropriação de um dado espaço configura território, pois, com esta apropriação, se implica posse e, dessa forma, um controle é estabelecido sobre ele (RAFFESTIN, 1993).

Para o autor, o território é caracterizado pela ação de organização do espaço: "toda prática espacial, mesmo embrionária, induzida por um sistema de ações ou de comportamento se traduz por uma produção territorial, que faz intervir tessitura, nó e rede. É interessante destacar a esse respeito que nenhuma sociedade, por mais elementar que seja, escapa da necessidade de organizar o campo operatório de sua ação" (RAFFESTIN, 1993, p. 150). Nessa perspectiva, o território não é somente o poder estatal instituído sobre espaço geográfico, como propunha Ratzel.

Em Raffestin (1993) remete-se, portanto, à ideia de que o espaço geográfico denota uma organização, pois nele se implicará uma posse territorial. Este espaço se delimitará, esta posse passa a configurar como poder e controle, esta ação de organização, ocupação e controle espacial, caracteriza a produção territorial ou a produção do território.

De maneira etimológica e conotativa sobre o território, Haesbaert esclarece (2004, p. 1):

> [...] território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-territor (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no "territorium" são impedidos de entrar.

O teórico discute que o território não é caracterizado apenas como um espaço que institui apenas o poder, mas também o pertencimento das pessoas, bem como os símbolos, que estão inseridas na produção territorial. Portanto, todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações: funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço, tanto para realizar "funções" quanto para produzir "significados" (HAESBAERT, 2004).

Em suas múltiplas possibilidades de trabalhar com a abordagem territorial e seus diferentes significados, esta análise considera pertinente a abordagem do território e seus relacionamentos com as redes, ou seja, uma abordagem reticular e não zonal.

Já Sack (1986) discutiu o sentido das conexões do território e a perspectiva de libertar o conceito de território de sua "prisão original", isto é, a referência exclusiva à dimensão do Estado nacional, que aponta as características imutáveis e fixas do território e da territorialidade presa ao limite político. Destaca, porém, a característica móvel, variável e fluído, em diferentes temporalidades e espacialidades, que estão atreladas também à dimensão territorial.

Ao retratarem o território e suas diferenciações do espaço e das proporções analíticas, que o território abarca, Silva e Dantas (2016, p. 48) consideraram que:

> O conceito de território emerge como espaço de realização e materialização das ações sociopolíticas. As teses analíticas comprometidas com a compreensão da totalidade dão lugar a análises dos fragmentos de um mundo contraditório. É a fase da autonomia dos territórios. O conceito de espaço, explicativo de realidades de extensão mais ampla, é aos poucos substituído pelo de território. Uma autonomia que os territórios vão adquirindo à medida que se multiplicam em forma de enclaves. O fragmento pode adquirir tamanho e escalas diferentes variando do estado-nação, condomínio fechado, centro empresarial, shoppings centers, uma área de cultivo, um povoado.

Diante destas e outras complexidades e nuances da evolução teórica-metodológica do conceito e aplicação do território, ainda que existam geógrafos na contemporaneidade que empregam abordagens e concepções genéricas do que o utilizam como concepções vinculadas somente ao Estado-nação e suas fronteiras (fixas) políticas-administrativas território (HAESBAERT, 2016). No entanto, atualmente, com avanços teóricos e metodológicos, novas abordagens deixam de vincular o território apenas às práticas analíticas zonais, mas que o incorpora à outras perspectivas de análise, principalmente a abordagem territorial em rede.

A relação do campo teórico e prático entre território e rede se apresenta há um tempo na Geografia e acompanha aprimoramentos capazes de legitimar sua expressão na produção de conhecimentos e análise territorial, em uma perspectiva reticular do espaço geográfico. Haesbaert (1997, p.4), neste estreitamento teórico-conceitual, destaca

> O território sempre foi constituído de redes. Poderíamos mesmo afirmar que elas passaram de elemento constituinte, na territorialidade mais tradicional e fechada, a elemento constituidor, malha cada vez mais globalizante dentro da qual os territórios podem se tornar meros pontos, ou seja, momentos ou parcelas elementares da rede. Muitos territórios têm o controle e a identidade internos garantidos por redes hierárquicas (geralmente com o papel de dominação) ou complementares (muitas vezes de solidariedade). E vice-versa: territórios podem servir como patamar para articulação de redes que cooptem, hierarquicamente, outros territórios. O que distingue uma dinâmica da outra é fundamentalmente a extroversão e a introversão dominante em cada processo

> constituidor ou, em outras palavras, o domínio de dinâmicas centrífugas ou centrípetas.

O supracitado teórico (2014, p. 39-40) discute sobre a possibilidade de, a partir da rede e das dinâmicas reticulares a compreensão espacial, em nuances maiores de análises capazes de superar conceitos, aprimorá-los e recriá-los, ante a dimensão da lógica reticular territorial:

> Assim, a rede é um constituinte indissociável da própria zona ou área. Sem rede não há controle de uma área (a começar que uma rede pode ser encarada, por exemplo, como um conjunto coordenado de postos fronteiriços), e de certa forma toda rede, geograficamente falando, exige áreas ou zonas, ainda que de pequena dimensão (que pode ser até uma antena), para efetivar seus fluxos e conexões. Assim, nessa perspectiva mais analítica, rede enquanto conceito não se coloca no mesmo patamar de território, lugar e paisagem, mas, de "zona" ou "área", pois tem um sentido amplo e (também) operacional como componente indissociável de nossa concepção relacional de espaço, quando sua manifestação se dá a partir da dominância de uma lógica reticular – daí a possibilidade de falar hoje em dia em território-rede, lugar-rede etc.

Os fluxos estabelecidos no território-rede devem ser incorporados também à análise das dimensões dos circuitos[19] inferiores, e não somente superiores da economia urbana na fronteira em questão, que são territorializados no contexto fronteiriço discutido, como os diferentes meios de transportes alternativos (piratas, taxistas e moto-taxistas), tanto rodoviário quanto fluviais (catraieiros), são os que mais dinamizam a circulação de pessoas e cargas no contexto regional e local na fronteira franco-brasileira.

Ao discutir o papel das redes, Dias (2012, p.147) considera que estas apresentam a propriedade de conexidade, ou seja, através da conexão de seus diferentes nós. Dessa forma, a rede, simultaneamente, tem a potencialidade de solidarizar ou de excluir, de promover dessa forma a ordem e a desordem. Além disso, a autora destaca que a rede é uma forma particular de organização territorial e, no âmbito dos processos de integração, de desintegração e de exclusão espacial ela aparece como instrumento que viabiliza duas estratégias: circular e comunicar.

---

[19] Considerando, o legado da teoria de Milton Santos (1976; 2004) sobre os circuitos da economia urbana, nos países subdesenvolvidos. Considera-se a grosso modo, que os circuitos superiores são caracterizados pelos, bancos, comércios e indústrias de exportação, indústrias e serviços modernos, grandes atacadistas e transportadores e grandes corporações empresarias, tais setores se dão enquanto resultado direto das modernizações que ocorrem na produção territorial. No que tange aos circuitos inferiores, têm-se as formas de fabricação do não-capital intensivo, bem como serviços não modernos fornecidos a varejo, comércio não moderno e de pequena dimensão, ou também conhecidos como informais, voltados principalmente ao público com menos acesso ao capital.
No sentido, de compreensão desta teoria, concorda-se com Regitz Marina, ao considerar que "a teoria dos circuitos se propõe justamente a romper com o paradigma dicotômico da oposição entre moderno e tradicional, capitalista e não-capitalista, assim como da consideração exclusiva do aspecto da produção, que não leva em conta as esferas da distribuição, do consumo e do emprego" (MARINA, 2012, p.155).

Castells (1999, p. 497) lança um olhar sobre as complexidades ao considerar as redes enquanto agente de transformação em diferentes nuances da sociedade, sobretudo ao analisar a rede no contexto da sociedade globalizada, ressaltando, sob essa perspectiva, a rede enquanto "nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura". O autor destaca o papel da rede na era do processo de globalização, apontando seu caráter funcional, sobretudo para a sociedade capitalista e sua capacidade de redefinições, de estruturas de poder e, neste estudo, considera-se também, a capacidade de transformações espaciais, conforme Castells (1999, p. 498):

> [...] redes são instrumentos para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores públicos; e para uma organização social que vise a suplantação do espaço e invalidação do tempo. Mas a morfologia da rede também é uma fonte de drástica reorganização das relações de poder.

No sentido, de elucidar a capacidade das redes e sua fluidez em diferentes escalas, Santos (2002) destaca que as redes são animadas por diferentes fluxos, estas são dinâmicas e ativas, mas não trazem em si mesmas seu princípio dinâmico, que é o movimento social, pois tal movimento é animado tanto por dinâmicas locais quanto globais, ou seja, em diferenciadas escalas de análise.

Lencioni (2006) pondera a análise geográfica a partir de uma perspectiva das redes enquanto força produtiva, e não mais através de uma estrutura urbana piramidal. A autora aponta dois tipos de redes que podem ajudar na compreensão da estruturação da relação entre a cidade e a região, de uma forma dialética: a rede de proximidade territorial, a qual é constituída por redes materiais, principalmente, aquelas relacionadas à circulação, como por exemplo, as de transportes viários; e a rede de proximidade relativa, que corresponderia às redes imateriais, relacionadas aos fluxos de informação e comunicação que possibilitam romper distâncias territoriais aproximando o que se encontra distante.

Assim sendo, as redes apresentam diferentes características e funções, como as redes técnicas, em que se destaca o papel das infraestruturas e a forma que estas desempenham na compreensão da localização e distribuição de redes materiais, estabelecidas no território. Já as redes urbanas demonstram a relação entre cidades, conforme as dinâmicas urbanas e regionais.

Neste sentido técnico por exemplo das redes, tem-se a rede de transporte e suas diferentes

tipologias (rodoviário, aéreo, hidroviário e ferroviário) e também as redes imateriais, como as de informação e comunicação, a exemplo a rede de Internet, que revelam maiores e/ou menores graus de sofisticação e tecnicização espacial-regional, o que demonstram as desigualdades regionais, por exemplo, as diferenciações sócio-espaciais presentes no território brasileiro.

Estes fluxos estão no cotidiano urbano e fronteiriço de Oiapoque, estabelecendo e estruturando redes e territorialidades a partir das dinâmicas reticulares que articulam e demonstram a importância do contexto urbano frente às dinâmicas fronteiriças. Neste sentido, a cidade de Oiapoque se coloca como centro difusor de fluxos e redes em outras espacialidades sob sua influência, tanto no Brasil, quanto na Guiana Francesa, pois, as redes (re)definem o modo de produção do espaço investigado.

4.2 A circulação de pessoas estrangeiras na fronteira franco-brasileira: Oiapoque (BR) e *Saint George* (GF - FR)

As redefinições econômicas da cidade de Oiapoque (do garimpo ao funcionalismo público, tema discutido anteriormente, promoveram o crescimento e a (re)organização do espaço urbano e da economia urbana em totalidade e promoção de distintos fluxos, estabelecidos no território de maneira reticular.

Os fluxos expressos no território aqui compreendido, estão vinculados à circulação e transportes de pessoas e mercadorias que dinamizam o espaço urbano, articulam e estruturam redes de conexão direta entre Oiapoque com as distintas cidades e capitais dos territórios sob sua influência, seja com o lado brasileiro, ressaltando a ligação de Oiapoque com a capital amapaense Macapá e, também com a Guiana Francesa com a cidade-gêmea do outro lado do rio, *Saint George*, além de fluxos com a capital Caiena. Isso demonstra que as relações sociais extrapolam, de certo modo, a formalidade e rigidez dos limites instituídos pelos Estados, articulando e aproximando territorialidades de maneira reticular, por meio de fluxos inseridos muitas vezes nos circuitos inferiores da economia urbana.

As mudanças ocorridas em Oiapoque, em função das redefinições econômicas da cidade, serviram não somente na estruturação mesmo que incipiente, somente para os moradores da cidade, visto que estas redefinições econômicas e sociais possibilitaram, similarmente, a melhoria no recebimento dos estrangeiros, o que culminou no desenvolvimento turístico de Oiapoque, que compartilha de sua natureza, da estrutura física e de seus hábitos culturais, com turistas de diferentes nacionalidades, principalmente franceses.

Houve um crescimento e fortalecimento, ao longo dos anos, da rede hoteleira de

Oiapoque. Pelas atuais demandas, o perfil do serviço hoteleiro foi modificado, pois antes estes estabelecimentos hoteleiros eram vistos apenas como "pousadas de garimpeiros" e passaram a oferecer serviços, como *wi-fi,* TV a cabo, frigobares, chuveiros elétricos, além dos bares e restaurantes da cidade com comodidades no atendimento, como pagamento em cartões de crédito e débito, além das moedas Real e Euro, em espécie.

No âmbito dos atrativos turísticos naturais, têm-se os balneários para banhos no Rio Oiapoque. Além dos atrativos culturais como o Museu indígena Kuahi, os monumentos da cidade e valorização das festividades municipais, estruturas estas que contribuem para o fortalecimento da atividade turística na cidade de Oiapoque, mas que precisam, principalmente da ação concreta de políticas públicas eficazes que promovam o fortalecimento desta atividade na fronteira franco-brasileira. Por se tratar de uma importante fronteira do Brasil com a União Europeia, o Governo Federal também deve ser partícipe deste processo de planejamento e estruturação turística.

Oiapoque representa o espaço urbano de uma fronteira sul-americana com a União Europeia. A fronteira franco-brasileira também marca uma fronteira repleta de simbolismos, na qual a sua própria condição espacial fronteiriça, fortalece tal representação social e simbólica da fronteira, como discutem Silva e Granger (2019, p. 15):

> O valor simbólico dessa fronteira também cresceu nas últimas décadas. Ela não é mais somente uma zona de confluência entre a Guiana Francesa, uma coletividade ultramarina francesa, e o Estado do Amapá, uma unidade federada do Brasil, mas é também onde se encontram duas das maiores alianças político-comerciais do mundo, a União Europeia e a Unasul/Mercosul [...].

Analisa-se, contudo que o potencial e necessário fortalecimento turístico-estrutural na escala local, regional e global, possa promover a estruturação da cidade não somente para o turista, mas também e principalmente, para os moradores da fronteira, que tanto carecem de equipamentos urbanos físicos-estruturais, o que certamente possibilitaria a melhoria do bem-estar urbano em Oiapoque.

Atualmente, para que brasileiros acessem o território da Guiana Francesa, além do passaporte confeccionado pela Polícia Federal do Brasil, tem-se a obrigatoriedade de um visto expedido pelo Consulado Francês, que conta com sedes em Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. Destaca-se que para viagens para a França no continente europeu, basta apresentar o passaporte.

O consulado francês em Macapá, em fevereiro do ano de 2018, teve suas atividades suspensas. Toda a demanda deste consulado foi transferida para o consulado de Brasília, inclusive a emissão dos vistos, o que causou grandes transtornos para as pessoas que necessitam

desses serviços, considerando a distância do estado do Amapá até a capital federal.

No dia 29 de abril de 2019, o consulado da capital amapaense foi reaberto, mas não voltou a emitir o visto de entrada e/ou permanência na Guiana Francesa. A previsão para voltarem a emissão dos vistos neste consulado era até o final de julho de 2019, o que representou com a reativação, uma maior comodidade para aqueles que necessitavam do visto para a Guiana Francesa.

Os vistos são dispensados para aqueles que possuem passaporte europeu. Quanto ao prazo de duração do documento que garante a entrada e fixa o período de permanência do estrangeiro no território francês, não se tem um padrão fixo e definido, pois pode variar de 3 meses até 5 anos, dependendo do motivo da entrada no país declarada pelo solicitante e, também, da análise do consulado.

Para a entrada de pessoas no lado brasileiro, todos os estrangeiros, principalmente os guianenses e franceses, que representam os maiores visitantes na cidade de Oiapoque, devem realizar o registro de entrada na Polícia Federal (PF), que atualmente funciona em estrutura própria localizada na Ponte Binacional. Porém, considerável parte dos estrangeiros que adentram em solo brasileiro não realizam tal procedimento, principalmente pelo motivo de que, grande parte, utiliza as catraias e no local onde desembarcam não há nenhum posto fixo de fiscalização da PF, somente em operações especiais, o que acontece esporadicamente.

Frisa-se que Oiapoque e *Saint George*, ao longo do tempo, estabeleceram relações fronteiriças que extrapolam os limites territoriais formais legitimados pelos diferentes países. O cotidiano entre estas duas nacionalidades, de certo modo, sempre estiveram relacionados, o que propicia trocas econômicas, culturais e estabelecem mecanismos não formais de manutenção de suas relações fronteiriças.

Neste sentido, Ana Regina Silva (2011, p. 24) considera que as relações fronteiriças são estabelecidas pela sociedade, através das quais se reproduzem práticas econômicas, sociais e culturais entre povos de diferentes esferas territoriais, que, de forma simples, compreendem e vivem a realidade das relações internacionais.

Para a cidade de Oiapoque, este relacionamento com a Guiana Francesa, especificamente com *Saint George* tem sido determinante para sua organização sócio-espacial.

A fronteira neste pensamento se delineia como centralidade na produção do espaço urbano-regional, através da produção do espaço intraurbano que é dinamizado pela fronteira, mas também da conexão por meio de redes de circulação expressas territorialmente, que extrapolam a dimensão do espaço local, perfazendo e articulando relações com o contexto

regional amapaense, bem como com o outro lado da fronteira.

Reafirma-se a importância dos fluxos migratórios de pessoas, em diferentes momentos históricos, desde o garimpo até aos dias atuais, marcados pela presença do Estado, que possibilitam postos de trabalho e, consequentemente, a migração de pessoas para a cidade, que expande sua área urbana em novas direções, dinamizando a produção espacial urbana.

Importante mencionar que, mesmo com a proximidade geográfica e com intensas partilhas fronteiriças cotidianas, Oiapoque e *Saint George* vivenciam disparidades em diversos elementos nos seus modos de produzirem o espaço, como no sistema político, na estrutura social, na educação, na saúde, na infraestrutura dos equipamentos públicos e, do mesmo modo, na morfologia da cidade. As figuras 51 a 53, evidenciam elementos da paisagem de *Saint George*, mostrando características arquitetônicas diferentes os padrões construtivos brasileiros.

Figura 51: Perspectiva da visão da paisagem de *Saint George*, ao chegar de catraia em seu píer

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Figura 52: Estilo arquitetônico colonial presente nas formas urbanas da Guiana Francesa

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Figura 53: Sede da Prefeitura de *Saint Georges*

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Emmanuel Santos, sobre as diferenças entre o lado brasileiro e o lado franco-guianense, destaca ser perceptível a diferença existente na organização urbana entre esses dois principais núcleos urbanos dessa área de fronteira. Essa diferença se dá pelo fato de *Saint George* fazer parte do território de um país desenvolvido: a França, com infraestrutura em melhores condições, mostrando uma realidade contrária do município de Oiapoque, localizado em uma região de fronteira periférica de um país com grandes disparidades sociais (SANTOS, 2012).

Sobre as interações urbanas na fronteira franco-brasileira, Silva (2017, p. 11) menciona que o comportamento econômico, social, político e cultural de comunas da Guiana Francesa como Camopi*, Saint-George de l'Oyapock* e Cayenne, impacta diretamente na fronteira franco-amapaense, especificamente em Oiapoque, seja na economia ou na paisagem urbana, fato que é visualizado no comércio local e na movimentação de franceses e guiano-franceses, transitando

na cidade de Oiapoque, seja para realizar compras ou como turistas visitando os espaços naturais no Brasil.

Para compor esta análise, buscou-se a Delegacia da Polícia Federal, localizada na cidade de Oiapoque, por meio de solicitação formal realizada em pesquisa de campo, em março de 2019 e também em fevereiro de 2021, sendo a última solicitação feita de modo remoto, devido a Pandemia da Covid-19.

Cabe evidenciar que no oficio (que encontra-se no apêndice A) entregue para a instituição, identificou-se não somente dados sobre a presente pesquisa e seu vínculo com o Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, mas também, foi solicitada em nome da Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional de Oiapoque, por meio do Colegiado de Geografia, instituição da qual o autor desta tese vincula-se como servidor público ocupante do cargo de Docente do Magistério Superior. Tal medida foi tomada, com o intuito de dar maior celeridade no processo de aquisição dos dados solicitados, uma vez que são instituições da mesma cidade e parceiras em algumas ações. Portanto, na próxima seção, abordam-se os dados e análise dos registros das entradas e saídas de estrangeiros na fronteira, bem como a nacionalidade dos mesmos.

4.3 Entrada e a saída de pessoas e os registros na Delegacia da Polícia Federal de Oiapoque

Para compreender e quantificar a circulação de pessoas na fronteira franco-brasileira, solicitou-se os dados referentes à entrada e saída de pessoas na cidade de Oiapoque. Com isso, a tabela 11 na sequência evidencia a entrada de pessoas de diferentes países, entre os anos de 2010 a 2017.

Tabela 11: Dados de entrada de turistas estrangeiros em Oiapoque entre os anos de 2010 e 2017.

NACIONALIDADE DOS VISITANTES	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Franceses e Franco-Guianenses	6.905	7.176	7.312	7.533	7.734	8.212	8.434	8.727
Haitianos	2.528	2.642	2.740	2982	3.122	3.237	3.359	3.526
Peruanos	807	797	815	854	898	882	916	944
Outras nacionalidades	3.133	3.235	3.436	3.606	3.759	4.027	4.214	4.429
Total	13.373	13.850	14.303	14.975	15.513	16.358	16.923	17.626

Fonte: Polícia Federal – Oiapoque.
Organizado por: Moura. 2018.

Como mostram os dados, é predominante a entrada e registro na cidade de Oiapoque, principalmente os franceses e franco-guianenses. Observa-se também a entrada de haitianos e, em menor presença, a entrada dos peruanos, além de entrada e registro de estrangeiros de nacionalidade diversas. Tais dados, de certo modo, confirmam a importância e potencialidade que a fronteira representa para o Oiapoque, principalmente, ao atender aos visitantes em seu comércio e em seu turismo incipiente. Como já mencionado, nem todos os visitantes estrangeiros registram a entrada na Polícia Federal e, por essa razão, a circulação de estrangeiros na cidade é superior aos números revelados.

Os dados da tabela 12 ilustram a entrada e saída de pessoas no ano de 2018, distribuídos ao longo dos meses que se comparado ao ano de 2017, houve o incremento de 5.712 entradas, que pode ser justificado pela abertura da Ponte Binacional.

Tabela 12: Quantitativo de estrangeiros que entraram e saíram no Brasil no ano de 2018

PERÍODO (MÊS)	POSTO FLUVIAL ENTRADA	POSTO FLUVIAL SAÍDA	POSTO TERRRESTRE ENTRADA	POSTO TERRESTRE SAÍDA
JANEIRO	670	1.329	312	527
FEVEREIRO	1.350	1.253	351	450
MARÇO	1.462	1.180	48	48
ABRIL	1.374	1.616	181	190
MAIO	1.175	1.178	373	362
JUNHO	553	484	918	774
JULHO	1.594	1.125	1.609	1.245
AGOSTO	1.916	2.511	2.165	2.088
SETEMBRO	598	871	768	723
OUTUBRO	1.108	919	1.373	1.234
NOVEMBRO	749	893	935	919
DEZEMBRO	1.345	840	1.525	884
TOTAL	**13.894**	**14.199**	**10.558**	**9.444**
TOTAL DE ENTRADE EM AMBOS OS POSTOS (2018)			**23.338**	
TOTAL DE SAÍDA EM AMBOS OS POSTOS (2018)			**23.643**	

Fonte: Polícia Federal de Oiapoque.
Organizado por: Moura (2019).

Salienta-se que nos meses de férias na França continental metropolitana (europeia) e também na Guiana Francesa, os números de entrada destes estrangeiros aumentam consideravelmente, o que justifica o motivo de que nos meses de agosto e março, além de dezembro nas férias de Natal, é forte a presença destas pessoas circulando e consumindo nos comércios e prestadores de serviços na cidade de Oiapoque, dinamizando as interações fronteiriças. As tabelas 13 e 14 sequenciais mostram a quantidade de atendimentos de entrada e saída de pessoas no Porto Fluvial e no Ponto de Migração Terrestre, no ano de 2018.

Cabe explicar o que é considerado Porto Fluvial de Oiapoque se refere ao ponto de controle migratório, localizado no Centro da Cidade, na Avenida Barão do Rio Branco (figura 54), procurado principalmente para quem chega ou parte, através das catraias na Beira de Oiapoque. Já o Ponto de Migração terrestre, refere-se a estrutura da PF, localiza na ponte Binacional.

Figura 54: Delegacia da Polícia Federal no Centro de Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Não há impeditivo de se registrar a entrada e/ou saída, em postos diferentes, isto é, o indivíduo pode registrar sua entrada no Ponto de Migração no Centro da cidade e a sua saída, na ponte Binacional, ou vice-versa.

Importante explicar que os números de entradas e saídas aqui explorados, se diferem pelo fato de que a pessoa pode registrar a sua entrada e/ou saída, em qualquer ponto de atendimento de controle migratório da PF, localizado no território brasileiro. Por exemplo, uma pessoa pode registrar sua entrada na PF localizada no Aeroporto Internacional de Guarulhos, no estado de São Paulo, e registrar sua saída em dos pontos de atendimento em Oiapoque. Com isso, os dados apresentados nas tabelas que serão apresentadas, evidenciam os registros de entradas e saídas de estrangeiros nos pontos de atendimentos da Polícia Federal de Oiapoque, entre os anos de 2018 a 2020, o que corresponde a três anos distintos em análise.

Priorizou-se manter o máximo das informações obtidas junto à Delegacia da Polícia Federal de Oiapoque, por meio da Divisão do Controle de Imigração, a fim de manter a veracidade das mesmas.

Na sequência tem-se, a partir das tabelas 13 e 14, os registros de entradas e saídas no ano de 2018.

Tabela 13 : Movimento do Porto Fluvial de Oiapoque no ano de 2018

TIPO DE MOVIMENTO	QUANTIDADE DE ATENDIMENTOS	PERCENTAGEM
SAÍDA	14.196	50,54%
ENTRADA	13.891	49,46%
TOTAL	28087	100%

Fonte: Polícia Federal. Organizado por: Moura (2019).

Tabela 14: Movimento do Ponto de Migração Terrestre em Oiapoque - 2018

TIPO DE MOVIMENTO	QUANTIDADE DE ATENDIMENTOS	PERCENTAGEM
SAÍDA	10.557	52,78%
ENTRADA	9.444	47,22%
TOTAL	20001	100%

Fonte: Polícia Federal. Organizado por: Moura (2019).

As tabelas 15 a 18 a seguir, diferentes das anteriores, apresentam separadamente as entradas registradas nos dois pontos de atendimentos da PF, nos anos de 2019 e 2020, considerando inclusive os movimentos impedidos, que condizem aos estrangeiros que não conseguiram entrar oficialmente no território brasileiro.

- Entradas no ano de 2019

Tabela 15: Relação de Entradas no Atendimento no Porto Fluvial de Oiapoque

STATUS DO MOVIMENTO	QUANTIDADE DE ATENDIMENTOS	PERCENTAGEM
Movimento Normal	10.379	99,97
Movimento Impedido	3	0,03
Total	10382	100

Fonte: Polícia Federal. Organizado por: Moura (2021).

Tabela 16: Entradas no Ponto de Migração Terrestre de Oiapoque em 2019

STATUS DO MOVIMENTO	QUANTIDADE DE ATENDIMENTOS	PERCENTAGEM
Movimento Normal	20013	99,96
Movimento Impedido	8	0,04
Total	20021	100

Fonte: Polícia Federal. Organizado por: Moura (2021).

- Saídas no ano de 2019

Tabela 17: Saídas registradas no Porto Fluvial de Oiapoque em 2019

STATUS DO MOVIMENTO	QUANTIDADE DE ATENDIMENTOS	PERCENTAGEM
Movimento Normal	11076	99,91
Cancelamento Automático sem Movimento Posterior	10	0,09
Total	11086	100

Fonte: Polícia Federal. Organizado por: Moura (2021).

Tabela 18: Saídas registradas no Ponto de Migração Terrestre de Oiapoque em 2019

STATUS DO MOVIMENTO	QUANTIDADE DE ATENDIMENTOS	PERCENTAGEM
Movimento Normal	18262	99,99
Movimento Impedido	2	0,01
Total	18264	100

Fonte: Polícia Federal. Organizado por: Moura (2021).

Quantos aos registros do controle imigratório do ano 2020, de acordo com os dados obtidos, considerou-se os números de entradas e saídas de maneiras condensadas, assim, as tabelas a seguir, apresentam os dados de 2020 que sofreram reduções em seus números, diante o fechamento da fronteira, em decorrência da pandemia da Covid-19, que alterou significativamente as interações fronteiriças no espaço urbano de Oiapoque, conforme os dados revelam nas tabelas 19 e 20.

- Entradas e saídas no ano de 2020:

Tabela 19: Entrada e saída registradas no Porto Fluvial de Oiapoque em 2020

STATUS DO MOVIMENTO	QUANTIDADE sDE ATENDIMENTOS	PERCENTAGEM
Saída	2392	58,71
Entrada	1682	41,29
Total	4074	100

Fonte: Polícia Federal. Organizado por: Moura (2021).

Tabela 20: Entradas e saídas registradas no Ponto de Migração Terrestre de Oiapoque em 2020

STATUS DO MOVIMENTO	QUANTIDADE DE ATENDIMENTOS	PERCENTAGEM
Saída	5468	52,24
Entrada	5000	47,76
Total	10468	100

Fonte: Polícia Federal. Organizado por: Moura (2021).

Também se obteve, por meio da Delegacia da PF de Oiapoque, os números referentes aos atendimentos diversos feitos pela instituição entre os anos de 2018 a 2020, distribuídos conforme as nacionalidades dos visitantes. Os dados consideram como atendimentos as entradas e saídas. Nos dados sobre a França, estão incluídos os atendimentos de pessoas da Guiana Francesa. Estes dados podem ser visualizados nas tabelas 21 a 25 subsequentes:

- Nacionalidades dos atendimentos em 2018

Tabela 21: Atendimentos feitos pela Polícia Federal distribuídos por nacionalidades em 2018

País	Quantidade de Atendimentos	Porcentagem %
FRANÇA	25617	91,22
PERU	516	1,84
VENEZUELA	184	0,66
COLÔMBIA	160	0,57
SURINAME	159	0,57
BÉLGICA	153	0,54
PORTUGAL	139	0,49
ITÁLIA	130	0,46
ALEMANHA	109	0,39
GUIANA	104	0,37
OUTROS	813	2,89
TOTAL	**28084**	**100,00**

Organizado por: Moura (2019). Fonte: Delegacia da Polícia Federal de Oiapoque.

- Nacionalidades dos atendimentos em 2019

Tabela 22: Nacionalidades dos atendimentos no Porto Fluvial de Oiapoque em 2019

PAÍS DE NACIONALIDADE	QUANTIDADE DE ATENDIMENTOS	PERCENTAGEM
FRANÇA	19443	90,67
PERU	383	1,79
VENEZUELA	193	0,90
COLÔMBIA	110	0,51
PORTUGAL	104	0,49
ALEMANHA	95	0,44
BÉLGICA	95	0,44
ESPANHA	93	0,43

ARGENTINA	83	0,39
FILIPINAS	75	0,35
OUTROS	769	3,59
TOTAL	21443	100

Fonte: Polícia Federal. Organizado por: Moura (2021).

Tabela 23: Nacionalidades dos atendimentos no Ponto de Migração Terrestre em Oiapoque em 2019

PAÍS DE NACIONALIDADE	QUANTIDADE DE ATENDIMENTOS	PERCENTAGEM
FRANÇA	35803	94,28
PERU	361	0,95
PORTUGAL	331	0,87
SURINAME	298	0,78
GUIANA	240	0,63
ITÁLIA	137	0,36
PAÍSES BAIXOS	128	0,34
BÉLGICA	87	0,23
COLOMBIA	60	0,16
BOLIVIA	58	0,15
OUTROS	472	1,24
TOTAL	37975	100

Fonte: Polícia Federal. Organizado por: Moura (2021).

- Nacionalidades dos atendimentos em 2020

Tabela 24: Nacionalidades dos atendimentos no Porto Fluvial de Oiapoque em 2020

PAÍS DE NACIONALIDADE	QUANTIDADE DE ATENDIMENTOS	PERCENTAGEM
FRANÇA	3467	85,12
SIRIA	98	2,41
VENEZUELA	78	1,92
PERU	57	1,40
COLOMBIA	36	0,88
BRASIL	34	0,83
ARGENTINA	25	0,61
ALEMANHA	22	0,54
HAITI	19	0,47
ESPANHA	18	0,44
OUTROS	219	5,38
TOTAL	4073	100

Fonte: Polícia Federal. Organizado por: Moura (2021).

Tabela 25: Nacionalidades dos atendimentos no Ponto de Migração Terrestre em Oiapoque em 2020

PAÍS DE NACIONALIDADE	QUANTIDADE DE ATENDIMENTOS	PERCENTAGEM
FRANÇA	9491	90,68
BRASIL	205	1,96
PERU	135	1,29
SURINAME	84	0,80
PORTUGAL	72	0,69
GUIANA	59	0,56
FINLANDIA	47	0,45
COLOMBIA	42	0,40
ARGENTINA	34	0,32
PAÍSES BAIXOS	33	0,32
OUTROS	265	2,53
TOTAL	10467	100

Fonte: Polícia Federal. Organizado por: Moura (2021).

Os dados obtidos junto a Polícia Federal permitem afirmar o quanto a fronteira franco-brasileira é dinamizada pela circulação de pessoas estrangeiras, e a cidade de Oiapoque, neste sentido, é o principal palco de encontro das trocas fronteiriças expressas territorialmente. Os números da circulação de pessoas revelam a dinamicidade daquele espaço que é produzido com forte entroncamento com a fronteira, estabelecida pela rigidez do limite, mas que em seu cotidiano reafirma a vivacidade desta cidade fronteiriça.

Pondera-se novamente que a redução da entrada de pessoas estrangeiras na cidade de Oiapoque, ocasionada pelo fechamento da fronteira, na pandemia da Covid-19, evidentemente trouxe intensa queda na interação fronteiriça, provocando mudanças, principalmente na produção espacial urbana e nas relações econômicas estabelecidas na cidade, principalmente no comércio local, e nos serviços de deslocamentos de pessoas, como as catraias.

Reitera-se que a tese aqui defendida considera a fronteira como principal centralidade na produção do espaço urbano-regional, a partir de Oiapoque.

Com base no cruzamento dos dados trabalhados acima e com o propósito de espacializar os fluxos dos movimentos internacionais que perpassam por Oiapoque, elaborou-se o mapa 19.

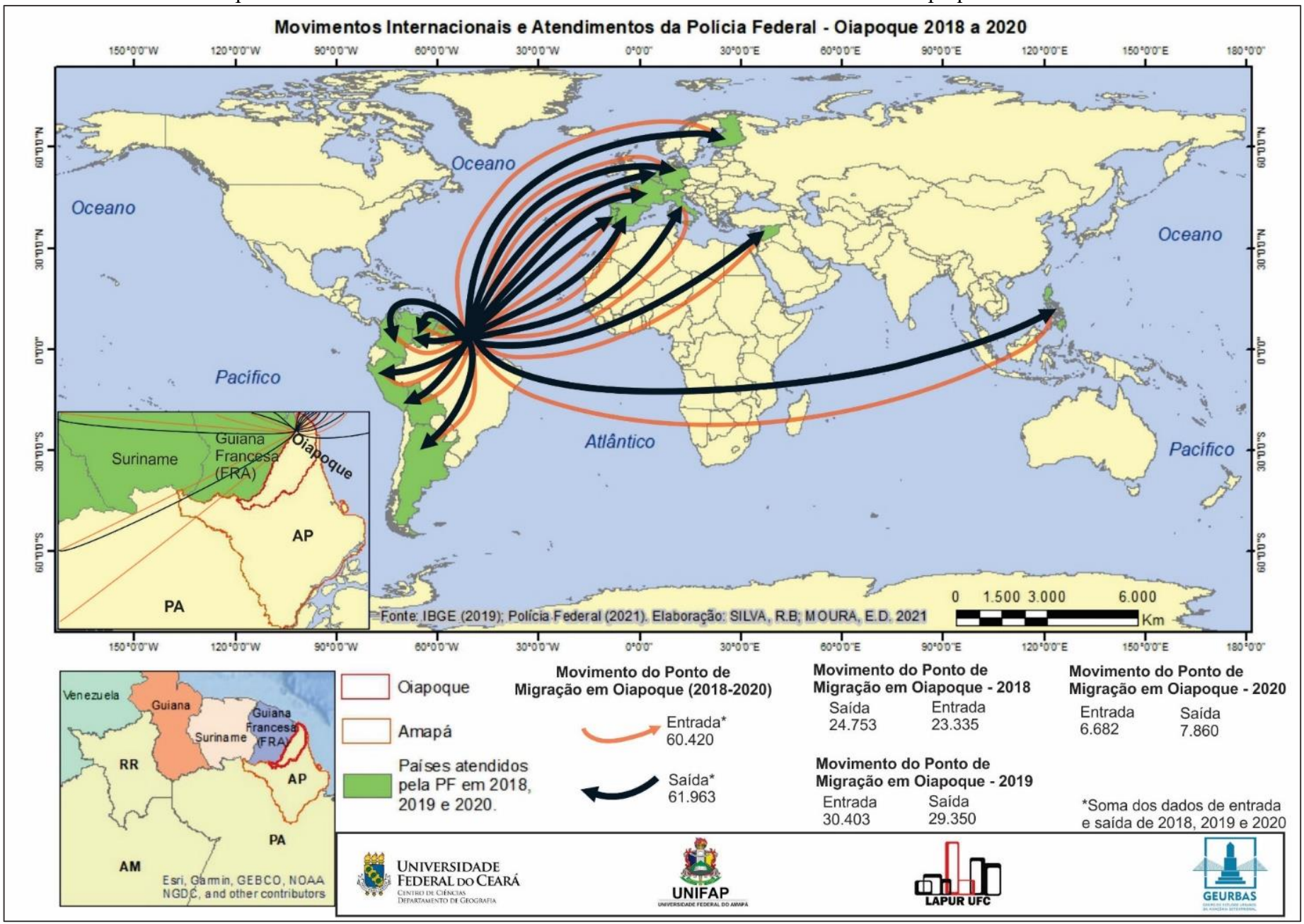
Deste modo, o produto cartográfico, localiza e representa espacialmente os movimentos internacionais, a partir da fronteira franco-brasileira. Focaliza também os números de entrada e saída de estrangeiros, tendo como recorte temporal e metodológico os anos de 2018 a 2020.

Para tanto, somou-se todos os movimentos de entradas e saídas, desconsiderando nesta

representação o ponto de registro na cidade, ou seja, independentemente se a pessoa registrou sua entrada e/ou saída, no Ponto Fluvial (Centro de Oiapoque) ou no Ponto Terrestre (ponte Binacional).

Com o mapa é possível perceber a inserção desta fronteira, principalmente no contexto sul-americano, bem como no cenário europeu, ou seja, possibilita a compreensão do caráter do entroncamento da escala local-global, analisado por meio das nacionalidades de estrangeiros que formalmente estiveram na fronteira pesquisada nesta tese.

Mapa 19 – Movimentos Internacionais e Atendimentos da Polícia Federal – Oiapoque 2018 a 2020



Fonte: IBGE (2019); Polícia Federal (2021). Elaboração: MOURA, E. D; SILVA, R. B. 2021.

A entrada destas pessoas estrangeiras no território brasileiro, conforme os números apresentados, vem aumentando ao longo dos anos por diferentes motivos, mas entre eles, estão a grande valorização do Euro se comparado ao Real, moeda brasileira. Para o europeu, em outras palavras, é acessível de modo geral, atravessar a fronteira e conhecer a cidade do lado brasileiro.

É inegável que a entrada dos estrangeiros demonstra potencialidades e possibilidades para o fortalecimento do mercado local, incluindo-se aí, o aprimoramento e o desenvolvimento do turismo na cidade e também nas áreas naturais do município, considerando a geodiversidade de Oiapoque, que precisa, porém, ser estruturada, conforme Palhares e Guerra (2016, p. 67):

> Sabe-se que o município apresenta uma variedade significativa de possíveis monumentos e sítios para o desenvolvimento dessa atividade. Pode-se observar que, para facilitar o conhecimento desses locais de interesse geológico, geomorfológico ou ainda culturais, há necessidade de se interpretar, de criar roteiros turísticos, de criar trilhas devidamente sinalizadas e de investir na capacitação de guias, ou condutores locais, para que posteriormente os produtos da localidade sejam divulgados e comercializados.

Os turistas em Oiapoque têm a possibilidade de estarem em meio à natureza amazônica e ao mesmo tempo desfrutarem de um urbano amazônico fronteiriço.

A fronteira a qual este estudo se debruça, desde o início de seu povoamento por populações não indígenas, foi marcada por fluxos e circulação de pessoas, fato que se intensificou no período de auge do garimpo na região, em que estas pessoas vinham de diferentes cidades de muitos estados brasileiros para Oiapoque, *Saint George* e Caiena.

Esta circulação possibilitou a formação de linhas de transporte, principalmente fluvial e terrestre. Até os anos 1990, o transporte de pessoas para Caiena era feito por meio aéreo ou fluvial, o que permanece na contemporaneidade.

Mas, o transporte fluvial era feito de maneira clandestina, por meio do trabalho dos conhecidos popularmente como coiotes, fato que é muito presente na dinâmica da circulação fronteiriça: a ação de coiotes, que ainda levam imigrantes que vão em busca de melhores condições de vida e trabalho, nos garimpos clandestinos da Guiana Francesa. As travessias e viagens eram marcadas por muitos riscos em diferentes nuances: desde a fiscalização da Polícia Francesa (PAF), até os riscos enfrentados na viagem em alto mar e/ou pelas florestas (MULATO E MOURA, 2019).

O transporte fluvial, mais tradicional na fronteira franco-brasileira, que leva as pessoas até *Saint George*, era feito inicialmente por canoa a remo ou à vela, tempos depois

com maior comodidade, as travessias já eram feitas por meio de canoas movidas a motor, como tem-se hoje, ou seja, a travessia por meio das catraias, tema que será discutido na sequência.

4.4 Circulação de transportes fluviais na fronteira: catraieiros e o vai e vem sobre as águas binacionais

Protagonistas particulares da conexidade fronteiriça franco-brasileira são os catraieiros, profissionais que conduzem as catraias (figura 55), as embarcações motorizadas que cotidianamente navegam sobre o rio Oiapoque, conectando, sobretudo, as pessoas na fronteira Brasil – Guiana Francesa. Verificou-se, portanto, o relacionamento da atividade catraieira, o estabelecimento de uma rede no cotidiano, que se articula territorialmente, o que faz levar o apontamento teórico de Lencioni (2006, p. 70), um "movimento cotidiano das pessoas entre o morar e trabalhar em cidades distintas", sobre as redes, relacionando com a reprodução da vida na cidade.

Figura 55: Catraia atracada no rio Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2018).

Os catraieiros se organizam em associações e cooperativas, tendo em vista a melhor organização profissional e trabalhista do segmento. Atualmente, existem quatro organizações dos catraieiros, a saber:

1 - Cooperativa de Transporte Fluvial e Terrestre de Oiapoque – COMFCOI;
2 - Associação dos Pilotos Fluviais de Vila Vitória – APFVV;
3 - Cooperativa de Transportes e Turismo de Oiapoque – COOPTUR;
4 - *Association des Piroguiers de Saint George* - APSG.

As entidades atuam na gestão profissional do segmento, auxiliando, por exemplo, no estabelecimento dos valores a serem cobrados nos deslocamentos. Entre os destinos que são realizados pelas catraias, têm-se: *Saint George* – Clevelândia, Vila Vitória – *Saint George, Saint George* – Chácara Du Rona, além, de outros deslocamentos, pelo rio Oiapoque.

Todos os deslocamentos possuem valores tabelados pelas associações, que variam de acordo com o período da realização da travessia e/ou viagem, que pode ser diurno ou noturno. Os valores cobrados nas viagens noturnas são mais elevados, tanto na moeda Real quanto na moeda Euro. Entre os trajetos efetuados pelos catraieiros, o mais realizado é o da Beira de Oiapoque - *Saint George* e *Saint George* – Beira de Oiapoque e leva cerca de 10 minutos de travessia sobre o rio Oiapoque. O valor cobrado nesta travessia no período diurno é de R$20,00 e no horário noturno, de R$25,00, ou de 6 € durante o dia e 7 € em percursos noturnos, valores esses que foram atualizados recentemente.

Considerou-se como imprescindível nesta pesquisa a realização de entrevistas com os responsáveis pela forma de travessia mais tradicional na fronteira franco-brasileira, aquelas realizadas pelas catraias, que antes da abertura parcial da Ponte Binacional era praticamente a única maneira de atravessar o rio Oiapoque.

Como destacado, os catraieiros representam os profissionais que, de fato, conectam a cidade de Oiapoque com a cidade-gêmea *Saint George*, ou, em outras palavras, o Brasil com a França.

As entrevistas realizadas com este segmento aconteceram entre os dias 14 a 30 do mês de março de 2019, a partir de um roteiro de entrevistas semiestruturado (disponível no apêndice B da tese), com questões abertas. Priorizou-se entrevistar os profissionais vinculados às diretorias das instituições as quais são vinculados, por entendermos que estes possuem maiores informações das associações que ora integram.

Todos os nossos entrevistados, neste e em outros grupos, foram informados sobre os objetivos da pesquisa, visto que apresentou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), modelo este disponibilizado na página do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará que, após a leitura do referido termo para o entrevistado, foram devidamente assinados e datados.

Além do principal trecho de travessia (Oiapoque – *Saint George*; *Saint George* – Oiapoque), levantou-se outros destinos que os catraieiros das diferentes organizações (cooperativa, associações) realizam, bem como os valores médios cobrados na moeda

brasileira e francesa.

Em vista disso, na sequência apresenta-se a síntese das entrevistas realizadas e dos dados obtidos com as diferentes associações, destacando-se a visão dos catraieiros das diferentes associações e/ou cooperativas sobre a fronteira, onde trabalham cotidianamente na conexão fronteiriça.

Julgou-se necessário realizar a transcrição e análise de partes mais relevantes das entrevistas realizadas com este segmento. Priorizou-se também apresentar os dados quantitativos dos profissionais vinculados às associações e cooperativas, registrando, dessa forma, a quantidade de catraieiros que atuam no ir e vir fronteiriço franco-brasileiro. Foram realizadas entrevistas de abordagens qualitativas, com 3 das 4 associações de catraieiros.

O roteiro de entrevistas utilizado com este grupo incluiu questões sobre a importância das catraias para a cidade de Oiapoque, questões sobre a influência que a fronteira exerce na cidade, conforme suas visões, bem como sobre os possíveis impactos positivos e/ou negativos após a abertura da Ponte Binacional, sobre a cidade e também na atuação das catraias.

- *Cooperativa de Transporte e Turismo de Oiapoque (COOPTUR)*

Entrevistado: Cleidiney Viana Ribeiro
Cargo: Presidente da COOPTUR
Número de catraieiros vinculados à COOPTUR: 56 cooperados.

O senhor Cleidiney Viana Ribeiro, atual presidente da COOPTUR é natural da cidade de Santarém – PA, vive em Oiapoque há 25 anos, 22 destes, dedicando-se na profissão de catraieiro. O presidente destacou que cada cooperado paga mensalmente o valor de R$ 50,00 para a COOPTUR, para manter a cooperativa e pagar as obrigações fiscais, como os alvarás e demais gastos, inclusive, com as instalações da sede própria da cooperativa. E que cada trabalhador possui sua própria embarcação, ou seja, a COOPTUR não dispõe e não fornece catraias aos cooperados.

Perguntou-se ao presidente qual a importância da Cooperativa, que para ele atualmente é a luta pela permanência das catraias frente à abertura da Ponte Binacional, acrescido do seguinte depoimento:

Entrevistado: *Depois que chegou essa ponte aí eles querem de*

> *qualquer maneira extinguir a catraia, uma coisa que não podia existir. Isso aqui é o turismo que existe há muito tempo, é um ponto turístico, e com o tempo eles querem parar a gente, eles falam assim, com o tempo o pessoal só vai passar por cima da ponte. Só que antes de ter a ponte, tinha nós, para fazer este trabalho, entendeu? E isso é o problema. [...]*
> ***Entrevistador:*** *Então o senhor acha que a Cooperativa neste caso, da luta da permanência do catraieiro, ela é importante?*
> ***Entrevistado:*** *Com certeza! Porque aí em cima dessa ponte aí, até uma fruta se eu queira passar por cima dela, eu não passo, do Brasil pra lá, entendeu? Ela só serve pra isso, porque pra nós brasileiros, não pode passar por cima da ponte se não tiver um o VISA, se não tiver o documento ou não tiver nada, (*o visto de entrada e ou/permanência, exigido pelo governo francês – **esclarecimento nosso).** *E a gente "tamo" aqui brigando, lutando, já fizemos greve, já fizemos muita coisa aqui, por causa disso aí. Fomos até para Brasília. Se eles querem tirar a gente, que compensem a gente, que deem uma indenização para cada sócio, para cada uma pessoa, para tentar um novo ramo de vida.*

O presidente da COOPTUR mencionou os avanços que considera importantes no desenvolvimento da profissão, mencionando que, anteriormente, não se tinha conforto nas embarcações para os condutores nem para os passageiros, e que eram utilizadas canoas à remo nas travessias no rio Oiapoque. Atualmente, todos os barcos são movidos à motores, e que os cooperados da COOPTUR, em sua totalidade, estão legais e possuem autorizações para atuarem no segmento, como alvarás da Prefeitura Municipal de Oiapoque e também da Marinha do Brasil.

- *Association des Piroguiers de Saint George – (APSG)*

Entrevistado: Marcinaldo Lopes da Silva, tem 37 anos é natural de Caiena, vive há 20 anos em *Saint Georges de l'Oyapock*, ocupa o cargo de vice-presidente desta associação que foi fundada em 1998, e possui 33 associados.

Cada associado à APSG, paga mensalmente o valor de 10 euros, para atuarem

vinculados e gozarem de seus direitos enquanto associados. Segundo ele, para ser catraieiro desta associação, o profissional tem que possuir alguma documentação francesa. O entrevistado destacou a importância de seu ofício para as conquistas materiais, como a casa própria, e de outros colegas de profissão, que também possuem seus patrimônios, através deste importante trabalho.

Ele apontou que já trabalhou em outro setor, mas, que preferiu voltar para a atividade catraieira. Para ele, um dos principais objetivos da associação é promover coletivamente a evolução profissional e pessoal dos seus trabalhadores. Sobre a importância da fronteira, ele foi categórico:

> *Serve para sustentar o Oiapoque, que depende muito da fronteira para manter a cidade.*

No que diz respeito à importância da atividade catraieira para Oiapoque, ele destacou a atividade turística:

> *Nós carregamos muitos franceses, para fazer turismo no Oiapoque. Isso é essencial para o Oiapoque*.

Perguntou-se sobre a abertura da ponte Binacional, se houve algum impacto positivo ou negativo na função de catraieiro. Ele considerou:

> *Para mim não teve impacto negativo. Tomara que ela ajude a desenvolver. É triste ver essa fronteira nessa situação de abandono*.

No entanto, ele acrescentou uma informação relevante sobre a abertura da ponte, que sinaliza um impacto negativo para a atividade profissional que ele desenvolve:

> *O que mais afetou é que muitos agora, vêm de carro e deixaram a catraia.*

O entrevistado da APSG, perguntado sobre a estrutura urbana de Oiapoque, destacou que a considera ineficiente e que esta ineficiência atrapalha no desenvolvimento do turismo para o lado brasileiro da fronteira, que para ele, se a cidade tivesse uma melhor

estrutura urbana receberia mais turistas, o que seria melhor para as catraias e para toda a cidade.

Sobre a dimensão da linguagem, destacou que não somente ele, mas todos os associados sabem falar francês e/ou crioulo, e que considera isso muito importante para atender os passageiros franceses que chegam em *Saint George*, para atravessar para Oiapoque.

Ao ser questionado sobre como observa a atual interação de Oiapoque com a Guiana Francesa, ele pontuo que:

> *Tem que melhorar. Por que eles têm mais direito para vir pro Brasil? E nós não temos o direito de ir para lá? É muita burocracia que eles querem.*

A última pergunta feita ao catraieiro da APSG foi sobre como ele prospecta a cidade de Oiapoque no futuro. Ele respondeu:

> *Uma cidade com mais estrutura e mais bonita. Aqui é o começo do Brasil. Aqui era para ser a fronteira mais bonita e desenvolvida do Brasil.*

- *Associação dos Pilotos Fluviais de Vila Vitória* - (APFVV)

Entrevistado: João de Jesus da Conceição natural da cidade de Lagoa da Pedra (MA), vive há 19 anos em Oiapoque, dos quais 11 anos residindo na Vila Vitória. Já ocupou o cargo de presidente desta associação, acompanhou a sua criação no ano de 2008 e a consolidação da mesma.

Cada associado da APFVV contribui mensalmente com o valor de R$ 30,00. A associação possui 25 catraieiros associados. O entrevistado sobre o início e constituição da APFVV relatou:

> *Nossa associação foi criada em 2008, em 27 de janeiro. Tem estatuto, tem regimento interno, foi criada com objetivo de suprir a necessidade da comunidade de Vila Vitória, que não tinha estrada. Na época para ir lá para Oiapoque, era só por água, pagava caro para a gente ir para lá.*

> *Hoje nós já temos o patrimônio, sócios, organização e estabilidade que melhorou para nós catraieiros.*
> *A catraia é um transporte muito importante para as pessoas e para as pequenas cargas, é o transporte desta fronteira e é essencial para todos da Vila Vitória*

Sobre a importância da fronteira para Oiapoque, o catraieiro ponderou seu descontentamento com a estrutura da cidade, que para ele impacta negativamente para o desenvolvimento turístico da cidade:

> *Olha, muitas coisas estão em reforma, a orla. A fronteira foi tipo uma currutela de garimpo. Os turistas não têm muito o que fazer, porque a gente precisa melhorar o turismo e a fronteira tem que ser estruturada, poucos espaços para a prática do turista, porque falta a visão do desenvolvimento.*

Sobre a interação de Oiapoque com *Saint George*, a resposta do entrevistado apontou algumas dificuldades:

> *Nós temos muita dificuldade, é muita burocracia. Só temos acesso lá, com a camiseta da catraia. Mas só pode ir nas duas primeiras ruas lá. Essa burocracia reflete na fronteira. A fronteira é importante para Vila Vitória, é uma de frente para a outra, mas não tem estrutura aqui, e aqui representa a fronteira. Porque tem a proximidade.*
> *O que liga aqui são as pessoas que vem e vão. E nós aqui, levando para a educação, a gente carrega as crianças que estuda lá. Os pais pagam a gente. Muitas crianças daqui da Vila Vitória, estudam lá.*

Sobre os possíveis impactos da abertura da ponte Binacional, ele respondeu:

> *Para mim não teve ainda e não vai ter. Porque as pessoas têm livre arbítrio, os clientes ainda escolhem ir de canoa e ainda vão querer usas as catraias, até pela proximidade e o controle*

> *também, de cargas, é mais fácil ir de catraia.*

No que diz respeito à atual estrutura urbana de Oiapoque, o catraieiro da APFVV relatou:

> *A cidade tá zero em tudo. A saúde está lá em baixo. Acredito que são os gestores públicos que devem correr atrás dos benefícios quando entram na gestão. Eles têm que correr atrás. As estradas deixam a desejar. Os taxistas que tem que arrumar. E a BR que falta o asfalto que atrapalha diretamente no desenvolvimento da cidade, tá faltando tudo.*

A última questão feita ao catraieiro, foi acerca da visão dele sobre o futuro de Oiapoque. Ele respondeu:

> *Eu vejo a cidade com uma estrutura diferenciada, para melhorar a favorecer a população e os turistas que aqui chegam.*

Como observou-se nas entrevistas realizadas com o grupo dos catraieiros, que são os principais responsáveis pelas travessias sobre as águas binacionais do rio Oiapoque, há discordâncias e pontos comuns nos relatos transcritos, com os catraieiros que integram as diferentes associações e/ou cooperativas, que demonstram considerável organização de suas representações e atuações profissionais.

Há diferentes visões sobre os impactos da abertura da ponte Binacional, sobre a atividade catraieira. Uns acreditam que ela trouxe prejuízos para a atividade por eles desenvolvida, uma vez que o fluxo e procura das catraias diminuiu. Outros mencionaram que a catraia, ainda com a ponte em atividade, não perde seu lugar nas travessias fronteiriças, por promover grande facilidade aos passageiros, inclusive ser mais em conta, principalmente para o brasileiro.

Todos os profissionais reconhecem suas importâncias para a vivacidade da fronteira franco-brasileira. Em todas a entrevistas e em conversas informais com tais profissionais, apontam a atividade turística como principal forma de permanecerem trabalhando e levando sustento para as suas respectivas famílias. Para eles, a fronteira e o rio Oiapoque correspondem como *lócus* da (re)produção da vida e do desenvolvimento de seus trabalhos.

Concorda-se que o turismo e a consolidação de atividades voltadas à dinâmica dos

espaços de lazeres na fronteira, devem priorizar estes importantes profissionais, incluindo-os nos planejamentos estratégicos de planos turísticos, que devem ser amplamente difundidos em Oiapoque, priorizando, por sua vez, diversos setores neste processo, o que inclui as catraias.

Sobre a atividade turística, bem com a concepção da dinâmica dos espaços lazeres, têm-se em Dantas (2010), vastas contribuições sobre tais entendimentos desta área importante do conhecimento geográfico. O estudioso, aponta importantes pontos fundantes, ao conceber o turista, frente a leitura que a geografia possibilita, inclusive, passível de relacionamentos com a área em estudo. Dessa forma, o autor considera (2010, p. 101):

> Na geografia do turismo considera-se esta dinâmica como representativa da realidade vivenciada nos países em via de desenvolvimento. Esta abordagem da geografia recorre a uma abordagem quantitativa, construindo um quadro que não estima, como deveria, os fluxos de ordem secundária, principalmente o conjunto de países possuidores de um mercado relativamente forte, onde a elite local e até a classe média se deleitam como turistas

Outro ponto comum nos relatos, é a necessidade da melhoria da estrutura urbana de Oiapoque que, para eles, se aprimorada, aumentaria a circulação de pessoas e turistas na fronteira, e evidentemente melhoraria a vida dos que vivem na cidade e na fronteira.

Por fim, nesta análise, têm-se a insatisfação deste grupo quanto às normas de entrada de brasileiros na Guiana Francesa. Como observado, os catraieiros entrevistados pontuaram que o atual sistema de entradas de brasileiros no país vizinho não é igualitário, isto é, o francês tem mais facilidade de entrar e circular no Brasil do que os brasileiros no território francês. Tal queixa é notada não somente pelos catraieiros, mas reflete uma insatisfação generalizada do "lado de cá".

Reafirma-se que, por meio do trabalho de campo, realizado em março de 2019, consultou-se o quantitativo de catraieiros em todas as associações e cooperativas deste seguimento, cujo principal objetivo foi o de mensurar a quantidade destes profissionais que atuam em Oiapoque, o que totalizou de acordo com os dados obtidos, o quantitativo de 180 profissionais responsáveis pelas travessias fronteiriças sobre as águas binacionais do rio Oiapoque. Desta forma, sintetizou-se estas informações na tabela 26, a seguir:

Tabela 26: Cooperativas e associações de catraieiros e suas respectivas quantidade de associados/cooperados

COOPERATIVAS / ASSOCIAÇÃO DOS CATRAIEIROS	QUANTIDADE DE ASSOCIADOS /COOPERADOS
Cooperativa de Transporte Fluvial e Terrestre de Oiapoque – COMFCOI;	66
Associação dos Pilotos Fluviais de Vila Vitória – APFVV.	25
Cooperativa de Transportes e Turismo de Oiapoque – COOPTUR	56
Association des Piroguiers de Saint George – APSG	33
TOTAL DE CATRAIEIROS:	**180**

Fonte: Pesquisa de campo. Elaborado por: Moura (2019).

Na sequência, discute-se sobre os transportes responsáveis pela circulação de modo coletivo já no território da Guina Francesa, a partir das Navetes. Diferente das catraias, este segmento está organizado em empresas.

4.5 Navetes: a conexão de *Saint George* até a capital Caiena

Do outro lado da fronteira, já em solo franco-guianense, os automóveis com placas francesas conhecidos como Navetes, (veículos similares a pequenas vans) são os responsáveis para fazerem de maneira coletiva os deslocamentos nas cidades daquele país, especialmente, entre *Saint George* até a capital Caiena e Caiena a *Saint George*, e também até Oiapoque, atravessando para o lado brasileiro, principalmente após a abertura da Ponte Binacional. A Figura 56, a seguir, evidencia as Navetes enfileiradas à espera de passageiros em *Saint George*, que se destinam a outras cidades da Guiana Francesa, sobretudo à capital Caiena, localizada a cerca de 180 km de distância de Oiapoque.

Figura 56: Navetes em *Saint Georges*

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Ressalta-se que não há empresa de transporte de ônibus que realize a viagem da cidade-gêmea *Saint George* até a capital da Guiana Francesa, Caiena. Os deslocamentos são feitos na Rodovia Transguianense, pela RN2 (*Rout Nationale*), tem duração de cerca de três horas de viagem e custa em média 40 Euros. A distância de *Saint George* até Caiena é de aproximadamente 180 km.

Após a abertura da Ponte Binacional, é comum a circulação das navetes no espaço urbano de Oiapoque, principalmente nos finais de semana, quando o fluxo de visitantes e turistas é maior na cidade brasileira. A figura 50 mostra um veículo de placa francesa, estacionado na Rua Joaquim Caetano, popularmente conhecida como a Beira de Oiapoque.

Figura 57: Navete estacionada em território brasileiro, na cidade de Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Como mencionado, diferentemente dos catraieiros e pirateiros, os naveteiros não possuem associação e/ou cooperativas, pois vinculam-se às empresas de capital privado. A tabela 27 na sequência, mostra quais são as empresas que atuam no deslocamento de pessoas entre *Saint George* a Caiena, pela rodovia RN2.

Tabela 27: Empresas das Navetes, que atuam no trajeto *Saint George* – Caiena e Caiena – *Saint George*

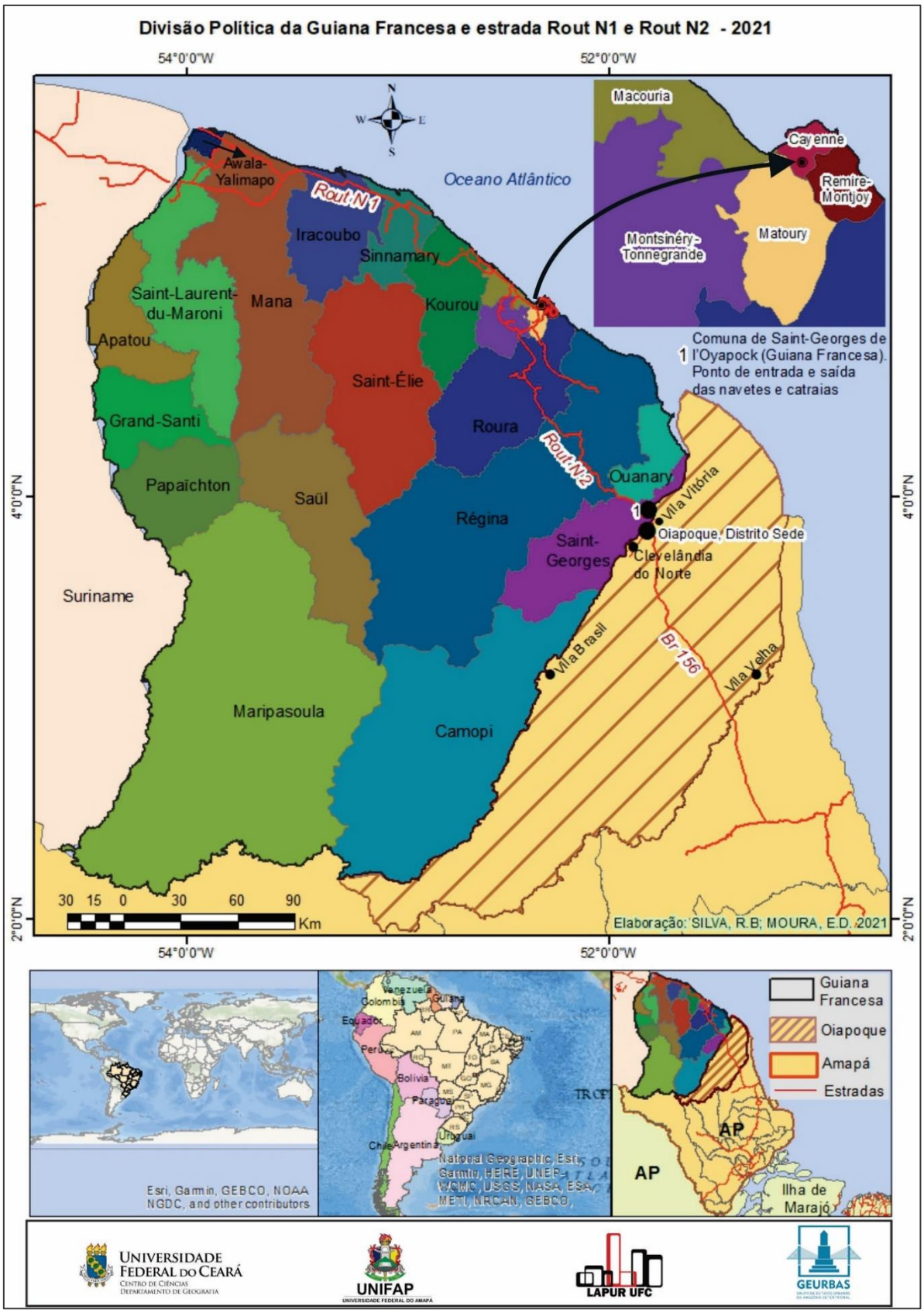
EMPRESAS DE TRANSPORTE TERRESTRE (NAVETES) DA GUIANA FRANCESA QUE ATUAM NO TRAJETO *SAINT GEORGE* - CAIENA E CAIENA – *SAINT GEORGE*
1. MATHURIN
2. FBJ TRANSPORTES
3. TRANSGUYANE MOBILITÉ
4. FARIA TRANSPORTES
5. TRANSPORT DIDIER
6. TIG

Fonte: Trabalho de campo exploratório. Elaborado por: Moura (2019).

Salienta-se a importância da *Rout* N1, *Rout* N2, esta última também chamada de Transguianense, na integração regional da Guiana Francesa, principalmente com o Oiapoque. Sendo a rodovia totalmente pavimentada que conecta *Saint Georges de l'Oyapock* às demais localidades do país, principalmente para a capital Cayenne.

Desse modo, o mapa 20, mostrado na sequência, traz as rodovias mencionadas, bem como a divisão política da Guiana Francesa, além de apontar Oiapoque e suas principais localidades.

Mapa 20 – Divisão Política da Guiana Francesa e a Rodovia Transguianense - Rout N 1 e Rout N 2 - 2021



Fonte: IBGE (2019); OCHA Services - Institut National de l'Information Géographique et Forestière (IGN) (2021); Institut National de la Statistique et des Études Économiques – INSEE (2021).
Elaboração: MOURA, E. D; SILVA, R. B. 2021.

.

4.6 BR-156: essencialidades e desafios

Outro elemento importante no entendimento das redes no âmbito territorial no contexto fronteiriço franco-brasileiro é a BR -156, a maior rodovia do estado do Amapá, que se constitui como única via de acesso rodoviário ao município de Oiapoque. Esta BR tem seu ponto de início no município de Laranjal do Jari, no Sul do Amapá, ligando esta porção meridional do estado até a capital Macapá. Já seu ponto final está localizado em Oiapoque, na Ponte Binacional. Portanto, a BR-156 conecta de Sul a Norte, o estado do Amapá. Sobre as características físicas desta estrada, Drumond e Pereira (2007. p. 95) apontam:

> A principal rodovia do estado é a federal, a BR-156, que liga Laranjal do Jari a Oiapoque, com uma extensão de quase 900 quilômetros, basicamente numa direção sul-norte. A estrada atravessa terrenos planos levemente ondulados, de origem do Terciário, com um trajeto em geral paralelo à Planície Costeira, sem ser litorânea, no entanto. De Laranjal do Jari a Macapá, a estrada atravessa florestas de terras baixas, numa direção predominantemente de nordeste. De Macapá a Calçoene, ela toma direção predominantemente de norte, cortando os cerrados amapaenses. De Calçoene a Oiapoque, a estrada segue predominante para noroeste e corta os cerrados e terras baixas florestadas.

Entre os entraves do desenvolvimento regional-fronteiriço de Oiapoque, como já destacado, é a não conclusão do asfaltamento de um trecho de cerca de 110 Km da BR-156, que com o período das chuvas[20] apresenta inúmeros pontos de atoleiros, configurando como uma principal dificuldade de conexidade da rede rodoviária de Oiapoque. Durante o inverno amazônico, no espaço urbano de Oiapoque, são sentidos os impactos de tais atoleiros no cotidiano da cidade. As viagens (Macapá – Oiapoque / Oiapoque – Macapá) que normalmente no período de verão amazônico (baixos índices pluviométricos) são feitas em cerca de 10 horas, são ampliadas significativamente pelos inúmeros pontos críticos de atoleiros e buracos ao longo da BR-156, o que acarreta na alta dos valores das mercadorias básicas comercializadas nos estabelecimentos comerciais da cidade, incluindo alimentos e combustíveis e gás de cozinha.

É relevante discutir que o planejamento territorial a médio e longo prazo da pavimentação do trecho não asfaltado da BR-156, deve incorporar, no cerne suas ações,

[20] O período conhecido como inverno amazônico é aquele marcado por altos índices pluviométricos, datados entre meses de dezembro a julho, o que pode variar de acordo com extensão do período das chuvas durante o ano. Em contrapartida, o chamado verão amazônico é o período com poucas chuvas e até mesmo a inexistência delas. Ressalta-se que por se localizar próximo a Linha do Equador, as variações de temperatura, é sempre baixa, quase sempre é quente na região.

que a estrada em questão atravessa 8 aldeias indígenas no vale do Uaçá. Mesmo trazendo melhorias para a população, é evidente que o lugar indígena, aqui considerado como um espaço de pertencimento, deve ser priorizado, considerando as relações socioespaciais das comunidades tradicionais compreendidas no território. Nesta linha de pensamento, Silva (2014, 89), sobre as lógicas globais dos projetos estruturantes na Amazônia relacionadas com a pavimentação da BR 156, esclarece:

> A BR-156 totalmente pavimentada, ao que tudo indica, tenderá a reproduzir a mesma lógica de outros grandes empreendimentos executados na Amazônia. De um lado, possibilitará maior dinamismo econômico em determinadas faixas de território que estarão assim conectadas diretamente ao fluxo global de mercadorias, sem que isso redunde numa maior harmonização espacial de desenvolvimento. De outro, os intensos conflitos existentes na extensão daquela rodovia possivelmente recrudescerão, e os predadores desse processo tenderão a ser as comunidades indígenas, agricultores familiares, os extrativistas tradicionais [...].

Frente a esta discussão da importância desta rodovia federal, produziu-se um mapa rodoviário do Amapá, evidenciando a BR-156 no trecho não pavimentado, até a Ponte Binacional. Esta rodovia, como mencionado, corta o estado do Amapá de Sul a Norte, o que revela sua essencialidade territorial na integração dos municípios amapaenses. A BR-156 é considerada a obra em atividade mais antiga do Brasil, fato que levou inclusive o Ministério Público do Amapá (MPA) entrar com ação contra o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), cobrando a conclusão da pavimentação do trecho inacabado.

Deste modo, o mapa 21 foi intitulado com o mesmo nome desta seção: BR-156: Essencialidades e Desafios. Esta representação cartográfica permite uma compreensão dos desafios enfrentados nesta espinha dorsal amapaense, sobretudo, a partir dos registros fotográficos, feitos em pesquisas de campo em anos distintos, por meio da observação da paisagem. Para este mapa, selecionou-se seis pontos distintos para ilustrar os desafios da BR-156.

O ponto 1 evidencia o ponto final da estrada, (considerando o início da BR-156 no município de Laranjal do Jari), na Ponte Binacional de Oiapoque, registro fotográfico feito em dezembro de 2019.

O ponto 2 ilustra a diversidade de paisagens que a estrada atravessa, pois se trata de um registro às margens de uma aldeia indígena, registro fotográfico em junho de 2018.

O ponto 3 apresenta caminhões em atolados na rodovia federal, que se destinavam

ao Oiapoque, a fotografia é de fevereiro de 2021.

Os pontos 4 e 5 se referem à localidade conhecida como, Carnot, os registros mostram um caminhão que quebrou a ponte ao atravessar o igarapé Ranolfo, fato que trouxe sérios desafios para quem precisava seguir viagem pela BR-156.

O ponto 4 mostra um veículo *pick-up,* conduzido por um pirateiro, atravessando o rio de maneira improvisada em um desvio lateral, uma vez que a ponte estava quebrada e com o caminhão tanque com combustível preso em meio as madeiras da ponte quebrada, como mostra o ponto 5. Tal fato ocorreu em janeiro de 2021. Salienta-se que estas fotografias foram amplamente divulgadas e compartilhadas nas redes sociais, especialmente no *WhatsApp* e também nos grupos do *Facebook,* como Acorda Oiapoque e Amigos da BR 156, locais onde foram obtidas tais fotografias.

O ponto 6 representa um emblemático local para quem circula na BR-156, tratado, o final do asfalto da rodovia para quem viaja sentido Oiapoque, e o começo do asfalto para quem se dirige sentido Macapá. Visualizar este trecho pode significar que a viagem será mais ou menos rápida, de acordo com o sentido, ou seja, se está indo ou vindo para a fronteira. A fotografia é de dezembro de 2019. Na sequência tem-se o mapa elaborado e apresentado.

Mapa 21 – Mapa Rodoviário – BR-156: essencialidades e desafios

Fonte: IBGE (2019); Trabalho de Campo.
Elaboração: MOURA, E. D; SILVA, R. B. 2021.

4.6.1 Os piratas da terra: entre a (in)segurança e a salvação dos atoleiros na BR-156

Piratas ou pirateiros, como também são comumente chamados, são os nomes dados aos motoristas de carros particulares, que se deslocam no trajeto Macapá – Oiapoque e Oiapoque – Macapá, de forma alternativa às empresas particulares de ônibus intermunicipal (Viação Santanense e Amazontur). Estes veículos são modelos "caminhonetes", sendo a maioria veículos modelo *Hilux*, da marca *Toyota*, e possuem motores a tração 4x4, ideais para se locomoverem nas estradas, escorregadias e lamosas, características da BR-156 no inverno amazônico.

A figura 58 mostra um veículo pronto para uma viagem com destino a Macapá, com a carga na carroceria protegida com lona, contra chuvas. O registro foi realizado na Beira de Oiapoque, principal ponto de concentração dos piratas. A figura 51 apresenta um veículo caminhonete 4x4 conduzida por um Pirateiro, com a carga protegida contra as chuvas por lona. O veículo estava partindo para Macapá

Figura 58: Pirata pronto para viagem, rumo a Macapá

Fonte: Edenilson Moura (2017).

O registro fotográfico (figura 59) na sequência apresenta outro veículo conduzido também por um pirateiro, estacionado em um ponto de atoleiro na BR-156, durante inverno amazônico no ano de 2016. Observa-se também no plano de fundo da imagem, um ônibus intermunicipal, da empresa *AmazonTur,* também atolado na BR-156.

Figura 59: Ponto de atoleiro da BR-156 no ano de 2016

Fonte: Edenilson Moura (2016).

Todos os dias, os piratas realizam as viagens que acontecem apenas quando o veículo está completamente ocupado, por quatro passageiros. As viagens podem ser programadas por telefone via ligação e/ou mensagens por meio do aplicativo *WhatsApp*, diretamente com os motoristas, ou, indo nos pontos de saídas dos veículos, tanto em Oiapoque quanto em Macapá.

Na cidade de Oiapoque o principal ponto de saída dos veículos é a Beira, na Rua Joaquim Caetano, como mencionado anteriormente, este é um local de intenso fluxo de pessoas e compras e vendas de mercadorias, no qual é perceptível a essência fronteiriça. Já em Macapá, o ponto de concentração dos piratas é nas proximidades da rodoviária da capital.

Testemunha-se a comodidade que os piratas proporcionam, ao buscarem os passageiros nos locais de suas preferências. Eles também transportam cargas/mercadorias e, no entanto, não se costuma realizar nenhum controle de identificação e registro dos passageiros e/ou das mercadorias. Durante a viagem, raramente quando ocorre, é alguma blitz realizada pela Polícia Rodoviária Federal.

Os valores cobrados pelos pirateiros, em junho de 2021 nas viagens Macapá-Oiapoque e/ou Oiapoque-Macapá, custam em média R$250,00, valor que alguns motoristas costumam aumentar para os franceses e/ou franco-guianenses, cobrando destes R$300,00.

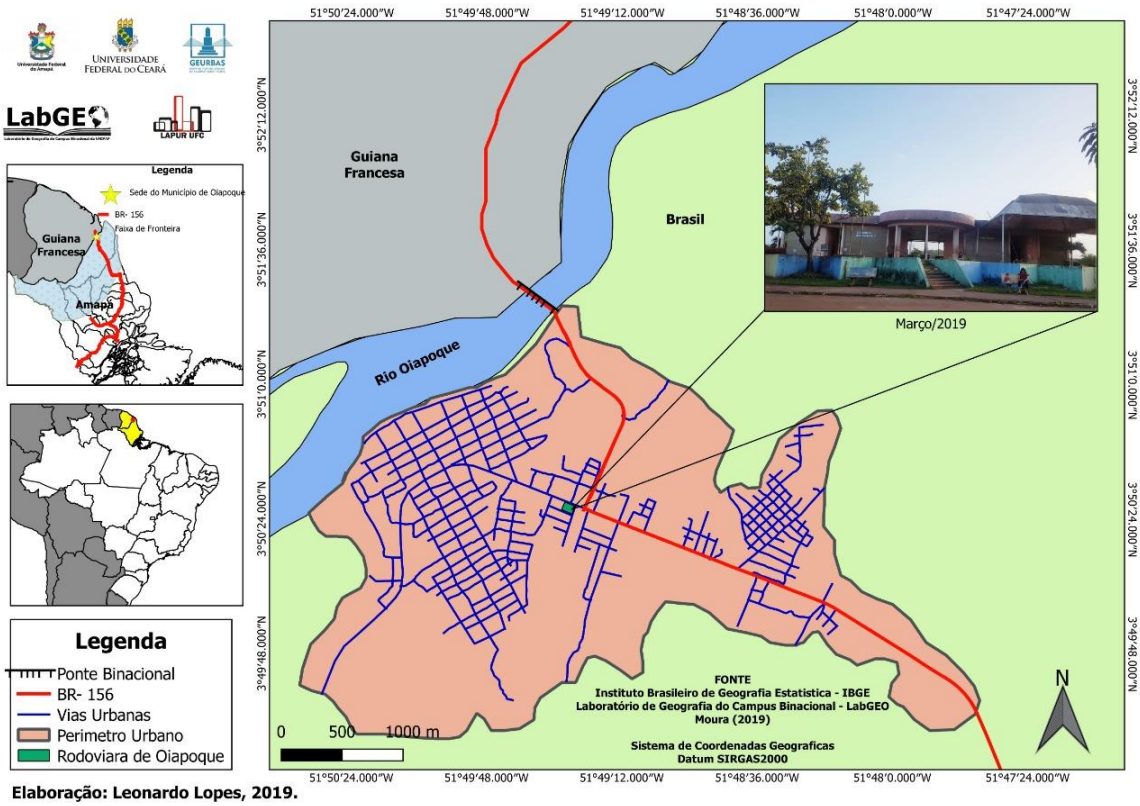
O mesmo ocorre, ou seja, elevar os preços das viagens, durante o inverno amazônico, em decorrência das dificuldades de tráfego enfrentados na BR-156, como os atoleiros e a pistas lamosas, valores estes que podem chegar em até R$ 400,00.

Existe uma cooperativa do segmento, intitulada de Cooperativa de Transportes Alternativos de Oiapoque (COTRANSPOI), que segundo relatos informais de alguns motoristas cooperados, com cerca de 120 "piratas", que atuam na região. Já o valor cobrado pelas empresas de ônibus nesta viagem, não varia durante o ano, e é de R$ 140,00 mais a taxa de embarque, recolhida pelas rodoviárias municipais, cujo valor estimado é de R$ 2,00.

4.6.2 O terminal rodoviário de Oiapoque e o transporte intermunicipal

Impossível quando se discute transportes rodoviários e seus relacionamentos com as cidades, não mencionar a importância dos terminais rodoviários, que quase sempre constituem centralidades no espaço urbano. O terminal rodoviário de Oiapoque é um exemplo deste estreitamento. Vinculado à Prefeitura Municipal, apresentava uma estrutura física deficiente e bastante precária, quando se realizou pesquisa de campo em 2019. A estrutura física naquele momento oferecia riscos para aqueles que utilizam ou trabalham neste espaço. O mapa 22, apresentado na sequência, mostra a localização deste importante ponto de conexão rodoviária para o contexto regional.

Mapa 22: Localização do Terminal Rodoviário de Oiapoque



Fonte: Lopes, 2019.

As figuras 60 a 62 mostram as instalações do Terminal Rodoviário Francisco Chagas Mesquita, que foi inaugurado em junho de 2008. Em 2019 necessitava de reformas estruturais com urgência, como verificou-se na pesquisa de campo em dezembro de 2019.

Figura 60: Terminal Rodoviário de Oiapoque em dezembro de 2019

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Figura 61: Telhado deteriorado do terminal rodoviário de Oiapoque em dezembro de 2019

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Figura 62: Embarque de passageiros que ocorria de maneira improvisada na rodoviária de Oiapoque, sob uma tenda

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Em 2020, o Terminal Rodoviário Municipal de Oiapoque foi reformado e entregue para a população oiapoquense, com boas readequações de sua estrutura física que, como abordado, estava em condições precárias. O mosaico de figuras a seguir (figura 63), apresenta o local após a reforma. Nas dependências da rodoviária também funciona a Secretaria Municipal de Turismo.

Figura 63: Mosaico de fotografias do Terminal Rodoviário de Oiapoque após reforma no ano de 2020

Fonte: Leonardo Lopes (2021). Organizado por: Moura (2021).

Outra particularidade do Terminal Rodoviário é que o lugar é utilizado também como espaço de lazer e trocas sociais, cumprindo, assim, a função de Praça, principalmente nos finais de semana, uma vez que a única Praça de Oiapoque, Eucildo Crecencio Rodrigues, está localizada no centro da cidade.

Importante realçar que apenas duas empresas de ônibus intermunicipal atuam em Oiapoque no trajeto Macapá – Oiapoque e Oiapoque – Macapá, que são as empresas *Santanense* e *AmazonTur*.

As linhas de ônibus que saem de Oiapoque com destino a Macapá intercalam-se entre si, ou seja: um dia viaja o ônibus de uma empresa, no outro, o ônibus da outra empresa. O valor cobrado pela passagem é igual entre as duas empresas: R$ 140,00, mais R$ 2,00 de taxa de manutenção do terminal rodoviário, o que totaliza R$ 142,00.

A viagem no período em que a BR-156 está em boas condições de trafegabilidade, o que ocorre no verão amazônico, dura em média 10 horas, chegando em Macapá por volta de 5 horas da manhã do outro dia.

Os horários de saída dos ônibus de Oiapoque são às 17 horas (Santanense) e às 18 horas (AmazonTur). Em determinados períodos do ano, principalmente nos meses de férias, aumenta significativamente a frota dos veículos para realizar a viagem, tanto de brasileiros, quanto de franceses. De acordo com relatos de funcionários das empresas citadas, já houve momento que saíram até 15 ônibus para Macapá, em um mesmo dia. A figura 64 evidencia o movimento de passageiros preparados para embarcarem com destino à capital Macapá.

Figura 64: Passageiros na fila do embarque na rodoviária de Oiapoque, com viagem destinada a Macapá

Fonte: Edenilson Moura (2019).

4.6.3 Terminal Rodoviário de Macapá

Em Macapá, o terminal rodoviário assume grande importância para o estado do Amapá, uma vez que é dele que sai os ônibus intermunicipais para os municípios do estado. Sua estrutura também não é das melhores. Em abril de 2018 o terminal da capital, passou por processo de concessão, e apresenta algumas mudanças em seu funcionamento, que promoveram uma incipiente melhora na organização da rodoviária.

A Sociedade Nacional de Apoio Rodoviário e Turístico Ltda. (SINART) foi a empresa campeã no processo licitatório, feito para a nova administração do local, com a responsabilidade de gestão do terminal nos próximos 25 anos.

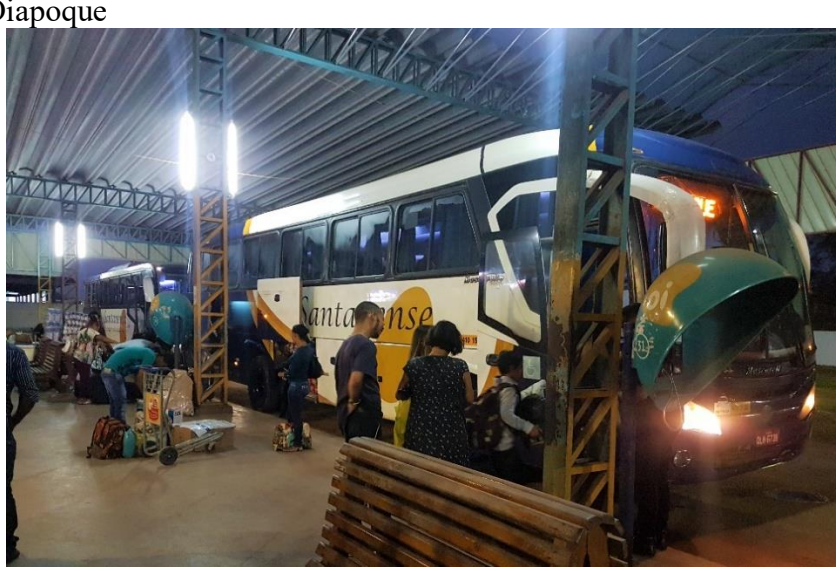
Assim como no terminal rodoviário de Oiapoque, o movimento de pessoas é intensificado no período das férias, sendo comum observarmos pessoas de origem

europeia no terminal de Macapá, principalmente franceses, buscando os ônibus que se destinam a Oiapoque para atravessarem a fronteira. No período de férias, também aumenta significativamente a quantidade de ônibus para Oiapoque. As figuras 65 e 66 apresentadas a seguir, mostram a fila de pessoas embarcando com destino a Oiapoque, bem como a saída de dois ônibus para a cidade fronteiriça.

Figura 65: Fila de embarque de passageiros no Terminal Rodoviário de Macapá, com destinado à Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Figura 66: Embarque de passageiros na rodoviária de Macapá, com viagem destinada ao Oiapoque



Fonte: Edenilson Moura (2019).

As viagens acontecem também de maneiras intercaladas, com alteração de dias e de empresas de ônibus, como a título de exemplo, tendo o mês de fevereiro de 2021 como referência, a viagem saindo de Macapá nos dias pares do mês é realizada pela empresa Amazontur e nos dias ímpares é feita pela empresa Santanense.

Os valores das passagens cobrados no mês de março de 2021, no trajeto Macapá – Oiapoque é de R$140,00. A duração da viagem é de cerca dez horas (no verão amazônico, período de estiagem, isso é: com a "estrada boa", como costumeiramente é falado na região), com paradas nos municípios de Tartarugalzinho, Amapá e Calçoene, diante a demanda da viagem.

Quanto aos horários da viagem, os ônibus saem às 18 horas (Santanense) e às 19 horas (AmazonTur), chegando em Oiapoque, por volta de 5 horas da manhã, lembrando que estas médias de horários, referem-se ao período de boa trafegabilidade na BR-156, o que não ocorre no inverno amazônico, devido às intensas chuvas, uma vez que o trecho não pavimentado da rodovia apresenta muitos pontos de atoleiros, o que consequentemente, aumenta o tempo de deslocamento da viagem. Ressalta-se que os horários variam de acordo com o período do ano e planejamento das empresas.

Foram realizadas em Oiapoque duas consultas no mês de março de 2019, com os responsáveis por cada empresa dos ônibus intermunicipais na cidade. No entanto, em nenhuma delas havia disponível dados quantitativos concretos sobre a quantidade de embarques e desembarques, que ocorreram no terminal rodoviário de Oiapoque.

4.7 Transportes intraurbanos na cidade de Oiapoque: taxistas e moto-taxistas

Como na cidade de Oiapoque não há linhas de ônibus coletivo que circulam na cidade, o transporte na área de estudo fica restrito a andar a pé, ou por transportes individuais, ou recorrer aos taxis e moto-taxis, sempre presentes na paisagem e no movimento urbano da fronteira franco-brasileira. Desta forma, identificou-se que nas dinâmicas de circulação na fronteira pesquisada, é imprescindível a busca por dados sobre estes meios de transportes, que circulam cotidianamente em Oiapoque.

Frisa-se que, por meio de trabalho de campo, realizado em março de 2019, identificou-se as associações, cooperativas e sindicatos, que atuam na gestão profissional de trabalhadores, que atuam nestes meios de transportes, que são importantes para a cidade e, consequentemente, relevantes para a fronteira. A tabela 28 apresenta as

associações, cooperativas e sindicato deste segmento.

Tabela 28. Associações/Cooperativas dos Transportes Intraurbanos de Oiapoque

ASSOCIAÇÕES/COOPERATIVAS DOS TRANSPORTES INTRAURBANOS DE OIAPOQUE	QUANTIDADE DE ASSOCIADOS / COOPERADOS
TAXI	
Associação de Taxistas do Ponto Santos Dumont (ATPSD)	CONSULTAR
Cooperativa Mista dos Taxistas de Oiapoque (COMTOI)	120
Sindicato dos Taxistas Autonomos de Oiapoque (SINDTAXI)	12
MOTOTAXI	
Associação de Mototaxistas de Oiapoque (AMTOI)	95
Cooperativa Mototaxistas de Oiapoque (COMTAXI)	**Aproximadamente** 90 profissioinais.

Fonte: Trabalho de campo. Elaborado por: Moura (2019).

4.8- Conexões e deslocamentos em diferentes escalas

Elaborou-se um mapa-síntese, com a intenção de representar cartograficamente, a fluidez territorial e a articulação do território considerando-o em uma perspectiva reticular. Com isso, o mapa intitulado: “Deslocamentos e Fluidez Territorial na Fronteira Franco-Brasileira em Diferentes Escalas”, pontua através de 4 escalas cartográficas e analíticas, possibilidades de compreensão da circulação de pessoas e cargas.

4.8.1 Conexões e deslocamentos na escala local-global: dimensão aérea

Tendo como primeira análise, destaca-se as possibilidades de chegadas e partidas, a partir do estado do Amapá, evidenciando os fluxos aéreos e hidroviários para o estado.

Dentre os aeroportos incluídos nesta dimensão analítica que estão inseridos em outros países, tem-se o Aeroporto Internacional da Guiana Francesa, que recebe o nome de Félix-Éboué (CAY) que antes era conhecido como Aeroporto Internacional de Caiena-Rochambeau, localizado na comuna de Matoury, a cerca de13 km ao sul de Caiena.

Menciona-se que o aeroporto da Guiana Francesa possui, em tempos não pandêmicos, voos semanais para os aeroportos brasileiros de Belém (PA) e Fortaleza (CE), respectivamente, nos aeroportos Val-de-Cans - Júlio Cezar Ribeiro e Pinto Martins, realizados até então pela empresa Azul Linhas Aéreas.

Outro aeroporto em território internacional inserido nessa discussão, é o Aeroporto Internacional localizado em Paris, Charles de Gaulle (CDG) na França metropolitana, principal fluxo aéreo do Departamento Ultramarino da Guiana Francesa, feito principalmente pela empresa aérea Air France.

Considera-se importante a inserção do transporte aéreo para pensar as diferentes escalaridades, principalmente na ampliação dos fluxos turísticos, concordando com Dantas (2010, 94): "Poder-se-ia concluir que o transporte aéreo seria, nestes termos, estratégico no processo de ampliação do fluxo turístico em escala internacional".

Neste entendimento, a respeito dos fluxos aéreos nacionais relacionados ao estado do Amapá, pontua-se a importância do Aeroporto Internacional Alberto Alcolumbre, localizado em Macapá (MCP), que após aproximadamente 14 anos teve sua ampliação concluída e inaugurada, com uma estrutura nova e moderna em 12 de abril de 2019, que possibilitou a melhoria significativa da infraestrutura aeroviária.

Os voos domésticos que partem e chegam neste aeroporto, destinam-se às cidades de Belém conectando-o com o Aeroporto Internacional Val-de-Cans (BEL) e com a cidade de Brasília no Aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek (BSB). Quanto às empresas aéreas que atuam em MCP, têm-se as 3 principais operadoras no território brasileiro: Azul Linhas Aéreas, Gol Linhas Aéreas e LATAM.

Em Oiapoque existe o Aeródromo Municipal que está licenciado para voos, mas, no entanto, não há empresas aéreas atuando com regularidade no município. Registra-se que parte da estrutura física do antigo Aeroporto Internacional de Macapá foi doada para o Aeródromo Municipal de Oiapoque, que tem servido principalmente para atender a demanda de voos emergenciais como em casos de transporte de pacientes para tratamento de saúde, voos militares, além do transporte de autoridades políticas em visita ao município.

4.8.2 Conexões amapaenses: possibilidades de ir e vir

No sentido de elucidar a conexão de transportes de cargas e pessoas no Amapá, visto que o estado é considerado isolado do eixo rodoviário nacional, é fundamental

abordar, além da conexão aeroviária, a conectividade fluvial através dos rios e dos portos.

O porto de Santana, localizado no município homônimo, na Região Metropolitana de Macapá, possui relacionamento com demais portos amazônicos, como o Porto de Manaus (AM), Porto de Itacoatiara (AM), Porto de Santarém (PA), Porto de Trombetas (PA), Porto de Munguba (PA) e Porto de Belém (PA).

Como já ressaltado na tese, a BR-156 representa uma importante espinha dorsal na conexão rodoviária do estado do Amapá, de Norte à Sul, interligando os municípios de Laranjal do Jari, no extremo sul do Estado ao Município de Oiapoque, no extremo norte amapaense. Como discutiu-se, esta rodovia é um exemplo de uma conexão territorial tendo como referência articulações reticulares, de modo que compreende a suas particularidades como diferentes meios de circulação e sujeitos que nela circulam e trabalham, no percurso entre a capital e a fronteira Franco Brasileira.

Por isso, ressaltou-se no mapa a possibilidade e ocorrência de transporte individuais, por meio de automóveis e motocicletas; o transporte de cargas em caminhões e carretas; as linhas de ônibus intermunicipais das empresas Amazontur e Santanense; além dos transportes privados de caráter coletivo: “os piratas da terra”, que pertencem as cooperativas de seus ofícios, como a Cooperativa dos Condutores Autônomos Alternativos do Amapá (TRANSFRONTEIRA); Cooperativa de Transportes Alternativos de Oiapoque (COTRANSPOI), além dos transportes alternativos não integrantes de nenhuma associação ou cooperativa.

4.8.3 Deslocamentos coletivos intraurbanos e fronteiriços

No que tange aos deslocamentos de transportes na escala intraurbana, bem como, à circulação de pessoas na cidade de Oiapoque, menciona-se a importância dos taxistas e moto-taxistas que diariamente circulam por toda a cidade. Assim, andar por Oiapoque é ter garantia de que irá se avistar um taxi ou um moto-taxi pelas ruas.

Neste grupo, percebe-se a articulação profissional, por meio da existência de diferentes associações, sindicatos e cooperativas distintas: Associação de Taxistas do Ponto Santos Dumont (ATPSD); Cooperativa Mista dos Taxistas de Oiapoque (COMTOI); Sindicato dos Taxistas Autônomos de Oiapoque (SIDTAXI); Moto-taxistas de Oiapoque (AMTOI); Cooperativa de Moto-taxistas de Oiapoque (COMTAXI).

Pondera-se também a possibilidade e presença de outras maneiras de circular pela cidade, como os deslocamentos a pé e usos de bicicletas, ressalta-se que a cidade não

possui ciclovias e/ou ciclo faixas.

Nas ruas da cidade, como evidenciado ao longo da pesquisa, é nítida a presença de elementos vinculados ao território internacional que imprimem a fronteira na espacialidade urbana, como é o caso da constante circulação de veículos com placas internacionais em Oiapoque, também representada cartograficamente.

No sentido de elucidar os deslocamentos de circulação do território nacional para o internacional, a partir da escala local, evidencia-se as catraias neste processo. Este segmento profissional de extrema importância para a fronteira franco-brasileira, como já ponderado, também se organizam profissionalmente através de diferentes cooperativas e associações: Cooperativa de Transporte Fluvial e Terrestre de Oiapoque (COMFCOI); Cooperativa de Transportes e Turismo de Oiapoque (COOPTUR); Associação dos Pilotos Fluviais de Vila Vitória (APFVV); Association des Piroguiers de *Saint Georges* (APSG).

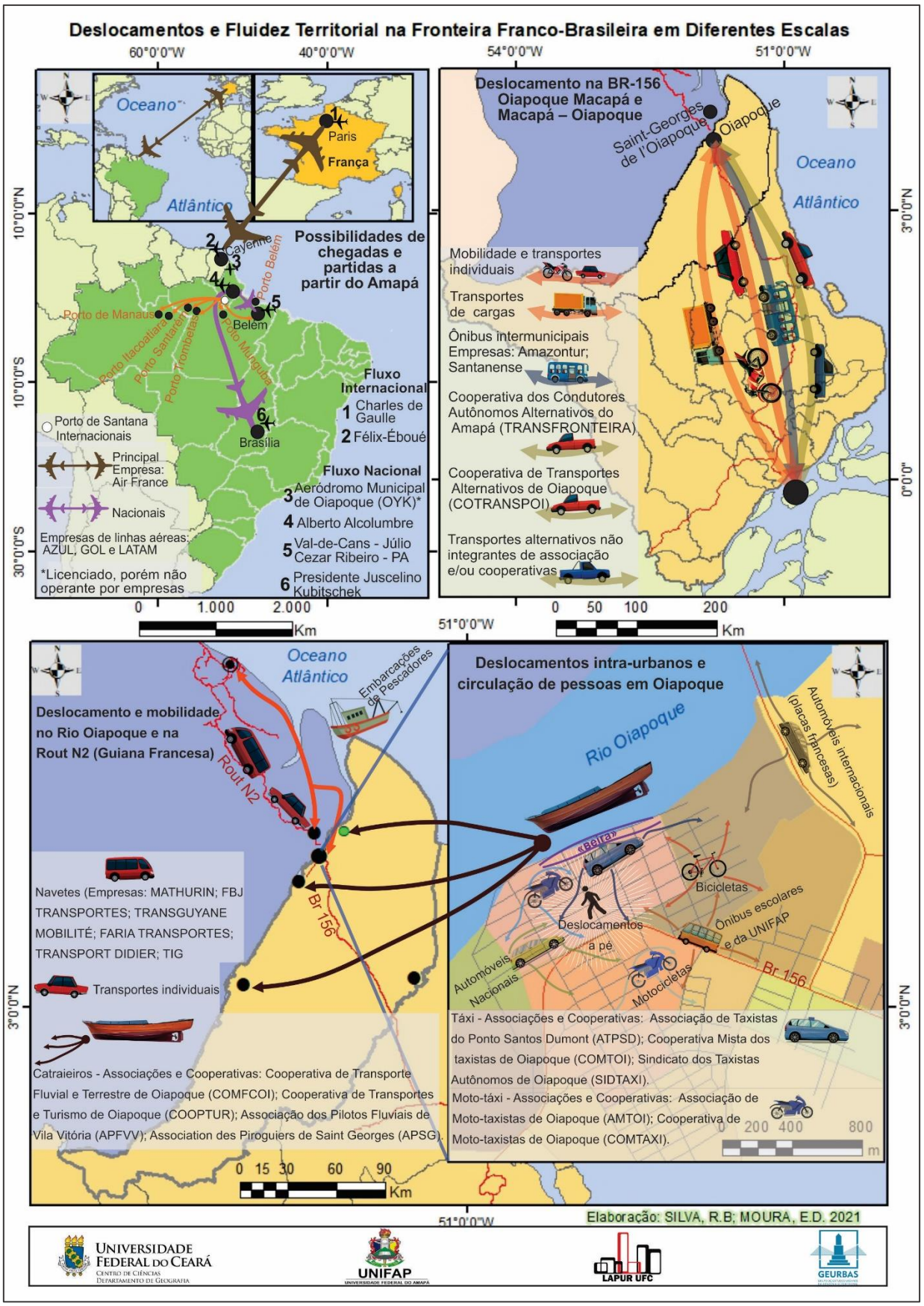
Em *Saint Georges*, reitera-se o papel das Navetes, no transporte coletivo de passageiros pela estrada franco-guianense Rout N2. O segmento empresarial distribui-se nas seguintes empresas: MATHURIN; FBJ TRANSPORTES; TRANSGUYANE MOBILITÉ; FARIA TRANSPORTES; TRANSPORT DIDIER; TIG.

Todos os meios de transportes abordados neste trabalho, seja os que atuam no contexto global, regional e/ou local, revelam a dinamicidade do território-rede e dos fluxos diversos que são estabelecidos na fronteira franco-brasileira.

O vislumbrar para estas dinâmicas reticulares permite, entre outras coisas, a interpretação das limitações infraestruturais da circulação rodoviária e da mobilidade fronteiriça em uma região, que apresenta cotidianamente trocas, marcadas pela circulação de pessoas e de mercadorias, na cidade de Oiapoque e também com o estabelecimento de redes, inclusive urbanas, entre as cidades, até mesmo com cidades da Guiana Francesa.

Esta analise objetivou-se discutir de maneira integrada às relações de Oiapoque com as capitais Macapá (BR) e Caiena (GF-FRA), a partir de uma abordagem que considerou o potencial reticular para análise do território, através da múltipla escalaridade que os deslocamentos e a fluidez territorial possibilitam para o vislumbrar da centralidade urbana-regional da fronteira franco-brasileira. Portanto, a produção cartográfica (mapa 23) apresentado na sequência, é uma síntese locacional e ilustrativa dos processos discutidos.

Mapa 23: Deslocamento e fluidez territorial na fronteira franco-brasileira em diferentes escalas



Fonte: IBGE (2019); Trabalho de Campo. Elaboração: MOURA, E. D; SILVA, R. B. 2021.

Cabe ainda, no âmbito das redes técnicas, discutir outro entrave no desenvolvimento territorial, da área em estudo, que é a questão da rede elétrica, que sem dúvida, é ponto chave para o entendimento de algumas limitações infra estruturais, verificadas principalmente em Oiapoque. Deste modo a seção a seguir, se tratará deste assunto, sucintamente.

4.9 Rede e distribuição elétrica

No que concerne às falhas na conexidade das redes que são estabelecidas no território, tem-se as redes técnicas-informacionais deficitárias na cidade de Oiapoque, como a distribuição de energia elétrica, disponibilidade de internet, telefonia fixa e móvel.

Na circulação de pessoas e mercadorias na região e no contexto fronteiriço, destacam-se os papéis de importantes agentes que se incluem nos circuitos inferiores da economia urbana, visto que estes articulam redes de diferentes característica. Diante das especificidades e problemas existentes na fronteira, mencionou-se aqui os piratas, catraias e as navetes.

No âmbito da rede técnica atrelada à questão urbana, acentua-se que a cidade de Oiapoque é dependente de óleo diesel para a distribuição da energia elétrica , uma vez que a cidade não está inserida no sistema nacional de distribuição de energia elétrica, (sistema interligado nacional). Portanto, não está conectada aos "linhões" de transmissão, o que, desse modo, tal distribuição também é impactada no período das chuvas intensas em momentos de atoleiros da rodovia federal, o que provoca na cidade constantes faltas de energia no espaço urbano, frente aos atrasos dos caminhões que distribuem o óleo diesel para a geração de energia elétrica.

Este cenário pode ser alterado frente às novas políticas energéticas que estão sendo geridas para a região. Segundo dados do Ministério de Minas e Energia (2018), o Sistema Isolado de Oiapoque atualmente é suprido por um Produtor Independente de Energia Elétrica (PIE), através de contrato estabelecido por meio de leilão, realizado no ano de 2014, com vigência até novembro do ano de 2030.

Estão em operação a Usina Termelétrica (UTE) Oiapoque, com capacidade instalada de 12,83 MW (10 unidades geradoras operando desde novembro de 2015), e a UFV Oiapoque, com 4,3 MWp (ou 3,6 MW), a ser desativada quando se der a operação da PCH Salto Cafesoca (7,5 MW), prevista para 2021.

A Pequena Central Hidrelétrica (PCH) Salto Cafesoca será implantada no rio

Oiapoque, na fronteira com a Guiana Francesa. Seu projeto foi aprovado no ano de 1997, pelo Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica (DNAEE). O projeto prevê um arranjo/sistema sem barragem, que deverá apresentar estruturas localizadas na margem direita, no lado brasileiro do rio Oiapoque, ou seja, no limite da fronteira franco-brasileira (Ministério de Minas e Energia – MME, 2018).

Helfenstein (2019, p.115-116), ao analisar o papel das redes técnicas, em especial a rede de geração e distribuição de energia elétrica, lança um olhar sobre Oiapoque, destacando os arranjos e perspectivas das classes não hegemônicas no desenvolvimento espacial e municipal, ponderando neste entroncamento, a situação de Oiapoque e a sua inserção no Sistema Isolado. O referido autor esclarece:

> Em Oiapoque, a condição do parcial atendimento dos desejos das classes não hegemônicas, pode ser entendida por meio da implementação de algumas redes técnicas, como no caso da geração de energia elétrica, com a escolha pelo funcionamento de um Sistema Isolado e a construção de uma Pequena Central Hidrelétrica (PCH) que opera com capacidade máxima de 30 MW, em detrimento da interligação do município ao linhão do SIN.

Enfatiza-se que a problemática da distribuição de energia elétrica em Oiapoque, acarreta outras problemáticas nas redes informacionais no território fronteiriço aqui discutido. Como exemplo desse desencadear de problemas da conexidade das redes técnicas estabelecidas no território, tem-se a Internet e a telefonia fixa e móvel, que mesmo em um período de alta conectividade, marcado pela rede mundial de computadores, e avanços no sistema técnico-científico-informacional, Oiapoque apresenta sérias deficiências nas redes técnicas-informacionais na contemporaneidade, não diferente de outras realidades de pequenas cidades que também vivenciam o isolamento territorial brasileiro.

A questão do abastecimento elétrico do estado do Amapá, em 2020, foi amplamente divulgada, após uma triste e impactante crise energética vivenciada pelo estado, que ficou conhecida como o “apagão do Amapá”. No dia três de novembro de 2020, em plena pandemia mundial da COVID 19, um incêndio nos transformadores de energia, localizados em Macapá, que eram utilizados para distribuir energia elétrica para treze municípios amapaenses, trouxe enormes prejuízos para todo o estado, que passou por 22 dias em rodízio de distribuição elétrica, ocasionando imensurável sofrimento à população amapaense.

A problemática social instalada após o apagão, levou uma série de manifestações

populares, em todo o estado e causou comoção em todo território nacional, principalmente nas redes sociais, reivindicando às autoridades políticas, principalmente do Sr. Bento Albuquerque, Ministro de Minas e Energia (MME), o comprometimento para o reabastecimento elétrico e normalização dos serviços para todos os municípios atingidos por esta crise que, somente após 22 dias, os serviços de distribuição elétricas foram normalizados.

As fotografias sequenciais mostram estes protestos. A Figura 67 foi registrada pelo fotógrafo Maksuel Martins, divulgada nos sites de notícias, como G1, Estadão e Fotoarena, que mostra um protesto de moradores na capital Macapá, cobrando a normalização dos serviços e também a punição aos responsáveis.

Figura 67: Manifestação popular durante Apagão do Amapá, em Macapá

Fonte: Maksuel Martins (2020). Fonte: G1 Amapá. Disponível em: https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2020/11/18/apagao-no-amapa-veja-a-cronologia-da-crise-de-energia-eletrica.ghtml

O registro fotográfico (figura 68), disponibilizado pelo portal eletrônico Exame, também elucida, a manifestação popular, na capital Macapá, em meio à escuridão das ruas macapaenses, exigindo solução para a grave crise elétrica no Amapá. A fotografia é de autoria da fotógrafa Rudja Santos, divulgada em matéria no Portal Exame e Amazônia Real.

Figura 68: Manifestantes em meio à escuridão em Macapá

Fonte: Rudja Santos (2020). Fonte: Exame. Disponível em: https://exame.com/brasil/apagao-no-amapa-foi-inadmissivel-diz-ministro-de-minas-e-energia/.

Como destacou-se anteriormente, Oiapoque, não está interligado ao sistema nacional de abastecimento, e não foi atingida pelos blecautes. No entanto, como todo o estado e seus dezesseis município sofreram com a crise do setor energético, pois, a energia elétrica é essencial para a vida, e o apagão impactou negativamente todo o Amapá, pois, como a capital do estado, paralisou diversos serviços essenciais, atrelados, ao momento pandêmico mundial, consequentemente, todos os municípios foram prejudicados.

Dessa forma, relaciona-se estas desigualdades regionais presentes em nossa área de estudo, como as rugosidades espaciais e a disponibilidade técnica territorial, discutidas por Milton Santos (2002), como fruto da compreensão da acumulação desigual de diferentes tempos e temporalidades. Neste ínterim, ressalta-se o papel do Estado, na relação destas rugosidades, sendo ele, agente da difusão e permanência desta acumulação desigual dos tempos e disposição das técnicas na sociedade capitalista e no espaço geográfico, considerando-o enquanto um "sistema indissociável e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações" (SANTOS, 2002, p. 62).

Tais complexidades, acerca das diferentes, marcas das redes técnicas e suas distribuições no território brasileiro, faz pensar nas desigualdades territoriais no Brasil, como visto em Santos e Silveira (2001), e traz a reflexão de que o Brasil está próximo geograficamente de um país com outras realidades, inserido em uma outra lógica política

e econômica, onde cada Estado tem suas deficiências, em termos de conexidade de suas diferentes redes estabelecidas em seus respectivos territórios.

Tais fatos revelam um distanciamento na forma em que os territórios e as redes produzem o espaço fronteiriço, não somente na escala analisada, mas na Região Norte brasileira, mostrando proximidades e distâncias territoriais. Distâncias simbólicas que podem ser amenizadas ou não, a partir de diferentes objetos técnicos inseridos no espaço geográfico, como é o caso da Ponte Binacional, que será discutida no substituo a seguir, a fim de compreender seus impactos contemporâneos.

4.10 Ponte binacional: um nó na rede-territorial?

Música: ***A Ponte/Le Pont***

De concreto a ponte traz esperança.
Tão concretamente jaz na lembrança.
Onde o rio junta o Amapá e a Guiana,
Brasil e França.
Comtemplando o tempo novo que avança.
Ao encontro dessa mágica dança,
De se sonhar junto de caminhar junto.
Lado a lado até onde a vista alcança.
É preciso construir liberdade,
Pela estrada rumo o sol do futuro.
Onde a gente viva em paz a igualdade,
Que fará da ponte o porto seguro.
[...]

Artistas: Zé Miguel / Roseline Jersier
Álbum: Amazônia na veia.

A partir do trecho da riquíssima canção, interpretada por Zé Miguel e Roseline Jersier, grandes referências musicais amapaense e franco-guianense que esta seção inicia sua análise sobre os impactos mais amplos da Ponte Binacional Franco-Brasileira. Entre os elementos da rede-técnica de conexidade da fronteira franco-brasileira e também com importância para a integração e logística estado do Amapá, que provoca debates e incertezas para diferentes protagonistas e conta com inúmeros desafios, mas que representa potencialidades da integração transfronteiriça, é a Ponte Binacional.

O decreto 4373, de 12 de setembro de 2002, promulgou o acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Francesa, para o Projeto de Construção de uma ponte sobre o Rio Oiapoque, celebrado em Brasília, no dia 5 de abril de 2001 (BRASIL, 2002). A figura 69 apresentada a seguir, ilustra esse importante objeto técnico da interação entre o Amapá e a Guiana Francesa. Neste registro fotográfico também é possível visualizar uma típica embarcação utilizada por pescadores que se destinam ao Oceano Atlântico.

Figura 69: Ponte Binacional Franco-Brasileira sobre o rio Oiapoque

Fonte: Edenilson Moura (2019).

No entanto, muito antes da sua construção e inauguração, a Ponte Binacional integrava ações, para a tentativa de conectar fisicamente os dois países e promover o aprimoramento das relações transfronteiriças. A conclusão da ponte, ocorreu primeiro no lado francês e, quanto ao lado brasileiro, muito tempo se passou para a finalização das suas estruturas do "lado de cá". Sobre este assunto, SILVA (2014, p. 43) menciona:

> O governo brasileiro desde 1997 mantém negociações com o Governo Francês para implantar a construção de uma ponte ligando Oiapoque/BR a Saint-Georges-de-l'Oyapock / GF. Atualmente a construção física está finalizada, restando ainda ajustes importantes como sistemas de sinalização e também a construção do lado brasileiro.

A abertura total da Ponte foi prevista para o ano de 2012, mas somente no mês de março de 2017, teve sua abertura. Só se autorizou a circulação de pessoas, mediante os cumprimentos das burocracias internacionais, como a posse do visto de entrada/permanência e, para automóveis, os seguros devidamente pagos.

O prolongado atraso na abertura ocorreu por uma série de fatores, principalmente estratégicos, políticos e estruturais. Como apontado, no "lado francês" a estrutura dos postos de fiscalização aduaneira e demais estruturas localizadas em território francês ficaram prontas há muito tempo, realidade diferente à do Brasil, que mesmo após a abertura parcial, não concluiu a estrutura das instituições públicas fiscalizadoras da fronteira. Registra-se que a Polícia Federal e a Receita Federal já possuem sedes e atuam na ponte no lado brasileiro.

A abertura da ponte, de certa forma, sinaliza potencialidades e que pode promover, por exemplo, o desenvolvimento econômico para o Oiapoque. Um exemplo dessa possível melhoria econômica é a atividade turística que pode ser mais bem aproveitada diante das potencialidades turísticas existentes em Oiapoque, principalmente o turismo em áreas naturais. Portanto, é na cidade que há a concentração da oferta de hotéis, pousadas, bares e restaurantes e demais prestadores de serviços, que já se apropriam incipientemente da atividade turística oiapoquense. Dessa forma, o espaço urbano sob a égide econômica se beneficiaria com o turismo intensificado pós-abertura da ponte.

Silva e Granger (2019, p.7) destacam ainda nesta perspectiva, os impactos econômicos advindos da Guiana Francesa, para a economia urbana presenciada no em Oiapoque:

> A ligação terrestre trouxe para a fronteira um número maior de franco-guianenses e europeus, inclinados agora em conhecer o Brasil a partir de sua fronteira com a França ou mesmo utilizar Macapá como um ponto de deslocamento para diversos destinos. Também surgiram em Oiapoque clientes oriundos agora mais facilmente de Caiena e do litoral guianense, atraídos pelos preços mais em conta das mercadorias brasileiras. Assim, a circulação naquele espaço geográfico deixou de ser restrita aos moradores autóctones e conectou o sistema de circulação local a uma lógica reticular ampliada com as conexões rodoviárias.

Cabe, porém, destacar sobre a relevância do planejamento e gestão territorial é precipuamente se tratando da abertura de uma ponte que conecta fisicamente,

proximidades e distâncias. Nesta seara das externalidades deste processo, devem ser integralmente priorizadas nas elaborações de políticas em diferentes âmbitos, como econômicos políticos e culturais, evitando os conflitos que possam provocar o distanciamento e não a integração em múltiplos sentidos, entre os dois países, como por exemplo, entre as cidades gêmeas Oiapoque e *Saint George*.

A espacialidade urbana de Oiapoque, nesta perspectiva, corresponde ao território mais impactado, com a abertura da Ponte Binacional, diante das redefinições políticas e estratégicas de múltiplas forças e poderes sobre o espaço fronteiriço que ela desempenha e poderá desempenhar mais intensamente, afigurando-se, portanto, a ponte como um nó na rede territorial fronteiriço franco-brasileiro.

Como já discutido, é principalmente no espaço urbano de Oiapoque que os fluxos e interações fronteiriças materializam-se no espaço geográfico amapaense. No âmbito das possibilidades de desenvolvimento com a inauguração da ponte, Silva e Superti (2015, p. 65) consideraram:

> A inauguração da Ponte Binacional abre possibilidades para o desenvolvimento econômico e social do município ressaltando suas atividades comerciais e permitindo novas oportunidades com o aproveitamento de seu potencial turístico. Contudo, as políticas públicas de instalação das infraestruturas transfronteiriças (IIRSA e Programa de Aceleração do Crescimento – PAC) não vislumbram a inserção de mecanismos de desenvolvimento urbano em escala local. De modo que, se existem perspectivas positivas, elas só serão viabilizadas por políticas estruturais socioeconômicas fomentadas a partir do contexto local, caso contrário, a cidade de Oiapoque pode, também, se tornar simples rota de passagem, com seu atual centro comercial isolado pelo posicionamento do ramal de acesso que liga a ponte diretamente a BR-156 sem passar pelo núcleo urbano ou ainda o surgimento de uma nova cidade sob influência do fluxo entre a rodovia e a ponte.

A relevância da elaboração de políticas eficazes para a administração nos dois países beneficiados pela ponte, deve antepor o desenvolvimento econômico e social. Esta abertura suscitou conflitos entre os trabalhadores do rio fronteiriço. Refere-se aqui as catraias e as balsas, uma vez que a atividade é substituída, de certo modo, pela ponte, pois há pessoas que podem pagar os impostos cobrados para circular sobre a ponte. Em conversas informais com alguns catraieiros é comum o discurso da diminuição de passageiros na travessia do rio, principalmente de franceses vindos para o lado brasileiro, pois, muitas pessoas optam em atravessar a fronteira com veículos próprios e não mais com as tradicionais catraias.

Quanto às normas para travessia sobre a ponte, exige-se o visto para todos que desejam entrar oficialmente na Guiana Francesa, uma vez que esse é indispensável. O visto é emitido

pelo Consulado Francês que fica localizado na capital Macapá, exceto para aqueles que possuem passaporte de algum país vinculado à União Europeia.

Para a passagem de veículos sobre a ponte, deve ser feito o pagamento do seguro para os automóveis brasileiros para adentrarem e circularem no território da Guiana Francesa, valores que variam entre 250 a 450 euros, de acordo com o modelo do veículo. A ponte que inicialmente ficava aberta em dias e horários estabelecidos: segundas-feiras às sextas-feiras, das 8h às 18h e aos sábados, das 8h às 12h, em 2019, começou a funcionar todos os dias. Durante a pandemia mundial do Covid-19, com o fechamento das fronteiras, também teve suas atividades suspensas.

As recentes instalações dos postos da Receita Federal e também da Polícia Federal (figura70), na Ponte Binacional, acarreta mudanças na interligação fronteiriça. Por exemplo, a sinalização para o início do transporte de cargas sobre a ponte redefine as relações fronteiriças e estabelecem novas ordens territoriais e articulações de redes.

Figura 70: Perspectiva panorâmica da estrutura na ponte Binacional, no lado Brasileiro

Fonte: Edenilson Moura (2019).

Acredita-se que os impactos sócio-espaciais da abertura da Ponte Binacional ultrapassam a escala urbana local, mas, a conjuntura da cidade de Oiapoque se configura como porta de entrada e saída desta fronteira, que a credencia como espaço que deve ser priorizado na elaboração de políticas públicas estruturantes de desenvolvimento e integração regional e que fomentem o bem-estar social oiapoquense.

Até o presente momento, a ponte não efetivou o maior relacionamento e/ou a consolidação das interações bilaterais entre o Brasil – Oiapoque - Amapá com França - Guiana Francesa. Além disso, verifica-se que, principalmente por questões inerentes à valorização da moeda francesa se comparada à moeda brasileira, quem mais se beneficia atualmente nas travessias sobre o objeto técnico é a população do país vizinho.

Tendo isso em vista, é preciso avançar nas políticas internacionais, ainda que desde o período colonial muito já se tenha ocorrido neste processo de trocas internacionais, como a própria construção e inauguração da Ponte Binacional, que representa o estreitamento físico do Brasil com a França, na fronteira franco-brasileira. Contudo, o avanço é necessário para se alcançar o sonho partilhado, cantado por Zé Miguel e Roseline Jersier, na música apresentada no início e final desta seção (grifo nosso):

De concreto a ponte traz esperança.
Tão concretamente jaz na lembrança.
Onde o rio junta o Amapá e a Guiana,
Brasil e França.
Comtemplando o tempo novo que avança.
Ao encontro dessa mágica dança,
De se sonhar junto de caminhar junto.
Artistas: Zé Miguel / Roseline Jersier
Álbum: Amazônia na veia.

A Ponte / Le Pont

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma fronteira, antes de qualquer limite, é formada por sua gente.

Para que ocorra o desenvolvimento social em sua totalidade, é imprescindível a produção de novos conhecimentos destas realidades específicas em escalas locais/regionais e que todos os protagonistas sociais sejam partícipes do dito desenvolvimento, inclusive nas cidades de fronteira.

Desta forma, esta tese reafirma que as fronteiras do Brasil devem ser compreendidas e analisadas de maneira especial, por apresentarem diferentes particularidades e representarem potencialidades do desenvolvimento das interações do Brasil com outros países.

No entanto, observa-se que as fronteiras brasileiras, muito embora sejam contempladas em programas nacionais de desenvolvimento, são muitas vezes desprezadas por outras políticas públicas efetivas, principalmente urbanas, que considerem as suas diversidades urbanas-fronteiriças e o modo de vida das populações que vivem neste território brasileiro, nesta tese, analisou-se em especial, uma cidade fronteiriça amazônica.

Este estudo apresenta-se como possibilidade de uma contribuição acadêmica que vai além da compreensão somente da área em estudo. Mas também, pode afigurar-se como um mecanismo de suporte, para estabelecer ferramentas da gestão territorial para ter um melhor planejamento e direcionamento de políticas públicas mais eficazes no espaço urbano fronteiriço de Oiapoque, possibilitando, assim, novos mecanismos e práticas, através de políticas de planejamento urbano, por meio das realidades e singularidades aqui discutidas, esperando, dessa forma, contribuir com melhorias nesta importante área do território brasileiro, uma região fronteiriça repleta de vivacidade territorial.

Afinal, como é mencionado no principal monumento da cidade de Oiapoque, “Aqui começa o Brasil”, cidade que é reconhecida nacionalmente pela representação social simbólica de extremo norte brasileiro. A conhecida frase “do Oiapoque ao Chuí”, continua em muitos imaginários e representações sociais acerca das distâncias territoriais brasileiras.

Que este começo, não seja apenas no sentido locacional da dimensão territorial brasileira, mas sim, represente de outros (re)começos, de mudanças e práticas estruturais na cidade em sentidos amplos, sobretudo, em uma cidade com menos desigualdades sociais e mais justiça espacial.

Os desafios para o entendimento e gestão do território urbano fronteiriço são gigantes. No entanto, o reconhecer das potencialidades e limites da fronteira, além do limite internacional instituído no exercício do controle territorial, significa avanços para o desenvolvimento regional, que sinaliza a necessidade de projetos que realizem na prática a integração regional e desenvolvimento territorial urbano, para além da visão mercadológica e exploratória da fronteira franco-brasileira através de seus diferentes recursos.

Destaca-se que ambos os territórios analisados, seja o estado do Amapá, a cidade de Oiapoque, seja a Guiana Francesa, se inserem em perspectivas que os consideram como territórios periféricos, sobretudo do capital, considerando contextos maiores de atuação política e econômica destes espaços, o que pode justificar as atuais condições das interações transfronteiriças, mesmo que representem territórios com grandes potenciais estratégicos para o desenvolvimento social, para ambos os lados da fronteira.

Considerou-se o território aqui discutido como uma importante área fronteiriça para o contexto amapaense e amazônico, não somente para o contexto local e/ou regional, mas devido ao seu potencial de integração latino-americana e latino-europeia, representando, dessa forma, uma fronteira de destaque socioespacial em contextos analíticos maiores, frente às relações que possam ser intensificadas e consolidadas, com exemplo na interação cultural e econômica do território brasileiro com a França e/ou Guiana Francesa.

No entanto, diante de muitas políticas que perpetuam, esta região somente como território amazônico-periférico, continua-se uma fronteira com potencial simbólico de desenvolvimento, porém repleta de mazelas sociais e ausências de políticas públicas eficazes para melhoria da vida do povo fronteiriço.

Identificou-se, a partir da análise territorial, uma perspectiva reticular sobre as dinâmicas fronteiriças e suas implicações no âmbito da produção do espaço urbano, especificamente a partir da cidade de Oiapoque, destacando a fronteira como centralidade na função urbana oiapoquense, que amplia sua atuação para o contexto fronteiriço e regional, ao considerar os elos articuladores dos fluxos de pessoas e transportes, mesmo

com suas dificuldades estruturais de suas redes técnicas.

A tese considerou, portanto, o papel da articulação territorial em rede, por exemplo, entre as cidades gêmeas de Oiapoque e *Saint Georges*, que possuem padrões e mecanismos próprios de suas articulações reticulares, que se dão por meio de dinâmicas características da fronteira franco-brasileira, que se realizam através de diferentes protagonistas que territorializam e marcam no cotidiano, novas e velhas formas de produzir o espaço fronteiriço internacional amazônico.

Na fronteira franco-brasileira novos arranjos territoriais (re)dinamizam a produção do espaço geográfico, como a abertura da Ponte Binacional, que possibilita novas articulações dos territórios-redes, que reorganizam as dinâmicas da fronteira.

Tais arranjos territoriais tendem a transformar os diferentes fluxos sob a lógica reticular, estabelecendo novas formas de produção do espaço urbano-fronteiriço oiapoquense, levando ao aumento da circulação de pessoas e veículos, assim como a ampliação da atividade turística na cidade, fatos que exigirão muita atenção no planejamento territorial urbano a médio e longo prazo. Mas, até o presente momento, a abertura da ponte pouco contribuiu efetivamente para a melhoria do lado brasileiro, ao considerar as burocracias internacionais e altos custos para o brasileiro ter pleno acesso à Guiana Francesa e, por conseguinte, ao território francês.

Considerou-se nesta tese a complexidade dos territórios-redes, em diferentes níveis e padrões próprios de articulação regional, atrelados à dinamicidade fronteiriça, que possibilitam apontar a fronteira em evidência como uma centralidade na espacialidade urbana e não a tem como temática marginalizada, mas sim primaz. Tal abordagem se apresenta como estratégica para entendimento e gestão territorial, revelando assim o potencial analítico da fronteira através das dinâmicas territoriais e possibilidades de muitos vislumbrares para as Geografias do começo do Brasil.

Contudo, defende-se a tese de que a fronteira franco-brasileira onde Oiapoque se insere, é a força motriz contemporânea da produção do espaço urbano-regional oiapoquense que, por sua vez, amplia o impacto da cidade no contexto regional, ainda que muitas interações formais fronteiriças aconteçam de maneira tímida, mas que mesmo assim, possui grande potencial de ampliação destas trocas formais, sociais, políticas e econômicas. Portanto, a fronteira, permite uma compreensão de sua centralidade na produção do espaço urbano de Oiapoque, ao ampliar a escala de atuação da cidade em análise e intensificar o fenômeno urbano-fronteiriço, inserido em um contexto urbano amazônico.

REFERÊNCIAS

ADIALA, Cristiane de Sousa Mota. Cidades no limite internacional e a influência de políticas públicas oriundas de escalas de ação variadas: Uruguaiana e Santana do Livramento – RS. *In*: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina** – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo. Disponível em: http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiapolitica/01.pdf. Acesso em: 01 dez. 2020.

AMANAJÁS, Viviane Vanessa de Vilhena. **Dinâmica territorial da pesca na região transfronteiriça do norte do Brasil**: a pesca artesanal e conflitos de uso dos recursos pesqueiros, desafios para a gestão sustentável. Geography. Le Mans Université; Universidade Federal do Ceará (Brésil). Programa de Pós-Graduação em Geografia (Tese) 2019. Disponível em: https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-02161711/file/Th%C3%A8se_Doctorat_G%C3%A9ographie_%20M_%20Amanajas.pdf . Acesso em: 20 mar. 2021.

AMORIM, João Paulo de Almeida. O processo de formação e metropolização da região metropolitana de Macapá – breves reflexões. **Geografia ensino & pesquisa** – Universidade Federal de Santa Maria. v.23, e45, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/39329/html. Acesso em: 19 mar. 2021.

ALMEIDA, Carina Santos de; RAUBER, Alexandre Luiz**.** Oiapoque - aqui começa o Brasil: a fronteira em construção e os desafios do desenvolvimento regional. **Revista Redes** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 1, jan./abr. Santa Cruz do Sul, 2017. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/8532/pdf. Acesso em: 20 mar. 2018.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Para além das crenças sobre alimentos, comidas e sabores da natureza. **Mercator**, Fortaleza, v. 16, 2017. Disponível em: http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/2011/722. Acesso em: 10 dez. 2020.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Título original: L'épistemologie. Série: O saber da filosofia. Rio de Janeiro, Edições 70, 1971.

BECKER, Bertha Koiffmann. A geografia e o resgate da geopolítica. **Revista brasileira de geografia**, 1988. Número especial, v. 50, p. 99-126.

BECKER, Bertha Koiffmann. **Significância contemporânea da fronteira**: uma interpretação geopolítica a partir da Amazônia brasileira. *In:* AUBERTIN, C. (org.). Fronteiras. 1988. Brasília: Universidade de Brasília (UNB) 1988. p. 60-89.

BECKER, Bertha Koiffmann. **A urbe amazônida**: a floresta e a cidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

BECKER, Bertha Koiffmann. Novas territorialidades na Amazônia: desafio às políticas

públicas. **Boletim do museu paraense de história natural e etnographia Emílio Goeldi - ciências humanas**. Belém, v. 5, n. 1, 2010, p. 17-23. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v5n1/a03v5n1.pdf. Acesso em: 12 nov. 2020.

BECKER, Bertha Koiffmann. Gestion du Territoire et Territorialité en Amazonie Bresillièn ne: ntreprise d'Etat et Garimpeiros a Carajas**. L'espace geographique**, Paris, v. 3, 1989.

BENTO, Fábio Régio. **Cidades de fronteira e integração sul-americana**. Jundiaí: Paco editorial, 2013.

BENTO, Fábio Régio. Fronteiras, significado e valor - A partir do estudo da experiência das cidades-gêmeas de Rivera e Santana do Livramento. *In*: **Revista conjuntura austral**. v. 3, n. 12. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/24585/18864 Acesso: 21 jun. 2019.

BRASIL. Portaria nº 213, de 19 de julho de 2016. Estabelece o conceito de "cidades-gêmeas" nacionais, os critérios adotados para essa definição e lista todas as cidades brasileiras por estado que se enquadram nesta condição. Ministério da Integração Nacional. **Diário oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 19 de julho de 2016. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/diarios/120989142/dou-secao-1-20-07-2016-pg-12. Acesso em: 12 jun. 2018.

BRASIL. Decreto nº. 4373 de 12 de setembro de 2002. **Promulgação da construção da Ponte Binacional** – parceria entre Brasil e França. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4373.htm. Acesso em: 10 ago. 2018.

BRASIL. Portaria nº 1.080, de 24 de abril de 2019. Inclui o município (Cáceres – MT) no Anexo da Portaria n. 213, de 19 de julho de 2016, que estabelece o conceito de "cidades-gêmeas" nacionais, os critérios adotados para essa definição e lista todas as cidades brasileiras por Estado que se enquadram nesta condição. Ministério do Desenvolvimento Regional. **Diário oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 24 de abril de 2019 – Seção 1, n° 81, p.10. Disponível em: https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n%C2%BA-1.080-de-24-de-abril-de-2019-85673267. Acesso em: 02 maio 2020.

BRASIL. Portaria nº3.227, DE 28 DE DEZEMBRO DE 2020. Estabelece o Programa Fronteira Integrada como iniciativa de implementação da Política Nacional de Desenvolvimento Regional. Ministério do Desenvolvimento Regional. **Diário oficial da República Federativa do Brasil**. Publicado em: 29/12/2020. Edição: 248. Seção: 1. Página: 709. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-3.227-de-28-de-dezembro-de-2020-296802020. Acesso em: 20 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação**. Diretrizes gerais do programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das Universidades Federais (REUNI)**: Ministério da Educação; Brasília. REUNI. 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf. Acesso em: 12 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 378, de 9 de maio de 2016. Dispõe sobre a autorização de funcionamento de unidades dos Institutos Federais e atualiza a relação de unidades que integram a rede federal de educação profissional, científica e tecnológica. **Diário oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, nº 88, seção 1, terça-feira, 10 de maio de 2016. Disponível em: http://simec.mec.gov.br/academico/mapa/dados_instituto_edpro.php?uf=SE&arquivo=15759647. Acesso em: 15 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 1.291, de 30 de dezembro de 2013. Estabelece diretrizes para a organização dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e define parâmetros e normas para a sua expansão. **Diário oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, nº 253, terça-feira, 31 de dezembro de 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/docman/41001-por-1291-2013-393-2016-setec-pdf/file. Acesso em: 15 dez. 2020.

BRASIL. Lei º 13. 465/2017. **Dispõe sobre a regularização fundiária rural e urbana, sobre a liquidação de créditos concedidos aos assentados da reforma agrária e sobre a regularização fundiária no âmbito da Amazônia Legal**. Brasília, DF, 11 de julho de 2017. Disponível em: http://planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13465.htm. Acesso em 18 jan. 2020.

BRASIL. **Faixa de fronteira**: Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira – PDFF. Secretaria de Programas Regionais Ministério da Integração Nacional, Brasília, 2005.

BRASIL. **Consolidação dos planos de desenvolvimento e integração das faixas de fronteira**. Ministério da Integração Regional. Brasília, 2017.

BRITO, Edson Machado de. Clevelândia do Norte (Oiapoque): tensões sociais e desterro na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. **Escritas**: Revista do Curso de História da Universidade Federal do Tocantins. Ano 2005. Disponível em: http://download.uft.edu.br/revistaescritas/sistema/uploads/clevelacc82ndia-do-norte-oiapoque-tensocc83es-sociais-e-desterro-na-fronteira-do-brasil-com-a-guiana-francesa.pdf. Acesso em: 02 jan. 2021.

CAMPETELA, Cilene. SANTOS, Gélsama Mara Ferreira dos. SILVA, Elissandra Barros da. SILVA, Glauber Romling da. Documentação linguística, pesquisa e ensino: revitalização no contexto indígena do norte do Amapá. Revista Linguística. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Volume 13, n.1, jan, de 2017, p. 151-167. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rl Acesso em: 10 dez. 2020.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: FFLCH,: 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Dinâmica urbana e metropolização**:** desvendando os processos espaciais. *In:* FERREIRA, Alvaro, RUA, João, MARAFON, Glaucio José, SILVA, Augusto César Pinheiro da. (org.). **Metropolização do espaço**: gestão territorial e relações urbano-rurais. Ed. Consequência, São Paulo: Consequência, 2013, p.35-52.

CASTELLS, Manuel Oliván. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CATAIA, Márcio. A relevância das fronteiras no período atual: Unificação técnica e compartimentação política dos territórios. **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Universidade de Barcelona. Vol. XI, núm. 245 (21). IX Colóquio Internacional de Geocrítica – los problemas del mundo actual soluciones y alternativas desde la geografia y las ciencias sociales. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: http://www.ub.edu/geocrit/9porto/cataia.htm. Acesso em: 01 de jun. 2019.

CATAIA, Márcio. **Território nacional e fronteiras internas**. A fragmentação do território brasileiro. Programa de Pós-Graduação em Geografia (Tese de Doutorado), Área de Humanas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2001.

CASTRO, Edna. HAZEU, Marcelo. Cidades, fronteiras transnacionais e migração na Pan-Amazônia. **Somanlu**: revista de estudos amazônicos. Ano 12, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/440/27. Acesso em: 02 fev. 2021.

CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, Iná. Elias de. GOMES, Paulo Cesar da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs). *In:* **Geografia**: conceitos e temas. 15ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, RJ. 2012.

CLAVAL, Paul. O papel dos rios internacionais no dialogo regional: os casos do Reno e do Saint-Laurent. *In:* NUÑES, Ângel. PADOIN, Maria Medianeira. OLIVEIRA, Tito Carlos Machado. **Dilemas e diálogos platinos**: fronteiras. Dourados, MS. Ed.UFGD, 2010, p. 39-58.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre agentes sociais, escalas e produção do espaço: um texto para discussão *In:* CARLOS, Ana Fani Alessandri. SOUZA, Marcelo Lopes. Spósito, Maria Encarnação Beltrão. (org.). **A produção do espaço urbano**: agentes, processos, escalas e desafios – 1.ed. 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Edgar Aparecido da. Os bolivianos em Corumbá-MS: construção cultural multitemporal e multidimensional na fronteira. **Cadernos de estudos culturais**: fronteiras culturais. Campo Grande, MS, v. 4, n. 7, p. 17 – 33, jan. /jun. 2012, p. 18-32. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4692. Acesso em: 02 jan. 2021.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Maritimidade nos trópicos**: por uma Geografia do litoral. Eustógio Wanderley Correia Dantas. - Fortaleza: Edições UFC, 2009. Disponível em: http://www.ppggeografia.ufc.br/index.php/pt-br/colecao-de-estudos-geograficos/33-livros-publicados/180-maritimidade-nos-tropicos-por-uma-geografia-do-litoral. Acesso em: 10 dez. 2020.

DIAS, Leila. Christina. Redes: emergência e organização. *In:* CASTRO, Iná. Elias de. GOMES, Paulo Cesar da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs). **Geografia**: conceitos e temas.15ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, RJ. 2012.

DNIT**,** Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes. **Dados cartográficos – sistema de informação geográfica**. Disponível em: http://servicos.dnit.gov.br/vgeo/ Acesso em: 22 abr. 2021.

DRUMMOND, José Augusto. PEREIRA, Mariângela de Araújo Póvoas. **O Amapá nos tempos do manganês**: um estudo sobre o desenvolvimento de um estado amazônico (1943 -2000). Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades**. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

ESPIRITO SANTO, Marilucia Marques do. **De Oiapoque a Saint-George**: uma pesquisa sociolingüística em meio escolar na fronteira Brasil e Guiana Francesa. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

EUZÉBIO, Emerson Flávio. A porosidade territorial na fronteira da Amazônia: as cidades gêmeas Tabatinga (Brasil) e Leticia (Colômbia). **Cuadernos de geografía:** revista colombiana de geografía. 2014, 23, 109-124. ISSN: 0121-215X. Disponível em: ttps://www.redalyc.org/articulo.oa?id=281829103013. Acesso em: 20 fev. 2021.

FEITOSA, Audalice dos Santos Feitosa. MOURA, Edenilson Dutra de. Dinâmicas comerciais da cidade de Oiapoque – AP – Brasil: sob o contexto fronteiriço. **Revista Geonorte**, V.9, N.33, p.43-65, 2018. Disponível em: https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/revista-geonorte/article/view/4779/3990. Acesso em: 12 jun. 2020.

FERREIRA, André Cassino. Interações na Fronteira Brasil Uruguai: um estudo de caso das cidades de Jaguarão e Río Branco. *In:* **Anais da III Conferência Internacional Desenvolvimento Urbano em Cidades de Fronteira**. Foz do Iguaçu: IAB-PR, 2009.

FOUCHER, Michel. **Fronts et frontières**: un tour du monde géopolitique. Paris: Fayard, 1991.

FRESCA, Tânia Maria. Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias. **Mercator**. Número especial, set./dez, 2010. Disponível em: http://www.periodicos.ufc.br/mercator/article/viewFile/700/677. Acesso em: 12 jun. 2019.

GOÉS, David Souza. **A produção do espaço urbano na cidade de Oiapoque e a sua relação com a garimpagem de ouro na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa**. 2019. 227 f. Tese (Doutorado em Ciências: Desenvolvimento Socioambiental) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, 2019. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/retrieve/63864/Tese_ProducaoEspacoUrbano.pdf .

Acesso em: 20 mar. 2020.

GOMES, Rita de Cássia da Conceição. Buscando compreender as pequenas cidades. *In:* OLIVEIRA, José Aldemir. **Cidades brasileiras**: territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

GRANGER, Stéphane. O contestado Franco-Brasileiro: desafios e consequências de um conflito esquecido entre a França e o Brasil na Amazônia. **Revista cantareira**. Dossiê Guerras, conflitos e tensões. Edição 17, jul./dez, 2012. Disponível em: https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27891. Acesso em: 12 mar. 2021.

HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização e identidade**: a rede "gaúcha" no Nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios**: à multiterritorialidade. Rio Grande do Sul, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HAESBAERT, Rogério. As armadilhas do território. *In:* SILVA, José Borzacchiello da. DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. De nordeste e de cidade no território de semiaridez. In: SILVA, José Borzacchiello da. SILVA, Cícero Nilton da. DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. (org.). **Território**: modo de pensar e usar. Edições UFC, 2016, p. 19-42.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na "América Latina". 1 ed. Ciudade Autónoma de Buenos Aires: Consejo Latino Americano de Ciencias Socialies (CLACSO); Programa de Pós-Graduação em Geografia: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2021.

HELFENSTEIN, Adriano Michel. **A influência das redes geográficas no atual estágio de desenvolvimento do município de Oiapoque – Amapá**. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. 206 f. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9675. Acesso em: 01 mar. 2021.

HENRIQUE, Wendel. Dinâmicas urbanas e regionais em cidades médias após a instalação de universidades públicas. *In:* **Anais do XII seminário da rede iberoamericana de pesquisadores sobre globalização e território**, 2012, Belo Horizonte. 2012. v. 01. p. 01-16.

HIGA, Tereza Cristina Cardoso de Souza. ROMANCINI, Sônia Regina. NUNES, Maria Aparecida. Mato Grosso: dinâmica Urbano-regional do estado. *In:* PEREIRA, Rafael Henrique Moraes. FURTADO, Bernardo Alves (org.). **Dinâmica urbano-regional**: **rede urbana e suas interfaces.** Brasília: IPEA, 2011. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_dinamicaurbano.pdf. Acesso em: 10 set. 2019.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras**: inserções da geografia na

crise da modernidade. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

IBEU. **Índice de bem-estar urbano dos municípios brasileiros**. Observatório das Metrópoles, Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano e Regional, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia. Disponível em: http://observatoriodasmetropoles.net/. Acesso em: 02 maio 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas populacionais do ano de 2018 dos municípios amapaenses**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/cidadesat. Acesso em: 10 jun. 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de influência de cidades** - 2007. Rio de Janeiro. IBGE, 2008.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cadastro de municípios localizados na faixa de fronteira**. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/fronteira.shtm?c=3. Acesso em: 22 jul. 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Oiapoque**: história e fotos. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/bibliotecacatalogo.html?id=43265&view=detalhes. Acesso em: 12 mar. 2021.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Geociências**. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html. Acesso: 28 abr. 2021.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Resolução nº 1, 2015, altera a caracterização do sistema geodésico brasileiro**. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/metodos_e_outros_documentos_de_referencia/normas/rpr_01_25fev2005.pdf. Acesso em: 12 abr. 2021.

IEPE, Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena. **Artefatos e matérias-primas dos povos indígenas do Oiapoque**. São Paulo: IEPE, 2013, 190 p.

IEPE, Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena. **Turé dos povos indígenas do Oiapoque**. Museu do índio; FUNAI. Rio de Janeiro: IEPÉ, 2009. 100p. Disponível em: https://institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2020/07/livro_ture_povos_oiapoque.pdf. Acesso em: 1 dez. 2020.

IFAP, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP) Campus Avançado Oiapoque. **Histórico**. Disponível em: https://oiapoque.ifap.edu.br/index.php/campus-avancado-oiapoque. Acesso em: 19 fev. 2021.

INSEE, Institut national de la statistique et des études économiques. **Statistics na studies**. Disponível em: https://www.insee.fr/en/accueil. Acesso: 4 abr. 2021.

INSEE, Institut national de la statistique et des études économiques. Recensement de la population en Guyane: 276. 128 habitants au 1er janvier 2018. **INSEE Flash.** Num.

131. Décembre, 2018. Disponível em: https://www.epsilon.insee.fr/jspui/bitstream/1/138446/1/gy_inf_131.pdf. Acesso em: 12 jan. 2021.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Imigração Venezuela-Roraima**: evolução, impactos e perspectivas. Ministério do Desenvolvimento Regional. 2021. Disponível em: https://dx.doi.org/10.38116.\ridirur.imigracaovenezuela-roraima. Acesso em: 10 jun. 2021.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Ponte do Abunã pode tornar o Acre centro logístico e produtivo**. Nota de divulgação do IPEA. Data: sete de maio de 2021. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=37952&catid=6&Itemid=4. Acesso em: 10 jun. 2021.

JESUS, Tereza de. et al. **Samba-enredo do Oiapoque ao Chuí, sou mais Brasil**. Boêmios de Inhaúma, 2003.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: EdUFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Título original: *Le Droit à la ville*. Paris, Anthropos, 1968.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Paris: Antropos, 1974.

LENCIONI, Sandra. Da cidade e sua região à cidade-região. *In:* SILVA, José Borzacchiello da; LIMA, Luiz Cruz; ELIAS, Denise (org.). **Panorama da geografia brasileira I**. São Paulo: Annablume, 2006.

MACHADO, Lia Osório. Limites, fronteiras, redes. *In:* STROHAECKER, Tânia Marques. et al. (Org.). **Fronteiras e espaço global**, AGB-Porto Alegre, Porto Alegre, 1998, p.41-49.

MARINA, Regitiz Montenegro. A teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos: de seu surgimento à sua atualização. **Revista geográfica venezolana**, vol. 53, núm. 1, enero-junio, 2012, pp. 147-164. Universidad de los Andes Mérida, Venezuela. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/3477/347730388009.pdf. Acesso em: 21 fev. 2021.

MARTIN, André Roberto. **Fronteiras e nações**. São Paulo: Contexto, 1997.

MARTINELLI, Marcello. **Mapas da geografia e cartografia temática**. Editora Contexto, São Paulo, 2016.

MARTINS, Carmentilla das Chagas. Migração transfronteiriça na Amazônia: brasileiros na Guiana Francesa. *In:* **Anais do III Simpósio de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Programa "San Tiago Dantas"** (UNESP, UNICAMP e PUC/SP). São Paulo, 2011.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 11. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 1999.

MME, Ministério de Minas e Energia. **Sistemas isolados**: estudo de alternativas para suprimento de energia elétrica ao Oiapoque pelo sistema interligado nacional. Brasília; Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: http://www.epe.gov.br/sitespt/publicacoesadosabertos/publicacoes/PublicacoesArquivos/publicacao-281/EPE-DEE-NT-001-2018-r0%20-20Alternativas%20Oiapoque.pdf. Acesso em: 25 jun. 2018.

MOURA, Edenilson Dutra de. **Conectando o urbano e o ensino superior**: dinâmicas espaciais em Sinop – MT. 2015. 274 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Cuiabá, 2015. Disponível em: http://ri.ufmt.br/handle/1/1243. Acesso em: 12 jan. 2020.

MOURA, Edenilson Dutra de. Urbano-fronteiriço: espacialidades e especificidades urbanas na fronteira franco-brasileira – Oiapoque – Amapá. **Revista Casa de Makunaima**. Edição 1 (2018) p. 51-65 Disponível em: https://doi.org/10.24979/makunaima.v1i1.403. Acesso em: 20 de ago. 2018.

MOURA, Edenilson Dutra de. Território, fronteira e conec-cidade: um olhar para a fronteira franco-brasileira. **Revista Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 22, n. 3, p. 143-161, 30 dez. 2020. Disponível em: https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/724/579 Acesso em: 12 jan. 2021.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1994.

MULATO, Wesley Pereira. MOURA, Edenilson Dutra de. Fluxos imigratórios ilegais e dinâmicas territoriais na fronteira franco-brasileira. **Revista Equador**: Revista da Pós-graduação em Geografia, do Centro de Ciências Humanas e Letras da UFPI. Vol. 8. N. 2, 2019. Disponível em: https://revistas.ufpi.br/index.php/equador/article/view/9145/5400. Acesso em: 12 jul. 2020.

NASCIMENTO, Oscarito Antunes do. TOSTES, José Alberto. Oiapoque – "Aqui começa o Brasil": as perspectivas de desenvolvimento a partir da BR-156 e da Ponte Binacional entre o Amapá e a Guiana Francesa. *In:* **Anais do IV Encontro da Associação Nacional da Pós-Graduação, Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS)**, Brasília, 2008.

NASCIMENTO, Valdir Aragão do. Fronteiriço, brasileiro, paraguaio ou brasiguaio? Denominações identitárias na fronteira Pedro Juan Caballero (PY) e Ponta Porã (BR). **Ilha**: **Revista de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina.** v. 16, n. 1, p. 105-137, jan./jul. 2014. Disponível em: DOI: http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2014v16n1p105. Acesso em: 13 jan. 2021.

NETO, Thiago Oliveira. NOGUEIRA, Ricardo José Batista, RAFAEL, Carlos Eduardo Silva Simões. YANO, Yuji Santos. As dinâmicas de transportes na fronteira Brasil-Bolívia: Guajará Mirim-Guayaramerín**. Revista transporte y territorio**. 2020. (22). Disponível em: http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/rtt/article/view/6696. Acesso em: 13 jan. 2021.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. As redes geográficas na fronteira da Amazônia**. Revista Acta Geográfica**, ANO II, n°3, jan./jun. de 2008. p.41-57. Disponível em: https://revista.ufrr.br/actageo/article/view/187. Acesso em: 01 dez. 2020.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Território de fronteira: Brasil/ Colômbia. **Dialnet.** Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais, Portugal, 2004. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=548191. Acesso em: 14 dez. 2020.

NOLETO, Rodrigo. FILIZOLA, Bruno. **Estudo de viabilidade econômica e pesquisa de mercado do açaí in natura das terras indígenas Uaçá, Juminã e Galibi**: Caracterização e análise da cadeia produtiva do açaí das Terras Indígenas do Oiapoque, Amapá. Documento Elaborado por Habitat Consultoria de Projetos Socioambientais. Contratante: The Nature Conservancy (TNC). Brasília, 2013. Disponível em: https://www.tnc.org.br/content/dam/tnc/nature/en/documents/brasil/acai-in-natura-Oiapoque.pdf Acesso em: 20 mar. 2021.

OLIVEIRA, Betiana de Souza. **Dinâmicas sociais na fronteira entre o estado do Amapá e a Guiana Francesa**: um estudo sobre Oiapoque, Vila Vitória do Oiapoque e Cayenne. 2011. 126 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal do Amapá, Macapá-AP, 2011.

OLIVEIRA, José Aldemir de. Cidades, rios e floresta: raízes fincadas na cultura e na natureza. In: BRAGA, Sérgio Ivan Gil (org.). **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. et al. Cidades de fronteira e a rede urbana. PEREIRA, Rafael Henrique Moraes. FURTADO, Bernardo Alves (org.). **Dinâmica urbano-regional**: rede urbana e suas interfaces. Brasília: IPEA, 2011. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_dinamicaurbano.pdf. Acesso em: 12 set. 2019.

OCHA, Service; Institut national de l'information géographique et forestière (IGN. French Guiana. **Subnational administrative boundaries**. Disponível em: https://data.humdata.org/dataset/french-guiana-administrative-level-0-1-and-2-boundaries. Acesso: 4 abr. 2021.

PALHARES, José Mauro. GUERRA, Antônio José Teixeira. Potencialidades no município de Oiapoque, Amapá, para o desenvolvimento do geoturismo. **Espaço Aberto**. V. 6, N.2, p. 51-72, 2016. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/5219/6170. Acesso em: 12 dez. 2020.

PEIXOTO, Adão José. A relação entre filosofia e práxis nas concepções de Hegel Marx**.**

Revista Formação. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Presidente Prudente, 1995.

PÊGO, Bolívar. MOURA, Rosa. NUNES, Maria. Interações entre Cáceres (Mato Grosso) e San Matías (Bolívia): a pertinência de uma nova cidade gêmea brasileira. **IPEA**: boletim regional, urbano e ambiental, jul./dez. 2019, p. 39-47. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9659/1/BRUA21_Ensaio3.pdf. Acesso em: 15 maio 2020.

PEREIRA, Mariana Cunha. Processos migratórios na fronteira Brasil-Guiana. **Estudos Avançados**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. V. 20 (57), 2006, p.209-219. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/FmJqQkMzyd3WFjHdtRTXLpj/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 13 mar. 2021.

PORTILHO, Ivone dos Santos. **Áreas de ressaca e dinâmica urbana em Macapá/AP**. Tese (Doutorado em Geografia). UNESP: Rio Claro, 2010. Disponível em: http://www.uc.pt/fluc/cegot/VISLAGF/actas/tema4/ivone. Acesso em: 19 jan. 2021.

QUINHÕES, Roberto Chiarella. ¿Conurbación o ciudad internacional? Gestión urbana e impactos en el território Iñapari, Assis Brasil, Bolpebra. **Espacio y desarrollo**. Pontificia Universidad Católica del Perú; Departamento de Humanidades; Centro de Investigación em Geografía Aplicada, nº 17, 2005.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAFFESTIN, Claude. Éléments pour une Problématique des Régions Frontalières. In: **L'espace géographique**, nº 1, 1974, 12-18. Paris, 1974.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras**: habitação e especulação, o direito à moradia, os movimentos populares. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

ROMANI, Carlo. A história entre o oficial e o lendário: interações culturais no Oiapoque. 2010. In: **Revista antíteses**, vol. 3, n. 5, jan.-jun. de 2010, pp. 145-169. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses. Acesso em: 01 de fev. 2019.

ROMANI, Carlo. Clevelândia, Oiapoque: cartografias e heterotopias na década de 1920. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 6, n. 3, p. 501-524, set.-dez. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/ZSwk9JGYfFbRTfCm48qF8Yb/?lang=pt. Acesso em: 17 jan. 2021.

ROSEIRA, Antonio Marcos. **Foz do Iguaçu**: Cidade rede sul-americana. Dissertação. (Mestrado em Geografia). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 171 f. 2006. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-18062007-152226/publico/TESE_ANTONIO_MARCOS_ROSEIRA.pdf. Acesso em: 15 jan. 2021.

SACK, Robert David. **Human territoriality**: its theory and history. London: Cambridge University, 1986.

SANTOS, Denis Cereja dos. O urbano na fronteira: a realidade das cidades de Barracão/PR, Dionísio Cerqueira/SC e Bernardo de Irigoyen/Misiones/Arg. **Geoingá**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Maringá, v. 10, n. 2, p. 163-181, 2018.Disponível:https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/49415/751375140492. Acesso em: 10 jan. de 2020.

SANTOS, EMMANUEL RAIMUNDO COSTA. **Amazônia setentrional amapaense**: do "mundo" das águas às florestas protegidas. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia - FCT/Campus Presidente Prudente Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Ed. Hucitec, SP. 2002.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1982.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, Milton. Le circuit inférieur: le soi-disant secteur informel. **Les temps modernes.** 1976, p. 741-755.

SAQUET, Marcos Aurélio. L'approche territoriale historico-critique et relationnelle: une analyse comparative. URBIA - **Les cahiers du développement urbain durable**, v. 16, p. 229-247, 2014. Disponível em: https://www.unil.ch/ouvdd/files/live//sites/ouvdd/files/shared/URBIA/urbia_16/Decoupe_15.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.

SCHOR, Tatiana. AZENHA, Gustavo e BARTOLI, Estevan. Contemporary urbanization in the brazilian Amazon: food markets, multisited households and ribeirinho livelihoods. In: **Confins: Revue franco-brésilienne de géographie**. N. 37, 2018. Disponível em:https://doi.org/10.4000/confins.15682. Acesso em: 20 de ago. 2020.

SERRES, Michel. **Atlas**. Tradução: João Paz. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

SILVA, Ana Regina Ferreira da. **Perspectivas das políticas territoriais na faixa de fronteira internacional da Amazônia oriental brasileira**: Estados do Pará e Amapá. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Belém, 2011.

SILVA, José Borzacchiello da. **Quando os incomodados não se retiram:** uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza. Fortaleza, Multigraf, 1992.

SILVA, José Borzacchiello da. Discutindo o rural e o urbano. In: **Revista da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE).** V.7, N.8, p. 3-11, 2011.

SILVA, José Borzacchiello da. DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. De nordeste e de cidade no território de semiaridez. *In*: SILVA, José Borzacchiello da. SILVA, Cícero Nilton da. DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. (org.). **Território**: modo de pensar e usar. Edições UFC, 2016.

SILVA, José. A cidade de Oiapoque e as relações transnacionais na fronteira Amapá - Guiana Francesa. **História Revista** – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. V.10 (2), 2005. Disponível em https://doi.org/10.5216/hr.v10i2.9167 Acesso em: 20 maio 2019.

SILVA, Gutemberg de Vilhena. **Usos contemporâneos da fronteira franco-brasileira**: entre os ditames globais e a articulação local. Macapá: UNIFAP, 2013.

SILVA, Gutemberg de Vilhena. **Oiapoque**: potencialidades e caminhos neste século XXI. Macapá: UNIFAP, 2014.

SILVA, Gutemberg de Vilhena. SUPERTI, Eliane. Fronteira internacional do Amapá: processos de interação e estratégias de defesa e segurança. *In*: PORTO, Jadson Luis Rebelo; CHAVES, Daniel; NORONHA, Andrius (org.). **A fronteira setentrional brasileira**: das histórias pós-coloniais à formação de uma fronteira tardia. Macapá; Rio de Janeiro: Edunifap; Autografia Editora, 2015.

SILVA, Gutemberg de Vilhena.; GRANGER, Stephane; LE TOURNEU, François Michel. Challenges to circulation on the border between Brazil and French Guiana (France). **Mercator**, Fortaleza, v. 18, set. 2019. ISSN 1984-2201. Disponível em: http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e18018fr>. Acesso em: 10 set. 2020.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. **O papel das cidades gêmeas de Brasiléia, Epitaciolândia e Cobija na intermediação das relações entre o Brasil e a Bolívia**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

SILVA NETO, Antonio Sabino da; LANDIM NETO, Francisco Otávio. Conflitos socioambientais entre a comunidade da sede distrital de Vila Brasil, Oiapoque – Amapá e o Parque Nacional Montanhas Do Tumucumaque: a fronteira franco brasileira em debate. **REDE - Revista Eletrônica do PRODEMA**, Fortaleza, v. 11, n. 1, dez. 2017. Disponível em: http://www.revistarede.ufc.br/rede/article/view/468. Acesso em: 5 jun. 2020.

SIMIELLI, Maria Elena. Mapa como meio de comunicação e alfabetização cartográfica. 2014. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de (org.). **Cartografia escolar**. Editora Contexto, São Paulo, 2014.

SOARES, Beatriz Ribeiro; MELO, Nágela Aparecida de. Revisando o tema da pequena

cidade. In: SILVA, Anieres Barbosa; GOMES, Rita de Cássia da Conceição; SILVA, Valdenildo Pedro de. (org.). **Pequenas cidades**: uma abordagem geográfica. Natal: Editora da UFRN, 2009.

SOUZA, Ana Claudia Machado de. **Análise do planejamento urbano de um espaço em transformação**: as cidades de Macapá e Santana na perspectiva do desenvolvimento local. Dissertação. (Mestrado Integrado em Desenvolvimento Regional). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Universidade Federal do Amapá. Macapá, 2014.

SOUZA, Marcelo Lopes. O território: sobre espaço de poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO. I. E. de et al. (org.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

STAEVIE, Pedro Marcelo. Expansão urbana e exclusão social em Boa Vista – Roraima. **Oculum ensaios**: revista de arquitetura e urbanismo. Campinas, n. 13, p. 68-87, 2011. Disponível em: http://periodicos.puccampinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/142. Acesso em: 10 de dez. 2020.

TOBLER, Alfred W. **Dicionário Crioulo Karipúna/Português, Português/ Crioulo Karipúna**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1987. Disponível em: https://www.sil.org/system/files/reapdata/51/63/94/516394093482286998871065871262239111/KADic.pdf. Acesso em: 07 jan. 2020.

TORRES, Marcos Alberto. KOZEL, Salete. Le paysage sonore de l'île des Valadares: perception et mémoire dans la construction de l'espace. **Géographie et cultures.** Date de publication: 1 juillet - 2011. Disponível em: https://journals.openedition.org/gc/681?lang=en . Acesso em: 18 dez. 2020.

TOSTES, José Alberto. Transformações e dinâmicas urbanas ocorridas nas cidades do estado do Amapá (1950-2010). *In*: PORTO, Jadson Luís Rebelo (org.). **Dinâmicas periférico-estratégicas da fronteira da Amazônia setentrional**: das políticas públicas e redes institucionais à integração espacial. Rio de Janeiro: Publit, 2013.

TRINDADE JÚNIOR, Saint Clair Cordeiro da. "Das cidades na floresta" às "cidades da floresta": espaço, ambiente e urbanodiversidade na Amazônia brasileira: **Papers do NAEA**. N. 321. Belém, 2013.

TRINDADE JÚNIOR, Saint Clair Cordeiro da. Cidade e centralidade urbanas na Amazônia dos diferentes ordenamentos territoriais ao processo de urbanização difusa. **Cidades**. Vol. 12, n .21. p. 305 – 334. 2015. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/4872. Acesso em: 03 nov. 2019.

UNIFAP, Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional Oiapoque, **Histórico**. Disponível em: https://www2.unifap.br/oiapoque/campus-binacional-do-oiapoque/historico/. Acesso em: 21 fev. 2021.

UNIFAP, Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional Oiapoque. **Campus Binacional de Oiapoque segue com obras de construção do Bloco B**. Disponível em: http://www.unifap.br/campus-binacional-de-oiapoque-segue-com-obras-de-construcao-do-bloco-b/. Data:15 de abril de 2020. ASCOM UNIFAP. Acesso em: 07 jan. 2021.

UNIFAP, Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional Oiapoque. **Portfólio das necessidades**: Campus Binacional Oiapoque. 2019. Disponível em: https://www2.unifap.br/oiapoque/files/2019/05/Anexo-2-Portif%c3%b3lio-Campus-Binacional-de-Oiapoque.pdf . Acesso em: 16 fev. 2021.

VELÁSQUEZ, Blanca Rebeca Ramírez. Do debate sobre as escalas à apologia localista na América Latina. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Brandão; FERNÁNDEZ, Victor Ramírez; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. **Escalas espaciais, reescalonamentos e estatalidades**: lições e desafios para América Latina/ organização - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2018. Disponível em: http://lepur.com.br/wp-content/uploads/2018/04/Brandao_Fernandes_Ribeiro_escalas_espaciais2018.pdf. Acesso em: 08 dez. 2020.

VIDAL, Lux Boelitz. **Povos indígenas do baixo Oiapoque**: o encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver. 2. ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio e IEPE, 2009, 96p. Disponível em: https://institutoiepe.org.br/wpcontent/uploads/2020/07/livro_povos_indigenas_do_oiapoque-baixa_resolucao.pdf. Acesso em: 03 maio 2019.

VIDAL, Lux Boelitz. **Galibi Marworno**: cotidiano e vida ritual. 2000. Disponível em: www.institutoiepe.org.br. Publicado em: https://institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2020/07/doc13.pdf. Acesso em: 04 jan. 2020.

APÊNDICE A - OFÍCIO ENCAMINHADO PARA A DELEGACIA DA POLÍCIA FEDERAL DE OIAPOQUE

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Oficio nº 02/2019 – COLEGIADO DE GEOGRAFIA/ CAMBINACIONAL/ UNIFAP

Oiapoque, 15 de março de 2019.

Ao: Delegado chefe
Delegacia da Polícia Federal do Município de Oiapoque

Assunto: **Solicitação de dados de entrada e saídas de pessoas**

Venho requerer através deste a obtenção de dados atuais referentes ao controle de entrada e saída de estrangeiros, no tocante a nacionalidade e quantitativo dos mesmos, para constar na Pesquisa de Doutorado intitulada: "Do Oiapoque ao... Desvelar da fluidez territorial urbana na fronteira franco-brasileira", realizado na Universidade Federal do Ceará, pesquisa desenvolvida pelo professor do Colegiado de Geografia do Campus Binacional, o servidor Edenilson Dutra de Moura, SIAPE 1231608, os dados irão compor o quadro de resultados da pesquisa. Desde já agradecemos pela atenção e fornecimento das informações solicitadas.

Atenciosamente,

_____

Professor Me. Edenilson Dutra de Moura
Professor do Magistério Superior do Curso de Licenciatura em Geografia
SIAPE: 1231608

_____

Professora Me. Ana Flávia de Albuquerque
Coordenadora do Curso de Licenciatura em Geografia
Portaria Nº 0423/2019

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS GRUPO CATRAIEIROS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DOUTORADO EM GEOGRAFIA
PESQUISA: DO OIAPOQUE AO... DESVELAR DAS DINÂNCIAS TERRITORIAIS URBANAS NA FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA

ROTEIRO DE ENTREVISTAS
GRUPO CATRAIEIROS

Nome:

Idade:

Naturalidade:

Sexo:

Tempo de residência em Oiapoque:

Tempo de atuação na profissão:

4 Quantidade de catraieiros vinculados a associação/cooperativa.

5 Há algum registro sobre a quantidade de pessoas que atravessam a fronteira utilizando as catraias?

6 Qual a principal luta atual dos catraieiros?

7 Quais os benefícios os catraieiros já conquistaram?

8 Valores que os catraieiros pagam para a associação/cooperativa que são vinculados?

9 Qual a influência da fronteira na cidade de Oiapoque?

10 Qual a importância dos catraieiros para cidade de Oiapoque?

11 Qual o impacto da abertura da Ponte Binacional para os catraieiros e para Oiapoque?

12 Qual a principal problemática urbana de Oiapoque?

13 Qual é o papel da fronteira para Oiapoque?

14 Qual a principal dificuldade para integração de Oiapoque com a Guiana Francesa?

15 Quais os principais entraves para a melhora do desenvolvimento urbano de Oiapoque?

16 Como o S.r. prospecta a cidade de Oiapoque no futuro?

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO DESTINADO A UNIFAP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DOUTORADO EM GEOGRAFIA
PESQUISA: DO OIAPOQUE AO... VISLUMBRAR DA DINÂNCIA TERRITORIAL URBANA NA FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA
PESQUISADOR: EDENILSON DUTRA DE MOURA

QUESTIONÁRIO
GRUPO: INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR E/OU TÉCNICO

Instituição consultada: Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) – Campus Binacional Oiapoque

Nome: *Francisco Otávio Landim Neto*

Cargo: Diretor do Campus.

Tempo que atua no cargo:

Idade:

Naturalidade:

Formação:

Tempo de atuação na profissão:

Tempo de residência em Oiapoque:

Tempo de trabalho na UNIFAP:

Questões abertas para respostas livres:

1. Qual a importância do campus da UNIFAP para o município e a cidade de Oiapoque?
2. Qual é o papel da fronteira internacional de Oiapoque para a UNIFAP?
3. Houveram impactos na instituição pós-abertura da Ponte Binacional?
4. Há integração entre a UNIFAP com o país vizinho? Se sim, quais as principais ações já foram realizadas entre a instituição com a Guiana Francesa?
5. Quais os principais desafios enfrentados pela UNIFAP, para garantir a educação de qualidade?
6. Como o Sr. prospecta o campus Binacional da UNIFAP no futuro?

- **Há alguma questão que o Sr. gostaria de acrescentar?**

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO DESTINADO AO IFAP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DOUTORADO EM GEOGRAFIA
PESQUISA: DO OIAPOQUE AO... VISLUMBRAR DA DINÂNCIA TERRITORIAL URBANA NA FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA
PESQUISADOR: EDENILSON DUTRA DE MOURA

QUESTIONÁRIO
GRUPO: INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR E/OU TÉCNICO

Instituição consultada: Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP) – Campus Avançado Oiapoque

Nome: *Eliel Cleberson da Silva Nery*

Cargo: Diretor do Campus.

Tempo que atua no cargo:

Idade:

Naturalidade:

Formação:

Tempo de atuação na profissão:

Tempo de residência em Oiapoque:

Tempo de trabalho no IFAP – Campus Avançado Oiapoque:

Questões abertas para respostas livres:

1. Qual a importância do campus avançado do IFAP para o município e a cidade de Oiapoque?
2. Qual é o papel da fronteira internacional de Oiapoque para o IFAP?
3. Houveram impactos para a instituição pós-abertura da Ponte Binacional?
4. Há integração entre o IFAP com o país vizinho? Se sim, quais as principais ações já foram realizadas entre a instituição com a Guiana Francesa?
5. Quais os principais desafios enfrentados pelo IFAP, para garantir a educação de qualidade?
6. Como o Sr. prospecta o campus avançado do IFAP no futuro?

- **Há alguma questão que o Sr. gostaria de acrescentar?**